UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

LEONARDO BALBINO MASCARENHAS

ENTRE VAGABUNDEAR POR AÍ E EMBUTIR O INSÓLITO NO CAFÉ DA MANHÃ EU FICO COM O ALMOÇO (QUE EU MESMO ESQUENTEI): O QUE FAZEM ESTES DOIS PONTOS NO MEIO DO TÍTULO?

BELO HORIZONTE
INVERNO DE 2011

Leonardo Balbino Mascarenhas

ENTRE VAGABUNDEAR POR AÍ E EMBUTIR O INSÓLITO NO CAFÉ DA MANHÃ EU FICO COM O ALMOÇO (QUE EU MESMO ESQUENTEI): O QUE FAZEM ESTES DOIS PONTOS NO MEIO DO TÍTULO?

Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de **mestre** em Administração.

Área de concentração: Estudos Organizacionais e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri

Belo Horizonte

2011

Mascarenhas, Leonardo Balbino, 1983-

B238e
2011

Entre vagabundear por aí e embutir o insólito no café da manhã eu fico com o almoço (que eu mesmo esquentei) : o que fazem estes dois pontos no meio do título? / Leonardo Balbino Mascarenhas. - 2011
262 f., enc. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Alexandre de Pádua Carrieri

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.

1.Trabalho – Aspectos psicológicos – Teses. 2. Trabalhadores – Saúde mental – Teses. 3.Psicologia industrial – Teses 3.Administração - Teses I.Carrieri, Alexandre de Pádua. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. III.Título

CDD: 658.314

FICHA CATALOGRÁFICA PREPARADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DA FACE/UFMG
JN071/2011

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências Econômicas
Departamento de Ciências Administrativas
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor **LEONARDO BALBINO MASCARENHAS**, REGISTRO Nº 480/2011. No dia 27 de junho de 2011, às 14:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 20 de maio de 2011, para julgar o trabalho final intitulado **"Entre Vagabundear por aí e Embutir o Insólito no Café da Manhã eu Fico com o Almoço (que eu mesmo esquentei): O Que Fazem Estes Dois Pontos no Meio do Título?"**, requisito para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, área de concentração: **Administração**. Abrindo a sessão, o Senhor Presidente da Comissão, Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a argüição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

(X) APROVAÇÃO;

( ) APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA (NÃO SUPERIOR A 90 NOVENTA DIAS);

( ) REPROVAÇÃO.

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Senhor Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 27 de junho de 2011.

NOMES — ASSINATURAS

Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri ..... Carrieri .....
ORIENTADOR (CEPEAD/UFMG)

Profª. Drª. Ana Paula Paes de Paula..... Ana Paula Paes .....
(CEPEAD/UFMG)

Prof. Dr. Virgílio de Mattos .....
(ESDHC/MG)

RESUMO

Tudo bem, vou facilitar as coisas pra você: eis aqui algumas poucas experiências de trabalho e de loucura, não necessariamente interligadas, de pessoas que vivem (ou seja: que não estão mortas). Juntando essas três coisas – as pessoas que vivem, as suas loucuras e os seus ofícios – temos uma série de composições a desnovelar. Composições, prolongamentos, revezamentos, sobreposições. Até mesmo um servindo de fundo para o outro, em alguns momentos. Trabalho-apolíneo com loucura-dionisíaca, essa a questão.

De um lado, um pertencer ao mundo tornado embargado pelos deslizes da linguagem, pela ditadura da razão e pelas nebulosidades do viver. De outro, a transformação da natureza, a criação de laços sociais, a criação de resistências e subjetividades, e também a colocação de dilemas materiais e faltas concretas, a impermanência do sentido, as flutuações inexatas transformadas em angústias. Viver. Tudo isso examinado sem qualquer pretensão de acerto, de encontrar bons resultados no final. É só mesmo uma maneira meio besta de viver também – aliás, besta não, **trágica**. Além disso, algumas obscuras relações parecem se travar entre a loucura e o trabalho, a primeira interditando o segundo, com requintes de suavidade: Foucault (2005; 1992; 2001; 2002b) desvelou bem essas safadezas. Mostrou como essa interdição se coloca a serviço de determinadas formas de dominação, reveste-se de um saber e de um poder que atuam a um só tempo intensificados e escamoteados por uma certa ideia inventada de verdade. Mas que, todavia, continuam a produzir seus efeitos: somos interrogados por esses arranjos cotidianamente. Daí que rever essa estranha relação, tida como “natural”, requer escavar as entranhas de certa ideia de Razão, fazer a sua biopsia, ver onde se escondeu e como se manteve escaldada qualquer outra forma distinta, tida como “naturalmente desarrazoada”.

Fui em busca dessas outras formas. Encontrei. Pareceram-me um tanto melhores e um tanto piores do que eu esperava. Relato-as aqui. E nada mais.

Palavras-chave: subjetividade; loucura; trabalho.

RESUMEN

Todo bien, le voy a facilitar las cosas: he aquí algunas pocas experiencias de trabajo y de locura, no necesariamente interconectadas, de personas que viven (o sea: que no están muertas). Juntando esas tres cosas –personas que viven, sus locuras y sus oficios- tenemos una serie de composiciones a des-novelar. Composiciones, prolongaciones, reversos, sobre posiciones. Hasta a veces uno sirve de fondo para el otro. Trabaj-apolíneo con locura-dionisíaca, esa es la cuestión.

De un lado, uno pertenece a otro mundo que se torna embargado por los deslices de la lengua, por la dictadura de la razón y por las nubosidades de vivir. Del otro, la transformación de la naturaleza, la creación de lazos sociales, la creación de resistencias y subjetividades, y también la colocación de dilemas materiales y faltas concretas, la no permanecía del sentido, las fluctuaciones inexactas transformadas en angustias. Vivir. Todo eso examinado sin ninguna pretensión de acierto, de encontrar buenos resultados en el final. Es solo una manera medio bestia de vivir también – alias, bestia no, **trágica**. Además de eso, algunas oscuras relaciones parecen trabarse entre la locura y el trabajo, la primera padecida por la segunda, con refinamiento de suavidad: Foucault (2005; 1992; 2001; 2002b) develó bien esas mierdas. Muestró como esa interacción se coloca al servicio de determinadas formas de dominación revestidas de un saber y de un poder que actúan a un sólo tiempo intensificados y escamoteados por una cierta idea inventada de verdad. Pero que, aún, continúan produciendo efectos: somos cuestionados por esas disposiciones cotidianamente. De ahí que tornarmos a ver esa extraña relación, tenida como “natural”, requiere escavar las entrañas de cierta idea de razón, hacer su biopsia, ver donde se esconde y como se mantiene caldeada toda forma distinta, tenida como “naturalmente desrazonada”

Me fue en busca de estas formas. Las encontré. Me salieron un tanto mejores y un tanto peores de lo que yo esperaba. Relato aquí. Y nada más.

Palabras claves: subjetividad; locura; trabajo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Sem título 25

FIGURA 2 – Devires Graça 34

FIGURA 3 – Eustáquio 39

FIGURA 4 – Beth 44

FIGURA 5 – Clarismundo 48

FIGURA 6 – Paulo Reis 52

FIGURA 7 – O mistério 68

FIGURA 8 – O louco no tarô 80

FIGURA 9 – A dinâmica de produção e revezamento de discursos 93

FIGURA 10 – Devolutiva com Eustáquio 95

FIGURA 11 – O que eu entendi do Foucault (até agora) 117

FIGURAS 12 e 13 – O trabalho de Beth (por ela mesma) 230

FIGURAS 14 e 15 – O trabalho de Graça (por ela mesma) 231

FIGURAS 16, 17 e 18 – O trabalho de Eustáquio (por ele mesmo) 232

FIGURAS 19, 20, 21 e 22 – O trabalho de Clarismundo (por ele mesmo) 233

FIGURAS 23, 24 e 25 – O trabalho de Paulo Reis (por ele mesmo) 234

FIGURAS 26, 27 e 28 – O trabalho de César (por ele mesmo). 235

LISTA DE ABREVIATURAS

ASSPROM – Associação Profissionalizante do Menor

ASSUSAM – Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CERSAM – Centro de Referência de Saúde Mental

CID-10 – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – 10ª. Ed.

DSM-IV – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Revisão IV.

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FMSM – Fórum Mineiro de Saúde Mental

MTSM – Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental

NAPS – Núcleo de Atenção Psicossocial

OMS – Organização Mundial de Saúde

SUMÁRIO (ASSANHADO)

RA BACH[illegible] ...DA.. 13

...EFÁCIO: DA PALAVRA À MAL... ...ESO DE SER E... ... 1

...MA DE REG... ... 1(

...A. E PROTEGE (MAS QUEM PF... ...DUÇÃO ATR... ...32 ...37 ...42 ...46 ...50

2.6 C... 2.7 C...

3. INTR... PALAVRA SOLTA QUE AF... ...AVRA PRESA QUE FAL...

4. NOTAS ...PELO AMO... ROTEÇÃO, F... ...AÇÃO A EM MIM? E NE... ...NQU...

...MIL-LUGA... ...EGUINTE, MEUS SENH...

4.1 OS INI... ...E VI... MUNDO É 1... ...R:... COMO RECONHECÊ-L...
4.2 UMA I... ...O DESNE... QUE ELE P... ...CER... COMO A LOUCURA PERDE... VIOLENTA MORAL...
4.3 A VOLI... ...ESEJÁVE... ...OMETE NÃO A...
4.4 FABISCO... INFA...NTE DE...

...S (RETOM...E ...GICOS NO BOL... ...ST... ...US DE COISA ...NISSO? ...QUE LHE DEVOLVO S...

5. DE... ...RISC... ...SCA... 2. PE... ...REG...

...XPLICA, E A VERD... ...O DIABO???)... ...AC...

5.1 A... 5.2 A... F...

...PARE ...DOS IND... ...S METO... ...A APALPAR AS INTIMIDADES DO ...POR UM NOV... ...ÁQUIO... ...PE ESTILO: FRAGMENTAR O SUJEITO PARA ...VEIS (RETOM...E ...OLÓGICOS NO BOL... ...ST... ...US DE COISA MARA... ...PENSAR... ...NISSO? ...DO QU... QUE LHE DEVOLVO SONHOS DE SOBRA"

...ES DA LOUCURA... ...MAS QUEM PE... ...SE... ...ÕE...

6. OS ...EVI... ...PF... 6.1 DE... 6.2 DE... DE UMA... 6.3 ...

...28 ...23 ...25 ...40 ...145 ...149 ...154 ...159 ...57 ...66 ...168 ...71 ...9

...118 ...118 ...VEL COMO OBJETO ...120 ...124 ...130

7. ONTOLOGIAS 140

...AS INTIMIDADE... ...NO... ...GMENTAR O SUJ... ...NO MUNDO DO TRABAL... ...OCIOLÓGICA CENTRAL... ...AMARA... ...QUESTÃO DOS DISPOSIT... ...R QUE NÃO PSICODINÂ...

...DE... 14
7.1 A CONST...
7.2 TRANSFOR...
7.3 O TRABALHO E...
7.4 MATIZES DO FENÔ...
7.5 EXORCIZANDO AL...

...LOS, DEAN, AUSTÁQUIO, CÉSAR, ...8. EM NOME DE P... ...EITON...

GRAÇ... ...ULPEM-ME A FALTA DE OUVIDOS... ...9. PS: DESCU... ...AT...

8.1 DE... ...ARTICULARES... ...16
...EDE: NOVOS DESDOBRAMENTOS PARA... ...MAIS AS HISTÓRIAS... ...SABAMENTOS F... ...188
...TRABALHO... ...E RESTA... 8.2 A LOUCURA NA RE... ...194
...BALHO... 8.3 EXPERIÊNCIAS DE... ...220
8.4 IMAGENS DO TRA...

...84 ...239 ...100

9. ...ASTR... ...IRCULA... ...DO TRABALHO... ...PENSAMENTO C... ...229

...DO TRABALHO MODER...
...S CONTEMPORÂNEAS
10. ...VS ...JANTO CATEGORIA S... ...NÃO ACREDI...
...NO TRABALHO: A...

"E TEM... ...ELADA À PALAVRA ENTORNA... ...FANTASMAS: PO... ...253

...S GRAÇ...

SUMÁRIO (BEM COMPORTADO)

0. QUASE UM PREFÁCIO: DA PALAVRA BACHARELADA À PALAVRA ENTORNADA .. 15

1. PLATAFORMA DE REGISTRO 20

2. HISTÓRIAS POR UM TRIZ: AS PALAVRAS RESGATADAS 25

2.1 DEVIRES GRAÇA 27
2.2 O PESO DE SER EUSTÁQUIO 35
2.3 UMA SÓ BETH 40
2.5 PAULO REIS 49
2.6 CLEITON 53
2.7 CÉSAR 60

3. INTRODUÇÃO ATRASADA 69

4. NOTAS EPISTÊMICAS 75

4.1 OS INDESEJÁVEIS QUE VÊM DEPOIS (COM TRÊS LETRINHAS ANTES): PARA APALPAR AS INTIMIDADES DO MUNDO É PRECISO SABER: 75
4.2 UMA INTERRUPÇÃO DESNECESSÁRIA, MAS QUE GRITA COMO DOM DE ESTILO: FRAGMENTAR O SUJEITO PARA QUE ELE POSSA APARECER 80
4.3 A VOLTA DOS INDESEJÁVEIS (RETOMANDO O ARGUMENTO) 83
4.4 RABISCOS METODOLÓGICOS NO BOLSO (AS PEDRAS QUE EU CARREGUEI ME DESESTABILIZARAM MAIS QUE O INFANTE DESAMPARO) 88

5. DE COMO SE FAZ A EXPERIÊNCIA DE SI 105

5.1 A PALAVRA SOLTA QUE ARRISCA 105
5.2 A PALAVRA PRESA QUE EXPLICA, E A VERDADE QUE ILUDE. E JUSTIFICA. E PROTEGE (MAS QUEM PEDIU PROTEÇÃO, PELO AMOR DO DIABO???) 115

6. OS MIL-LUGARES DA LOUCURA 125

6.1 DE COMO RECONHECÊ-LA POR UM NOME 125
6.2 DE COMO A LOUCURA PERDE O SEU STATUS DE COISA MARAVILHOSA E SE PÕE VULNERÁVEL COMO OBJETO DE UMA VIOLENTA MORAL 127
6.3 VOCÊ PROMETE NÃO PENSAR MAIS NISSO? 131
6.4 “ME EMPRESTA TUDO QUE RESTA QUE LHE DEVOLVO SONHOS DE SOBRA” 138

7. ONTOLOGIAS DO TRABALHO 148

7.1 A CONSTRUÇÃO DO TRABALHO MODERNO 148
7.2 TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NO MUNDO DO TRABALHO 153
7.3 O TRABALHO ENQUANTO CATEGORIA SOCIOLÓGICA CENTRAL 157
7.4 MATIZES DO FENÔMENO TRABALHO: A QUESTÃO DOS DISPOSITIVOS 163
7.5 EXORCIZANDO ALGUNS FANTASMAS: POR QUE NÃO PSICODINÂMICA DO TRABALHO? 168

8. EM NOME DE PAULO, BETH, EUSTÁQUIO, CÉSAR, CLARISMUNDO, CLEITON E GRAÇA. PS: DESCULPEM-ME A FALTA DE OUVIDOS... 176

8.1 DESABAMENTOS PARTICULARES 177
8.2 A LOUCURA NA REDE: NOVOS DESDOBRAMENTOS PARA VELHAS HISTÓRIAS 196
8.3 EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO 202
8.4 IMAGENS DO TRABALHO 228

9. PENSAMENTO CIRCULAR 236

10. NÃO ACREDITA EM MIM? E NELES? 245

"E TEM O SEGUINTE, MEUS SENHORES: 260

Prelúdio para uma dissertação do futuro:

A tarefa de amolecer diariamente o tijolo, a tarefa de abrir caminho na massa pegajosa que se proclama mundo, esbarrar cada manhã com o paralelepípedo de nome repugnante, com a satisfação canina de que tudo esteja em seu lugar, a mesma mulher ao lado, os mesmos sapatos e o mesmo sabor da mesma pasta de dentes, mesma tristeza das casas em frente, do sujo tabuleiro de janelas de tempo com seu letreiro HOTEL DE BELGIQUE.

[...]

E não é mau que as coisas nos encontrem outra vez todo dia e sejam as mesmas. Que a nosso lado esteja a mesma mulher, o mesmo relógio e que o romance aberto em cima da mesa comece a andar outra vez na bicicleta de nossos óculos, por que haveria de ser mau? Mas como um touro triste é preciso baixar a cabeça, do centro de tijolo de cristal empurrar para fora, em direção ao outro tão perto de nós [...] Não pense que o telefone vai lhe dar os números que procura. Por que haveria de dá-los? Virá somente o que você tem preparado e resolvido, o triste reflexo de sua esperança...

[...]

E se, de repente, uma traça pára pertinho de um lápis e palpita como um fogo cinzento, olhe-a, eu a estou olhando, estou apalpando seu coração pequenino, e ouço-a: essa traça ressoa na pasta de cristal congelado, nem tudo está perdido. Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá embaixo começa a rua; não a norma já aceita, não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer, quando eu os olhar, quando avançar mais um pouco, quando me arrebentar todo com os cotovelos e as pestanas e as unhas contra a pasta do tijolo de cristal, e arriscar minha vida enquanto avanço passo a passo para ir comprar o jornal da esquina.

(Julio Cortázar, Histórias de Cronópios e Famas)

A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

(Álvaro de Campos, Tabacaria)

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe?

(Michel Foucault, História da sexualidade II – o uso dos prazeres)

0. QUASE UM PREFÁCIO: DA PALAVRA BACHARELADA À PALAVRA ENTORNADA

(Eu queria escrever um prefácio. Mas prefácios geralmente vêm em livros, e isto não passa de uma dissertação. Também não saberia como fazê-lo, porque ao mesmo tempo em que concordo com Foucault (2005), quando diz que prefaciar é uma maneira de demarcar a tirania do autor, que tenta com isso determinar uma forma precisa de se ler e pensar a obra, por outro lado sinto-me obrigado a me desculpar e pedir permissão para ser eu mesmo. E isso implica inevitavelmente em tentar bloquear algumas passagens, interditar algumas possibilidades de leitura para fazer emergir outras. Eis então algo que deveria parecer um prefácio, mas não é:)

Sejamos francos: um texto acadêmico pode-geralmente-é-inevitavelmente-é-impossível-não-ser? uma chatice[1]. Há certo rebuscamento exagerado nas sentenças cientifizadas, e também um querer se impor de determinada forma que escapa ao agradável. Às vezes, quer se esconder certo vazio inafiançável. Em outras situações, um projetar-se acima de quem lê, como se o ato de poluir com palavras complicadas uma ideia cujo entendimento não demandaria mais que um simples bi-silábico fosse merecedor de algum respeito ou admiração. Em outros tantos casos ainda, aponta para uma mera falta de pensar e um automatismo que denunciam a reprodução quase inconsciente de um-certo modo de se ser (estável). Enfim: toda forma de **bacharelês** inevitavelmente oscila entre o tedioso e o insuportável, vezenquando passando de forma ligeira por alguns pontos de elucidação que se salvam (mas que não poderiam ser chamados de elucidação?). Sim. Ou melhor, talvez. Ou pior, não tem jeito mesmo.

Daí os dois pontos suplementares que se quer convidar a pensar nesta dissertação, para além do seu conteúdo manifesto: forma e processos (de feitura). Um defronte do outro, um por sobre o outro, numa relação a um só tempo de sodomia e respeito: uma tentativa de conjurar o imperialismo irrefletido da palavra bacharelada.

> Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele a quem aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser. (FOUCAULT, 2005, p. VIII)

[1] Chatice: um eufemismo pra manter tudo no limite do bem comportado...

Confesso aqui uma pretensão quase sem limites: não a pretensão de me querer bom o suficiente a ponto de me fazer recopiar ou fragmentar, dar a saber de mim e do meu pensamento: sinceramente, essa é a parte em que a resignação já venceu a convicção. A minha pretensão reside, em verdade, no fato de pleitear a mim mesmo essa mesma liberdade que sou obrigado a dar a quem lê: que me deixem existir assim, desse jeito que se quer torto e diferente. Afrouxem as amarras (morais, institucionais, convencionais, todas as que se puder identificar, enfim) que porventura possam fazer parecer que falta qualquer coisa aqui como um respeito aos consagrados métodos e liturgias acadêmicas...

Se é preciso conjurar a tirania do autor, também é preciso fazer o mesmo com a tirania das estruturas, que nos querem determinar **o quê** e **como** dizer. Por isso, a pretensão de esta ser, de algum modo, uma não-dissertação: uma tentativa, ainda que tímida, de se liberar para ser um pouco diferente.

Para um bom uso deste papel, é preciso agitar bastante antes de ler; deixar as palavras se embolar, desse jeito mesmo, faltando a conjugação: conjugue-se depois de usar. Sem ainda começar, abandone o texto se o que procura são respostas rápidas, certeiras e diretas. O que se verá aqui, o que se pretende que se veja aqui, é o imponderável, o inapreensível, o absurdo que se esconde atrás das palavras, mas ao mesmo tempo também algo que possa ir além de um teatro vulgar, desses incapazes de provocar algum questionamento que perdure.

Quero mais que um mero (d)efeito de retórica. A palavra entornada, o descuido milimetricamente planejado, a improvisação cercada, tudo isso precisa ir além do destaque estético, precisa ser acima de qualquer coisa **aquilo que faça a diferença**. Não porque torna o texto mais palatável e saboroso, até porque talvez nem torne, mas porque **se consome naquilo que se produz**: esses labirintos, essas bruscas interrupções ou continuidades desconexas, trazem consigo certo modo de duvidar e contradizer, um fazer falar das coisas tornadas em si mesmas incomunicáveis: é uma possibilidade de expressar algumas “marcas”, dar a ver a mim e à elas, de forma que eu me realizo enquanto acadêmico e sujeito. Ademais, essa forma disforme tenta recuperar a beleza poética que se perdera, lançada para fora do texto, após alguma curva metodológica ou sobressalto científico.

> ... à medida em que fui mergulhando na memória para buscar os fatos (...), me vi adentrando numa **outra espécie de memória, uma memória do invisível** feita não de fatos mas de algo que acabei chamando de "marcas". (...)

> O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir. (...)
>
> Escrever para mim é na maioria das vezes conduzido e exigido pelas marcas: dá para dizer que são as marcas que escrevem. Aliás só sai um texto com algum interesse quando é assim. (...) É um modo de exercer a escrita em que ela nos transporta para o invisível, e as palavras que se encontra através de seu exercício, tornam o mais palpável possível, a diferença que só existia na ordem do impalpável. Nesta aventura encarna-se um sujeito, sempre outro: **escrever é traçar um devir. Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo**, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo. (ROLNIK, 1993, s/p. Marcações minhas)
>
> Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever no prazer me assegura a mim, escritor o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o drague), **sem saber onde ele está**. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a pessoa do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. Apresentam-me um texto. Esse texto me enfara. Dir-se-ia que ele **tagarela**. A tagarelice do texto é apenas essa espuma de linguagem que se forma sob o efeito de uma simples necessidade de escritura. (BARTHES, 1977, p. 8-9. Marcações do autor)[2]

De tal modo que eu não conseguiria fazer diferente.

Escrevo porque não há em mim qualquer outra qualidade. Eu escrevo é pra me salvar.

Salvar-me de mim mesmo, dos outros, desse excesso de náusea que me sufoca sem eu perceber e que só pode cessar se eu a esvaziar com palavras.

Escrevo porque a realidade se faz mais pesada do que eu posso suportar, porque as poucas coisas que me importam vão se desprendendo e, num desespero silencioso, elevam-se até onde eu não posso mais alcançar: reminiscências que se desfazem no ar...

Escrevo porque assim você pode me ouvir depois, me ter depois, já que agora você se mantém indiferente à minha existência.

Escrevo porque nas minhas pretensões de grandeza, rebeldia, amor e desespero, essa parece ser a única maneira de tudo fazer sentido, se ligar ponto a ponto quando a história terminar. Aí eu vou me começar.

Escrevo porque assim eu faço o mundo se curvar aos meus delírios. Todo o tempo passa na velocidade que eu comando, e realizo nele toda a perfeição que me falta fora do papel.

---

[2] O colega Pablo Gobira, a quem agradeço o cuidadoso e atencioso trabalho de revisão e os comentários sobre este texto, bem me lembrou que esse meu "movimento de escrita" já é bem conhecido, repertoriado mesmo nalguns espaços acadêmicos – dentre eles a escola filosófica francesa dos 1960 e 1970 que, não por acaso, influencia toda esta dissertação.

Não se trata de absolutamente nada grandioso, assustador, ou mesmo original, pelo contrário: apenas uma tentativa de se furtar – um pouquinho que seja – à tirania da palavra bacharelada[3]. De fato, não consigo efetivamente ir muito longe: este continua sendo um texto cheio de concessões, entulhos acadêmicos assentados numa moldura cuja finalidade precípua de emoldurar continua emoldurada num conservadorismo que faz bocejar. Daí que salvar completamente este texto seria impossível: impossível pela moldura externa, do próprio texto e do papel, mas, também e principalmente, a minha própria moldura interna, que já me consagrou como **o cara pronto pra foto**. No entanto, o mero exercício de fazer balançar e negociar as estruturas, essas convicções e receios que encontram abrigo em cada um de nós, já é um avanço: um avanço rumo a um lugar qualquer que não se sabe qual, e que não se pretende saber:

> (...) então me diz qual é a graça
> de já saber o fim da estrada
> quando se parte rumo ao nada? (Paulinho Moska, *A seta e o alvo*)

Palmas então para quem me salva nesta dissertação: o devaneio. É à ele que devo tudo, forma e método, coragem e decepção: a atividade de filosofar em si não é o pensamento contra o próprio pensamento? O devaneio inscreve uma fronteira no texto, separa dois mundos mantidos cuidadosamente sobrepostos: de um lado – o de dentro – algo irrelevante ou secundário, supõe-se, nem tão especial quanto o lado de fora, que é, por definição, o que rege o pensamento e a palavra. Entre um e outro, o devaneio, não como agente articulador, mas, pelo contrário, como o **agente penitenciário** dessas distinções: o devaneio define quem entra e quem sai, quem é importante o bastante para permanecer fora e quem não tem a convicção suficiente para sair de dentro[4]. Poder-se-ia mesmo dizer que **o devaneio compõe com o pensamento uma relação análoga à da Loucura com a Razão**[5].

Mas existe algo a mais no devaneio. Não é exatamente aquilo que ele separa, porque essa separação pode indicar apenas uma presença de estilo (o que se conduz melhor no pensamento por fora? E por dentro? Apenas um exemplo, como agora?). Tampouco se trata

---

3 Além disso, não posso deixar de mencionar o brilhante e apaixonado modo como se relaciona com o trabalho científico em particular, e com a academia em geral, o professor e amigo Virgílio de Mattos – eterno Quixote tantas vezes ilhado num mar de cabeças medíocres...

4 Essa comparação não é em si muito justa. Talvez fosse mais correto atribuir esse papel carcereiro a certa moral ou falsa razão, que são de fato quem condiciona o aparecimento dos devaneios... Mas vai assim mesmo para efeito de argumentação.

5 É que da mesma forma que o devaneio inscreve um domínio no qual o pensamento se coloca como desimportante ou supérfluo, a loucura também demarca um espaço no qual a razão impera apenas do lado de fora – pelo menos em se tratando da Idade Clássica.

do que se diz com o devaneio, porque o seu dito nada mais é que o efeito mais palpável do pensamento que carrega consigo uma vontade de proporção imperialista: o dito também é uma imprecisão, em toda a sua insegurança e determinação por se fazer respeitar (eu quero que vocês me vejam e me entendam assim, e não assado...). O que importa, nos devaneios, enfim, é o que não está neles: o não-dito do seu interior, o que eles anunciam, discretamente: é a presença de um pensamento pronto por se liquefazer e refazer, algo que se pensou no caminho, mas que não teve força e coragem suficientes para efetivamente "entrar" no texto. E esse pensamento fugidio, um tanto covarde, um tanto volátil, é justamente o que mais importa. Afinal, qual o sentido de ler qualquer coisa se algo não brotar do texto, algo que sorve até a última reticência do pensamento que se dissipa no ar?

Os devaneios não explicam. Simplesmente devem se multiplicar, tentando desesperadamente captar o essencial que evapora do papel, aquela pequena convicção fortuita, ao mesmo tempo brilhante, inútil e ardida, mas que certamente deveria ser o momento máximo da leitura: é onde e quando algo de novo pode aparecer, onde algum pensamento realmente importante deixa o seu rastro. Será preciso então liberar o texto para o devaneio, a fim de que ele possa se tornar qualquer outra coisa (uma begônia?). Metadissertação.

Feitas essas primeiras ressalvas, estamos prontos para decolar. Mas, antes que eu me esqueça, preciso reiterar minha gratidão e admiração por pelo menos três figuras: à Profa. Miracy Gustin, que, entre tantas coisas, me ensinou o valor dos sonhos impossíveis; ao Prof. Virgílio de Mattos, por todo o companheirismo, inspiração e instruções de vôo fornecidas; e, finalmente, o meu (des)orientador, Prof. Alexandre Carrieri: por acreditar em mim, pelos conselhos e, principalmente, por ser mais louco que eu, a ponto de bancar toda essa imprecisão e incompostura[6]: afinal, que tipo de maquilagem deve utilizar uma dissertação na banca de gala?

(Espero que não tenha restado maneira mais honesta de começar).

[6] Aliás, loucura não é exatamente a palavra adequada aqui: quisera eu – e, acredito, ele também – que se tratasse de loucura, mas o fato é que ainda não conseguimos ir tão longe. Talvez seja mesmo apenas caso de sensatez...

1. PLATAFORMA DE REGISTRO

(OU: O CARIMBO QUE AUTORIZA A IMPOSSIBILIDADE DO MEU ARGUMENTO (OU: PARA QUE CADA PÁGINA NUNCA PASSE DE UM LIMITE ABERTO NO CÉU (OU: PORQUE EU ESCREVO COM AZULEIJOS VOCÊ PODE ME ENTENDER SEM USAR CENTOPÉIAS NO COTOVELO ESQUERDO (OU: MANUAL DE INSTRUÇÕES SOBRE COMO OPERAR UM AVIÃO DE MULETAS, ESTANDO VOCÊ COM AS ASAS GUARDADAS NO BOLSO DO FRANGO DE CÓCORAS EM CIMA DA MESA)))

Cansativo essa coisa de botar sentido nas coisas. Passando pelo título. Não dava pra deixar sem? O leitor pensando o que quisesse, seguindo qualquer caminho, sem a preocupação de colecionar entendimentos? Ou que esses entendimentos escapassem do Primeiro Plano, talvez essa forma fosse a melhor. **Disformidades** e escapamentos, eu nunca direi o que realmente penso.

Mas posso botar **perguntações**, **indagamentos** e **questionaismos** singelos no decorrer do texto. Inocular o impossível. Bem provável que não funcione. Mas **quê de mais poderia acontecer**, além de entediar o leitor que dorme em cima do seu raciocínio? Tudo bem, vou me segurar. Faço – por força do que nunca fiz – uma única **perguntação** (dupla):

POR QUE SER CONSIDERADO VAGABUNDO OU LOUCO NÃO NECESSARIAMENTE É UMA COISA RUIM? OU MELHOR, QUE IMPORTÂNCIAS PODE TER EMBUTIR O INSÓLITO DENTRO DE UMA IDEIA JÁ BEM AMARRADA DE REALIDADE?

Se bem que os rótulos são sempre um atentado. Duplo atentado, na verdade: a quem está sendo rotulado (porque os rótulos sempre denotam uma clausura de sentido, e acabam reduzindo a pluralidade do que se é à apenas uma coisa); e a quem rotula (que atenta contra si mesmo: a odiosa necessidade de se proteger do mundo, mais que experimentá-lo, rotulando me desobrigo de conhecer, eu torno o que é absolutamente fascinante – e nem por isso apenas bom – algo repertoriado, previsível). Ser louco é ser estranho ou ser maravilhoso, poeta da vida ou sujeito perigoso e desajustado. Nada mais estúpido e rasteiro, em qualquer uma das duas visões. Pior: trata-se de uma prática investida de relações de poder:

> É curioso constar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão ingênua ou

> astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia; era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exerciam a separação; mas não eram nunca recolhidas e escutadas. Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a ideia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. Todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada. (FOUCAULT, 1999, p. 11-12).

Não estou aqui para fazer apologias à loucura. Mesmo sabendo das tantas formas de exclusão e violência que a ela se associaram no decorrer da história – e as quais eu pretendo em alto e bom som vociferar, não se pode ser tolerante com elas – devemos também recusar qualquer postura que queira romantizar um processo ou um campo político que, em ambos os casos, encontram seus anseios, suas contradições e dificuldades. Como tudo na vida.

Se me cabe fazer alguma defesa da loucura, certamente é a de querer tratá-la como um **paradigma**. No sentido mais **thomaskuhniano**[7] possível: aquilo em que a loucura faz reunir certa lógica, inscrita num domínio todo próprio de interação. Fazer-se linguagem, mediar sistemas simbólicos e culturais, carregar uma potência de vida, outra forma de relação com o Homem e com o mundo.

Ideia nada original: Nietzsche (2010; 1996; 1977) já sinalizava alguns caminhos, outros depois dele também. Desses, guardo especial apreço por três: Foucault, Deleuze e Guattari. Por tudo o que fizeram, mas também por aquilo que não deram conta de fazer, considero-os ícones dessa outra forma de vida: uma vida a bem dizer não fascista, sem os emperramentos tão comuns do nosso pensamento. Se não é fácil ir longe na vida objetiva e material por esse (não-)caminho, pelo menos esses autores não se negaram a abrir-lhe por todos os lados, torná-lo mais poroso e sem os rótulos e clichês já secularizados: e isto torna a nossa grande desventura algo absolutamente fascinante. É o que eu gostaria de fazer.

Mas seria demasiada arrogância querer me colocar ao lado desses pensadores. Não: eu não carrego a expectativa de revolucionar um paradigma, inventar uma nova filosofia. O que eu quero, quereres vários: em quinto lugar, (tentar) unificar um certo tipo de discurso que foi partilhado, fazer o discurso desarrazoado, outrora tornado inválido, reconciliar-se com o discurso acadêmico atual; em quarto lugar, tentar me aproximar dessa filosofia-arte de vida nietzschiana-foucaultiana-deleuziana-guattariana (embora eu seja obrigado a reconhecer que minhas aproximações foram absolutamente tímidas, pontuais e aleijadas: aproximações distantes); em terceiro lugar, revolucionar o **meu** mundo, na medida em que eu me transformo

[7] Conforme Kuhn, 1994.

ao percorrer esses descaminhos; em segundo lugar, estimular transbordamentos (nos sujeitos com que me relacionei no decorrer desta dissertação e também nos leitores – mas aviso: não sou responsável pelas desordens de ninguém); em primeiro e último lugar, um punhado de coisas mais que possam precipitar dessa leitura aberta do mundo, leitura esquizo[8], a saber: o impensável e improgramável, aquilo que não pode ser dito aqui porque ainda não existe.

*** *A loucura enquanto modo de vida* trágico ***

Se a administração é por excelência o domínio em que se instalou a ditadura da racionalidade econômica, alegro-me em tentar me despir dela: tudo o que escapar daquilo que se esperava em termos de resultados (e também processos) será bem vindo.

Do narcisismo ao transbordamento, há definitivamente certa intencionalidade no argumento que se manifesta de forma aparentemente radical ou absurda. Mas é bom que não esqueçamos das ciladas dos rótulos. Tudo aqui é muito mais e muito menos que isso, tudo aqui precisa escapar desesperadamente por todos os lados – tal qual a loucura o faz, de modo tão sincero e intenso. Por tudo isso, talvez fosse mais correto dizer que esse **paradigma** da loucura não é lá tão **thomaskuhniano** assim. Talvez seja exatamente o seu oposto: um **paradigma anti-kuhniano**, a bem ver: ele é rizomático. O que ele quer, na verdade, é criar algum sistema que tenha sempre saídas múltiplas, nunca antes pensadas, inventadas... Possibilidades ainda não repertoriadas de se refazer e percorrer a experiência.

> O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos (...)qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (...)
>
> Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.,

[8] Gilles Deleuze e Félix Guattari enxergam a esquizofrenia não como uma patologia que deve ser evitada, mas como um **processo,** pelo qual é possível operar uma transformação radical do ser e do mundo. É que o esquizo[frênico] conjura com a sua loucura todo um modo instituído e cristalizado de ser e estar no mundo; o esquizo não se deixa prender nem mesmo pela linguagem, ele escapa por todos os lados; dir-se-á que ele é alguém descodificado e desterritorializado (DELEUZE, 1992; DELEUZE; GUATTARI, 2010). Mas é preciso cuidado (e responsabilidade) ao abordar esse universo: não se trata de uma visão romantizada da loucura, mas de trabalhar o transbordamento dos seus processos para outros universos que não o do sofrimento mental: "Nós distinguimos a esquizofrenia enquanto processo e a produção do esquizo como entidade clínica boa para o hospital: os dois estão antes em razão inversa. O esquizo de hospital é alguém que tentou alguma coisa e que falhou, desmoronou. Não dizemos que o revolucionário seja esquizo. Afirmamos que há um processo esquizo, de descodificação e de desterritorialização, que só a atividade revolucionária impede de virar produção de esquizofrenia" (DELEUZE, 1992, p. 35-36).

> colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (...)
>
> As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes (...) Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (...)
>
> Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14; 15; 17).

Abertas todas as possibilidades, vamos ver como se misturam certo número de experiências, proposições e desordens fantásticas. Tudo absolutamente bem orquestrado por um pouco de razão, não há problemas: loucura enquanto questão de paradigma não quer dizer entraves da razão. Do contrário, soaria um tanto revanchista, e recolocaria o problema dos rótulos, sob uma perceptiva histórica: quando vamos dar conta de abandonar a velha narrativa bem x mal, oprimido x opressor, céu x inferno, claro x escuro, aprovado x reprovado, certo x errado, moral x imoral, conservador x revolucionário? Aquela velha historiografia que nos fez acreditar numa história tão simplista, dualista e romântica, em que sempre alguém era vilão ou mocinho, não produziu nada além de reproduções: nas relações sociais e políticas, simbólicas e culturais. Sem contar que manteve intacta certa forma de circulação do poder, reiterado pela palavra da esquerda, tão afeita a essa forma de organização quanto a própria direita que ela critica. Por isso, não se trata de condenar a Razão como a vilã e alçar a Desrazão como a nova salvadora. Trata-se mais de construir uma convivência pautada pela alegria do inesperado, ou o que poderíamos chamar de **o absurdo como elemento de mediação do Homem com o mundo**.

Tomar o absurdo como sistema de mediação não significa querer simplesmente enxergá-lo nas experiências que se vão fazer seguir aqui. Significa, isso sim, fazer uma leitura dessas experiências – certamente construídas e socializadas sob outros parâmetros, tais como a noção tradicional de história (linear) e de verdade (que quer conhecer pela explicação) – pela qual seja possível o **encontro** desse arranjo do pensamento com o seu duplo. Em outras palavras, trata-se de estimular o encontro do pensamento atado com o seu próprio reflexo borrado, e impiedosamente fragmentá-lo e misturá-lo a mil imprecisões – que aqui, por

motivos de forma, incompetências (minhas) e lugar (da dissertação), estão reduzidas à linguagem e à imagem. Esse **encontro** é o que possibilitaria a abertura para novos sentidos (os quais, a bem da sua sobrevivência, precisariam manter-se eternamente em aberto, colocando-se contra os rótulos, inclusive os que contêm este trabalho). Eis o absurdo: reencontrar a vida num esboço de si mesmo; esboço que não se melhora, apenas se aceita, pois os aprimoramentos nada podem fazer além de serem esquecidos; esboço que reitera a urgência da vida que passa, lentamente, e a engravida de sonhos, que não são em absoluto os dos prazos e prestações a cumprir, mas o da alegria de existir, assim mesmo, com todas as imprecisões e dificuldades, com todas as coisas ditas loucas, mas que guardam em si a potência e a vivacidade de criar e que combatem a tristeza e indiferença de reproduzir. GRITAR, quando se pede serenidade, ARRISCAR, quando se necessita cautela, DANÇAR, quando o certo é lamentar.

Por isso a linguagem aqui em alguns momentos trai, está cheia de entrelinhas, nuances que se projetam nos interstícios... Por isso nem tudo se explica. Por isso alguns procedimentos tão naturalizados neste tipo de trabalho escaparam pelas beiradas: se falta um preparo maior para que o leitor se relacione com o texto é porque qualquer instrução extra aumentaria o risco de direcionar o entendimento, promover a tirania do autor: que me importa se a sua leitura não me faz sentido? Que me importa se você pulou a primeira parte ou leu de trás para frente? Aliás, o que foi que descobriu lendo de trás para frente?

Por que não despedaçamos esta dissertação e embaralhamos os estilhaços? Quem sabe assim algum pensamento novo se produza?

2. HISTÓRIAS POR UM TRIZ: AS PALAVRAS RESGATADAS

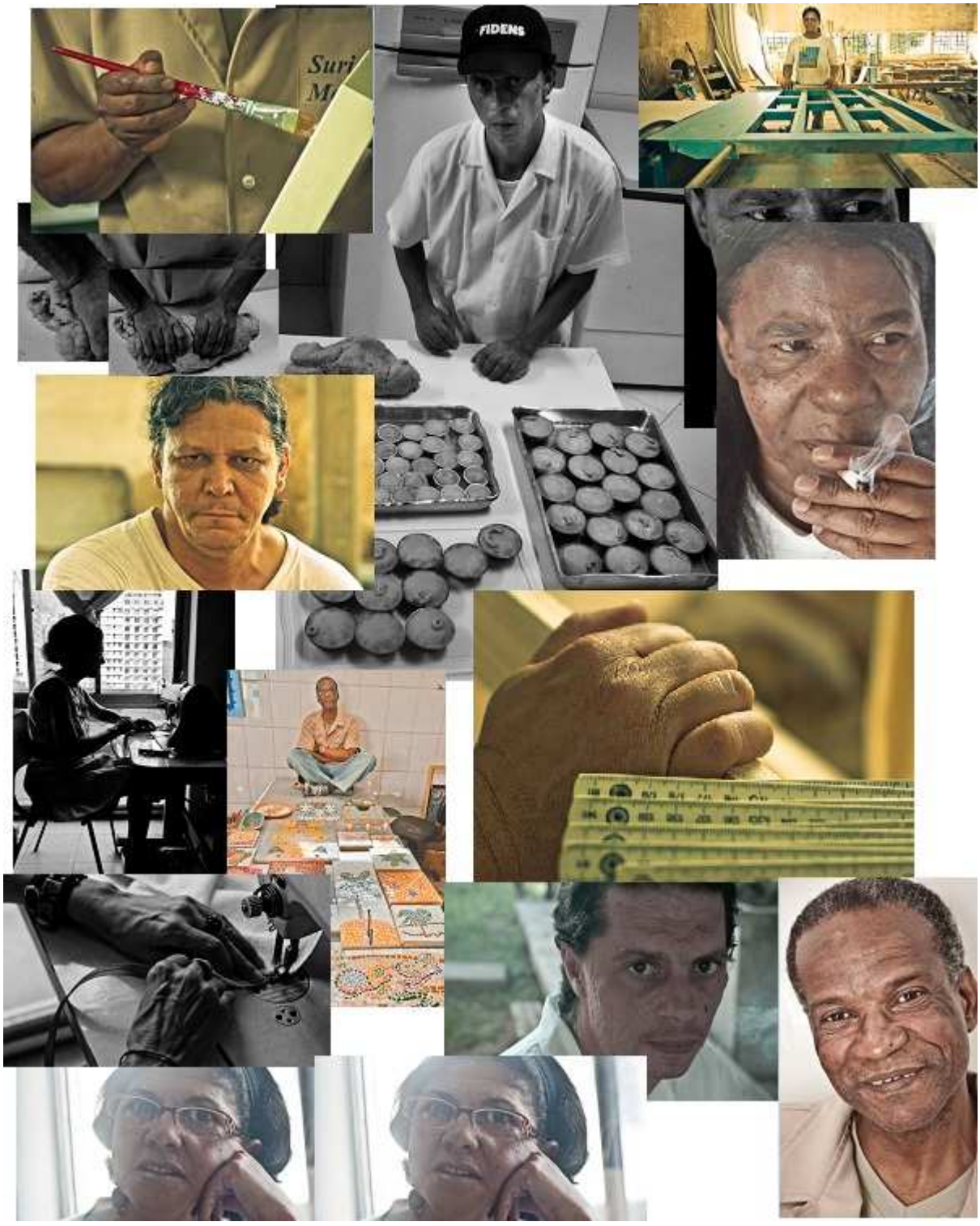


FIGURA 1 – Sem título
Fonte: Fotos de Cyro Almeida, com montagem do autor

> *A melhor maneira de escrever uma história é não saber. É se perder na história, deixar que ela, de certa forma, se conte pra você (...) Se eu souber a história inteirinha, eu não vejo razão pra contá-la, a mim mesmo, que sou o meu primeiro leitor, e então compartilhá-la com os outros. Então o meu truque, na verdade é: descobrir essa história à medida em que eu vou escrevendo. Até hoje tem sido a coisa mais divertida.*
>
> *(Marçal Aquino, em entrevista ao programa Provocações, da TV Cultura, exibido em 19 dez. 2008)*

O Tempo mutilado, vindo cansado de ser rasgado, atravessado pelo incólume sagrado profano arquiteto de Deus que se não me falha a memória foi tratado como responsável por todos os males dessa terra comezinha quando eu penso tire a palavra Deus e coloque tudo no seu devido não-lugar, aí verá cair sobre ti um sorriso irreparável. Eu sei lá de onde vim pra contar essas histórias. Sinto-me meio tradutor do vazio, de onde se retira tanta coisa que é melhor calar, abestalhado. Ou gritar: ONDE É QUE COLOCARAM A CLEMÊNCIA DISSO TUDO?

Pra quê clemência, minha pobre criatura? Não vê que é justamente nessa terra perdida e **absurdada** que pode o silêncio sussurrar insistente no seu ouvido? Preste atenção, pois! Procure bater e apanhar dessas vírgulas atrevidas, sinta como pode ser insuportavelmente pesado esse sorriso ao cair. Depois, faça o que quiser com essas encabulações, transforme-as em amarga repulsa, se preferir. Isso é escolha sua.

> As deformações do tempo, a consciência jubilosa, o supremo vazio, o tempo dos sonhos, os visionários adivinhos profetas, aqueles que se reúnem em torno do fogo, os que descobrem água no fundo seco, os que tiram de onde não tem e botam onde não cabe? Escrevo por gentileza da memória. Na ação futura da memória – captação de sentidos. Circuito cerebral. Disparos químicos entre neurônios. Hipocampo. Alteração química. As células da massa cinzenta. Lobo frontal. Recordação. Arquivos do passado. A construção das lembranças. Capacidade de lembrar. Memorização. Torres construídas com o cimento do tempo. Solidão de andaimes. (...)
>
> Trabalho procurando profetas – o trabalho é um processo entre a natureza e os homens. Caço identifico interpreto vendo costuro – corto emendo sobra e dou, pinto em cima renomeio trafico enfeito compartilho confeito vivo disso. (...)
>
> Pode você não usar, mas tem os seus filhos – e os que virão – os que cairão dos rasgões do céu do amanhã. (LIRA-LIROVSKY, 2008, p. 14-15)

2.1 Devires Graça

> *É, é, é a loucuuura, Leo! É a loucuuura! É-é-é-é, é uma coisa... que às vezes eu tenho medo, e me fascina... (Entrevista 1 – GRAÇA).*

Deve ter sido a gravidez aos quatorze anos que começou tudo. Já não era o primeiro pecado, quando tinha cinco anos não devolveu os peixinhos pro córrego e aí tudo complicou. As vozes ainda não tinham saído, já hoje é habitada por várias pessoas, a mãe da Astrogilda[9], a mãe da Jurema e do Chico (que na verdade é Francisco Júnior), a mãe da Sílvia e da Walquíria – tudo gente diferente na mesma cabeça e no mesmo corpo.

Precisa arrumar a casa. As janelas e as portas foi o Cravinho que colocou. Quando foi a primeira vez pro Raul Soares achou que lá era tudo herança da Astrogilda. Quer dizer, Juiz de Fora, a segunda vez tinha ido só pra visitar, mas eles não a deixaram ir embora, pegou uma nota de 50 e comprou a passagem. Talvez encontre as respostas que procura na parapsicologia. Ou seja, já foi empregada doméstica, faxineira, camelô, mulher da noite, cozinheira em restaurante – mas ali o Francisco tinha muito ciúme e tirou ela (será que são os antepassados?). A cozinha é muita confusão, ninguém pega nada pra fazer direito. É tanta coisa, ela enxerga gente, mas não se vê no meio deles, e são índios e negros, e depois do eletrochoque se perdeu no dia da galinhada. Se pudesse voltar atrás tinha abortado, mas só se lembra do portão grande de ferro, e do cocô, e que precisou cantar a noite inteirinha... Cremar tira o espaço dos outros viverem e, é importante dizer, nasceu pela segunda vez em cinco de novembro de mil novecentos e noventa. São os remédios que fazem tudo parar: remédio e carne pra combater: um combate o outro.

Já toda essa confusão frenética e desenfreada, esse vai e vem torna tudo tão difícil.

> (...) ô, ô Leo, por que que eu sinto tanta necessidade de... de... se preocupar com... o meu passado? E por que que eu sinto assim de... ah, eu acho que tem muita coisa em mim que não é normal (...) (Entrevista 1 – GRAÇA)

Foi certamente a mais escorregadia das histórias; às vezes sem pé nem cabeça, às vezes engraçada, às vezes triste; mas o fato mais marcante foram mesmo os deslizes, de um assunto a outro, o que fazia de cada pergunta uma desimportância, de cada resposta um enigma.

[9] Todos os nomes de pessoas e empresas citados pelos sujeitos entrevistados foram trocados, a fim de preservar a privacidade. Os únicos nomes verdadeiros são os dos próprios sujeitos com os quais se construiu esta dissertação.

Foram também algumas das experiências mais transcendentais: um encontro com Deus; uma segunda vida; vozes que lhe visitam do além; tudo isso entremeado nas vivências difíceis cujo escape ileso de alguns espancamentos morais pareceu impossível. Tudo aquilo que a vida sabe fazer a uma mulher negra e pobre nesse mundo.

Esses cinquenta e oito anos denunciam a presença de marcas profundas, talhadas com muita dor e que teimam em ainda latejar. Qualquer encobrimento operado pela memória é rapidamente desbaratado, algo sempre escapa e volta nos interstícios. E com isso inaugura o movimento pendular do presente ao passado, do mero detalhe ao eixo central da história, daquilo que foge – e já não é possível enclausurar num pensamento datado – àquilo que de repente reaparece como que pedindo autorização de saudade.

Graça é assim: um tudo no meio do nada do Tempo, um nada no meio do tudo (da Razão); uma raiz mal plantada que se desfaz no ar, indo renascer em outra terra onde é difícil rastrear. Refazer esses caminhos, só mesmo em pontos parciais, lembranças cardeais que permitem esboçar um mapa cheio de mistérios: lacunas que escondem tempestades, trilhas circulares, tormentas sinceras disfarçadas de banho de chuva, cavernas mal assombradas, montanhas que entregam horizontes não prometidos.

Mas espere! Talvez fosse mais polido da minha parte apresentar os fatos em termos lineares: quinta filha de uma família de seis, nasceu – pela primeira vez – em 1952, num pequeno vilarejo chamado Chafariz, em Conceição do Mato Dentro, Minas Gerais; a infância passou em Belo Horizonte, morando inicialmente no bairro Santa Inês, que na época era só mato, com plantas e um córrego; é nesse córrego, aliás, que comete o primeiro pecado: desobedece o pai, que a manda devolver alguns peixinhos que havia pescado:

> Aí, eu, quando chegou na curva, eu olhei lááá pra baixo aonde que eu tinha que ir, descer, e depois subir de novo, eu olhei... [a irmã fala com ela:] “Ah, joga aqui, boba!” Aí eu... eu ia jogar com o vidro, aí eu falei assim “Uai, mas se eu jogar ela com o vidro a água vai esquentar mais. Eu vou jogar ela s... de, de.. ela, de, de... Eu não sei porque eu não esqueço disso... E joguei assim abrindo e elas pulando... E elas pulando pro meu pai... Mas eles voltou depressa, jo..., pôs ela lá. E eu nunca falei nem com a minha mãe... Quando a gente era adolescente é que eu falei. E eu não sei, quer dizer que eu... E-e-eu senti... Quer dizer que sente. Eu não tinha cinco anos ainda, a gente já tinha... A minha vida foi... Eu vivi muito pouco, mas vivi muito porque, são coisas que marcou. Igual, quer dizer que eu senti, que eu, que eu pequei. Eu desobedeci, eu menti... (Entrevista 1 - GRAÇA).

Dessa infância retirou-se muito trabalho: desde muito cedo passou a trabalhar em casas de família, como doméstica. Famílias à que a mãe devia favores ou para as quais tinha obrigação. Aos nove anos foi morar em Juiz de Fora, na casa de uma família que lhe

prometera estudos e uma boa vida. Mero engano: trabalha bastante lá e é tratada com hostilidade:

> Com um povo "fé da puta", miserável, falou comigo que eu ia estudar, eu fui atender telefone! Lavar muita roupa, e andar muito vendendo roupa, aquele povo, nossa, esse povo, Deus que me livre (...) Minha mãe nem foi conhecer o povo! A minha irmã chegou lá falando que eles queria... é-é, me levou! (...) Meu pai foi e me buscou, a primeira vez que ele foi, ele enrolou, enrolou, não foi. Mas no caminho, que eu fui levar ele até no ponto do ônibus, eu falei com ele, eu falei "Pai, a Tatiana me belisca...", "Mas por que cê não falou na hora?", falei "Ah, pai... Eu fui lá porque o senhor é tão bom...". (Entrevista 1 - GRAÇA)

Um ano depois volta pra Belo Horizonte e vai trabalhar na casa de outra família, no bairro Boa Vista. Mas ocorre que os antigos Senhores sentem falta dela, querem ela de volta. Aos 13 anos então ela resolve ir visitá-los, e retorna a Juiz de Fora – não era visita, era mais trabalho. Não recebe nada, e foge algum tempo depois usando uma nota de 50 que lhe confiaram para comprar alguma coisa da casa.

Mas a sua ligação com essa família de Juiz de Fora não acaba aí. Depois de voltar a Belo Horizonte, é acusada de ter roubado um pingente de ouro da família. Apanha da polícia.

> Ai, que raiva quando eu lembro disso, gente, que eu não falei! E eles me bateram! Eles me bateram! Falaram que eu tinha roubado a pulseira! Ela sabia que eu não tinha! Os guardas, gente, os guardas me bateram e eles dois... O Antônio... O Antônio eu sei que ele era homem pilantra. Mas o Robervaldo! Eu olhei no olho do Robervaldo, o Robervaldo falou assim "É, você falou que ia roubar..." Eu falei "Robervaldo, eu falei com você que eu ia embora lá da sua casa, eu fui lá no quarto e falei com você! E você falou: ah, mas eu não ia acreditar!" Eu falei "Porque o dinheiro que eu peguei da passagem... eu não recebi nada lá na sua casa. Que eu tinha ido lá só ver vocês, porque a Jussara me falou que vocês tava com saudade de mim. Eu não fui pra ficar trabalhando..." Gente! E eles, os guardas, me bateram (...) (Entrevista 1 - GRAÇA)

A adolescência retorna à memória cheia de lacunas, coisas que não se quer lembrar, coisas que teimam em não ser esquecidas. Tudo muito misturado, sem precisão cronológica. Dá-se conta do que seria um de seus pecados mais graves: perder a virgindade, quando ainda nem tinha menstruado:

> Hum... Ó... e eu acho que aconteceu... eu não... eu não entendo... eu sei que eu... [pequena pausa] O pai do meu filho... Eles falam que... eles falam que, perto de mim, que é o Edu (...) que era gaúcho, me parecia também, eu... porque quem tirou a minha virgindade... e eu nunca tinha sido menstruada... foi o Cido Paz (...)
>
> Ô-ô-ô-ô, parece que, Deus que me perdoe, mas é a noite do-do-do terror. Olha, o Cidinho fala que ele tava muito doido. [pausa] Que depois que ele chegou pra conversar com a mãe dele... (...) pra ele me levar... pra casa dele... (...) Eu acho que pra uma pessoa consciente como eu, que fiz a minha primeira, fiz o meu catecismo, fiz minha primeira comunhão perante Deus... Eu acho que isso significa muito... (...)

> (...) eu acho que a virgindade é igual um cristal, se tirar a beiradinha, ele deixa de ter qualquer serventia (...) (Entrevista 1 - GRAÇA)

Em seguida teve a gravidez precoce, da qual, pelo que se sabe, perdeu o filho poucos meses depois de nascer por razões ainda nebulosas:

> Aos 14 anos... depois que eu engravidei... as coisas... Acontece... Uma hora eu... Eu não tô ainda preparada pra falar nisso. (Entrevista 1 - GRAÇA)

A juventude desfila bem vivida: muitos namoros, amigos, conhecer a cidade. Um período em que a noite lhe foi companheira. Morou no edifício Maletta, tradicionalíssimo em Belo Horizonte, e também na periferia. Circulava entre a classe média e a favela, sem dominar os códigos de uma ou de outra: ela simplesmente vivia, entregando-se a uma e outra situação, entre um e outro amor... Aliás, são os amores e desamores que deixam as maiores marcas nessa época:

> (...) gente, a minha juventude num foi ruim, foi cheio de experiência, fiz um pouquinho de tudo. Namorei... homens interessantes, rapazes interessantes (...)
>
> (...) Eu passeava com os meninos, as meninas, transava com os meninos pra lá... (...) Namorava, Pedrinho Augusto... Pedrinho Augusto me levava pra passear... Quando ele ganhou o Dodge, 16 anos ele ganhou um Dodge. (...)
>
> O Estevam! O Estevam foi muito, muito na minha vida. Que eu acho que ele gostou de mim. Me levava pras boates, me levava pros lugares... Ele morava nos Funcionários, sabe? (...)
>
> (...) eu conheci o João Carlos Silva. Eu não entendia, a mulher dele era nova, linda! E ele era lindo, ele era bonito, devia ter uns 30 anos... Como diz hoje, um pedaço de mau caminho (...) depois eu ainda ia pra casa de campo dele, ficava lá numa boa! Ficava com ele e ainda ganhava dinheiro! [risos]. Tem coisa melhor do que isso? Na minha cabeça tava sendo muito bom. (Entrevista 1 - GRAÇA)

Aos vinte anos tem uma filha com Estevam: Astrogilda. Outros filhos vieram depois, mas esta é a única com quem mantém um vínculo forte ainda hoje. As coisas se complicam quando, quatro anos mais tarde, Estevam morre num desastre de carro: a partir daí a noite perde o seu encanto, e a vida lhe coloca outros caminhos: passa a trabalhar em outros lugares, pensões, restaurantes... Conhece o Francisco, com quem mantém longo relacionamento, que vai dar em mais dois filhos.

É neste período quando – o impensável. Contava com vinte e oito anos e já o tumulto lhe fazia linguagem na vida: brigas frequentes com familiares e com o companheiro Francisco. As lembranças retornam confusas, esparsas, indefinidas. Um querer-se manter-se assim, confrontado ao mesmo tempo com um esforço de compreensão.

Foram várias as internações, em diferentes lugares: Raul Soares; André Luiz; Santa Clara; Galba Veloso. Experiências fortes. Tristes. Irredutíveis.

> A primeira vez que eu surtei na minha vida (...) eles me levaram ao Raul Soares e eu pensei que aquilo ali tudo era herança da Astrogilda [porque o antigo companheiro, Estevam, pai da sua filha, havia falecido]. (...) Ah, eu num sei, eu só lembro de lá daquele portão grande de ferro... E, e, e, porque eu lá eu vejo lá ficou lindo, tô tentando lembrar de alguma coisa, porque era muito sujo, muito cocô, menstruação, mulher pelada... E comia ali...
>
> Manda eu arrumar e me leva e me interna... até as entradas tavam boas, o ruim foi quando pôs num portão de... agora que eu vi outro dia lá... nossa, nunca vi tanto... cocô… fiquei lá três dias só! (...) Fugi... Aí voltei lá no outro dia, pedi minhas roupas novas, boas. Xinguei eles tudo, e tá... Deus que me perdoa! Gente! Fui lá com meu filho e falei: Olha bem pro meu filho e vê bem essa minha cara. "Mas é porque...", me deram um tanto de remédio assim, eles num tem vergonha não. Aí... fui embora. (...) Falei com ele [o companheiro Francisco, que a internou] que ele é assassino, sem vergonha, cara larga, vagabundo... [risos] Falei: vai pôr sua mãe lá! Sua mãe que é o lugar dela lá. No meio da bosta!
>
> E a mulher queria me matar de noite lá. Mulher assassina, tinha matado um lá em, lá fora (...) Fez eu cantar a noite inteira: "Sou caipira, Pirapora nossa" [risos]. Aí ela ficou minha amiga, queria matar a outra. Eu falei: Não, fia! Ela levantava aquelas de terra assim, cruz credo. Uma negona, era irmã de um policial. Aí pra num ir presa pôs ela lá. É muita coisa pra ser vista, eu nem sei porquê que me acontece essas coisas, mas as coisas que me acontecem às vezes, são pra mim aprender pra mais na frente.
>
> Ó, no Santa Clara, eu sei, a primeira vez que eu tive lá, eu sei que... que eu fiz [eletroconvulsoterapia, também conhecido como eletrochoque], porque, do jeito que eles põe o negócio, né? Fala que dá inj..., uma, aplica um negócio assim na gente, a gente dorme, né? Na Pinel também.
>
> Eu acho que eu... fui... é... é, eu, num, num, já foi igual, quando foi um negócio que ia ter uma galinhada aqui, que eu... fui, pra-pra.. por... perdi! Por isso que é muito perigoso [o eletrochoque], a pessoa pode, ela perde, né? Às vezes pára, a pessoa perde, é porque elas não se lembram mais, pra onde moram, de nada, aconteceu isso comigo, quando eu vinha pra cá, fui parar lá no, no, no [bairro] Maria Goretti, lá eu fiquei perdida, perguntando, andando, falando que queria vir, aí eu lembrei da igreja Nossa Senhora da Aparecida, que eu queria vir pra cá, eu falava Centro de Convivência, ninguém sabia me informar, quando eu falei da igreja Nossa Senhora da Aparecida, aí, eu falei que tinha um hospital [dando referências do Centro de Convivência São Paulo, onde queria ir] aí eles me deixaram ali. Cheguei ali eu fiquei doida, caçando o Centro de Convivência num, aí eu falei uai, eu tô aqui ó, é o posto médico, e falei, é ali embaixo, aí eu vim, eu lembro que vim atrás, vi tudo, e assim, num clarão eu lembrei de vir pra cá, mas eu num lembrava mais de comida, de galinhada, que tinha que fazer e tudo (...) (Entrevista 1 - GRAÇA)

Tudo o que se conta depois, vera vertigem. As vozes, a ligação com o espiritismo que daí se segue, a curiosidade com o seu passado e antepassados, a busca. Tudo isso faz de sua existência algo um tanto idealista e transcendente, um projetar-se acima de si mesmo. Trabalho, família e condições de vida entrecortam pontualmente essa narrativa, dando o tempero materialista de uma vida enaltecida pelo insólito.

> Uma vez, é, é... parou isso um bocado, e eu, e eu tava acordada assim, na cama lá em casa. E eu não dormia, né. E eles ficavam falando em Inglês, pra mim era inglês, o inglês é que é uma, o Francês também é, bonito, né, a pronúncia, né, que é assim mais... E-e-e parece que eu tava no meio, muita gente assim, eu deduzi que tinha muita, pra mim só tinha homem, mas não tinha não. Aí depois eles falando... Aí a voz... era "Raimunda Rodrigues". Depois eu fui procurar, comprei até fita, andei atrás pra ver se eu conseguia conversar com ela, que eu achei que... Ah! Eu... é muita coisa, viu! (...) Aí mandou parar, falou assim "Deixa ela descansar, pára, deixa ela descansar." E eu dormi!
>
> É impressionante... eu, eu, há muito tempo eu comecei a observar e a sentir, que pessoas poderiam ver através de mim. (...) Pode ver através de mim. Entendeu? Com os meus olhos, e falar com a minha boca. (...) tudo muito difícil, eu num sei, tem mais gente, tem mais gente...
>
> Esquecer, tirar [algumas lembranças]. Tirar de vez sobre a minha é, sobre os meus antepassados, sobre... Mas vem muito forte, me lembra de coisas que eu não vivi, e que possa ter vivido, em outra época, eu num sei. De vida, eu... eu vejo as pessoas, eu, pode ser que eu vi, eu não me vejo no meio delas, mas eu vejo. Ih, Leo, índios... negros... e, e, e... [pausa grande, pensando]. É difícil (...) (Entrevista 1 - GRAÇA)

Atualmente, participa de uma experiência de trabalho solidário, a Suricato[10], na qual dedica-se à produção de salgados e alimentos, e onde as relações com os colegas de grupo precisam ser negociadas a todo tempo, feitas e refeitas cotidianamente, a cada novo desentendimento. Em casa, mantém relação difícil e conturbada com os filhos e netos – o que constitui, seguramente, uma das principais fontes de angústia e sofrimento dela:

> Ah, eu num sei, eu acho que... [ainda chorando] eu... a família, tudo, tudo... eu, eu, os meus filhos, eu acho que eu num sou uma boa mãe... [pausa] e eu num tive um marido...
>
> Se eu tive os filhos, que eu num sei porquê que eu num abortei mais (...) olha, eu acho, eu não, eu sou a favor do aborto, eu não sei porquê, eu não consigo esquecer isso... Eles falam que é um assassinato, mas eu não acho! Assassinato é pôr uma criança no mundo...
>
> (...) [os filhos] me magoaram muito, eu tenho tanto assim, pena, tenho uma vontade assim, de proteger, [chorando] eu tenho muita pena, muita pena, eu num devia ter tido [chorando] se eu pudesse voltasse atrás, eu não teria. Só a Astrogilda... É muito complicado, muito, muito mesmo! Mais do que virgindade, mais do que tudo, filho... é... é um pedaço de você, acho que é até isso, acho que a minha piração mais é isso (...) (Entrevista 1 - GRAÇA).

10 A Suricato é uma associação de cidadãos em sofrimento mental que produzem, nos marcos da Economia Solidária, artigos artesanais em quatro oficinas de produção: mosaico, corte e costura, marcenaria e cozinha. É uma iniciativa de vanguarda no campo da saúde mental, que vem sendo construída desde as primeiras experiências de profissionalização de cidadãos em sofrimento mental de Belo Horizonte, em 1999. O grupo, atualmente formado por aproximadamente 30 trabalhadores, formalizou-se em 2004, e hoje conta com o apoio e reconhecimento de pessoas e entidades de várias partes do país. Deixo registrado aqui o meu profundo agradecimento a todos os empreendedores da Suricato, e também a todos da incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Secretaria Municipal de Saúde: sem o carinho e apoio de todos vocês, este trabalho não teria sido possível...

Ainda é preciso lembrar algo da maior importância, dessa vez com uma precisão atípica: em cinco de novembro de 1990, a Graça nasce pela segunda vez. Muito é preciso desvendar sobre esse acontecimento, mas o fato é que marcou, está inscrito no coração da memória como algo fundamental e irrecusável. A morte. A vida. O encontro com Deus. O inacabado da existência que faz do absurdo a única possibilidade razoável, a única crença aceitável.

> Que eu nasci. É cinco de novembro de 1990. Eu fiz vinte, vai fazer vinte anos. Neste corpo. Num vou falar disso não, sabe por quê? Olha, ninguém acredita. Olha, eu sei que eu vou ter resposta pra isso, num-num, isso aí é pra parapsicologia (...) Então, e é por isso que eu falo: que a loucura... eu fui pra o lado de lá, e eu fui e voltei, eu ainda vou ver coisas boas, porque coisas ruins tenho visto demais (...)
>
> Eu não sei, eu só sei... que é um espírito, eu não sei... Só o Senhor, só o Senhor... É nascer de novo, é nascer de novo... Eu acabei de nascer lá na Pinel. (...) Eu cheguei em casa às seis horas da manhã. Gente, eu fui pra morrer e Deus me deu vida. Eu vi, eu não vi o céu, eu não vi o céu não, eu vi as portas, eu vi as janelas, pelo amor de Deus... o encontro que eu tive com Deus foi isso. (Entrevista 1 - GRAÇA)

E já não há mais o que contar. E se esses fragmentos não deixam ver em detalhes o que é esta vida, cheia de Graça, se não explicam ou resumem o que foi e vem sendo essa existência, é porque cumpriram bem o seu papel. Em verdade, não há nada que poderia resumir a vida a um levante cognitivo qualquer e tão insignificante como este, palavras derramadas assim no papel, sem cheiro nem sabor, sem toques ou sons, não poderiam mesmo dar conta de um puro devir, seja ele qual fosse: devir-mulher-negra; devir-mulher-espírita; devir-mulher-mãe; devir-mulher-trabalhadora; devir-criança[11]. Esses respingos de vida aqui colocados devem servir apenas pra desenhar as bordas pontilhadas do campo que se quer atravessar, sem a pretensão de depurá-lo em suas miudezas. Assim precisa ser o trabalho cartográfico: nunca fechado, completo e detalhado, mas, por definição e condição de possibilidade, sempre aberto, parcial e suscetível as mais indefinidas sensações e composições que se fazem à medida que o outro (neste caso, o leitor) entra no texto, se joga fazendo brotar desse encontro qualquer coisa como – o impensável.

[11] Trata-se de pensar uma série de composições. A ideia de **devir** que será trabalhada nesta dissertação é uma apropriação do fundamento filosófico de Heráclito, para quem **tudo muda constantemente**, não há nada nem ninguém que se mantém constante no tempo ou no espaço. E isso traz várias implicações (por exemplo, a recusa às essências e universais). A célebre frase que diz "não se banha duas vezes no mesmo rio" bem ilustra essa proposição. Além disso, devemos considerar o devir como algo que nos impele a "tornarmos o que somos": ele nos anima a transformações contínuas, sempre fazendo de nós sujeitos em vias de se tornar algo... A respeito disso, Deleuze (1992, p. 151) afirma: "o fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, de uma coluna de ar ascendente, 'chegar entre' em vez de ser origem de um esforço".

FIGURA 2 – Devires Graça

Fonte: Elaborado pelo autor, com inspiração em: “Orgia”, de Michel Melamed.<http://michelmelamed.com.br/br/orgia/>

2.2 O peso de ser Eustáquio

O sol ainda estava longe de guardar seu vermelho do céu naquela tarde de novembro quando conheci Eustáquio. Não me impressionou muito de saída: parecia daqueles a que uma boa conversa não abre os caminhos. Talvez retraído no olhar, foi essa a sensação que me deu ao tentar mirá-lo por debaixo do boné.

Mas essa primeira impressão logo deu lugar a uma conversa fluida, animada por lembranças que eram ao mesmo tempo tristes sem ser vitimizantes, fortes, porém sensíveis. Não demorou e parecíamos dois velhos amigos, agitados por risos e entendimentos silenciosos desses que é preciso mais que vontade pra conquistar: é preciso entrega.

Dessa entrega, fiquei a ver-me responsável por cuidar de uma série de memórias, as quais ainda agora, enquanto escrevo, não me ocorre muito bem o que fazer com elas. Parecem-me prontas já assim, como me foram confiadas. Não me sinto no direito de reordená-las; na verdade, isso pouco acrescentaria. Contudo, dando-me de presente o benefício da dúvida, mais do que realmente reafirmando minhas responsabilidades de pesquisador, sinto-me impelido a dar ao seu discurso outro aspecto: torná-lo menos definitivo, atribuir-lhe uma precariedade que lhe falta por definição. Se, de um lado, o discurso da Graça impressionava pela fluidez e pelos deslizes, as falas de Eustáquio obedecem a uma lógica compacta, impecável, imune às ciladas da memória ou à qualquer possibilidade de negação de si mesmo. Por isso, após uma breve explanação da sua história, preferi estrangular seu discurso: talvez assim, com uma fala sufocada, algo de improvável ocupe o lugar deixado vago pelo tempo e pelo espaço.

Eustáquio é belorizontino, nascido em 11 de janeiro de 1977. Começou a trabalhar cedo, aos 11 anos, "lavando carro, vendendo doce e catando latinha, pra ajudar a família" (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO). Dessa época, se recorda de sair todo dia para trabalhar enquanto seus amigos brincavam. Mas nada de lamentações aqui: “(...) ao mesmo tempo eu sabia da necessidade do que eu tava fazendo, né?” (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Na adolescência, a tia o inscreve na ASSPROM (Associação Profissionalizante do Menor): “um dos maiores presentes que a minha tia me deu foi me escrever na ASSPROM” – trabalhou como office-boy na Secretaria de Saúde e na antiga Telemig, saiu por causa do exército: “perdi um empregão, na própria Telemig, de auxiliar administrativo, por causa do exército. Eu fiquei tão chateado na época que até chorei.” (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Mas a dor veio mesmo com a morte do pai, o que acabou por obrigá-lo a ocupar outro lugar social. É que com isso Eustáquio precisou reorganizar completamente sua vida: passou a

sustentar a família. O trabalho ganha para ele novos tons. As prioridades já não são as mesmas. Abandona os estudos.

> Por que que eu me tornei arrimo de família? Não coincidia dos irmãos tá sempre trabalhando ao mesmo tempo, todos trabalhando ao mesmo tempo... Aí sobrecarregava sempre um... Um pouco de infeliz coincidência, a bola da vez da época fui eu. (...)
>
> Quando meu pai faleceu meus irmãos que eram por parte de pai não tinham obrigação para com minha mãe, que era madrasta, cada um foi caçar sua vida. Por isso eu me tornei também arrimo de família. (...)
>
> Ah, também, quando o meu pai faleceu, eu tive que parar de estudar, segundo ano do segundo grau, técnico de contabilidade, no Imaco... Ou eu pagava aluguel ou eu comprava livro. Preferi pagar aluguel (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Trabalhou de "chapista" num *trailler* de sanduíches, e depois como "forneiro" no "Coliseu" – empresa que fabrica salgados congelados, na qual sua carteira de trabalho era assinada como auxiliar de serviços gerais. Era a tentativa de se reerguer, de reorganizar a vida, deixar para trás todas as dificuldades do passado. Acontece... o impensável!

> No Coliseu... eu peguei bronquite e sinusite, causou muito choque térmico. Eu trabalhava num forno quente, e quando aqui a temperatura tava 30º, lá tava cinquenta. E como era salgado congelado, eu passava frequentemente na frente de câmaras frias, pra resfriar os alimentos, conservá-los. Aí deu choque térmico. Aí eu peguei bronquite e sinusite. A empresa, ao invés de tratar de mim, me mandou embora. Aí além da bronquite e sinusite eu me vi, pela segunda vez na vida sem emprego, e perdendo noite de sono pra ver como é que eu ia pagar aluguel. Aí eu fora despejado pela segunda vez. Aí, juntando tudo, problema de casa, problema de família, problema de serviço, problema de tudo, me deu uma depressão muito grande. Aí eu explodi. Precisou de seis homens pra me segurar, meus três irmãos mais três amigos, senão eu matava meu cunhado. E matava mesmo! Hoje não, mas na crise eu matava mesmo! (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Contava na época 23 anos. E, de uma história já sofrida, a dele e a da loucura, restava uma velha mancha, impiedosamente cravada na alma de quem se atrevia a desarrazoar... Aqui não foi diferente:

> Aí Leo, eles me algemaram, me levaram pro Psicominas, que era conhecido como "bosteiro". É tão bom, era tão bom esse hospital psiquiátrico, que ele foi fechado pela Vigilância Sanitária e os Direitos Humanos. (...)
>
> A fachada era maravilhosa, a entrada, tudo bonitinho, vidro fumê e tal, aí cê vai descendo as rampas assim, os calabouços, um absurdo... Fiquei de pé no chão, fiquei sentindo frio, sem blusa, sem coberta. Fui agredido... por enfermeiro... Eles me doparam... Falam comigo a experiência do choque, eu não tive a experiência do choque, mas a experiência que eu tive foi muito marcante. Aí a pessoa, em vez de melhorar, parece que ela fica mais revoltada ainda. Porque, você começa a perguntar à Jeová Deus o porquê... Sendo que nem ela mesma sabe, o quê que ela fez de tão mau. (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Depois, é transferido para outro hospital psiquiátrico, o Galba Veloso, onde conta que foi bem tratado. Estabiliza. Passa a se tratar no CERSAM[12]: muitos remédios, efeitos colaterais, brigas com médicos. Concomitantemente, vai morar com a tia em Esmeraldas, na região metropolitana de Belo Horizonte:

> Cansado da selva de pedras de Belo Horizonte, igual eu estava, estafado, estressado, ainda com problemas psicológicos, sem falar na minha bronquite e sinusite, fui prum interiorzinho... *Show* de bola, verdadeiro hospital. Plantas medicinais à vontade, pomar... Minha tia é uma sábia... (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO).

O tratamento no CERSAM começa a dar bons resultados, começa a conhecer melhor o próprio corpo, os efeitos medicamentosos. Frequenta o Centro de Convivência Carlos Prates, fazendo oficinas de música, letras e comunicação, teatro e música. Tudo volta a se encaixar, a rotina pouco a pouco vai tomando ares estáveis. Mas ainda faltava uma coisa: voltar a trabalhar.

> Aí, a resposta terapêutica foi tão boa, que eu pensei assim... É duro Leo, pra uma pessoa que começou a trabalhar cedo, igual eu falei... Passou da juventude, mocidade, depois na adolescência, se sentir inútil, improdutivo... E, por que não, até incapaz... Mesmo que seja momentaneamente, mas incapaz... E certa vez eu virei pra médica e falei assim: "Você tem noção, doutora, quanto tempo que eu vou tomar esse remédio?" [insinuando a resposta da médica]: "Num faço a mínima ideia..." Ou seja, pode ser daqui à dois dias, ou pode ser a vida inteira (...) Aí surgiu a oportunidade de voltar a produzir de novo... Aí eu falei com a gerente do Carlos Prates que eu queria voltar pelo menos a lavar carro de novo, igual eu fazia na adolescência (...)
>
> (...) se sentir, a gente se sentir inú., improdutivo, num vou falar inútil não que é muito pesado, mas improdutivo... num é legal. Entendeu, num é bacana... Ainda mais num país capitalista onde é que a gente tá vivendo... Onde é que as pessoas olham pra gente e vê a gente pelo *status*, pelo poder que nós temos... Apesar que eu nunca desejei ser rico não, apenas ter o suficiente pra passar o mês, e deitar na cama e num perder noite de sono pensando se eu tô devendo alguém (...)
>
> Aí essa gerente, eu comentei com ela que eu queria voltar a produzir de novo, ela virou e falou pra mim: "Então vai pra Suricato então!" Aí eu: "Quê que é isso Tati, eu nu...- oh! - quê isso ô Fabrícia, eu num posso trabalhar em firma mais não, entendeu, eu quero é um serviço assim, informal, uma coisa assim só pra ocupar a mente, só pra parar de pensar tanta besteira". (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

O resto, histórias por fazer: continua no Centro de Convivência, e agora é associado da Suricato, trabalhando no grupo de cozinha. A vida segue, buscando recolher no cotidiano alguma coisa de serenidade, que dê conta das novas questões que vêm lhe interpelar:

[12] CERSAM: Centro de Referência de Saúde Mental. É o serviço de urgência da rede substitutiva de Saúde Mental de Belo Horizonte.

> Como eu fora chapista no “Deita & Rola” [trailer de sanduíches], fazendo sanduíche, e caixa... E eu fora forneiro no Coliseu, eu pensei: “Por que não? Aprender a culinária num ramo que eu já exercia?” Aí hoje além de eu assar os meus produtos, eu também tento fazê-los... É interessante. Uma coisa que me fez entrar pra culinária também, pra Suricato, foi a filosofia de vida: todos são associados, não tem patrão, só que aí gera muita responsabilidade... por todos serem associados, muitas vezes um não quer ouvir o conselho do outro, acha que o outro tá mandando na cozinha, é meio complicado... Uma coisa é você mandar, outra coisa é você tentar organizar a equipe, dividir tarefas e ajudar a equipe pra sair melhor o serviço pra num pesar pra alguém, muitas vezes isso é mal compreendido dentro da cozinha... Vamos superar isso, tenho fé que sim... As cozinheiras são muito boas, me acolheram muito bem, todas do jeito delas e tudo, uma fala mais alto e tal, igual a Helena de vez em quando, uma ficando caladinha, igual a Olívia, então todas me acolheram muito bem... Eu vi ali que era legal, era bacana... Viraram pra mim e pediram pra eu mexer no caixa, também... E hoje eu faço com amor... Saio pra fazer pesquisa de preço, saio pra fazer compra, venho com as compras, sovo a massa, asso a massa, fecho o caixa (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

O maior sonho: casar e sair do aluguel. O trauma deste último supera em intensidade a vontade do primeiro. Chegou a noivar na adolescência, mas não deu certo. Até o último encontro da pesquisa não possuía companheira. E, uma última coisa da maior relevância, a vida religiosa bastante ativa, apesar de afirmar evitar radicalismos. Já foi kardecista; agora estuda a bíblia com Testemunhas de Jeová.

FIGURA 3 – Eustáquio
Fonte: Foto de Cyro Almeida

2.3 Uma só Beth

A descarga emocional. Muito a escorrer e a enxugar, antes que qualquer coisa pudesse se relatar, elaborar. Em todas as conversas. Fala-se, fala-se, fala-se e nada parece pronunciar: história vazia, esquecida nas minúcias tornadas sufocantes e urgentes, apesar da irrelevância dos fatos à quem observa distante, calado.

Uma demanda de amor impossível de satisfazer, uma relação eterna com a família, na qual se perde nos códigos, nas intenções, nas tentativas de construir qualquer outra forma de existência que prescinda das referências familiares. Comida de psicanalista.

Está violentamente labirintada no próprio pensamento: seu real não fala a língua do real do outro, traça um novo que só ela entende e incompreende. Reconhece isso até, mas não consegue se furtar a ele. Nos poucos momentos de clareza das ideias, remete a si mesma como algoz da sua própria situação, mas daí foge ao lugar bem conhecido da crítica miúda, contida, que na verdade esconde qualquer coisa do tipo: uma insistência em se ver assim, vítima da vida.

Mas nem tudo é assim, ausências. Alguns preenchimentos importantes, pouco a pouco, vão se fazendo. Novas invenções, novas situações. Possibilidades, mesmo que ainda tímidas. Pequenos pedaços de tempo, nos quais vagarosamente se aprende a viver: em cada ponto, ela costura uma nova saída.

A fala cambaleia entre esfumaçada, sem consistência, e surpreendentemente precisa. Revela que a infância sobreviveu na memória quase imune às ações do Tempo. Conta de uma relação intrínseca e sempre difícil com a mãe[13], desde muito pequena, até o falecimento da senhora, em 2005.

> Minha mãe me bateu muito. Apanhei muito, muito, muito, muito, porque eu desafiava minha mãe. E o meu medo, e minha raiva, e tudo o que me perturbava eu não sabia o que acontecia comigo, eu tinha mudanças radicais de humor. Radicais de... de... insuportáveis. Chorava muito, muito, muito, meus irmãos zombavam de mim o tempo todo e eu apanhei muito. (pausa) "Pode me bater! Eu vou contar pro meu pai". Apanhava de novo. "Pode me bater, não dói". Apanhava de novo. Ah... "Pode me bater, pode fazer o que você quiser, você não manda em mim". Isso em mil novecentos e bolinha. Apanhei. Apanhava umas cinco seis vezes por dia. (...)
>
> E eu ficava com uma raiva da minha mãe, acusava minha mãe de tudo. Se eu tinha uma dor de dente, minha mãe era culpada. Se eu tava com dor de garganta, minha mãe era culpada. Tudo eu culpava minha mãe. Ela falava assim: "Tudo ela me

13 Não que se faça uma análise de conteúdo aqui, mas um dado talvez ajude a ilustrar um pouco a importância dessa relação materna para a Beth: na primeira conversa, com duração de aproximadamente 2h e 19min., ela menciona a mãe (sem utilizar o nome dela) nada menos que 120 vezes.

> culpa!" E eu falava assim, acho que era um revide por ela me tratar diferente. Por que que ela tem que falar que eu sou retardada, que eu sou burra, vinha as meninas lá em casa da minha idade, ela falava: "Ah, vocês são umas menininhas, mocinhas já, né? A minha não, a minha ainda é criança, lerda!". Eu ficava lá atrás assim da porta, ouvindo: "Ela nunca vai crescer, acho que ela vai ficar sempre assim, menina. Não gosta de tirar sobrancelha, não faz as unhas, não gosta de nada." Ai eu ficava lá dentro. Aí eu chorava, chorava, chorava. (...)
>
> Mas minha mãe falando que eu era retardada, burra, lerda: "Essa menina deve ser louca".
>
> (...) minha mãe falou com um médico: "Minha filha é... anda com sapatão, com homossexual. Dá um jeito nela."
>
> Aí, começou a minha mãe. Pegar no meu pé. Eu não tenho ódio dela, não tenho raiva dela não. Mas ela começou a pegar no meu pé. "Por que que ela tem que por uma roupa todo dia? Por que que ela se arruma? Por que ela faz as unhas? Pra que as unhas enormes? Pra que passar batom? Não tem namorado! Não tem um homem, não tem filho. Ela não serve pra nada!" (Entrevista 3 – ELIZABETH)

Mas antes: nasceu e viveu muitos anos em Belo Horizonte, morando em vários locais, porque o pai era despejado com frequência, depois de brigar com os proprietários dos imóveis que alugava com o pouco dinheiro que tinha. Nas falas a admiração pelo pai é visível: era quem lhe dava amor em casa, era justo e carinhoso. Compensava a hostilidade da mãe. A protegia, mas também repreendia, quando necessário.

Elizabeth nasceu em 1955. A infância ficou marcada na memória por cuidar da irmã mais nova: poucas lembranças de brincadeiras ou coisas de criança. Recorda que gostava de um piano. Sonho impossível: tudo o que a vida sabe fazer frustrar a uma pessoa pobre nesse mundo.

> Eu eu gostava de piano. Aí eu ia comprar o leite e o pão, eu escutava um piano, e as casas não eram assim em Belo Horizonte. Eram baixos os muros, grades, jardins, e eu ouvia um piano, eu parava e ficava encostada. Aí o leite que estava geladiiiim esquentava. Eu chegava em casa levava uma brooonca. Minha mãe queria me bater. E eu ficava ouvindo aquelas notas musicais e falava assim: "Ô meu Deus, eu queria tanto ser uma pianista também. Trem mais lindo, piano!". Um dia eu falei assim: "Pai, eu queria tanto um piano". E ele falou: "Minha filha, eu não posso te dar um piano. Nem de brinquedo." Aí foi quando eu comecei a ouvir não, não, não. Comecei a ouvir não. (Entrevista 3 – ELIZABETH)

No começo da sua adolescência, quando o pai adoece, ou melhor, quando a sua situação de saúde se agrava ainda mais – porque já nasceu com problemas cardíacos – toda a família se muda para São Paulo: é onde o pai quer morrer e ser enterrado.

Pouco tempo depois começa a trabalhar numa rádio. Esse primeiro emprego é marcado por várias questões: o pai é contra, quer que a filha continue estudando; a mãe a pressiona para trabalhar, como se aquilo lhe pudesse servir de castigo; as colegas de trabalho a consideram estranha, esquisita. Já nesse tempo vai começar a descobrir a sexualidade, em

meio a difíceis experiências, nas quais “ninguém explicava pra mim que tinha isso...” (Entrevista 3 – ELIZABETH). Sofria.

Quando o pai falece, a relação com a mãe se torna ainda mais difícil. Todos da família precisam trabalhar, mas ao mesmo tempo vão contornando as dificuldades da vida: um dos irmãos passa num concurso e vira chefe de segurança no Banco Central; outro vai estudar direito; uma das irmãs vai estudar psicologia; outra vira técnica em enfermagem. Todos vão tocando suas vidas, com exceção dela: já não consegue seguir estudando, e também não consegue se organizar de outra forma.

A vida vai seguindo, confusa, perigosa. Ela, uma menina, desprotegida: reafirmo, não aprendeu os códigos. Ainda na juventude inicia, sem saber direito o que fazia, uma relação homossexual. É rejeitada em casa por isso, pela mãe e pelos irmãos. É nesse momento que – o insuportável. Aquela existência, tornada sofrida ao longo de tantos descaminhos, desaba sobre si mesma: uma caixa de Rivotril[14] é suficiente para lhe desvanecer.

> Aí, minha irmã mais nova chorava porque minha mãe falava assim: “Ela anda com essas mulheres aí, fica com essas mulheres, sabe?” Aí as vizinhas ficavam a favor dela, né? Aí minha irmã e meus irmãos começaram a debochar de mim: “Ah, não vai pegar minha namorada, hein?” Não sei o quê... minha cunhada falou... Aí falei gente, ninguém me fala, ninguém me explica nada... Aí com 19, 20 anos eu peguei e tomei minha primeira, minha primeira caixa de Rivotril, inteirinha. Quando eu percebi que a minha mãe tava fazendo isso comigo, que ela tava me achando uma homossexual, eu não sabia o quê que era isso (...) (Entrevista 3 – ELIZABETH)

Falta o acolhimento da família nesse momento de crise. É mandada de volta a Belo Horizonte, aos cuidados do irmão. Volta pra São Paulo depois de um tempo, quando fica "forte e gordinha, boa pra trabalhar" (Entrevista 3 – ELIZABETH). Vai trabalhar numa camisaria, permanece nesse emprego por oito anos. Pouco rende nesse assunto[15], apenas que omite de todos a sua situação de saúde, o sofrimento mental, os problemas familiares. Não era o lugar para acolher essas diferenças.

Algum tempo depois, a família se muda novamente para Belo Horizonte. Ela começa a frequentar o Centro de Convivência Carlos Prates. Mas o sofrimento não cede: a relação com

14 Rivotril é um ansiolítico de alta potência ou, no popular, um calmante desses pra cavalo. É tarja preta, mas no Brasil tem virado cada vez mais uma espécie de “paz em comprimido”, usado pra aplacar qualquer tipo de problema cotidiano, como a insônia, prazos e problemas de relacionamento. Versolato (2010) explica que a popularidade do Rivotril é efeito tanto da evolução dos psicofármacos (o Rivotril pertence à família dos benzodiazepínicos, na qual se encontram os também populares Lexotan, Diazepam e Lorax, todos com efeitos tranquilizantes, e que não assustam tanto quanto os barbitúricos, que possuem mais efeitos tóxicos) quanto do baixo preço no mercado brasileiro.

15 E é importante essa constatação, porque eu já tive oportunidade de ouvir a entrevistada relatar de modo bastante detalhado essa experiência de trabalho. Talvez seja preciso reconhecer que o momento da entrevistada – naquilo que diz respeito a sua saúde mental, por certo – não foi dos melhores. Mesmo dois meses depois, quando da segunda conversa com ela. E nos outros tantos encontros que seguiram também...

a mãe continua difícil, e era uma briga e um Rivotril: "Cada vez que ela falava eu ia lá tomava, 20, 25, 30 [comprimidos] (...)" (Entrevista 3 – ELIZABETH)

Nunca resolve sua relação com a mãe. Pelo contrário: carrega as marcas e os vícios de uma convivência difícil e violenta, mas da qual parece nunca efetivamente ter se esforçado pra se retirar. Indício disso é que quando a mãe falece, sente falta, muda de tom sobre ela:

> Aí eu tomei um monte de Rivotril, eu falei assim: eu quero ir embora junto com a minha mãe. Eu senti falta daquele negócio de ela pegando no meu pé, pensei: "Quem vai pegar no meu pé, quem vai brigar comigo agora? Eu vou ficar aqui, nesse quarto grande, sozinha?". (...)
>
> Quem me amava era meu pai e minha mãe, ninguém me ama mais. (Entrevista 3 – ELIZABETH)

A relação conturbada com a mãe lhe é tão forte e inescapável que acaba por deslocá-la para os outros familiares: única linguagem que sempre dominou. Conflitos e problemas de convivência passam a ser frequentes na relação com irmãs e irmãos: sente que todos se voltam contra ela, que ninguém lhe ama ou dá suporte. E, enquanto isso, as crises continuam:

> Aí, depois disso eu já tomei várias vezes assim, não a caixa toda... E eu não sei se é por raiva, ou porque é pra dormir, não sei. Aí a médica falou assim: Não, é autoextermínio mesmo, você não tem consciência disso, mas você quer... (Entrevista 3 – ELIZABETH)

Mas nem tudo está perdido: esses desvarios acabam por deixar brechas para algumas reinvenções. O tratamento no Centro de Convivência lhe ajuda a recuperar e desenvolver a ternura: nova linguagem que agora vai gladiar com essa velha forma conflituosa. Algumas vezes ganha, outras perde: assim é a vida de quem convive com o sofrimento mental. Colecionadas algumas vitórias, consegue se arranjar com um novo trabalho, agora solidário: produzir com menos pressão, num ambiente que acolhe as diferenças.

Resignificações: da confecção em que havia trabalhado na juventude, reteve o gosto pela costura. Agora, frequenta o grupo de corte e costura da Suricato, onde faz amigos, volta a produzir, participa de eventos. Uma nova vida vai se construindo, com inúmeros avanços, alguns retrocessos: ainda mantém – algumas épocas mais, outras menos – atritos com as outras colegas de trabalho e também com os irmãos. Por outro lado, atualmente dá conta de ter um companheiro amoroso, nova situação que vai pouco a pouco descobrindo, aprendendo... História de quem constrói novos caminhos, isso por certo. Quando imaginaria arranjar um companheiro e um trabalho? Pois é que a vida é essa imensidão de surpresas.

FIGURA 4 – Beth
Fonte: Foto de Cyro Almeida

2.4 Clarismundo

Clarismundo vai pelo mundo sem nada claro: nebulosidades propositais, ao que parece. O tom é contido; a fala, reservada.

Não é difícil organizar os seus fatos. Difícil mesmo é enxergar o Clarismundo que há neles (o mundo está nele, mas ele não está no mundo?). Coisas mal passadas? O acaso, em toda a sua violência grandiosa, parece engolir, circunscreve, faz cair sobre seu colo uma chuva amarga-ácida, para a qual não se fez abrigo. Falta por certo muito mais inventividade que ferramentas para levantar esse telhado: uma vez mais, onde-foi-parar-esse-sujeito? Mas isso precisa esperar. Por agora, concentremo-nos no percurso, como já se fez costume.

Belorizontino, nasceu em 1961. A infância foi de muito trabalho, ajudando o pai a vender picolé: já aos sete anos dividia-se entre os estudos e a labuta diária. Morou inicialmente no bairro Sagrada Família, e estudou primeiro no colégio Adalberto Ferraz, no bairro da Graça, de onde guarda orgulho de raiz forte, bem plantada.

No início da adolescência, vai estudar na Escola Municipal IMACO, dentro do Parque Municipal de Belo Horizonte. E, certamente, não há lugar mais significativo para ele, boa parte de sua história se constrói ali. O pai, com quem tem um vínculo muito forte, adquire um carrinho de sorvete e comercializa dentro do parque, alternando com o trabalho de vigilante na prefeitura. Nisso, Clarismundo mantém sua rotina de trabalho e estudos, meio período cada.

> Então é que, eu e ele era unha e carne, eu e meu pai sempre andava nós dois, até pra tomar uma cachacinha ele me levava, tomar umas cachacinha assim (...)
>
> Até antes da, da, dele morrer, essas coisas tudo, eu que acompanhava ele no, nos bancos, pra ele tirar a aposentadoria dele, cheguei a ficar com ele nos hospitais com ele lá, um tempão (...) Eu acompanhava ele pra tudo quanto é lado... quando ele recebia a aposentadoria me dava um trocadinho... [risos] Né? Era um relacionamento assim, entendeu? (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

Na juventude, continua estudando no IMACO, à noite. Faz estágio por um ano na Prodabel[16], depois vai trabalhar na Guiatel[17], primeiro trocando números de telefone – na época essa tarefa era manual – depois distribuindo catálogos telefônicos. É quando o acaso começa a secretar amargo. Uma sequência de acontecimentos são experimentados de forma dolorosa: é mandado embora da Guiatel, depois de poucos meses de trabalho; interrompe os estudos, quando é desligado do IMACO por duas repetências seguidas; com vinte e poucos

16 Prodabel é a Empresa de Informática do Município de Belo Horizonte, de competência pública, que cuida do processamento de dados digitais do município, dentre outras atribuições correlatas.
17 A Guiatel é uma empresa de caráter privado que produz listas telefônicas no Estado de Minas Gerais.

anos, tem uma filha com uma mulher que também trabalhava no parque, e apanha dos familiares da moça; o pai também lhe afasta do trabalho no parque.

> Fui lá na casa dela tentar um... um... um acordo, vê o que vai acontecer, já que vem um menino, né? Ah, eu cheguei lá eles me espancaram, aí eu falei: "tem jeito não, ué..." (...) Como é que pode acontecer uma coisa dessas. Se eu venho aqui, telefonaram pra mim, pra mim ir na casa dela, eu fui, cheguei lá, os parentes dela tudo fizeram uma rodinha lá e me espancaram! (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

Sem trabalho, sem estudos, sem o próprio filho – que, aliás, nunca chegou a conhecer, depois disso nunca mais voltou a conviver com a moça – ele está irremediavelmente sozinho. O sentimento é de abandono. Até que, numa feita, toma duas cervejas na Praça da Liberdade. Duas. Sem dinheiro para pagar, é detido pela polícia: tudo que a vida sabe fazer a uma pessoa negra e pobre nesse mundo:

> (...) uma vez os "homi" [referindo-se a polícia] pegou eu por causa de duas cervejas. Por causa de duas cervejas na Praça da Liberdade lá, eu num tinha dinheiro pra pagar, né, aí eles, por causa de duas cervejas eles, né, levou a gente lá, de bebida lá, foi até lá na [delegacia que fica na] rua Itambé, na Floresta. (...)
>
> E na hora de pagar, num tinha dinheiro, aí eu falei: "Ow, espera um pouco, relaxa, meu pai trabalha no parque municipal, eu vou lá buscar o dinheiro..." Aí eles num deram nem ideia, né? (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

Depois disso, muda-se com a família para o bairro Santa Inês, onde passa a interagir com vizinhos, faz amizades. É uma época da qual recorda com gosto. Até que se muda novamente, e volta a beber, dessa vez com excessos.

> Tava, eu tava é enchendo a cara na cachaça... Vendia, catava latinha lá, fazia uns bico de servente, e o dinheiro tudo era pra cachaça mesmo, endoidava a cabeça, falei: "Ah, num tem jeito mais não, eu vou é morrer mesmo". [risos] Eu tava perdendo as esperanças. (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

O abandono. Essa, a marca mais forte nas suas falas. A insegurança de se saber sozinho no mundo, sem trabalho, sem amigos, sem namorada. O que ele quer é melhor sorte na vida.

Sorte ou não, os rumos começam a mudar depois que inicia o tratamento da rede de saúde mental. Do CERSAM é encaminhado para o Centro de Convivência Arthur Bispo. Faz um curso de qualificação profissional[18], começa a se preparar para voltar a trabalhar.

[18] O mesmo curso do qual derivou a criação da Suricato. Esse curso foi uma iniciativa dos militantes da luta antimanicomial de Belo Horizonte, em especial o Fórum Mineiro de Saúde Mental (FMSM). Boa parte dos primeiros empreendedores da Suricato fizeram esse curso e, posteriormente, fundaram a associação.

> (...) depois eu passei pra, pro Centro de Convivência Arthur Bispo... Fiquei no Arthur Bispo lá uns... um tempão também, né... depois, fazendo oficina de letras, depois veio essa, essa proposta do pessoal lá da Renata [do Centro de Convivência], de geração de trabalho e renda, aí eu topei na hora, falei: "Pô! Agora eu vou servir... agora eu vô, vô deslanchar né?" Aí eu, aí que começou tudo aqui, o meu envolvimento com a saúde mental foi, a Renata me deu a maior força, ela me trouxe aqui, foi... dois mil e... dois mil e dois... foi em dois mil e dois mesmo, que ela me trouxe aqui. A partir daí eu.. eu fui me envolvendo com a Suricato. E o pessoal fazendo lá o estatuto da Suricato, organizando... aí dois mil e quatro também foi legalizado a Suricato, né, eu participei da, do envolvimento da legalização da Suricato, do estatuto essas coisas todas, né (...) (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

Atualmente, é o Coordenador Geral da Suricato. Isso lhe traz certo reconhecimento, apesar de que ainda restrito ao circuito da saúde mental e dos projetos sociais. Em casa, com os familiares, a relação é difícil, sofrida, se queixa que ninguém lhe respeita, porque não tem uma boa condição financeira.

> Mas num tenho estabilidade financeira, né, que dá respeito também, né? Ó, você poder juntar com a família lá e falar assim: "Ih, vão fazer uma festa com o pessoal aí, que eu tenho um dinheiro pra ajudar". Se não o pessoal fica tudo olhando procê com a cara diferente assim, né: "Pô, um homem com aquela idade toda ali, num tem nada ainda!". Né? Pô, isso é ruim demais! (...)
>
> *Pesquisador* – Quê que você tá sentindo agora, Clarê?
> *Clarismundo* – Eu?
> *Pesquisador* – O seu sentimento agora.
> *Clarismundo* – Meu sentimento? Eu tô sentindo assim... No momento? [pausa rápida] Ah, eu me sinto assim, sinceramente? [pausa rápida] Uma pessoa assim, meio, meio, meio desconfiada, esse trem... Sem clareza das coisas, aí (...) (Entrevista 4 – CLARISMUNDO)

Como eu disse no começo: Clarismundo vai pelo mundo sem nada claro.

FIGURA 5 – Clarismundo
Fonte: Foto de Cyro Almeida

2.5 Paulo Reis

Pensando alto: a força da lei, posta universal, do bom senso capitalístico e moral, do comportamento comedido, aprazível, silencioso, pacato. Enquadramento? A que se presta essa chamada inclusão social? Talvez seja apenas caso de não haver exageros constatados, mas existe sim – e esse acaba de se definir como um problema fundamental aqui – o perigo de certa anulação: onde foi parar o sujeito singular que há em Paulo Reis?

Diferenças tratadas, tudo parece absolutamente pacífico. Sem rebuliços. Tudo devidamente assentado nalgum sentido que cumpre os seus procedimentos: amparar, suprimir, modelar. Uma explicação, nesses casos, acalma o espírito.

Não, não é nada disso! Volte, esqueça esses dois primeiros parágrafos, não ficaram próximos. Estão inadequados quanto ao conteúdo. Um pouco de água, café e respiro. Recomeço: não é que o bom senso enterrou a diferença, é apenas que a diferença constatada é tão pequena que nem parece diferença! Ou melhor, encontra um ponto de elucidação que a refaz como igualação – uma igualação desigual. E a isso se presta a inclusão social.

O reconhecimento de que tudo na vida pesa, a fragilidade do ser posta sob os holofotes, o cotidiano pisado na ponta dos pés, devagar, pra não fazer estrago. O futuro empurrado no mapa, colocado na frente do nariz, pra não fazer perder nem ser perdido. O próprio mapa, sendo ele, sincero, quase descartado. O medo.

Não, também não é isso. Está tudo muito depravado, querendo se vangloriar nas palavras quando na verdade não há muito o que com-ple-xi-fi-car. Complicada essa coisa de ser simples.

Paulo é um ser aberto, reto. Calado nas suas abstrações, vagueia pouco. O pouco que vagueia é pra manter-se no lugar. Sempre. Podemos resumir assim: nasceu; cresceu (um pouquinho); surtou; melhorou. Continuou crescendo, trabalhou (um pouquinho), aposentou. Continuou crescendo (porque isso a gente faz até morrer), trabalhou mais, agora de forma diferente. Continua, sem sobressaltos.

É o que poderíamos chamar de: caso exemplar.

Mil novecentos e oitenta e sete é o ano. Não de nascimento, mas de aposentadoria. Aos 24 anos. Invalidez. Antes disso, foi garoto arteiro na escola. Pouco tempo: quando é reprovado, no primeiro ano do primário, muda o comportamento e passa a ser o melhor aluno da turma.

Aos 13 anos começa a trabalhar, numa oficina de lanternagem. Fica lá até os quinze. Depois começa ofício em outra empresa, da qual já não se lembra muito bem: é a época dos primeiros sintomas de sofrimento mental. Uma confusão mental, por incerto.

Retoma o percurso. Vai estudar no CEFET, faz eletrônica. No 2º ano do ensino médio sente novamente sintomas de sofrimento psíquico, dessa vez com intensidades – e consequências – maiores: dispersão; mania de perseguição; apatia. É reprovado nos estudos.

E o misturar de tudo.

> Comecei a trabalhar no CEFET, onde eu estudei, no segundo grau. Fazendo curso de eletrônica, e eu trabalhava durante o dia como bolsista e a noite eu estudava. E... mas aí, quando eu desvinculei é... do CEFET, é... da escola... do segundo grau.. aí eu... aí eu também parei com o trabalho... Tentei reiniciar o trabalho em outras, em outras oportunidades, né? Voltar ao trabalho, mas não tive sucesso. E aí assim, foi um período longo de, é, de muita confusão na minha vida, internação em instituição de sofrimento mental e foi assim, é... é... foi determinante é, no meu comportamento, na... é... mesmo porque o acompanhamento, é... às vezes não eram continuado, aí as crises voltavam, reiniciavam, e... mas é... (pausa). Isso foi, foi mais de início. Depois eu comecei a tomar consciência de que tinha que buscar um tratamento contínuo e de que não podia ficar sem o remédio, né? (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Muita coisa aconteceu: internações, mal entendidos e incompreensões de familiares, dificuldades em lidar com o próprio corpo e a medicação... Daí alguma coisa acontece – o transcendente! Uma busca que se fez passar por tantos espaços e tempos e esperas conspiradas em plano objetivo-material precisou elevar-se até o infinito do **outro mundo** para encontrar algum respaldo. Tudo termina exatamente onde começa, apesar da forma distinta: é que teve o caso do médico de inclinação espírita:

> Às vezes eu ia pra escola e voltava e ficava andando pela cidade (riso), circulando, às vezes eu me perdia, ficava pedindo informação pra eu voltar pra casa e aí assim, né? E a questão da medicação é justamente por isso, né? Acho que não tendo a medicação eu ficava pior, né? Porque aí o quadro não estabilizava, estabilização... (...) Aí eu fui consultar com um psiquiatra. Aí ele começou a receitar medicação, comecei a fazer o tratamento e o, mas o médico que ele [o pai] me levou inicialmente, ele era médico, e... e... ele era médico psiquiatra e era também espírita. Ele tinha também uma, uma, uma... como se diz, uma doutrinação espiritualista, né? Da religião do espiritismo. E ele começou a... a... a me falar de certas coisas... e aí a minha mãe começou a... talvez por indicação dele mesmo, a me levar em centro espírita pra poder é... talvez... direcionar essa questão do sofrimento mental pra alguma coisa dos espíritos. E aí tinha seção de passes, tinha a... que eles falam no espiritismo... Tinha medicação também que era natural, essas coisas. Mas assim, foram várias experiências, né? Minha mãe me levou na Igreja Evangélica, né? (riso) E... e também outras questões, até no centro mesmo... de terreiro... (riso) pra poder estar solucionando... e eu sempre relutando, né? Nunca gostava desse tipo de envolvimento, mas aí depois a gente superou isso (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Suas respostas estavam em outra doutrina:

> E tive toda essa formação aí de... de... (...) É religiosa, e doutrinal, que é... que norteou a minha vida nesse período todo, como uma semente foi lançada e que, e

> que eu acho que deu seus frutos, deu seus frutos e continua dando, né? E eu acho que foi o que me sustentou esse tempo todo, né? Na fé... Que eu tinha, que... e que não me abandonou, e que eu também não abandonei... Assim, de certa forma eu às vezes me afastei, por questões né, da saúde, mas, da Igreja, mas assim, sempre me sustentava aquela noção do transcendente, de Deus que eu comecei dentro da igreja católica. (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Acalmado o espírito, deu-se de refazer a matéria. Não exatamente um depois do outro, porque essas atribulações nunca ocorrem assim, em fila, cada uma esperando a sua vez de bater o carimbo. Em verdade é tudo um tanto misturando, os planos um em cima do outro, uma orgia de pensamentos e decisões e rezas e atitudes e repreensões e penitências e reelaborações e, vixe maria!, o que mais viesse-está porvir. Da matéria, primeiro não veio o trabalho, ficou parado no oitenta e sete, vieram as oficinas terapêuticas, ainda no regime hospitalocêntrico do Galba Veloso, e a coordenação de um grupo de estudos bíblicos, ligado à igreja católica.

> (...) aí assim, em 1993, é... é isso mesmo... 93 eu comecei a ter experiência de participar de oficinas terapêuticas, de uma oficina terapêutica ali no Galba Veloso, no hospital-dia. E ali comecei a exercitar minhas habilidades, tal, tentei me reabilitar, com essas questões sócio, é... social, sócio-familiar, e... e aí, assim, eu comecei uns dois anos frequentando essa oficina e fiquei mais na oficina de marcenaria artesanal, né? Fiquei uns dois anos nessa oficina assim, trabalhando, aprendendo um pouquinho a lidar com madeira. (...)
>
> De 93 mais ou menos a 95 eu comecei é, a... a ter um trabalho de coordenação de grupo de reflexão na igreja católica, né? E a gente tinha um roteiro pra seguir, eu coordenava as reuniões, assim, é... tinha esse roteiro, e a gente trabalhava a luz da palavra de Deus, a luz ali do Evangelho, das leituras da Bíblia, e... trabalhava as questões do dia-a-dia das pessoas, o que elas viviam, vivenciavam, a questão de, é, social né, tudo isso aparecia assim, bem forte, nesses grupos, nessas reuniões (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Exatamente o que promoveu a torção. E o salto. A partir de 1996 passa a se tratar na rede substitutiva de saúde mental, onde rapidamente passa a ser um dos protagonistas do movimento da luta antimanicomial. Começa a coordenar uma oficina de marcenaria num Centro de Convivência. Em 1999, faz o curso de qualificação profissional organizado pelo FMSM, e depois participa da fundação da Suricato – empreendimento do qual já foi Coordenador Geral, e que faz parte até hoje. Participa também, com cargo de direção, da ASSUSAM – Associação de Usuários dos Serviços de Saúde Mental de Minas Gerais. Sua participação em seminários, congressos, colóquios e encontros sobre saúde mental e economia solidária são frequentes. A aposentadoria, mesmo que pouca, lhe confere estabilidade financeira. Sua vida reorganiza-se tomando como elemento central os movimentos sociais da Reforma Psiquiátrica, da Luta Antimanicomial e da economia solidária.

> Então isso assim, é... procurar dosar as coisas, né? E não ficar isolado, não ficar num canto sozinho, procurar os serviços, os grupos, de ajuda, essas coisas, e mesmo o trabalho, após... quando a pessoa está mais estabilizada, mais produtiva, assim, buscar mesmo essa experiência do trabalho, naquilo que tiver condição no momento. Naquilo que for possível. Sair dessa inércia, aproveitando aquilo que tem de espaço de produção, investindo e não fazendo isso, não fazendo disso uma mera, uma mera, uma coisa que foi empurrada por uma pessoa, mas assim, investir naquilo, fazer por onde, mesmo que seja uma coisa mais simples que a pessoa esteja realizando, mas assim, é, fazer mesmo um movimento de fidelidade naquele momento onde a pessoa vai extrair o máximo daquela experiência enquanto espaço de aprendizado e aí preparando também pra vida, pra essas coisas... pra assumir talvez posições maiores, de mais importância ou de mais responsabilidade... e também a gente tem uma compensação, um bônus muito grande também quando a gente percebe que o que a gente fez é algo que é realmente, é, foi vultuoso e conseguiu mesmo, construir algo na vida (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Segue construindo. Está agora com 48 anos e pensa em constituir família, pois acredita na sua vocação para o matrimônio e na vida austera. Coisas transcendentais, deve ser. Apesar de, no momento, estar sem companheira amorosa, vem se preparando pra isso: o controle da sexualidade, o crescimento profissional. Tudo uma questão bastante cristã: ele nasce, ele cresce, ele sofre, ele tem fé, ele supera.

FIGURA 6 – Paulo Reis
Fonte: Foto de Cyro Almeida

2.6 Cleiton

Já no início era a mãe. No final também.

Fala-se de um lugar que não é em si mesmo dado, talvez apenas refletido. Uma história construída em ressonância e dissonância: alguns poetas e intelectuais escrevem a quatro mãos; outros, artistas da vida, remontam suas histórias a duas vozes.

Foi como se eu quisesse entrevistar uma personalidade bastante famosa, e para isso tivesse que travar todo um relacionamento com o seu empresário antes: o acesso ao Cleiton era sempre mediado por sua mãe, a quem coube de certa maneira avaliar e avalizar o encontro. Ela mesma participava das conversas sem nenhum constrangimento, apesar do caráter muitas vezes privado dos conteúdos. Não foram poucas as vezes em que respondeu no lugar do filho, o interrompeu e o impediu de elaborar uma fala propriamente sua. A primeira conversa aconteceu mais ou menos assim:

> *Pesquisador*: Ah tah... Vocês costumavam brincar de quê?
>
> *Cleiton*: Ah, quando nós era bem pequeninho nós brincava de casinha...
>
> *Mãe do Cleiton*: Num brincava de casinha, num tinha nada disso, você não brincava disso não... você tá lembrando tudo errado, não teve nada disso (...)
>
> *Pesquisador*: Mas não tem problema não, Dona Aparecida...
>
> *Mãe do Cleiton*: Mas num teve isso não (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

E foi-se decorrendo assim: entre uma e outra interrupção, uma resposta. Sempre nos intervalos. E várias outras, que nem chegaram a aparecer. Mas acontece que aquele arranjo embargado, sobreposto de gente e de fala, não poderia ser considerado um desvio, ou mesmo ser tratado sob o apelo da irritação ou da nulidade: ele **era** assim, e assim estava pro mundo. Aquilo já era em si um sintoma de uma relação que no mínimo carecia de atenção, uma curiosidade pra tentar desvelar. Dessa forma, o que antes parecia simplesmente superproteção e desconfiança, mostrou-se bastante mais complexo. Duas histórias que se cruzavam e se misturavam, se refaziam uma na outra. Não tinha jeito mesmo: era preciso escavar duas histórias, a do Cleiton e a da mãe.

Ele, nascido belorizontino em 1980, apesar dos trinta anos, era de uma presença pueril: estava nos olhos, no modo como pedia desculpas, em como relatava suas experiências, nas coisas que perguntava. Aparentava mesmo uma inocência que talvez nem tivesse. Poderia até ser um desses raros casos em que o espírito é de uma pureza tão surpreendente que se

manifesta nos pequenos atos, deixados desimportantes quando supostamente centrais, e sentidos como absolutamente fundamentais quando esquecidos pelos outros. Talvez.

Sempre morou em dois bairros periféricos na cidade, primeiro o Cabana, até os onze anos, depois o Conjunto Jatobá IV, onde vive até hoje. Da infância recorda pouco, apenas da primeira escola em que estudou, a Fundação Dom Bosco, uma instituição para crianças com necessidades especiais:

> Era pra eu relembrar as matérias, né? Tipo... é esforçar bastante a mente (...) É uma escola especial, né? Especial, bastante especial mesmo (...) É tipo assim, os colegas meu, lá da, lá do Dom Bosco eles passava mal e desmaiavam, eles ficavam tremendo assim, entendeu? Aí eu via aquilo tudo e começava a chorar, entendeu? Ficava nervoso (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

Já com quase vinte anos é que muda de escola. De uma lembrança à outra, pouca coisa se reteve ou se quis mencionar. Uma existência cheia de ausências, talvez.

> Eu tava na terceira etapa do Dom Bosco, aí aqui no Elói era... não tinha etapa não, era só série, né? Era primeira, segunda, terceira, quarta... Aí eu fui comecei na, aqui na primeira. Aí eu fiz uma prova, aqui na Elói, pela prova caiu questões de português, matemática, as matérias que eu já sabia. Aí eu fiz a prova, passei na prova, aí já me colocaram na segunda. Já não tava na primeira mais, fui pra segunda... Aí da segunda a professora viu que eu tava bastante adiantado... aí ela foi e falou com a diretora: "Ele não pode ficar aqui não, porque ele tá muito adiantado e as matérias que ele sabe, tem vez que ele até me explica também. Então ele não pode ficar aqui não, ele tem que ir pra outra sala, mais adiantada ainda". Ou seja, era outra série, né? Aí da segunda eles me passou pra quarta. Aí eu fui pra quarta, quinta, sexta, sétima, oitava... Aí na oitava eu formei... formei o primeiro grau, né? Completo. Aí foi eu parei de estudar, que eu comecei a trabalhar (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

As experiências de trabalho vão aparecendo às prestações. Algumas entrecortadas por experiências de sofrimento mental, outras enamoradas de uma vontade de deixar tudo isso pra trás. A tão sonhada normalidade.

Os primeiros trabalhos são bastante fugazes, duram pouco. Na CBA, empresa que montava cestas básicas, um mês. Na Coca-Cola, a que se refere com orgulho, apenas quatro dias. Na marcenaria do seu Eustáquio, perto de casa, também pouco tempo. Todos trabalhos ainda precarizados, sem registro em carteira.

O primordial da inconstância é a sua própria condição de saúde. Ainda era difícil, naquele momento, sustentar-se nesses trabalhos, e edificar a si mesmo. A pressão, a fragilidade, o choro, a falta de meios, o desabar: a vida cobra os seus preços.

> (...) eu trabalhava na igreja com... com um colega nosso, um colega meu, vizinho daqui de casa, o Sérgio. Ele era pedreiro. Aí ele me chamou pra trabalhar pra ele de servente. Aí eu, a gente tava trabalhando lá, aí eu... eu trabalhava de dia e estudava

> de noite, trabalhava, aí... eu fui e misturei as coisas tudo, aí eu fui e comecei a passar mal... entendeu? Aí eu... o que ele mandava eu fazer eu fazia, trabalhava certinho, e tal... Mas aí depois eu comecei a até passar mal, aí é, foi aí que ele falou: "Ah, procura um médico pro cê sô, que cê não tá legal, cê... Assim, cê tá vindo..." Aí eu começava a chorar no serviço, entendeu? Tinha, me dava crise de choro... Aí é... eles mandavam eu procurar é... o médico, entendeu? Que eu tava passando mal... Aí foi onde eu procurei o CERSAM (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

O tratamento no CERSAM dá resultado, e ele passa a frequentar o Centro de Convivência Barreiro. Nisso ainda conta com vinte e poucos anos. E a demanda por trabalho continua. Uma coincidência e ele se vê tentando os rumos numa marcenaria novamente: alguns anos antes, tinha feito um curso profissionalizante do Qualificarte[19], e isso acaba por depois lhe aproximar da experiência de trabalho solidário da Suricato.

> Foi tipo assim, a Guilhermina [do Centro de Convivência] tinha me falado um pouco da Suricato, né? Aí... Ela falou assim: "Ó, é um, é uma associação que tem como objetivo de você trabalhar, de ter uma renda... não uma renda completa, mas um pouco, assim, que dá procê... uma ajuda", entendeu? Aí... eu fui perguntei pra ela assim: "Ah, e qual, e qual as profissão que tem lá, hoje, no dia atual?" Ela falou assim: "Tem a marcenaria, tem mosaico, tem costura e tem a culinária." Aí eu interessei pela marcenaria! Eu já tinha feito um curso de marceneiro antes... no Qualificarte III, lá no bairro Ipiranga aí eu fui e interessei mais, né? Porque, por causa do curso (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

A sua participação na Suricato mantém a inconstância dos outros empregos. O que ele queria era um trabalho formal, estável, com o qual pudesse contar com uma remuneração segura ao fim do mês. Nada do que o empreendimento solidário tinha a lhe oferecer naquele momento.

> É porque, tipo assim, eu via as oportunidades lá fora, aí eu saía da Suricato e pegava as oportunidades, né? Aí depois é, que passava, aí eu voltava pra Suricato (...) Eu pensava assim, que era um serviço fichado, eu podia trabalhar, ter meu pagamento todo mês... (...) A questão que eles [na Suricato] pagavam lá porque... custava a pagar, né? A gente só recebia pelas peças que vendia, ou então as encomendas que fazia... Muita encomenda, a gente entregava e recebia... mas fora disso a gente quase não recebia nada não (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

Numa dessas saídas, encontra o emprego formal que sonhava. A atividade: auxiliar de carga e descarga, numa empresa de sinalização e gerenciamento de trânsito. Carregar caminhões com placas e postes e o que mais fosse necessário no expediente de oito horas diárias. Um trabalho pesado, que também cobra os seus preços.

> (...) eu fui lá na prefeitura, aí eu tinha feito curso de marceneiro, minha ficha tinha ficado arquivada lá, com as meninas lá... Aí eu fui, peguei e... cheguei lá e perguntei

[19] O **Qualificarte** é uma política pública municipal de Belo Horizonte, criada na década de 1990, que é voltada para a inclusão produtiva de sujeitos em situação de vulnerabilidade e risco social.

> ele se não tinha alguma oportunidade de emprego, lá... Aí a menina pegou e falou: "Olha, tem é... tem uma firma aqui que tá precisando de ajudante de carga e descarga que é a Batatinha" - onde eu trabalho hoje - aí... "Tá precisando pra trabalhar de ajudante de carga e descarga, você interessa na vaga?" Falei assim: "Interesso." (...) Inclusive aqui na Batatinha já fiz, eu já fiz um ano e dois meses já (...)
>
> Olha, é... no começo tava sendo tudo as mil maravilhas, né? Aí depois foi passando uns tempos eu tive uns probleminhas com ele lá [o chefe], respondi ele, aí eu fui, aí ele foi me deu um balão lá, entendeu, um balão de três dias... aí depois eu voltei a responder ele de novo, ele foi e me deu outro balão (...) Ele queria que eu descarregasse o caminhão, né? E o caminhão tava cheio, muito cheio de tubo, uns tubo grossão assim, ó, então falei com ele que eu tava bastante cansado. Aí ele falou assim: "Ah, então você não vai descarregar o caminhão não?" Eu falei assim: "Eu num vou não, tô cansado, tal, num tô a fim de descarregar..." Aí ele falou assim: "Não, não é assim, não! Você tá aqui é pra trabalhar! Vai lá descarregar o caminhão lá..." Aí eu fui e saí andando e falando com ele: "Não vou descarregar não!". Aí ele foi e me chamou, falou assim: "Ó, então vem cá no departamento de pessoal que nós vamos lá e eu vou bater um balão pra você agora!" (...) A segunda vez foi a mesma coisa também... Mas agora ele falou assim que se eu voltar a responder ele de novo e tomar outro balão, aí dá justa causa. Aí ele me manda embora da firma... Entendeu? Mas agora eu tô tranquilo, não tô respondendo ele mais, tô tratando ele assim, com respeito, né? (Entrevista 6 – CLEITON)

Nisso, vai se virando. Dias bons, dias ruins. Nos primeiros, garantido o dinheiro, vai à rua, gosta de jogar: o décimo terceiro salário perdeu todo em máquinas caça-níqueis. Nos segundos, reclama com a mãe do trabalho pesado, cai exausto na cama. Ele avisou que não dava conta, mas a mãe insistia.

Da convivência cotidiana, guarda poucos afetos: sem amigos ou animações. Tem uma irmã, por parte de mãe, pouco carinhosa. O maior sonho é casar. Com uma mulher bem bonita. Fala também num trabalho de roupa limpa, desses de escritório. Contabilidade, talvez: "Porque eu ia trabalhar limpinho, cheiroso, arrumadinho... As meninas ia gostar de mim mais limpinho..." (Entrevista 6 – CLEITON)

Não esboça lazeres. Antigamente tinha a igreja, mas não frequenta mais. Passa o tempo geralmente em casa, onde vive com a mãe, em frente à TV.

Aliás, a mãe. Dona Aparecida. É onde tudo se complica. Ou se esclarece. As pressões que faz no Cleiton: para que estude, para que trabalhe, para que arrume um trabalho melhor, para que arrume o quarto, para que não saia na rua sozinho, para que não demore na rua sozinho, para que cuide da saúde, para que responda corretamente as perguntas que eu lhe faço. Uma presença sufocante.

Não foi novidade dizer a ela dessa característica invasiva e superprotetora, e que isso pode afetar a autonomia e a relação do filho com o mundo: já ouviu isso antes. Mas insiste nessa relação, assim. É que os termos pra ela são outros.

Parece um pouco-muito com a canção: é como se quando o Cleiton nasceu algum safado dum anjo lhe decretasse o erro: "vai ser *gauche* na vida"[20].

Mas a mãe resolve ir até o fim. É ela quem percebe que alguma coisa não vai bem logo aos dois meses, quando não consegue amamentá-lo. Começa então uma odisseia de trabalho-hospital-internação que dura quase dois anos: a avó do Cleiton cuidava dele de dia, para em seguida Dona Aparecida chegar do trabalho e levá-lo a intermináveis consultas.

> *[D. Aparecida]:* Olha, o Cleiton quando ele nasceu, ele nasceu já com esse probleminha de saúde, com dois meses eu descobri. Eu descobri com dois meses, assim mesmo porque ele não amamentava no meu peito, ele não aceitava o leite. Eu punha o peito na boca dele, o leite descia e ele vomitava o leite fora. Que ele não aceitava. Aí eu fui descobrindo com o pediatra... Aí eu fui fazendo acompanhamento dele com o pediatra e o pediatra dele, eu junto com ele, nós fomos descobrindo (...) Ele dormia batendo com a perninha desde pequenininho, batendo com a perninha... e eu pensava que era mania, e eu perguntei pro médico pediatra: "Ele dorme batendo a perninha, é normal isso?" "Não, não é não... vamos pedir um neurologista pra olhar ele". Então eu comecei o tratamento dele bem cedo, porque igual os médicos falam que se eu deixo pra levar no médico mais tarde, talvez poderia ter agravado mais ainda o sistema dele, né?
>
> E ele tinha o intestino descontrolado. Ele alimentava e depois botava tudo pra fora, não ficava no intestino, dava disenteria, então eu fiquei assim a parte do meu tempo tudo ocupada com ele, era muito médico, ele ficava internado... e eu trabalhava fora na época porque eu era mãe solteira, né? Então eu tinha que trabalhar pra cuidar dele... Eu não tinha o pai dele pra me ajudar, então eu tinha que lutar... Aí ele ficava com minha mãe e eu ia trabalhar, quando eu chegava minha mãe falava comigo assim: "Ó, o Cleiton não tá legal não, ele tá assim, assim e tal..." Aí eu corria com ele pro médico, chegava lá o médico internava, era só médico examinar ele e já ia internando... E eu falava: "Nossa, será que meu filho num vai ficar longe do hospital mais não? Toda dia é hosp..., não, toda vez que consulta, é hospital, tem que internar..." (Entrevista 6 – CLEITON)

Ela, sempre presente. A única, na verdade: o pai do Cleiton nessa época tinha sumido. Os avós pouco podiam fazer. E, nessa de uma presença inseparável, é Dona Aparecida quem vai defender o filho nas vezes que acontece de ser negligenciado pelo hospital. Era como se ninguém mais olhasse por aquele garoto.

Ninguém lhe botava esperança. Os médicos diagnosticam disritmia cerebral, e um problema de má formação nos ossos. Dizem que o Cleiton não vai andar, nunca. E Dona Aparecida lá, despida das **vulnerâncias**. Acreditando. A única.

> *[Dona Aparecida]:* Mas os médicos tinham falado comigo que ele não ia andar não. Tinha desenganado: "Ó mãe, seu filho nunca vai andar. Ele nasceu com uma falha na coluna de uma chave... Entendeu? E por causa dessa falha ele não vai andar". Aí eu falei, não, mas Deus não desenganou não, eu vou pedir pra Deus e ele vai pôr meu filho pra andar. Aí os médicos lá do Baleia me desenganou, do antigo Sarah

[20] Do *Poema de Sete Faces*, de Drummond (ANDRADE, 1978, p. 3).

> Kubitscheck nos desenganou... eu falei: “Não... mas Deus não me desenganou”. (...) Aí eu pedi na sexta-feira, quando foi no, no domingo, meio dia e meia ele começou a andar em cima da minha cama [aos dois anos e quatro meses]. Sem ninguém ajudar ele, sem ninguém ajudar (...) Aí eu fiz o que eu falei né, saí com ele andando tudo, terminei a caminhada dele na [igreja evangélica] “Deus é Amor” lá na Amazonas. Aí eu peguei e contei a minha obreira ela falou: “Não, vou contar pro pastor e ele vai te dar a oportunidade de você dar o testemunho...” Aí ela foi lá e falou com o pastor, o pastor: “Não, vamos pegar o testemunho dela, muito bonito, muito bonito...” Aí dei o testemunho, e depois disso, o Cleiton começou a andar, mas esfolava assim juntinho embaixo do pé, de dentro, ficava desfolando. Aí eu falei: “Senhor, eu pedi meu filho perfeito!” Aí veio aquela voz e falou no meu ouvido de que ele tinha que usar essa bota e que ele não ia usar o bota tudo não. Era só pra complementar o médico, que médico pediu pra ele usar, né... Aí ele usou a bota, o moço falou comigo assim lá da oficina, assim que a senhora fizer essa a senhora volta pra nós fazer outra. Aí aquela voz tornou a falar comigo: ele não vai usar nem essa toda! Não usou nem essa toda. Usou só o que, acho que 3 meses ou 4... Aí daí pra cá ele veio andando normalmente e tudo (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

Assim, contra tudo e contra todos, o “menino-problema” segue. Quando o pai volta, o Cleiton já grande, mais uma tentativa de retomar a relação com Dona Aparecida, pouca coisa muda: a rejeição paterna continua.

E era agressivo, o pai. Esse não-querer o filho dava numa hostilidade e descrença no seu futuro. Um dia, virou porrada.

> *[Dona Aparecida]:* E... o pai dele veio ficar com a gente e tudo, mas assim ele não aceitava do Cleiton ter problema. Ele nunca aceitou, nunca! Ele falava assim: “É, tem pai aí que tem problema e os filhos nascem normal. A gente não tem problema nenhum mental e o nosso filho nasceu assim...”. Ele não aceitava! De jeito nenhum! Aí ele falava pra mim: “O Cleiton nunca vai trabalhar de carteira assinada, nunca vai ter um serviço de carteira assinada, o Cleiton nunca vai ter uma família! Nunca vai casar e possuir uma família”. Eu falei: “Eu nunca disse, eu nunca falo nunca, nunca! Porque o nunca é uma coisa determinada, é uma coisa que você não vai ver aquilo...”
>
> Ele [o Cleiton] entrou e interferiu na frente assim, e tal... “Não, você não põe a mão na minha mãe, se por a mão na minha mãe, eu pego você”. Entendeu? Ele me defendia (...) Aí, foi quando pai dele ia, foi pra matar ele mesmo, com um pedaço de cano de ferro desse tamanho. Eu aparei tudo no braço, eu quebrei meu braço, mas eu não deixei ele matar meu filho (...) Eu aparei as pancadas todas em cima do meu braço... Falei: “matar meu filho você não vai não!” Porque quando eu tava grávida ele tentou fazer eu abortar, muitas vezes. Eu falei: “Não, aqui é fruto do nosso amor, é meu primeiro filho, e ele vai nascer.” E Deus abençoou que ele nasceu. (Entrevista 6 – CLEITON)

A violência desmedida do companheiro mais uma vez deixava a constatação, inescapável: Dona Eunice estava sozinha na tarefa de cuidar do Cleiton. Já nesse tempo não se sabe mais quem cuida de quem: ela precisa tanto dele quanto ele dela. E, quando os pais dela falecem, os dois quase juntos, num mesmo mês, é ela quem desaba.

> *[Dona Aparecida]:* Num dava conta sozinha, eu começava a lembrar da minha mãe, do meu pai, olhava para o meu braço, tava doendo demais... Juntou muita coisa, pra você ver... Os médicos do posto vinham me consultar aqui em casa! Porque eu fiquei

> com a mente muito sobrecarregada de tudo... Nossa. Meu, meu, meu sistema emocional, neurológico, tudo, tudo, eu não comia... E achava que já tinha comido... você entendeu? (...) Nó, eu fiquei assim, eu falei: "Nó, eu vou morrer, de tanto tomar remédio..." Aí depois, remédio de pressão também (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

A solidão e o desespero são tão grandes que Dona Aparecida resolve tentar recompor-se ao lado do antigo companheiro. O mesmo que lhe quebrara o braço e tentara matar o próprio filho. Muda-se para a casa dele, mas sem o Cleiton, que fica aos cuidados da irmã. Mas a ligação de mãe e filho é mais forte que isso, e rapidamente ela volta. As adversidades precisam ser vividas juntas.

Diante de tantas dores, dela e do filho, não é de se estranhar mais que Dona Aparecida seja assim, superprotetora. Incansável, talvez ela diria. No decurso do viver do filho, ela ainda relembra brigas com médicos e professores (ninguém conhece melhor o Cleiton do que ela, era o que dizia, sempre), e com tantas outras pessoas que desconfiaram do potencial do Cleiton, "um dia ele chega lá!", ela acreditava nisso. Mantinha a fé. E isso passou a ser tão importante pra ela que já se tratava de provar pro mundo que o filho conseguiria.

> *[Dona Aparecida]:* Então quando surgiu esse primeiro serviço dele de carteira assinada, nossa, Deus do Céu! E quando deu o problema com ele lá na firma, eu falei com o... o outro lá, o encarregado, quando ele me ligou, que eles têm até o número do meu celular eles têm. Eu falei: "Nossa, ô seu Mauro, não faz isso não. Nó... Ajuda meu filho a ficar aí nessa firma, trabalhando, que é a primeira firma que ele trabalha de carteira assinada, as pessoas nunca deram uma chance pro meu filho, é a primeira chance que ele teve de trabalhar assim... **Não faz isso comigo não**, num é porque (...) que ele tá passando fome, ele não tá. Só que eu ganho salário mínimo, mas é bom ele trabalhar e ter o salário dele, ele é rapaz! Todo rapaz sonha em ter seu salário, ter seu serviço, seu emprego (...) (Entrevista 6 – CLEITON. Grifo meu)

Dona Aparecida pergunta: "se eu não cuidar dele e for mãe, quem vai cuidar dele?". E ela cuidava, sempre. Talvez daí viesse toda aquela aparência tornada infantil que ele tinha: a dificuldade em se pronunciar, em dar a conhecer a vida com os próprios olhos. Os olhos dele e dela se misturavam, compunham no horizonte uma forma única, que era influência dela. Ao que parece, a vida assim assistida, para não sofrer, também cobra os seus preços: evidência maior disso foi o pedido de Cleiton para interromper esse processo de reconstituir sua própria história. Voltar àquelas lembranças trazia o risco de junto retirá-las de algum lugar já devidamente assentado, forçá-las a ganhar outros significados. E isso incomodava, embaralhava os sentidos. Doía[21].

[21] Foi muito marcante esse incômodo do Cleiton, e a sua resistência em continuar: ele reclamou que aquelas conversas estavam lhe perturbando, lhe fazendo questionar o atual trabalho formal e relembrar a antiga experiência profissional, na Suricato. Provocava-lhe grande confusão e sofrimento esses pensamentos. E, embora aquilo me parecesse muito bom, porque sinal de que alguma coisa se transformava nele, era preciso respeitar os

2.7 César

César tem a boca torta de cachimbo. Nada físico, isso veio de uma batalha psicológica diária mesmo, carrega a marca no coração. Tapa atrás de tapa que levou, aprendeu a se desviar. A revidar. Agora a vida não bate nele: aprenderam a se respeitar.

Nasceu em 1972, como caçula de uma família de dez filhos, dois dos quais não chegou a conhecer. Cresceu na região nordeste de Belo Horizonte, no bairro São Paulo, onde vive até hoje. A infância, ele rememora, muito boa especialmente pelas brincadeiras. Foi também época de poucos estudos (repetiu ou largou várias turmas no ensino fundamental) e algumas lembranças amargas: os irmãos nunca lhe foram muito amáveis, implicavam com ele e o tinham como objeto de brincadeiras maldosas. Na escolinha, uma vez, foi acusado de rasgar o material de uma coleguinha, injustamente. Coisas que marcaram, dolorosas, mas que hoje ele entende como importantes no seu processo de crescimento e aprendizado.

> Aí, quê que acontece, isso aqui eu lembro que até hoje, olha procê ver, tem 38 anos, tem 30 anos isso mais ou menos, eu tinha sete anos, sete, oito anos de idade, nós fazendo a fila aqui, ó, uma... pra nós sairmos pra ir embora, porque na época os meninos do jardim faziam fila pra ir embora, aquela coisa toda, a professora deu é, eu lembro disso, a professora chama Alberta, eu lembro até hoje disso, olha procê ver, a memória, trinta anos depois... Ela deu folha, uma folha assim pra gente, de dever de casa, né? Aí... aí passou um menino e rasgou a folha de uma menina. E eles acharam que foi eu e me jogaram a culpa em mim. E ela tomou a minha folha e deu pra menina. E me deu a rasgada (...)
>
> E... então assim, é... aí foi isso. Eu passei por isso aí. Acho que muitas coisas na minha infância, eu tive uma infância muito legal, mas muitas coisas me marcaram e que eu vejo que... é, serviu como base para uma filosofia de vida minha, sei lá, enfim (...) (Entrevista 7 – CÉSAR)

É na infância também que vai ter sua primeira experiência de trabalho, carregando compras na feira do bairro com o carrinho de mão do pai. Depois, durante a adolescência, pouco fez: não estudava nem trabalhava. Um período esquecido. Nada mais que um curso de office-boy, feito após insistência da mãe, e que gerou alguns serviços, insignificantes nessa história.

A juventude é que traz as lembranças mais fortes. Difíceis. A dor sentida no limite do pensamento, o mundo desabando sem que se desse notícia ou salvamento. A primeira impressão, até pela calma com que se refere aos eventos, é que não foram lá tão difíceis assim

---

seus limites e o seu pedido. Interrompemos os encontros. Não chegou a ser fotografado justamente por isso. Mas, por outro lado, manteve a permissão para o relato das suas vivências aqui.

de superar. Mero engano: são dessas marcas que não se apaga, sequer domina: apenas se podem investir de alguma borda, pra evitar que se espalhem:

> É, um gatilho, entendeu? Tipo, se eu começar a falar da minha vida aqui aí eu tenho que me segurar! Entendeu? Mas se tiver tranquilo, eu posso ficar 365 dias numa boa, entendeu? (Entrevista 7 – CÉSAR)

Primeiro perdeu a irmã, Augusta, atropelada por um carro, quando ela vinha passar um feriado com o resto da família. Caiu de cima do viaduto. Um ano depois foi o pai: infarto.

> Depois disso aí desencadeou. Veio todo ano velório, todo ano... Já teve ano assim de eu ir duas, três vezes em velório assim de familiar (...) De primo, assim, tudo próximo. Grande parte envolvimento de droga (...) foram vários, mas nem todos os casos foram por causa disso. No entanto, foi quatro anos depois da morte do meu pai, um tio meu assassinado. Entendeu? Ele não era usuário, também, não era usuário de droga e ele foi assassinado. (Entrevista 7 – CÉSAR)

É o momento mais difícil de sua vida. Sente-se terrivelmente frágil e desprotegido. A vida, em toda a sua imensidão e descontrole, assusta. Não há garantias, lugares seguros. Apenas riscos. E dores.

À época da morte do pai, César trabalhava num frigorífico. A única lembrança que guarda desse trabalho é exatamente esta: que recebeu a notícia quando estava lá. Algum tempo depois, vai trabalhar numa churrascaria. É um momento de transição, em que busca superar os traumas desse passado recente, mas ainda com muitas dificuldades.

> (...) foi um período muito bom, da minha vida, que depois que eu saí da churrascaria parece que foi o inferno, aí começou a vir os problemas assim, entendeu? (...) Eu pedi pra sair. (...) a minha ex-patroa, eu tinha oito meses de serviço. Lá num tinha, nenhum desses oito meses ela tinha acertado certo comigo, o, o meu pagamento. Sempre nos vales, assim, e... na hora que, tipo assim, passava dois meses, três meses e eu trabalhando, ela vinha e só me dando vale: vale, vale, vale... Aí depois ela vinha e acertava, na hora que ela chegava lá: "Ah, aqui, isso aqui foram os vales que você acertou comigo", dá quatro meses. Então assim, eu não via, via frutos. Aí eu tava lá, quê que acontece, eu trabalhava lá era de... 4 horas da tarde, até a gosto... de Deus... Já teve vez de eu sair de lá 7 horas da manhã (...)
>
> Teve um dia lá que eu, pá!, enchi a cara, tomei todas, no bar vizinho (...) mas fiquei tonto igual um gambá velho, sabe? Aí, chegô lá: "Ô César!", ela virou pra mim [a ex-patroa], "Ô César, você tá bêbado?" Eu falei assim: "Tô, foda-se! (riso)" Aí ela: "Quê isso??? Tá me xingando?", e eu: "Ah, tô mesmo! FODA-SE também, que não sei o quê...", E eu fui xingando ela, sabe, tonto, e ela falou assim: "Você sabe que eu posso te dar justa causa por isso?", eu falei: "Eu tô nem aí, você pode até dar justa causa, tô nem ligando não, aí você vai roubar é meu dinheiro mesmo!" E xinguei essa mulher, e fui xingando, e xingando... Aí eu, nisso era, eu tava fora de controle de mim, entendeu? Aí o quê que acontece, aí quando foi no outro dia, eu fui, bateu arrependimento eu fui pedi ela perdão (...) E aí foi onde que, aí aquilo, depois disso aí, aí eu já não aguentava mais olhar pra cara dela não... Acho que foi uma semana, uma semana depois, eu pedi conta (...)

> Também era um período onde que eu não fazia, é, eu não é fazia tratamento psiquiátrico, né, mas sentia que tinha alguns problemas. Me parece que foi o primeiro, foi quando eu comecei a fazer um... é... um... depois que eu saí desse emprego, foi quando eu comecei a fazer tratamento psiquiátrico, entendeu? (Entrevista 7 – CÉSAR)

A retomada se anunciava mais difícil que o esperado... E, como não bastassem todas essas perdas ainda não cicatrizadas, o acaso novamente lhe cai amargo: pouco tempo mais tarde, o irmão é assassinado. E, junto com o irmão, se vai o resto de estrutura que lhe sobrara: o desabar-se sobre si mesmo, um sentir-se atordoado, algo que não se sabe explicar ou conter, apenas a cabeça pesando e caindo violentamente para o lado de fora (da razão). Suportar isso tudo já não era caso de escolher os meios, mas de agarrar-se às possibilidades.

Mas ainda teve forças e discernimento para, ele próprio, buscar ajuda psicológica:

> Eu tava encaminhando pra insanidade, viu? Eu tava encaminhando, vou te ser sincero, você vai ficar até surpreso! Chegou um ponto da minha vida dos conflitos, que eu comecei a ver vultos. Eu via vultos, eu tomei remédio, é... (...) tomei remédio pra alucinações e pra psicose. (...)
>
> Eu procurei um psicólogo, aí ele fez uma leitura do meu caso, né? E... aí eu comecei a fazer o tratamento com uma outra psicóloga especializada na saúde mental, (...) e viu que eu precisava de acompanhamento mais especializado, é, paralelo ao dela. Aí ela me indicou pra um psiquiatra (...) [a psiquiatra] chegou a ponto de falar comigo que eu era louco, ela chegou a falar pra mim que, se em dois anos... que o período em que eu não tinha procurado alguém, se eu passasse mais dois anos, eu tava correndo um sério risco de matar uma pessoa.
>
> Procê ver, ao ponto que eu cheguei. No entanto, aqui, eu me mutilava, aqui... Esse, essas mutilações aqui, na psiquiatria é considerado um dos casos mais graves, na psiquiatria, que é o de automutilação (...) Era um período que eu tava conflituoso comigo, depressivo, né... e que... eu não sei se é, se é certo dizer, eu não sei se é por aí, mas era uma forma de acabar com uma dor com outra dor. Entendeu? (...) Já cheguei a ponto de querer mesmo, de faltar assim... 10% pra eu consumar [o suicídio]. (Entrevista 7 – CÉSAR)

Inicia o tratamento. A psiquiatra o encaminha para o Centro de Convivência São Paulo, o qual frequenta por cinco anos. Um período de reorganização, mas que não se dá assim tão fácil: depois de dois anos de tratamento, se envolve numa briga com a irmã, usuária de drogas.

> Uns dois anos mais ou menos fazendo tratamento, aí eu tive um conflito com minha irmã, né, que ela me agrediu, arrancou sangue... enfiou a unha aqui, de baixo da minha língua, arrancou sangue, pegou o ferro de passar roupa, deu uma ferrada na minha cabeça... Essa que era usuária de droga, né? Aí né... aí... minha mãe me levou pra, lá pra essa médica que eu tava consultando com ela, ela viu que eu tava hesitado demais, muito agitado, aí foi aonde ela me sugeriu, a internação. Ai eu falei: "Não, não quero internar não!" (...) Aí até eu lembro até que eu até falei pro motorista assim: "Oh, você não liga essa bosta dessa sirene não, viu? Que eu não gosto desse negócio não!" (...) Mas eu fui me no... em... no... no hospital psiquiátrico [Galba

> Veloso], lá eles me deram uma injeção lá, e eu voltei tranquilo... Então assim, eu sei que teve alguns momentos da minha vida que eu cheguei lá no fundão mesmo, assim. Né? (Entrevista 7 – CÉSAR)

Pouco tempo depois, o acaso novamente: essa mesma irmã, envolvida numa trama nelson-rodriguiana, é assassinada. Era como se em cada esquina a vida fizesse questão de socar César, com requintes de crueldade: cada vez com mais violência e sem piedade. Cada uma dessas fatalidades arrancava-lhe uma certeza, cada lágrima anunciava a difícil tarefa que era continuar.

> Foi num período em eu tava num conflito devastador entre eu e ela. Sabe? Ela... Todo dia ela fumava [maconha]. Mas todo dia mesmo! E ela já tava no período da insanidade. Eu te falo que ela, já tava assim... chegou a ponto da minha mãe levar ela na delegacia (...) o fato que fez com que eles matassem ela, dizem que foi assim: ela tinha um namorado. O namorado, é, parece que tinha traído ela. Ou ela tava desconfiando dele. Ela foi, pra vingar, é, ficou com um rapaz, ficou com um outro rapaz. Aí quê que acontece? Ele descobriu. Aí ele foi, nesse beco aqui atrás, que tem aqui atrás aqui ó, atrás dessa casa amarela, o namorado dela matou esse rapaz. Entendeu? Ai passou mais ou menos um mês ou dois, eles mataram ela. Entendeu? Aí depois de mais uns dois meses eles mataram o rapaz. Aí tudo, não se prova, mas tudo se leva a crer que foi a família do primeiro rapaz que morreu... Danado, né? (Entrevista 7 – CÉSAR)

Pouco tempo depois, é a mãe quem falece. A dor parece fazer cama e morada na vida de César. Difícil mesmo imaginar o que foi tudo isso na vida dele, ainda mais agora, retomando essas lembranças com uma postura até mesmo cândida. Mais difícil ainda é entender como que ele suporta tudo isso. Na verdade, o surpreendente não foi o suportar, porque isso é o que todo mundo que não sucumbe a um anulamento total acaba fazendo. O que surpreende mesmo é perceber que ele não apenas suportou, mas se refez, inventou-se de outra forma tal que o acaso deixou de equiparar-se à morte ou ao sofrimento, e passou a ser algo mesmo que não se teme, apenas se respeita. E foi como se esse respeito virasse reciprocidade: o próprio acaso parece ceder, dando espaço para que um novo César se apresentasse pro mundo.

> Mas teve um período aí, depois que a minha mãe morreu, aí que eu, deu a sacudida na poeira, entendeu? Porque aí eu vi que era o momento deu... correr atrás, entendeu? Ou eu corria atrás, ou eu ia cair na sarjeta. Aí eu falei assim: Não, eu tenho meus valores, eu tenho que correr atrás... (...)
>
> Porque minha mãe faleceu... Há uns seis anos atrás, mais ou menos... Foi em 2004, se eu não me engano, porque 2005 eu comecei a estudar, porque eu voltei pra fazer na sexta série, né? (...) foi assim... eu tava deitado em casa lá eu falei: “Gente, nossa, eu tô passando uma magrela, tô passando muita necessidade, eu tenho que dar uma sacudida na poeira, né? Tenho que correr atrás.” Aí foi aonde que eu é... levantei do sofá, eu tava deitado pensando, né, aí eu levantei do sofá eu fui andando. Aí eu fui

> pra uns bairro aí vizinho, né, procurando se tinha vaga, era assim no período de fazer matrícula escolar, né, aí fui numa tal de Henriqueta, uma tal de Henriqueta Lisboa, né? Aí cheguei lá a mulher me falou a documentação necessária e tal, eu falei assim: "Ah, quer saber, eu vou correr atrás." Aí eu fui e... é... procurei arrumar os documentos, toda a documentação, só que teve um problema. Na escola onde que eu estudei que eu parei na sexta série, é... eles conseguiram me arrumar uma declaração escolar. E eu precisaria de um histórico escolar. Aí, o quê que acontece... Eu eu adoro desafio, entendeu? Aí cheguei lá com a declaração escolar a mulher me rasga na minha cara, falou assim: "Não, chegou gente na sua frente aqui, mas eu precisava era do seu histórico." Sendo que eu já tinha feito a inscrição. Nossa, aquilo eu fiquei invocado. Falei assim: "Gente, nó eu podia chamar a imprensa aqui pra essa mulher, e..." Tomar algum tipo de iniciativa, né? Pensei assim: "Não, deixa. Desafio lançado, vou pra outro lugar." Fui pra outra escola chamada Anísio Teixeira, no bairro União. Cheguei lá, primeiro dia: "Ah, tá fazendo matrícula?", "Ah, tá". "A, é..." a mulher foi e falou, secretária lá virou pra mim e falou assim: "Volta amanhã, que a gente tá, tá super apertado aqui." Voltei no outro dia. Chego lá: "Ah, tem como você voltar daqui a uma semana? Porque a gente tá fazendo só pra quinta série aqui, matrícula só pra 5ª série." Aí eu voltei. Na terceira vez, por sorte minha, tinha uma mulher fazendo, de uns 45 anos mais ou menos, fazendo matrícula pra 6ª série, aí foi onde que eu é... eu olhei a mulher e ela... e eu fui na frente da mulher e ela virou, não, minto. A mulher chegou lá falando que queria fazer matrícula pra 6ª série. Aí a secretária foi e fez a matricula dela, matriculou ela. Na hora que eu cheguei, ela veio falar pra mim voltar mais uma semana depois. Aí eu falei com ela: "Aqui, deixa eu te falar procê: tem algum, é... você segue algum critério pra fazer a matricula?" "Ah... a gente prioriza as pessoas mais velhas, porque aqui é EJA [Educação de Jovens e Adultos]..." "Ah, mas eu não sou de menor não!." Na época eu tinha acho que uns 30... 35 mais ou menos... não, não, 33 anos de idade. "Eu não sou tão novo não!." Aí quê que acontece, aí eu fui, pisei firme com ela lá, aí a secre... a vice diretora virou pra ela: "Peraí, deixa eu ver o rostinho dele!" Ela falou desse jeito, deixa eu ver o rostinho dele. Aí eu cheguei lá ela olhou pra mim assim e falou assim: "Oh, faz o seguinte, vem aqui amanhã que eu vou conversar com você." Aí vai eu lá no outro dia... Voltei lá, aí foi onde eu consegui. E eu vou te ser sincero, é... daí pra frente, é... eu vim. Correndo atrás de estudo, né... Fiz a sexta, sétima e oitava em dois anos, né? É... Depois eu tive que parar, porque eu arrumei emprego é, no hotel, aqui no Ouro Minas, onde que eu tava, eu trabalhava de madrugada, de 11 horas da noite até 7 da manhã. Aí eu não aguentei, eu fui e tive que parar. Mas eu, pelo menos eu fiz, eu conclui o primeiro e fui pro segundo. O segundo eu parei, é... uns três meses de estudo eu tive que parar, né... Parei de estudar, fiquei um ano e sete meses no hotel. É... aí quando foi esse ano agora eu voltei, agora eu tô conclui..., eu fiz o EJA, continuei no EJA, fiz o segundo no primeiro semestre né, e agora no segundo semestre eu tô terminando o terceiro... Fiz o ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio] também, né? Fui razoavelmente bem, pra quem não pegou nem um dia pra estudar... fui razoavelmente bem, entendeu? Eu fiz uma análise com os professores lá onde que eu estudo, a professora minha lá de português, ela... minha redação ela deu 7, aí eu fiz uma análise assim: bom, se com ela eu tirei 7, se eu tirar 5 no ENEM pra mim tá bom (...)
>
> Aí depois da minha mãe, parece que teve um cessar fogo, sabe? Daí pra cá, que eu lembro, só teve uma tia minha que ano passado que morreu (...) (Entrevista 7 – CÉSAR)

Daí pra frente, uma nova vida: já não frequenta mais o Centro de Convivência, e conseguiu outro emprego depois da experiência no hotel. Agora, trabalha como delator num supermercado: prevenção de perdas. Um eufemismo pra segurança contra furtos e roubos. Mas não é isso que importa: o mais importante é que se sente bem nesse trabalho, desempenha o seu papel com vontade e responsabilidade. E não se trata exatamente de uma

pretensão ou expectativa de crescimento profissional: apenas de reconhecimento, de saber-se capaz de dar conta desse trabalho.

> Trabalho na área de prevenção de perdas. É... foi assim, um cargo que eu vi, que eles me confiaram, porque de uma certa forma é, eu ali tô representando os donos da empresa, eu sei que eu exerço ali uma postura de autonomia paralela à do gerente, claro que o gerente, ele tem uma autonomia de me mandar embora na qual eu não tenho de fazer, é, de mandar ele embora, mas se ele errar, eu tenho como delatar pra que ele, pra que ele, supostamente, teoricamente, corra o risco ou até mesmo seja mandado embora. Entendeu? Então assim, tô... essa, esse cargo de prevenção é pra olhar tanto cliente como funcionário, sei dos riscos, entendeu, assim, de uma certa forma. É... no dia a dia ali você não sente o risco de vida, mas, é... é, não sei se a palavra certa é eminente, né? Ali a qualquer momento pode acontecer um assalto, e eu tô na, tenho que tá na linha de frente (...)
>
> De delatar, tipo, funcionário! Funcionário tiver, é... usando celular em horário de trabalho, fazendo degustação (...) Como os clientes... se eles estão degustando, já teve cliente lá que, pegou é... tava degustando, igual foi semana passada, tinha um cliente lá que tava degustando um iogurte, tipo um esses Dan'Up. Aí eu fui e vi ele, copiei ele, isso se chama copiar, né? Eu vi que ele tinha tomado o iogurte, aí eu já deixei ele de lado, mas eu vi que ele tava, já tinha, tava tomando o iogurte. E ao mesmo tempo é, eu fui tomar conta de outras coisas, e sempre pensando: "Ó, a qualquer momento ele pode tá passando." E por sorte, é, quando eu passei na frente do caixa, ele tava passando. Aí assim que ele pagou a conta dele, é... eu perguntei a operadora de caixa se ele tinha pago o iogurte. Aí ela foi e falou assim: "Ah, eu não lembro se ele tinha pago não, mas que eu peguei o iogurte dele e joguei aqui." Ai eu fui atrás dele, abordei ele, mas eu sei que, se eu acusar que ele tivesse roubando, ele podia processar a empresa e isso repercutiria contra mim. Ia dar problema pra mim. Mas eu abordei ele assim, perguntando, perguntei pra ele se ele tinha pago já aquele iogurte que ele tinha tomado. Aí o quê que acontece, ele foi e me mostrou a nota, eu vi que ele tinha pago, um iogurte, mas ele tava com outro na mão, e parece que ele tinha tomado mais outro, eu falei assim: "Ó, ele já pagou, quê que acontece, o carrinho dele tá cheio." Se eu for brigar com ele pra pegar outro, ele pode cancelar a venda, dar o maior problema, mas eu já vi que ele pagou, eu fui aí eu deixei pela metade do assunto, e voltei pra trás, entendeu? (...)
>
> Teve outra situação também, de uma menina, uma criança né, que tinha roubado uma barra de meio quilo de chocolate, eu fui lá, abordei ela, numa boa, conversei com ela, como se conversa com uma criança, né, perguntei sobre os pais dela, onde que estavam, chamei ela pra me acompanhar, numa boa, e... aí assim, a fiscal da loja lá, que fica na frente de linha, na linha frente, né, ela falou comigo que aquela criança era vizinha dela, e os pais daquela criança, um deles era juiz de direito (...) (Entrevista 7 – CÉSAR)

O trabalho vai bem, obrigado. E mais: o SUJEITO vai bem, obrigado. De fato, ele se reorganizou. Tem agora o controle de si, conhece o seu corpo, seus limites, sabe quando se avizinha de uma região por demais angustiante, sabe até onde aguenta e do que precisa distanciar. Aprendeu a fazer a **gestão de si**.

A vida agora está dividida entre o trabalho e o lazer, as coisas que lhe dão prazer: o esporte com os amigos do bairro, arrumar a casa e cuidar da cachorra de estimação, divertir-se com seus apetrechos eletrônicos. A vida afetiva não lhe interessa: vive sozinho, e é assim que

quer. Não dá para relacionamentos amorosos prolongados, prefere preservar o seu próprio espaço.

> Ah, eu sô muito tranquilo, eu não gosto de apego não. Não gosto não (...) Eu vou, eu vou, tipo assim, eu vou querer fazer sexo ali. De repente eu posso pegar uma menina aí e ficar. Sem, mesmo que eu pague, entendeu? Mas num, num tem essa coisa de querer um relacionamento, não tenho essa pretensão, entendeu? Mesmo até porque, assim, eu é... eu num tenho muita paciência não. Pra esse tipo de coisa não, entendeu. Então é uma coisa que pra mim num... num funciona não. (Entrevista 7 – CÉSAR)

Nesse processo de viver e se relacionar com o mundo, desenvolveu pra si uma filosofia de vida, que lhe ajuda a superar os momentos difíceis e a continuar. É nisso que se apoia no cotidiano e que lhe possibilita construir seus projetos.

> Eu, particularmente assim... o ponto principal disso é que eu é... é... procurei analisar as minhas virtudes e os meus defeitos, colocar na balança e tentar tirar proveito daquilo de bom que eu tenho. Entendeu? O meu potencial, que eu sei do meu potencial, da minha inteligência... Entendeu? Então, eu tirei proveito disso, fiz o equilíbrio, a análise de tudo isso, entendeu? Aí foi onde que eu cheguei, eu por mim, eu disse... eu poderia seguir os meus passos, entendeu? Que eu num precisava ficar pra trás não, só se eu quisesse. Que eu tinha esse potencial de correr atrás, mas eu tinha que me organizar. Eu, da minha forma, que eu achei melhor. Né? Pra mim isso que ajudou, de certa forma foi isso que vem dando certo, da forma que eu venho analisando. Claro assim que... é, é, dentro dos planos que eu fiz, eu sei que eu não consegui todos. Entendeu? Muitos já passaram que eu sei que eu num vou conseguir, mas os que eu já consegui pra mim já foram o bastante, entendeu? Então, assim, a pessoa, a pessoa que tem sofrimento mental, tem que colocar pra si: (...) nem tudo você vai conseguir não, e não é desses que você não vai conseguir que você vai ter que entregar o ouro não (...)
>
> Eu sei que eu tenho, digamos assim, os... aqueles restinhos ainda dos problemas né, tanto psicológico, é, quanto da própria saúde mental. Entendeu, eu tenho essa sensibilidade. Mas assim, é uma coisa que eu sempre trabalho comigo assim, em não dar margem pra isso. Entendeu? Tá sempre, é, ah, deu um problema aqui, comigo aqui, quê que eu vou fazer? Eu tenho que sair dessa. Quê que eu tenho que fazer? Eu tenho que parar de pensar, eu tenho que parar de viajar nessa. Eu sei que eu vou, tô trabalhando nesse parar de viajar nessa, mas é uma coisa que fica ali ainda martirizando. E na medida em que eu vou me desfocando do, desses problemas, é, e dessas situações, é... Vai saindo! Assim como, você pega uma pessoa que tem sofrimento mental, pega uma linha, que essa linha vai desmembrando até formar uma depressão maior, um caso mais grave, de hábito mesmo, lá da... de, ser psicótico, ou neurótico, o que for, é uma forma de reverter o quadro. Entendeu? Ao invés d'eu pegar essa linha e ficar tecendo ela pra virar uma rede, eu vou desmembrando ela. Entendeu? Vou saindo. Claro que eu não saio totalmente. Mas vou saindo ali, ó, vou me desfocando. Entendeu? E é uma coisa que eu, com o passar do tempo, eu é que trabalhei isso comigo. Entendeu? Dessa minha necessidade. De ter que sair dessa pra, é... pra ter uma superação. Entendeu? Tanto psicológica quanto social. E assim, é... enfim, então assim, eu que vim trabalhando, com, no tempo, com o passar do tempo, entendeu, e isso assim, num sei se você já viu um ditado que fala assim: "O uso do cachimbo põe a boca torta?" (Entrevista 7 – CÉSAR)

Depois de toda essa experiência, ele sonha escrever um livro. Metade autobiográfico, metade autoajuda pra refletir a si mesmo por inteiro. E sonha também estudar psicologia: agora, os labirintos da mente humana fascinam mais que desesperam. Mistérios: esse, o ponto último e primeiro, um se guardar e se revelar nas sombras e devires, nas multidões escondidas num só e na serenidade transmutada em agitação.

Se fazer desfazer refazer nada a dizer
o completo abstrato do ser
imensidão sem querer
simples meio de ver
a verdade desmanchando entre os dedos
fechando
já não sofre ao chorar
já não cala ao gritar
alguma coisa se abre
se revela em calar:

não dizer também acontece de ser. Agora.

(criação minha)

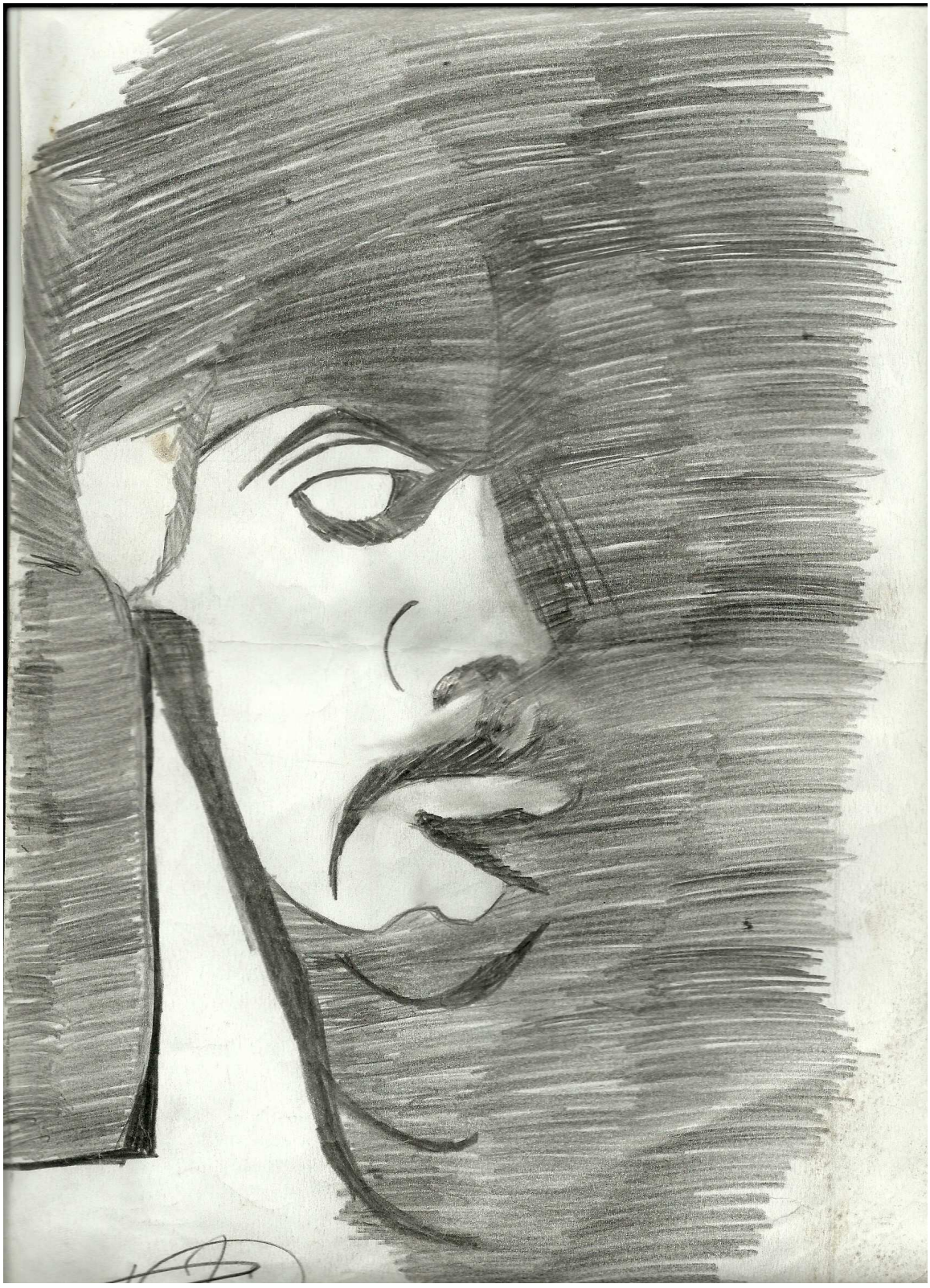


FIGURA 7 – O mistério[22]
Fonte: Desenho de César

[22] César não quis ser fotografado. Preferiu um desenho, não como autorepresentação, mas como algo que atesta a experiência de si num mundo marcado pela experiência da loucura.

3. INTRODUÇÃO ATRASADA

O que querem essas histórias dizer? Um pouco do surpreendente da vida, pois sim. Um pouco dos desastres da morte, pois não. Morte subjetiva. Se bem que isso não existe, lá por certo: há sempre o que se recolher de amargos candangos no fazer existir-se.

Até pouco tempo atrás, um ano ou mais, me dei como tarefa determinada fazer alguma compreensão do lugar ocupado pelo trabalho na vida de cidadãos em sofrimento mental. Parecia louvável esse imbróglio, mas os "treme-treme" da vida me levaram a outros rumos, colocaram novos ensejos. Deu nisto aqui: **um exame de como se experimenta a si mesmo e se cria um mundo subjetivo, a partir de dois fenômenos: a loucura e o trabalho.**

Experiências de trabalho, experiências de loucura. Não em si uma continuação de uma na outra, uma consequência, ou mesmo relação dialética. Nenhuma tensão de oposição. Prefiro uma composição do tipo **trabalho-apolíneo** com **loucura-dionisíaca**, mais ou menos assim:

> Apolo e Dionísio não se opõem como os termos de uma contradição, mas como dois modos antitéticos de a resolver. Apolo, mediatamente, na contemplação da imagem plástica; Dionísio, imediatamente, na reprodução, no símbolo musical da vontade (LUCARINY, 1998, p. 27)

Ou seja: loucura e trabalho serão vistos aqui como dois modos distintos de resolver o problema do existir no mundo. Resoluções provisórias e precárias, por certo: a dinâmica da vida é muito maior, não se deixa apreender em apenas dois termos assim facilitados. Mas passam por aí também, é isso que importa: se o ser é de tal modo inapreensível, porque aberto ao infinito, se é impossível a tarefa de plena definição, antes ou depois, isso não nos impede de buscarmos formas processuais e relativas de aproximação (RUIZ, 2003). E é isto que aqui está: uma tentativa (das mais precárias de todas).

Enfim: loucura e trabalho, trabalho e loucura: composições, prolongamentos, revezamentos, sobreposições. Até mesmo um servindo de fundo para o outro, em alguns momentos. De um lado, um pertencer ao mundo tornado embargado pelos deslizes da linguagem, pela ditadura da razão e pelas nebulosidades do viver. De outro, a transformação da natureza, a criação de laços sociais, o emparelhamento de resistências e subjetividades, e também a colocação de dilemas materiais e faltas concretas, a impermanência do sentido, as flutuações inexatas transformadas em angústias. Viver.

É certo que o trabalho assume um papel muito importante na vida das pessoas, hoje e ontem, e por isso é objeto de saber e de desejo: no caso acadêmico (cá estamos nós, eu e você que me lê agora, provavelmente) essas discussões atravessam vários campos do saber. De um lado, coloca-se o tema da sua centralidade, ou seja, se o trabalho constitui de fato a principal categoria **fundante** do ser social, metabolizando a vida em sociedade (campo ontológico). Por outro lado, examina-se o tema da relação entre trabalho e produção, e entre trabalho e ideologia, refletindo-se sobre as formações efetivas do trabalho e as suas implicações para o ordenamento social mais amplo (campo sociológico da discussão). Há também a temática do modo como se vivencia o trabalho, e seus impactos na constituição do sujeito em geral e do trabalhador em particular (campo psicossocial). Finalmente, pode-se destacar as políticas públicas e regimes legislativos, na sua tentativa de mediar esses diferentes aspectos ligados ao trabalho, criando formas de inclusão, tentando limitar os seus excessos, e regulando a sua relação com os mais variados fenômenos sociais, da criminalidade aos problemas ambientais (campo normativo e de direito).

Viver sem trabalhar nos parece impossível ou indesejável, seja pela falta de sentido ou pelas dificuldades econômicas que isso provoca. Mas essa existência **no** e **pelo** trabalho parece se dar tomando como pressuposto um outro fenômeno: uma tal **normalidade**. Tratar-se-ia de certo padrão normativo (e, portanto, arbitrário, irremediavelmente criado fora da coisa em si), daquilo que se considera saudável: sem isto, o trabalho é interditado já de saída.

Canguilhem (1978) e Foucault (2005; 1992; 2001; 2002b) desvelaram bem essas obscuras relações. Mostraram como essa interdição se coloca a serviço de determinadas formas de dominação, reveste-se de um saber e de um poder que atuam a um só tempo intensificados e escamoteados por alguma ideia inventada de verdade. Impossível parar ao nível da denúncia, no entanto: mesmo sabendo dos seus mecanismos, muitas vezes – na maioria das vezes – continuamos reféns dessa lógica. Há aqueles que não conseguem suportar a carga e o ritmo de produção que nos são impostos, cotidianamente, e que acabam sucumbindo sob a rubrica de “incapaz”; e há também aqueles que sim suportam como um cavalo de carga toda essa pressão, mas tolhem a curto prazo o prazer das pequenas coisas e no longo prazo a saúde e a sanidade: de um jeito ou de outro estamos perdidos.

Ora, rever essa estranha relação, tida como “natural”, requer escavar as entranhas de certa ideia de Razão, fazer a sua biopsia, ver onde se escondeu e como se manteve escaldada qualquer outra forma distinta, tida como “naturalmente desarrazoada”.

Fui em busca dessas outras formas. Encontrei. Pareceram-me um tanto melhores e um tanto piores do que eu esperava. Relato-as aqui. E nada mais.

De resto, só resto mesmo: aquilo que faz incompreender para se fazer entender ou, colocando na forma mais **tomzeniana** possível, **eu vou explicar pra te confundir, e te confundir pra te esclarecer**. Antes, contudo, alguns pedaços escavados. Obrigações conjuntivas que eu custo a entender, mas entendo. E aceito. Dou a elas algumas "traces"[23], imprimo-me ordinária e subjetivamente, deixo minhas alcunhas. E os cortes iniciais já indicam por onde se vai nesses procedimentos: o primeiro dos fenômenos, a loucura, tomado como pressuposto ao avesso pelo outro fenômeno, o trabalho, precisou de muita luta e sangue para **vir-a-ser** o que é (está sendo). Ainda precisa.

No âmbito deste estudo quero reiterar a ideia de que trabalho e loucura historicamente sempre mantiveram uma forte correlação, seja positiva ou negativa. Correlação esta que será posta em relevo aqui, com o objetivo de compreender as suas ligações e rupturas, os pontos contínuos e as descontinuidades, as sinuosidades e inflexões, os nódulos que conectam e as contingências que desalinham. Pensar essas relações desse modo é pensar o que está sendo, o que já foi, e o que pode **vir-a-ser**. Colocar em contato, num mesmo plano, ontologias, sociologias, psicossociologias e normatividades, e deles fazer emergir um composto (que pode **vir-a-ser**) maior que a soma das partes, e que poderíamos chamar de: uma tentativa.

E é preciso que se pergunte: tentar o quê? E, diante das múltiplas possibilidades que nos restam, será necessário demarcar um espaço de atuação, um ponto de encontro específico nessa relação do trabalho com a loucura. Assim, no âmbito desta dissertação, busquei examinar a seguinte questão: **como um trabalhador com histórico de sofrimento mental experimenta o mundo que constrói para si?**

Por conseguinte, para tentar elucidar essa problemática, carreguei comigo nos bolsos algumas **anotações soltas de apoio**, que diziam assim:

- Identificar os elementos que constituem e singularizam a realidade vivida por esse sujeito (ou seja: como é o mundo que ele constrói subjetivamente?);

- tentar investigar se esse trabalhador com episódios de sofrimento mental faz do trabalho um modo de se constituir enquanto sujeito e se situar nesse mundo que cria para si;

- não esquecer de desvencilhar-me ao máximo das narrativas fáceis e colocadas à altura das mãos e dos olhos (sempre as mais perigosas);

[23] É a designação dada por Sérgio Ferro (conforme Benoit, 2002) para aquilo que, no âmbito da arquitetura e da pintura, refere-se à subjetividade inscrita na obra final. Mais que um vestígio, a "trace" é intencional, inscreve um propósito: é a colocação ativa do sujeito no ato (nesse caso, de escavar).

- caçar as técnicas e procedimentos de si que são elaboradas pelos sujeitos nas suas experiências de sofrimento mental e de trabalho;

- lembrar sempre de não esquecer da célebre frase de Manoel de Barros: “as coisas que não existem são mais bonitas” (BARROS, 2000b, p.7).

Confesso que em alguns momentos essas anotações ficavam pesadas, como se eu carregasse pedras nos bolsos. Pensei até em jogar algumas fora, cheguei mesmo a amassá-las já de tanta raiva. Passou. Agora apenas as deposito no papel, sem me importar se foram contempladas ou não. Questão do surpreendente: elas me guiaram, eu as guiei, algumas coisas mudaram, o mundo, em todo o seu fascínio mundano, já não é mais o mesmo. Devires.

> Adivinhem qual é a utilidade de um faqueiro, por exemplo, a partir da sua descrição geométrica. Ou então, diante de uma máquina completa formada por seis pedras no bolso direito do meu casaco (o bolso que debita), cinco no bolso direito da minha calça, cinco no bolso esquerdo da minha calça (bolsos de transmissão), o último bolso do meu casaco recebendo as pedras utilizadas à medida que as outras avançam, qual é o efeito desse circuito de distribuição no qual a própria boca se insere como máquina de chupar pedras? (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13)

É preciso prestar alguns esclarecimentos, tanto para quem lê, quanto para eu mesmo. Porque, certamente, existem vários pontos nebulosos e imprecisos neste estudo: alguns são intencionais; outros, mero fruto da minha incompetência em superá-los; outros ainda sequer me foram visíveis. Pior: eu já não saberia dizer se escapar a algumas dessas ciladas é uma necessidade ou tão somente uma possibilidade.

Das fronteiras programadas: primeiro, não se trata, no âmbito deste estudo, de recompor e examinar uma relação entre trabalho e sofrimento mental a partir da psicodinâmica do trabalho. Nesses casos, o que está em jogo, por um lado, é saber como o trabalho pode contribuir para uma “entrada na loucura”, uma vez que, combinado em alguns casos com fatores orgânicos, pode desencadear formas de sofrimento no trabalho com potencial de avançarem a ponto de dispararem uma crise (LIMA, 2005). Por outro lado, a psicodinâmica do trabalho busca compreender em que termos o trabalho possibilitaria a reconstrução de subjetividades, por exemplo, a partir da transformação dos modos de se organizar o trabalho. Nesse sentido, pode-se articular essa abordagem com a concepção de arranjos produtivos alternativos, como é o caso da Economia Solidária, pois que carregariam o potencial de reconstrução das formas de sociabilidade perdidas, e também de novos modos de se pertencer e simbolizar o mundo, pautados numa outra racionalidade que não a

econômica tradicional. (BRASIL, 2005; SANTOS, 2005; MARTINS, 2008; LOURENÇO, 2008)

Ora, nesta dissertação essas duas abordagens gerais da psicodinâmica do trabalho são tomadas apenas tangencialmente. Além de não constituírem o foco central deste estudo, (porque a intenção principal aqui é fazer aparecer os modos pelos quais os sujeitos se relacionam com o mundo), vou me esforçar para não promover algum tipo de separação entre trabalho e sujeito, ou entre indivíduo (aquele que produz subjetividade) e sociedade (aquela que organiza o trabalho e modifica a subjetividade). Porque fazer essa distinção invariavelmente dotaria o fenômeno "trabalho" de um estatuto estruturante, na medida em que precisaria ser pensado a partir de uma tensão contínua com a psique (servindo ora para enclausurá-la, ora para libertá-la).

Não é o que se pretende fazer aqui. Pensar a relação entre trabalho e loucura na vida do sujeito, a partir de uma analítica de **sobreposição**, implica em torná-los fenômenos que se encontram no infinito da experiência subjetiva. Não se pode tentar ver nessa relação alguma forma de continuidade e conectividade, como se um potencializasse o outro, ou se um negasse e prejudicasse o outro. O caso aqui é de perceber a loucura e o trabalho a partir de uma perspectiva de **atravessamentos**: o sujeito cria para si um mundo no qual esses dois fenômenos estão presentes, o sujeito é atravessado por esses fenômenos, se constitui a partir deles, independente de existir continuidades ou rupturas. Esses fenômenos são percebidos a partir de um imperativo de **assujeitamento**, que inscreve e faz circular relações de poder (FOUCAULT, 1992; 2008). Por outro, há esta dimensão das **técnicas de si**, pelas quais o sujeito reelabora seus sentidos e ações: técnicas pelas quais se pode compreender, resistir ou refazer aquilo que o assujeitamento faz aparecer de forma dolorosa. Reconhecendo esta dinâmica e nos implicando nela ativamente nos tornamos aquilo que se é. (FOUCAULT, 2002b; 1985; 2006e)

Outro ponto importante – fundamental, eu diria – é a minha reticência quanto a imposição de utilidade: o fato é que buscar enxergar a utilidade objetiva deste estudo é, no mínimo, perigoso. Eu diria que não é o fundamental. Sim, eu sei, isso soa constrangedor. Talvez até mesmo irresponsável. Mas o fato é que esta postura tem lá o seu propósito: quero discutir, pouco a pouco no decorrer do texto, a seguinte questão: **para quê serve uma pesquisa?** Não tenho a pretensão de respondê-la por completo, mas quero justificar minha negligência. Negligência planejada.

Mas isso será feito à conta-gotas: encontram-se espalhados pelo texto alguns indícios disso, pedaços de entrelinhas que contam essa história. Trato de deixar aqui apenas um vestígio: por que eu preciso acreditar em alguma ideia de **progresso**?

4. NOTAS EPISTÊMICAS

Inicialmente, este tópico estava lotado junto dos métodos. Em algum momento, como consequência daquilo que se faz e desfaz com o decurso do pensar, precisou se autonomizar e reclamar abrigo em pé de igualdade com os termos maiores. Questão de vaidade? Talvez. Mas não deixaria de ser uma vaidade carregada de um ideal louvável de igualdade na relação: a opressão de um tópico sobre outro, de uma palavra sobre outra é certamente muito mais sutil do que se pode imaginar.

Um aviso: há talvez um pouco de prolixidade neste recinto. É bem provável que se pudesse enxugar alguns pares de páginas, ou até praticamente extinguir o argumento, mas o fato é que ele não me pareceu tão desnecessário assim. Talvez seja interessante enxergar aqui mais que uma arquitetura ou plataforma enfadonha: não se trata exatamente de colocar limites e formas, ou construir um ponto de partida. Quero colocar este próprio texto à disposição da constatação e da dúvida, empurrá-lo na direção do domínio da subjetivação e da relação subjetiva que se pode travar com o mundo. Que cada palavra precária que se encontra aqui não deixe de alertar, mesmo que por meio de um sussurro quase inaudível, para a extensa e perturbada relação do pensamento com a vida, da força com o choro, da incompreensão com a crítica. Portanto, antes da incompreensão e da crítica, é preciso lembrar que as entrelinhas e as linhas tortas também guardam, preciosamente, formas de resistência e subversão.

4.1 Os indesejáveis que vêm depois (com três letrinhas antes): para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

Deve ser alguma herança **baconiana** e **cartesiana**: partir e racionalizar, verificar e constatar. Encontrar alguma suposta verdade escondida atrás das coisas. Papai e mamãe Bacon e Descartes bem que poderiam compor uma relação edipiana com o pensamento moderno subsequente, aquele que se pretende ainda hegemônico na contemporaneidade, mas que teme a presença inadvertida dos prefixos: favor colocar aviso na porta alertando: “Proibida a permanência de pós-estruturalistas neste recinto”.

Mas o fato é que o incômodo provocado por esses indesejados visitantes, meio loucos, meio petulantes, meio desavisados e inconsequentes, tudo isso, aponta para algo que, se não aparece em alto e bom som nas linhas e entrelinhas pós-estruturadas, ou se aparece, mas acaba cuidadosamente negligenciado, certamente indica a presença de algum lapso, algum suspiro. Ou melhor, de algum recalque que não deixa de remeter à essa antiga relação com papai e

mamãe racionalistas: **nós rejeitamos nossos pais mas não conseguimos nos desvencilhar deles**. Ou como cantava Belchior: **"Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo que fizemos ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais".**

Trata-se de tentar fazer algo novo aparecer. Cavar uma brecha epistemológica, revirar um pouco essa relação do pensamento com a verdade, depurar alguns fatos, matar os heróis e celebrar os anti-heróis. E, nessa difícil – porém necessária – arte de pensar, arte da invenção, esses visitantes insólitos podem nos ajudar muito, não porque são por si mesmos inventivos (porque essa é uma característica que todos podem **vir-a-ser**, afinal), mas porque deslocam pensamento e linguagem para um mundo novo que é por excelência o espaço onde novas linguagens e pensamentos podem surgir. Isto, enfim: um espaço de criação, não um espaço-fim. A novidade não é um discurso novo que se abre, mas exatamente o seu duplo: uma **abertura para a abertura de novos discursos**.

Isso posto, faço então algumas definições. Como já foi dito, o que se pretende examinar aqui são **os modos como os sujeitos experimentam a si mesmos num mundo construído subjetivamente, tomando para isso dois fenômenos como mediadores: a loucura e o trabalho**. Em outras palavras, como esses sujeitos se tornam o que são a partir das suas experiências de trabalho e suas experiências de loucura. Esse "tornar-se o que se é" (FOUCAULT, 1985; 2002b; 2006b; 2006d; RAMMINGER; NARDI, 2008; RAMMINGER, 2005), em que pese ser uma expressão surrupiada de Nietzsche[24], é entendido como uma confluência entre formas de **assujeitamento** (sempre atravessadas por relações de poder e de saber) e técnicas de si (modos pelos quais o sujeito dá o seu ser a pensar, ou como ele se interroga na relação com o mundo: como se analisa, se observa, se decifra, se faz e se desfaz). Ora, isso coloca então dois problemas de saída: 1) que formas específicas de assujeitamento os sujeitos estão expostos (tipos de poder e de saber, como eles atuam e se organizam, e que tipo de deslocamentos tentam realizar); e 2) que técnicas de si são articuladas nesses contextos de assujeitamento específicos. De um jeito ou de outro, o que me importa é apreender a **percepção e a vivência subjetiva** dessas pessoas. Ou seja, sujeito e objeto, indivíduo e sociedade compõem, a um só tempo, universos que não são em absoluto antagônicos, dialéticos ou complementares, mas antes de tudo sobrepostos (DELEUZE; GUATTARI, 2010; ESCOSSIA; KASTRUP, 2005). Há aqui uma potência radical da **experiência vivida**, não enquanto linguagem apenas, mas enquanto produções de produções,

24 O "tornar-se o que se é" ganha em Nietzsche um sentido muito próximo desse dado sob um viés foucaultiano. Segundo Ricci (2007, p. 19, Marcações da autora), "Haveria, implicado neste tornar, um desenvolvimento, a partir do qual importaria marcar o **como** (distinto da procura platônica pelo **quê**, que indicaria a busca de uma essência)".

produção de vetores polissêmicos e polimorfos que exercem força para todos os lados (DELEUZE; GUATTARI, 2010; DELEUZE, 1996; 1992). Esses vetores podem ser palavras, gestos, arquiteturas e espaços, histórias, um pensamento que se desfez, um riso, um medo, um telefone celular, um xingamento, a morte de um amigo. Tudo o que é apreendido pelo pensamento e transformado em significado e experiência.

> De modo que tudo é produção: **produção de produções**, de ações e de paixões; **produções de registros**, de distribuições e de marcações; **produções de consumos**, de volúpias, de angústias e de dores. Tudo é de tal modo produção que os registros são imediatamente consumidos, consumados, e os consumos são diretamente reproduzidos. (...) Em segundo lugar, há menos ainda a distinção homem-natureza: a essência humana da natureza e a essência natural do homem se identificam na natureza como produção ou indústria, isto é, na vida genérica do homem, igualmente. Assim, a indústria não é considerada numa relação extrínseca de utilidade, mas em sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem pelo homem. Não o homem como rei da criação, mas antes como aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que é o encarregado das estrelas e até dos animais (...) (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15. Marcações dos autores)

As definições mais uma vez. O que se pretende com elas não é assegurar uma (suposta) coerência epistemológica; também não é, definitivamente, afastar a dúvida da influência de paradigmas e quadros de referência "foras de moda" ou mesmo desgastados pela ação de estigmas e perversidades acadêmicas[25]. É, isso sim, pôr à prova um **desconjunto epistemológico**, formado por:

a) Uma Estética da Existência, como força motriz de todo o projeto: do discurso produzido pelo **eu pesquisador** às possibilidades de **se ser** dos sujeitos da pesquisa;
b) Uma realidade percebida como um emaranhado de forças e relações;
c) Uma indeterminação radical do ser

Ponto a ponto do **desconjunto,** então.

A Estética da Existência é justamente aquilo que já está presente desde o começo e que precisa salvar este projeto. Salvar digo em todos os sentidos, mas principalmente: da mediocridade retórica que ameaça entrar pelas beiradas do papel; da contradição que seria buscar a emergência de subjetividades sem deixar a minha própria aparecer. Essa Estética da

[25] Muito embora fosse bom fazê-lo. Contudo, acredito que essa dúvida só poderá ser realmente eliminada quando a cortina baixar, a música acabar e os créditos subirem. Serve aqui esse comentário apenas de vigilância crítica.

Existência refere-se àquilo que Foucault (1985; 2006) e Deleuze (1992) entendem como a produção de novos modos de vida, modos que sejam memoráveis, que possam deslizar e tentem escapar do imperialismo das formas de saber e poder que atravessam o sujeito. Liga-se, em instância primeira, à ideia de além-Homem de Nietzsche (NIETZSCHE, 2010; GIACOIA JUNIOR, 2000). Este projeto, então, precisa servir como ponto primeiro e último, à morte e à vida que se esconde atrás de cada palavra neste papel que se pretende tornar um pedaço de (não-)saber. À tudo aquilo que faz sufocar, é preciso opor uma "arte de viver".

E é preciso que essa Estética da Existência seja encarada não como um polimento retórico, ou mera alegoria desconexa que forja um espaço nos limites do tolerável. Ela é a força motriz deste estudo precisamente porque lhe é o seu combustível. Essa "arte de viver" visa alterar a relação pensamento-palavra tradicional desse espaço: não se pretende, aqui, apenas simbolizar algum saber que se foi construindo, como se o conhecimento fosse uma estrada reta que se percorre até se chegar em algo – o saber constituído. Não: prefiro as estradas tortas e circulares, helicoidais e espiraladas, que retornam a onde partiram, que se reiniciam nos mesmos erros... O saber aqui quer ser refeito a todo o momento, sempre a partir de bases novas, parâmetros impensados. E isso é potencializado quando se faz uso de diferentes efeitos de linguagem e expressão: é, sem dúvida nenhuma, um dos elementos que perfaz a **experiência subjetiva que constitui um sujeito**. Portanto, o saber vai encontrar aqui outra dinâmica, vai surgir desse lirismo impossível, e não apenas misturar-se a ele. Novas ligações precisam ser feitas, experiências sinestésicas precisam ser iniciadas. Em resumo: esta dissertação precisa ser, **ela própria**, a expressão de uma subjetividade ansiosa por se libertar e refazer; tem a pretensão de servir de processo de subjetivação, e quer colocar-se à disposição para ser uma begônia:

Uma didática da invenção
(As coisas que não existem são mais bonitas).

I
Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:
a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
f) Como pegar na voz de um peixe
g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
etc
etc
etc

> Desaprender oito horas por dia ensina os princípios
>
> II
> Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.
>
> Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.
>
> III
>
> Repetir repetir – até ficar diferente.
> Repetir é um dom do estilo.(BARROS, 2000b, p. 9)

Protejo-me com Deleuze (1992):

> A história da filosofia exerce em filosofia uma função repressora evidente, é o Édipo propriamente filosófico: **"Você não vai se atrever a falar em seu nome enquanto não tiver lido isto e aquilo, e aquilo sobre isto, e isto sobre aquilo."** Na minha geração muitos não escaparam disto, outros sim, inventando seus próprios métodos e novas regras, novo tom. [...] **Mas minha principal maneira de me safar nessa época foi concebendo a história da filosofia como uma espécie de enrabada, ou, o que dá no mesmo, de imaculada concepção. Eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho, que seria seu, e no entanto seria monstruoso. Que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que eu lhe fazia dizer. Mas que o filho fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer.** [...] Foi Nietzsche, que li tarde, quem me tirou disso tudo. Pois é impossível submetê-lo ao mesmo tratamento. Filhos pelas costas é ele quem faz. Ele dá um gosto perverso (que nem Marx nem Freud jamais deram a ninguém, ao contrário): **o gosto de cada um dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afectos, intensidades, experiências, experimentações**. Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. [...] Não fui muito longe, mas já era um começo. (DELEUZE, 1992, p. 14-15. Marcações minhas)

Quanto a mim, não tenho a pretensão de ir muito longe (ainda), ou sequer de me começar por esse descaminho. Tento de fato sodomizar alguns autores, fazê-los falar algo novo mesmo quando repetem o velho, mas tudo não passa de alguns atrevimentos... Reconheço as dificuldades em avançar num tal projeto: ainda não me forjei os prazos pra consumir Nietzsche devidamente. E, mais importante, me faltam também os termos, a bagagem teórica e de vida necessárias. Por isso, tudo não passará – o que, convenhamos, ainda assim já é um bom começo – de uma tentativa de criar alguns possíveis...

Segundo aspecto do desconjunto: a realidade que quero fazer disso tudo. Aqui, os enganos são poucos: já está tudo definido, enfim. Assino-me por uma realidade material maleável e relacional, que é dinâmica e cujos elementos constituintes são na verdade **relações**: relações de relações, linhas de força e vetores que se entrecruzam e criam um emaranhado no qual eu, você e nós precisamos nos dividir para efetivamente aparecer. Para explicar melhor isso será preciso interromper o raciocínio em favor de outro: fazer falar a imagem ou, apenas para tornar a coisa mais interessante, caminhar em direção à morte que se esconde atrás do precipício.

4.2 Uma interrupção desnecessária, mas que grita como dom de estilo: fragmentar o sujeito para que ele possa aparecer

FIGURA 8 – O louco no tarô

O Louco não tem número. Ele se coloca, portanto, fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens, fora dos muros. Ele caminha apoiado em um bastão de ouro, na cabeça um boné da mesma cor, parecido com o cesto que simboliza a loucura; suas calças são rasgadas e, sem que ele pareça se dar conta, um cachorro, atrás dele, agarra o tecido, deixando aparecer a carne nua. É um louco, concluirá o observador,

> abrigado por trás das seteiras da cidade. É um mestre, murmurará o filósofo hermético, notando que o bastão, em cuja ponta ele carrega uma trouxa, sobre o ombro, é branco, da cor do segredo, cor da iniciação, e que seus pés calçados de vermelho se apóiam firmemente sobre um chão bem real, e não sobre um suporte imaginário. [...] E acima de tudo, ele **caminha**, isso é o importante, ele não vaga errante, ele **avança**. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 560. Marcações dos autores).

A multiplicidade e ambiguidade dos elementos da imagem já dizem qualquer coisa como: o todo será maior que a soma das partes. Aqui, dentro e fora, verdade e ilusão, dúvida e certeza, tudo e nada se misturam, sempre presentes em cada um dos elementos que compõem a cena: o bastão, o cachorro, o chapéu, o caminhar, as calças... Até mesmo o mais ínfimo e imperceptível elemento, o leve declive sob o qual repousa o pé esquerdo do louco, tudo se articula de modo a criar diversas **relações** entre as coisas.

O sujeito da imagem, suposto louco, carrega consigo o privilégio e a maldição de ser bem melhor que o melhor dos homens (de razão). Não se sabe exatamente para onde ele vai, apenas que avança. Talvez fosse mesmo se deparar com o precipício, aquele abismo particular de cada um, para o qual caminha convicto e certeiro, e do qual o cachorro, do alto da sua animalidade razoável, inutilmente tenta lhe alertar. Talvez os homens da cidade abandonassem por um momento a tradição e segurança dos seus lares para ouvirem os dizeres daquele louco, perfeito Zaratustra, e aplaudiriam em seguida, garantindo assim que aquela sabedoria não provocasse nenhum escândalo, pois já devidamente aprisionada no espetáculo. Talvez sim, talvez não.

Mas o fato proeminente é que não se pode ir muito longe nesse raciocínio: ele não abandona nunca o lugar da suposição. Precisamos nos ater então ao **real objetivo** da cena, aquilo que se manifesta de modo inequívoco nela, e do qual essas suposições não dão notícia. Cada elemento em si comunica e simboliza algo, sem dúvida, porém, não interessa saber do prolongamento desses elementos, mas da **relação** que eles travam uns com os outros, que tipo de forças de atração, repulsão, distorção, libertação, repressão, e outras tantas mais, compõem a cena.

Não haveria maneira melhor de ilustrar a postura epistemológica adotada neste trabalho: trata-se de evitar distinguir, na cena ou fora dela, sujeito e objeto, opressor e oprimido, indivíduo e coletivo. Um elemento é condição de possibilidade e existência do outro, e eles compõem juntos uma relação que só pode ser lida em conjunto, por dentro. Entre um e outro personagem, a **fusão** dos dois.

Cada um dos acontecimentos que se possa identificar numa cena qualquer: não uma relação de causalidade ou interação, mas uma **fusão**. Assim, não se trata exatamente de dizer: “o

trabalho que enlouqueceu o Fulano", ou mesmo "o trabalho o salvou do desatino". Seria mais prudente buscar perceber como uma coisa se fundiu à outra, ou seja, como, num contexto específico de vida, o Fulano elaborou uma experiência de si na qual foi possível irromper tanto a loucura quanto o trabalho, não enquanto consequência um do outro, mas enquanto **necessidade**.

A implicação subjacente é que deve-se evitar prolongar os elementos da cena em separado. Não se diz muito olhando apenas o sujeito isolado (que poderia ser, à vossa escolha: a) desarrazoado; b) artista que diz bobagens ao qual se aplaude; c) um sábio; d) nenhuma das anteriores; e) qualquer marca que determine uma fronteira capaz de dizer onde começa e onde termina o sujeito da cena); também não existe um cachorro (esperto e cuidadoso com seu dono, faminto ou carente querendo brincar). O que existe como coisa importante é a **relação** que os termos travam um por sobre o outro: a cena deve ser tornada inteligível no limite das relações possíveis entre o sujeito e o cão. Em outras palavras, a realidade material é precisamente um espaço virtual: é a relação de sobreposição entre sujeito e cachorro que, na cena, não pode dizer mais do que diz. No entanto, um novo sentido é produzido sempre que um novo elemento se funde aos anteriores: **eu**, leitor ou escritor, acredito que se trata de uma caminhada rumo a verdade escondida atrás do precipício; **eu**, leitor ou escritor, acredito que se trata de um bobo desimportante.

É preciso que se esclareçam alguns pontos mais. Não se trata aqui de uma defesa de alguma forma de interpretacionismo. O que está em jogo quando se fala em **relação** é mais que uma interação entre atores travada no campo da cultura: se trata de uma tentativa de ruptura com a clássica dicotomia indivíduo-sociedade, naquilo que ela pressupõe a existência de um sujeito uno, cujas fronteiras físicas e de consciência se deixam demarcar de modo preciso.

> (...) indivíduo e sociedade não podem ser analisados como objetos naturais que preexistem às relações ou às práticas de uma época, de um povo, de uma cultura. São antes as práticas datadas que objetivam o indivíduo e a sociedade, de maneira igualmente datada. O que significa dizer que indivíduos e sociedades são objetos históricos e, portanto, múltiplos, uma vez que dependem das múltiplas práticas e relações que podem ser estabelecidas em cada época, cada cultura, país, cidade, família, etc. (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 298)

Ora, tudo isso não significa, no entanto, que o sujeito (A ou B ou os dois) tenha desaparecido; pelo contrário: é ele quem vai influenciar a forma final dessa relação; por isso, o que interessa é antes de tudo o modo como **ele se subjetiva**. A questão posta é que o entendimento da cena ultrapassa o limite da postura subjetiva do sujeito, porque essa postura

entra em relação com outras tantas forças num jogo de infinitos. Não se trata de interpretar a realidade e devolver-lhe um sentido, mas de compor, num espaço e tempo sócio-determinados, as relações de força que são atualizadas a todo instante, se refazem à medida que novos elementos se inscrevem na cena – uma leve brisa pode alterar o jogo de forças...

Em suma: não existe sujeito isolado nessa cena (ele morreu?).

4.3 A volta dos indesejáveis (retomando o argumento)

Matar ou não matar, eis a questão. Chato discutir isso, porém necessário. É que não pretendo fazer o sujeito sumir ou se perder aqui, dividido mil vezes por tramas discursivas e coercitivas e redes de significados e significações que se relativizam ao infinito. Não: acredito que todo indivíduo cria para si uma realidade, inventa um mundo que, mesmo sendo socialmente compartilhado, porque carregado de materialidade e objetividade, também possui significados e elementos que são apenas seus, subjetivos. A realidade, assim observada, é como uma arena, na qual esses diferentes elementos e o próprio indivíduo perfazem jogos de força, **sempre parciais, transitórios**. É como se em cada momento específico – durante uma aula, um passeio no parque, uma relação sexual em um local público, a leitura dessa dissertação – diferentes arranjos se constituíssem, colocando em movimento algumas forças e interditando outras. Produz-se diferentes sentidos e movimentos. Se você lê estas palavras pressionado pelo relógio que não pára de escancarar-lhe suas obrigações atrasadas, já tem para si a criação subjetiva de um mundo, no qual diferentes forças interagem (embora o tempo passe igualmente para todo mundo). Qual a composição se dará entre a sua leitura apressada e estas palavras encadeadas? Certamente não será a mesma se você parar e enfrentar o texto tendo à sua frente algumas horas livres e algum silêncio guardado.

Mas por que esse receio de matar o sujeito então, com algum golpe de relativismo? Talvez isso venha em parte do escândalo provocado por Foucault, quando supostamente anunciou a "morte do sujeito" (FOUCAULT, 1995). Existe em alguns guetos acadêmicos um desassossego incessante com essa formulação. Ora, talvez esse seja mais um desses casos dos quais "muito se fala e pouco se lê" (CANDIOTO, 2009, p. 15): até que podemos efetivamente imputar-lhe este crime?

> Na verdade, a morte do homem é um tema bem simples e rigoroso, que Foucault retoma de Nietzsche, mas desenvolve de maneira bastante original. É uma questão de forma e de forças. As forças estão sempre em relação com outras forças. Sendo

> dadas as forças do homem (por exemplo, ter um entendimento, uma vontade...), com que outras forças elas entram em relação, e qual a forma que daí decorre como "composto"? Em *As Palavras e as Coisas,* Foucault mostra que o homem, na Idade Clássica, não é pensado como tal, mas "à imagem" de Deus, precisamente porque suas forças se compõem com forças de infinito. No século XIX, ao contrário, essas forças do homem enfrentam forças de finitude, a vida, a produção, a linguagem, de tal maneira que o composto é uma forma-Homem. E assim como essa forma não preexistia, ela não tem nenhuma razão para sobreviver se as forças do homem entrarem ainda em relação com novas forças: o composto será um novo tipo de forma, nem Deus, nem homem. Por exemplo, o homem do século XIX enfrenta a vida, e se compõe com ela como força do carbono. Mas quando as forças do homem se compõem com a do silício, o que acontece, e quais novas formas estão em vias de nascer? (DELEUZE, 1992, p. 124-125)

Curiosamente, essa suposta "morte do homem" pode ser entendida exatamente como uma tentativa de restituir ao sujeito um lugar no mundo – que é exatamente o entendimento que se faz aqui. Ou seja, a partir da identificação dos elementos constituintes do real e do modo como esses elementos se relacionam num dado contexto, como eles compõem novas forças com o real, é que se torna possível ao indivíduo escapar a si mesmo – o indivíduo passa a reconhecer e modificar os modos como é obrigado a se sujeitar.

No que diz respeito à forma-Homem, ela se refere antes de tudo a um modelo de Homem inventado na modernidade: um Homem soberano, de razão, moral e saber elevados[26]. Esse Homem desautoriza Deus e coloca a si mesmo como um absoluto, um universal, atribuindo nesse processo demasiada importância à Ciência, à Verdade, à Razão e ao Progresso. Ora, se Foucault enxerga alguma possibilidade de emergência de um sujeito, é justamente na sua liberação dessas formas universais, as quais buscam determinar como, o quê e onde o sujeito pode aparecer. Assim, mesmo que a superação da forma-Homem não se ligue diretamente à liberação do sujeito – porque simplesmente dá passagem a outras composições de forças – é o seu reconhecimento que abre essa possibilidade.

Reitere-se uma vez mais: o que interessa aqui então é aquilo que se coloca diante do indivíduo como formas de saber, verdade e poder, imbricadas num processo pelo qual o indivíduo se torna sujeito. E a análise, mesmo em se tratando das "experiências de si", também precisa referir-se àquilo que se localiza fora do sujeito, sob a forma de processos de subjetivação: **o trabalho e a loucura como processos de subjetivação**. Do mesmo modo que Foucault, não posso acreditar num sujeito soberano, destinado a dominar a natureza, de essência a-histórica cuja ventura se inscreve na órbita da liberdade, consciência, revolução, razão e progresso. Não: o sujeito deve ser visto sempre como ser fragmentado, impreciso e contraditório; parcial, enfim:

[26] Daí Foucault se interessar exatamente pelo que escapa a essa noção: o louco, o criminoso...

> Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil com relação a essa concepção do sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 1984b, p. 291)

As formas de assujeitamento, embora possam ser compartilhadas por um grupo social, são experimentadas diferentemente por cada indivíduo, são recriadas, re-elaboradas em cada vivência pessoal, fazendo dessa experiência um **modo de se tornar o que se é**. Dito de outro modo, é preciso ver nos discursos, fatos e atos do cotidiano, que são socialmente compartilhados e constantemente renegociados, uma espécie de baliza existencial: eles assumem o estatuto de **verdades subjetivas**, a partir das quais o indivíduo experimenta a si mesmo e cria um mundo subjetivo; são os **jogos de verdade** anunciados por Foucault.

> (...) aquilo a que me atenho – a que me ative desde tantos anos – é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas uma análise dos "jogos de verdade", dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? (FOUCAULT, 1985, p. 11-12)

Ou seja, não se trata apenas de evidenciar como as pessoas percebem o trabalho e a loucura. Trata-se de compreender como elas se constituem por meio deles, como se tornam sujeitos naquilo que há de mais alegre e mais doloroso nessas experiências. O que, nas vivências de transtorno mental grave e de trabalho, é considerado relevante e o que simplesmente é esquecido? O que constitui um problema que dificulta a vivência? O que é cantado e reconhecido com orgulho e satisfação? Enfim, o que faz parte, de modo concreto, dessas experiências de si?

Terceiro aspecto do desconjunto: a indeterminação radical do ser (ou eterno devir). Ruiz (2003) ilustra muito bem do que se trata:

> A visão do mundo como algo determinado restringe a práxis humana a descobrir a realidade oculta pela superficialidade mutante e descontínua dos fatos. Em tal caso, a racionalidade se apresenta como o ponto de partida, o caminho e o objetivo final a ser atingido: racionalizando o real, realizamos sua essência racional. Este é o

> modelo de racionalidade instrumental que de várias formas vem sendo implementado hegemonicamente em nossas sociedades durante os últimos séculos.
>
> (...) **Ao ousarmos pensar a realidade desde a perspectiva da indeterminação, emerge um mundo novo de indefinidas possibilidades de ser. Ao conceber a realidade como algo indeterminado, a práxis humana não se limita a descobrir o já implícito, mas a criar o inédito. Se a realidade está permeada pela indeterminação, o conhecimento das inegáveis regularidades que constituem parcialmente o real formaria um aspecto complementar da sua natureza, porém o objetivo da práxis humana não se restringiria a conhecer o já existente, para aplicá-lo corretamente, mas a criar novidade socioistórica. Se a realidade é indeterminada, o caminho da criação socioistórica está aberto**. (RUIZ, 2003, p. 34-35. Marcações minhas)

Essa indeterminação radical, aqui entendida sob a perspectiva de um **devir socioistórico**, se afasta das interpretações clássicas baseadas numa **ontológica da realidade**. É que o ontológico é uma categoria filosófica que tradicionalmente mobiliza a idéia de uma essência, daquilo que é estático, algo que sustenta (o ser, o conceito, o fenômeno, a realidade...). Por outro lado, o devir traduz aquilo que é movimento, que se transforma a todo instante, que flui. Longo dilema filosófico: de Parmênides a Heráclito, a história da filosofia sempre se dividiu entre uma e outra abordagem – tal como o fez com os dualismos mente e corpo, real e ideal, material e transcendental...

A indeterminação radical do ser defendida nesta dissertação não significa impermanência de sentido, mas, pelo contrário, **transitoriedade de sentido**; significa que o ser, ao experimentar e se emocionar no mundo, se transforma continuamente, montando novas explicações para a realidade e tecendo novos sentidos. Se a natureza humana não guarda em si nenhuma essência, então é possível sempre modificar aquilo em que se apoia o sujeito; não havendo mais condições de se sustentar numa determinada explicação, é preciso construir outra. Assim, todo o edifício humano vai se construindo: aquilo que era elencado como verdade num determinado momento cede lugar a novas explicações, se transforma continuamente; está aí a História, no seu sentido mais trivial, para nos comprovar isso: a ideia de que a Terra é centro do universo foi suplantada por outra explicação, oferecida por Copérnico[27]; a ideia de que todo negro é uma subespécie da raça humana cedeu lugar à noção de igualdade; a explicação que dizia que duas pessoas do mesmo sexo não poderiam se amar porque isso era contra a vontade de Deus cedeu lugar à noção de respeito às diferenças e à diversidade sexual.

[27] E mesmo a teoria heliocêntrica não deve ser entendida como a verdade final do movimento do universo: por exemplo, quando consideramos as grandezas cósmicas, com suas bilhares de galáxias e estrelas, dizer que a Terra e os outros planetas giram em torno do sol é absolutamente insignificante. Ou seja, a transitoriedade do sentido é aplicada também nessa situação, porque ela se refere ao modo como uma explicação é construída e possibilitada.

Do mesmo modo, uma pessoa atribui uma série de sentidos e monta várias explicações para as suas vivências pessoais. Quando o sujeito fracassa no emprego, perde um parente querido ou apanha do coleguinha na escola, algum sentido se produz, alguma explicação ordena e media a relação do ser com o mundo; contudo, quando essa explicação ou sentido não é percebida como transitória, quando não se percebe que ela pode – e muitas vezes precisa – ser mudada, o sujeito é impelido à alguma experiência de sofrimento: apega-se à figura da pessoa amada que se foi, reproduz com o outro alguma violência vivida, etc. Daí a importância de admitir a indeterminação radical do ser: não enquanto algo que não se prende, que é à todo tempo volátil, mas como algo que é passível de ser mudado.

Esse ponto é crucial nesta dissertação, porque abre espaço para uma **atuação política**. Nesse sentido, considero importante que nos afastemos de qualquer pensamento dualista e ontológico. Não raro somos tentados a separar o mundo entre dominantes e dominados, esquecendo que os dominantes também se sujeitam nas relações, e que os dominados tem lá os seus momentos de dominação. Esse modo de (re)produção social parece-me bastante complicado. Primeiro, porque reforça de modo indevido uma narrativa em que o outro cristaliza-se como vítima ou vilão de um contexto social, o que cria vários problemas para a prática política (por exemplo, essa postura de querermos pleitear para nós o direito e o glamour de "salvar" as minorias. Novos jesus-cristos andando por aí). Segundo, porque essa visão dicotômica não dá conta de outras possibilidades, caminha sempre de modo linear na História, não admite a criação de outros modos de existência... Daí segue que pensar uma política hoje em dia requer uma série de descentramentos, uma série de dobras sobre si mesmo: acredito ser necessário pararmos de falar em nome dos outros – sejam eles os chamados oprimidos ou os opressores – e também desmantelar alguma noção de utopia – e uso a palavra aqui no seu sentido mais frouxo, como algum desenho de futuro que coloca em movimento as pessoas rumo a alguma suposta mudança. Porque essa ideia de utopia não deixa de recolocar o problema do determinismo linear: como se o nosso futuro fosse assim tão previsível, do ponto de vista das possibilidades, estruturas e desejos, restando-nos a **ingrata** tarefa de lutar para conquistá-lo. A utopia nos força a constatar que o presente se foi, e nada mais nos restou além de uma vida que não se realiza nunca, a não ser num espaço e num tempo indefinidos, que não é o nosso.

Além disso, penso que essas "bandeiras universais da modernidade", como a ideia de progresso, nação, verdade, liberdade, igualdade, fraternidade, emancipação, justiça, etc., são produtos de um tempo (o tempo Moderno), e nada indica que são assim tão fortes e irrevogáveis como gostaríamos que fossem. Várias delas sequer existiam há pouco mais de

três séculos. Quem há de saber o que vai o Homem desejar daqui a duzentos anos? De tal forma que eu me pergunto: por que devo me concentrar em lutar não pelo momento presente, mas em favor de uma ideia de justiça-igualdade-emancipação-etc. que não passa de uma abstração, de uma tentativa de negar o indeterminismo que é o mundo? Por outro lado, isso não assinala nenhuma forma de pessimismo: pensar o fim da utopia não significa abandonar o lirismo que anima o Homem, mas colocar diante de si a bela – porém dura – constatação de que apenas nos resta glorificar o tempo presente, nos implicando nele e fazendo com que qualquer coisa de inusitado nos surpreenda.

Voltando: tão importante quanto compreender os processos pelos quais alguém se torna sujeito, neste caso a partir das experiências de ser trabalhador e cidadão em sofrimento mental, é também possibilitar que esses processos sejam modificados, pelos próprios sujeitos ou por quem quer que seja, que novos sentidos, novas demandas, novas percepções, novas críticas e, principalmente, novas ALTERNATIVAS, sejam criadas.

Essas produções de novos processos, de novas experiências de si, não devem em absoluto seguir algum caminho ou orientação determinados, como se um fim em si mesmo pudesse ser oferecido "de presente" ao sujeito: a criação deve se deixar fazer à medida e ao modo que se deseja, com todas as suas dificuldades inerentes; todos os esbarramentos, contradições, na direção que se julgue melhor e naquela com a qual é possível assentir. Tudo pode não passar de uma tentativa, mas não importa: é justamente essa tentativa que carrega a potência da vida, a possibilidade de, bem ou mau, produzir algo novo, que possa se colocar diante desses sujeitos como experiência "de si para consigo mesmo". Ou, poderíamos dizer com Melo (*et al*, 2006, p. 61): "Queremos provocar o outro a tomar o seu lugar e ir construindo nele e a partir dele, processualmente, posturas e ações autônomas que só ele saberá quais são".

4.4 Rabiscos metodológicos no bolso (as pedras que eu carreguei me desestabilizaram mais que o infante desamparo)

Para não dizer que não falei dos espinhos. Mas isso é mais um equívoco meu: só eu que me machuquei, outros sabores bem que existiam, eu que não os encontrei a tempo: talvez tudo tivesse sido diferente com eles.

Sem lamentos aqui: tudo foi exatamente como deveria ser, com toda a sua precariedade: o valor está guardado justamente aí. Eu me orgulho. Mas, a quem interessar

possa, vale a pena ver Paulon e Romagnoli (2010), Rocha e Aguiar (2003), Passos, Kastrup e Escóssia (2009), e Borges (2006): esses, caminhos que descobri tarde demais[28].

Já disse que um dos meus quereres era procurar um distanciamento do que eu considero um modo tradicionalista de fazer acadêmico, aquele assentado exclusivamente numa racionalidade, e que se abriga sob alguns indefectíveis universais: a verdade; o progresso; a razão; o Homem moderno.

> Mantém-se, para os seguidores da vontade de verdade, uma grande mitificação da racionalidade, seja de maneira estritamente objetiva, como nas pesquisas experimentais; seja pela consciência que persegue certa essência, como nas pesquisas fenomenológicas; seja pelo conhecimento das multideterminações sociais, para se chegar à desalienação, como na pesquisa-ação. Guardadas as devidas diferenças, que não são poucas, essas vertentes de pesquisas buscam a explicitação de verdades acerca do seu objeto de estudo, embora operem, de fato, diferentes recortes acerca da realidade sobre a qual se debruçam e produzam diversos reducionismos justificados pela corrente teórica e metodológica em que se amparam. (PAULON; ROMAGNOLI, 2010, p. 88)

Que fazer, então? Paulon e Romagnoli (2010) ao admitirem a complexidade e a indeterminação radical da realidade, buscam formas, processual e relativa, de se aproximar dela. Indicam a pesquisa-intervenção como alternativa, e ressaltam a importância de examinar os "processos subjetivos que compreendam as mutabilidades do desejo" (2010, p. 92), sem esquecermo-nos dos nossos próprios desejos de investigação.

> Ao pesquisador que conceba a subjetividade à luz de um paradigma ético e estético, que se proponha a observar os efeitos dos processos de subjetivação de forma a singularizar as experiências humanas e não a generalizá-las, que tenha compromisso com o social e político com o que a realidade com a qual trabalha demanda de seu trabalho científico, **não é dada outra perspectiva de investigação que não a pesquisa-intervenção** (...) A cientificidade, nessa nova proposta, tenta abarcar a complexidade, e se efetua na sustentação dos planos de análise que compõem a realidade, nos jogos de forças que atravessam nós mesmos, pesquisadores, nossos objetos de estudos, as instituições, o campo do social, os quais são percorridos, transversalizados por forças de produção, reprodução e anti-produção, moleculares e molares. **Estamos, pois, adentrando uma concepção de ciência que em muito se distancia das fórmulas mecanicistas que o século das luzes fez afirmar como ciência por excelência. Uma concepção de ciência a qual Nietzsche atribui a decadência da civilização, na ilusão moderna que os pesquisadores criam para si em nome do instinto de conhecimento, expressão niilista da vontade de nada.** (PAULON; ROMAGNOLI, 2010, p. 92. Marcações minhas)

Essa postura implica romper com os dualismos: não separar sujeito e objeto, natureza e cultura, teoria e prática. Não pode haver separação entre quem se propõe a conhecer e quem é o conhecido: é preciso que aconteça um encontro desses dois sujeitos (ou desses inúmeros

[28] Lu(ci), meu amor, eu não teria chegado onde cheguei sem você do meu lado (minha maior interlocutora, orientadora e apoiadora). Devo-te, com todo o prazer do mundo, o meu coração e as minhas palavras...

sujeitos), que se possa fazer circular afecções, desejos, medos, alegrias. E isso só acontece na medida em que se estreita o contato, e quando se consegue demolir os modos instituídos de relação, sair do que já está dado, do socialmente esperado... Essa, a arte da pesquisa-intervenção: buscar nos desvios e nos contrapontos as conexões com o outro. O que pode ocorrer com o inesperado, em hora e lugar não programados, quando se desliga o gravador... E mais: a pesquisa-intervenção implica também em **desocultar** a relação oferta/demanda de intervenção. Isso porque sempre que o pesquisador faz uma oferta de trabalho a um sujeito ou a um grupo (oferta de intervenção, de construir junto como um outro uma experiência, uma relação que possa provocar deslizes, novos modos de se enxergar uma situação...), isso cria necessariamente mais uma demanda de intervenção no grupo, que vai se assentar junto às outras já existentes.

Nesse sentido, **cartografar** o processo de intervenção e de construção coletiva aparece como possibilidade interessante. Porque a cartografia é método geográfico e transversal, coloca em questão a relação com o espaço, no qual se produz as relações e as forças de saber e poder, com as quais pesquisador e grupo vão precisar lidar. (PAULON; ROMAGNOLI, 2010)

> (...) as estratégias de intervenção terão como alvo a rede de poder e o jogo de interesses que se fazem presentes no campo da investigação, colocando em análise os efeitos das práticas no cotidiano institucional, desconstruindo territórios e facultando a criação de novas práticas. (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 71)

> Separar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é desenhar um mapa, **cartografar,** medir a passos terras desconhecidas, e é isso que ele [falando de Michel Foucault] chama de "trabalho sobre o terreno". (DELEUZE, 1996, s/p. Grifo meu)

Tudo isso é precisamente **o que deveria ter sido feito**: meu querer. Contudo, querer não é poder, já dizia o ditado, e poder não garante o conseguir, digo eu. Eis que a construção de uma alternativa a esse tradicionalismo acadêmico não me foi nada fácil. Do ponto de vista teórico, nem tão difícil: alguns amparos foram encontrados. Mas até colocar as coisas nesses termos, o teórico dissociado do prático, já indica que esse outro percurso acadêmico não foi longe.

Confesso que em alguns momentos da feitura desta dissertação, esse norte se tornou turvo, gerando movimentos ora de ancoragem (num lugar tradicional de pesquisa), ora de liberação (buscando essa outra postura, mais fluida). O que não chega a ser um problema metodológico, de fato: essa tensão afeta tão somente o sol que eu me propus. Em alguns momentos morro no frio da experiência frustrada, apenas isso. Os meus parâmetros

metodológicos continuaram cimentados, as pedras nos bolsos cumpriram bem o papel de não me deixar voar muito longe.

Dessas pedras, as mais pesadas formaram um desconjunto, que colocaram em movimento:

1) os discursos produzidos pelos sujeitos da pesquisa (um **outro**);
2) os discursos produzidos por mim (**eu-pesquisador**);
3) o revezamento de discursos **eu x outro**;
4) os discursos produzidos por **um nós** (**eu** e o **outro**);
5) uma ação de sodomia dos discursos produzidos (por um **eu lírico**).

Acessar esses discursos demandou um trabalho de **escavação**[29]: recuperar histórias e lembranças de cada sujeito, reconstituir as suas trajetórias de vida, elencando nesse processo os elementos que nos remetessem ao modo como o sofrimento mental e o trabalho, cada qual de modo singular, se tornam um fenômeno pelo qual o sujeito passa ao fazer a sua experiência no mundo.

Importante fazer aqui alguns acertos. Não se deve confundir, nesta dissertação, as expressões "histórias de trabalho", "trajetória de vida" e "histórias de vida". As duas primeiras foram utilizadas na nossa travessia, a última não. A história de vida, de forma rigorosa, se inscreve na fronteira entre a sociologia e a psicologia ou, mais precisamente, entre a sociologia clínica e a psicanálise (GAULEJAC; MARQUEZ; RUIZ, 2006). Um dos propósitos a que se presta o método de história de vida é o de compreender a articulação entre o funcionamento social e o funcionamento psíquico e inconsciente. Pode-se entender que ambos domínios são complementares e estabelecem uma circularidade dialética, sob a qual os fatos sociais são produzidos e significados[30].

A história de vida se realiza a partir da reconstituição das vivências do sujeito, a partir da forma como ele mesmo as percebe; é deste modo um método autobiográfico, no qual a

[29] Este termo foi usurpado no método arqueológico foucaultiano. No entanto, o que se fez aqui foi algo bem menos sofisticado que o feito por Foucault; daí o cuidado em não falar de uma arqueologia.

[30] Gaulejac, Marquez e Ruiz (2006) explicam que as histórias de vida começaram a ser utilizadas como recurso de investigação já nas décadas de 1920 e 1930, embora de maneira tímida. Ganham força, contudo, apenas nos dias atuais, com a crise dos métodos quantitativos e a emergência de novos paradigmas epistemológicos. Pode-se dizer, em verdade, que sua importância está, para a sociologia, na percepção de que a análise das instituições e fenômenos sociais não pode se dar sem uma análise dos agentes que produzem essas instituições e esses fenômenos. Por outro lado, a história de vida é um recurso também bastante importante na psicologia, pois permite compreender sob quais modos as instituições e fenômenos coletivos se fazem presentes na vida dos indivíduos.

própria pessoa rememora e significa os fatos que considera relevante. Essa ação, por si só, já produz efeitos de transformação, pois permite que o sujeito, ao recontar o seu passado, modifique o presente, porque pode entender melhor a sua trajetória e também aliviar questões difíceis guardadas no escuro da memória.

Além disso, Gaulejac, Marquez e Ruiz (2006, p. 21-25) apontam outras possibilidades que se abrem com as histórias de vida:

> (...) permite sair da oposição entre indivíduo e sociedade, entre a subjetividade do homem e as regularidades objetivas do social. Seu objetivo é compreender a dialética do social, ou seja a relação entre as condições concretas de existência e o vivido. (...)
>
> (...) permite captar "isso" que escapa à norma estatística, às regularidades objetivas dominantes, aos determinismos macro sociológicos. Este método faz aparecer o particular, o marginal, as rupturas, os interstícios e os equívocos que são os elementos-chave da realidade social, e sobretudo explicam por que não existe apenas reprodução (...)
>
> (...) permite compreender as circularidades dialéticas entre o universal e o singular, entre o objetivo e o subjetivo, entre o geral e o particular (...)
>
> (...) permite reconhecer no saber individual um saber sociológico. A prova que o social é, também, mental: se demonstra que só é possível compreender o sentido e a função de um fenômeno social através de uma experiência vivida, da sua incidência sobre uma consciência individual e em último lugar, através da palavra que permite dar conta. (GAULEJAC; MARQUEZ; RUIZ, 2006, p. 21-25)

No entanto, as histórias dos sujeitos apresentadas aqui **não** seguiram um ritual minucioso de levantamento de histórias de vida. Isso demandaria um mergulho muito profundo no labirinto mental do sujeito, uma atitude ao mesmo tempo de escafandrista e de cartógrafo. Ir da superfície à mais profunda vivência, trazê-la à tona e observá-la, junto com o próprio sujeito, à luz do sol. Compor com essas lembranças mapas psicossociológicos que possam refazer para o sujeito e o pesquisador um caminho do presente ao passado, por um campo espacial e temporal no qual as experiências possam ser compreendidas. Tudo isso, tarefa demasiada pretensiosa para se cumprir numa dissertação de mestrado.

Realizei então um percurso mais simples. Reconstituí a trajetória de vida de cada sujeito a partir de um sistema de revezamento, que pode ser melhor entendido pela figura a seguir:

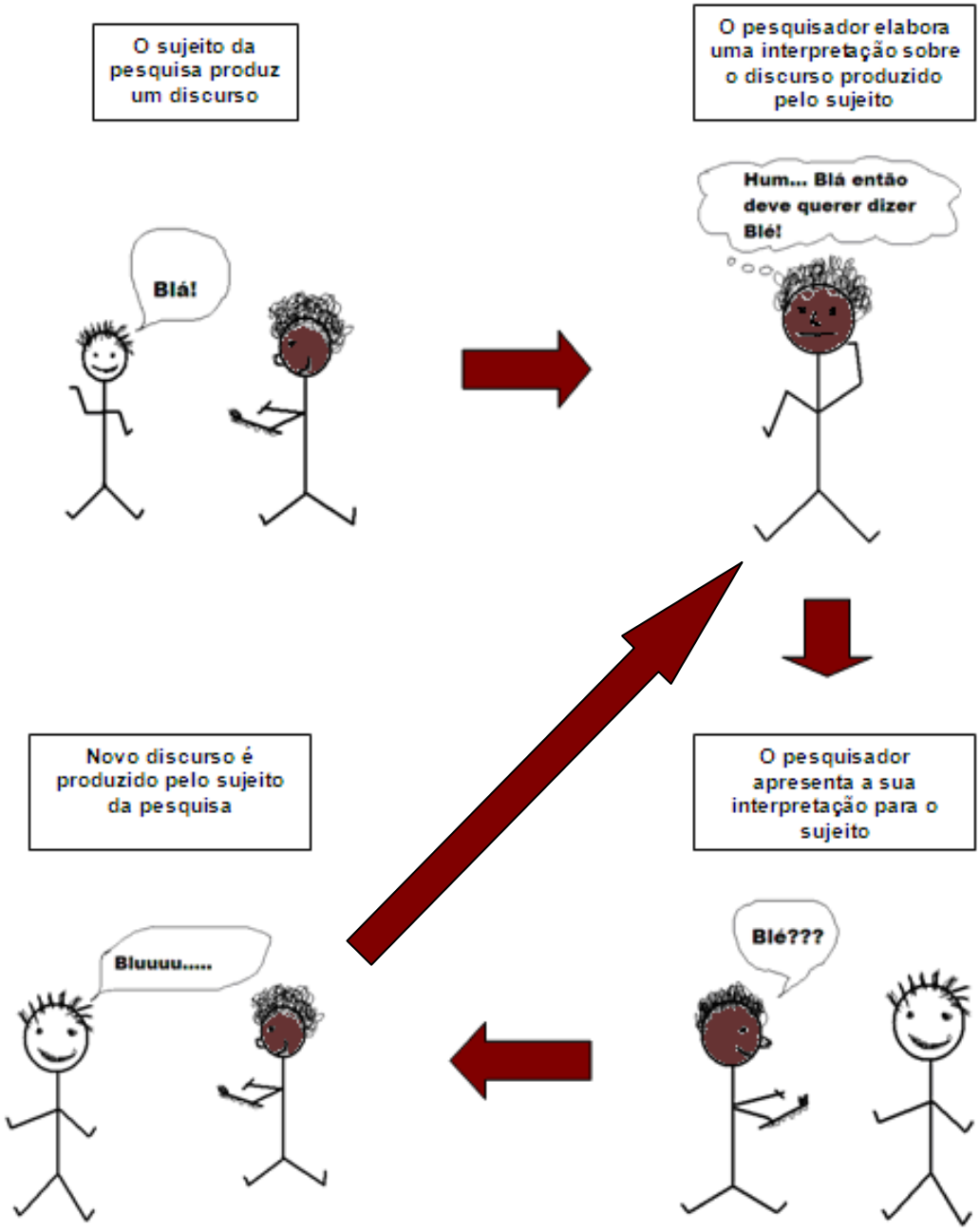


FIGURA 9 – A dinâmica de produção e revezamento de discursos
Fonte: Elaborado pelo autor (Todos os direitos liberados)

Essa dinâmica possibilitou colocar o discurso inicial em movimento. A ideia era que um primeiro sentido fosse produzido e que, depois, com o revezamento de discursos, esse sentido primeiro cedesse em favor de um segundo (e depois um terceiro, e depois um quarto...). Trata-se de um sistema análogo ao descrito por Deleuze e Foucault (FOUCAULT, 1992, p. 69-70):

> As relações teoria-prática são muito mais parciais e fragmentárias. Por um lado, uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio, e pode se aplicar a um outro domínio, mais ou menos afastado. A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que uma teoria penetre em seu próprio domínio encontra obstáculos que tornam necessário que seja revezada por outro tipo de discurso (é este outro tipo que permite eventualmente passar a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro.

Embora não se tratasse exatamente de operar um revezamento entre teoria e prática aqui, o que se fez foi um revezamento de discursos: ora o discurso do **outro** (sujeito da pesquisa), ora o discurso do **eu-pesquisador**. A ideia era, com esse movimento, superar os obstáculos que eventualmente surgissem à medida que um desses discursos se tornasse obsoleto, emperrado, deixando de se colocar como fonte de enunciação. Ou seja, é uma estratégia que busca criar e extrair novos entendimentos das tramas discursivas, por entender que elas constituem um sistema aberto.

Porém, não se sabe se isso efetivamente aconteceu. Não utilizei mecanismos de controle e avaliação, apenas procedi a esse revezamento, acreditando que alguma coisa se produziria. Com efeito, em algumas conversas foi possível perceber mudanças com relação ao discurso inicial (por exemplo, no sentido atribuído ao tratamento de saúde mental, quando eu questionava as diferenças entre o tratamento manicomial e o em serviços substitutivos). Mas não poderia afirmar que essas mudanças ligam-se direta e inequivocamente ao sistema de revezamento. E mais: isso na verdade não importa. Porque somos devir, nada pode ser explicado assim, de forma causal.

Formalmente foram realizados, em cada caso, dois, três ou no máximo cinco encontros com cada sujeito. Com alguns, era mais fácil o contato: a proximidade geográfica e a disponibilidade para encontros eram maiores (como era a situação com o Clarismundo, a Beth, o Eustáquio, o Paulo e a Graça, todos trabalhavam em locais que me eram de fácil acesso e mantinham um ritmo de trabalho que possibilitava e facilitava esses encontros. Mais que isso: esse tipo de atividade era inclusive estimulada, todos reconheciam o seu valor).

Situação diferente ocorreu nos encontros com Cleiton e César: como mantinham rigorosamente uma rotina de trabalho de mais de quarenta horas semanais, as conversas precisaram ser limitadas. Com Cleiton, foram apenas dois encontros, em finais de semana, e algumas poucas conversas por telefone. Com César também dois encontros, nas poucas folgas semanais que ele tinha.

Já com os outros cinco trabalhadores da Suricato, o contato foi muito maior. Cheguei mesmo a acompanhar uma série de atividades da associação (que eu já conhecia), e pude interagir mais com eles. Daí a experiência ter sido mais rica: um vínculo forte entre mim e eles se criou, e também pudemos nos conhecer melhor. Mas é preciso dizer que não havia, nesses contatos, uma intenção primeira (e utilitarista) de compreender ou explicar os seus comportamentos, opiniões e experiências. Quando isso ocorreu foi apenas como consequência de um contato que buscava não estabelecer uma relação de pesquisador-objeto, mas de companheiro-companheiro, de forma horizontal e descompromissada.

Nesses encontros fortuitos, não me dei ao trabalho de utilizar algum instrumento para registro de dados, como um diário de campo ou um gravador. Apenas nos encontros formais que tive com cada um as conversas foram gravadas: para facilitar a reconstrução da trajetória de vida, e depois para devolver-lhes as impressões iniciais que eu havia feito.

Durante essa espécie de "devolutiva", realizada com todos os sujeitos, busquei reorganizar o discurso de cada um de modo linear, partindo do nascimento até o presente, e colocando em relevo as falas sobre as experiências de trabalho e as experiências de sofrimento mental. Além disso, eu relatava as minhas impressões sobre o que eles haviam contado, a partir de uma primeira interpretação que eu havia formulado[31].

FIGURA 10 – Devolutiva com Eustáquio
Fonte: Foto do autor (todos os direitos liberados)

[31] E isso foi particularmente importante para que eu refizesse alguns entendimentos equivocados da minha parte, desde confusões com nomes de familiares até interpretações absolutamente errôneas que eu acabei por fazer.

Feito isso, o caminho estava dado: a ideia era que esse processo estimulasse cada sujeito a repensar suas vivências, que eles pudessem atribuir a elas novos sentidos, caso sentissem necessidade de fazê-lo. Não era necessariamente uma obrigação, apenas uma possibilidade que eu queria abrir.

> Você pode olhar o passado e dizer: "Gente, mas aquele dia, puxa vida, eu não tinha percebido isso. Mas é bom demais". Mas por que não percebi antes? Por que não estava preparada. Uai?! Mas não estava preparada, vivi o acontecimento? Pois é, por incrível que pareça, agora estou preparada para perceber, captar uma essência desse acontecimento que estava lá, virtualmente me esperando como uma semente guardada nas areias do deserto, esperando o momento das chuvas para poder transbordar, desabrochar. Está guardado lá aquele sentido virtual, lá no passado.
> Lá onde está o meu passado? Lá? Num lugar? Numa caixa? Aqui. O meu passado está aqui, na minha possibilidade de resignificá-lo. Por isso o fato de conservar a memória está intimamente vinculado à minha possibilidade de renovar meu passado.
> Depois de ter vivido "n" experiências em seguida àquela, retorno àquela com um olhar que me permite descobrir alguma coisa nela que não tinha visto. E essa coisa nela, que não tinha visto, é a razão de ser do meu presente e é a riqueza do meu presente. É o meu ser hoje. O meu ser hoje é compreender o meu passado assim, assado, dessa maneira, de outra maneira. (VIEGAS, 1989, p. 9)

O acesso a cada um dos sete sujeitos foi facilitado pela interlocução com o Centro de Convivência São Paulo e com a Suricato[32]. A ideia inicial, lá onde eu concebia esta pesquisa, mais de um ano antes, era que fossem apenas três sujeitos, sendo um inserido no mercado de trabalho formal, outro em alguma experiência de trabalho solidário, e um terceiro inserido informalmente no mercado de trabalho, por meio de atividades autônomas não assistidas pelo Estado. Mas essa vontade ruiu com o tempo: primeiro, com a crítica de que estavam poucos os sujeitos e as histórias[33]; segundo, quando o campo me mostrou a dificuldade que seria descobrir essas pessoas. Assim, deu no que deu: à medida que algumas pessoas foram aparecendo, eu me dei por satisfeito.

Além disso, não me importava fazer nenhum recorte específico em termos de diagnóstico/tipo de patologia da pessoa com histórico de sofrimento mental. Essa (não) definição apoia-se na crítica ao saber-poder psiquiátrico[34] (FOUCAULT, 2005; 2001). Devo

---

[32] Agradeço aqui imensamente a todos os amigos empreendedores e técnicos apoiadores da Suricato, que sempre me acolheram de modo amável e sem restrições. Também à Marta Soares, do Centro de Convivência São Paulo (por tudo o que me facilitou e ajudou, sempre com a maior boa vontade); e à Coordenação de Saúde Mental de Belo Horizonte (em especial à Rosemeire Silva). À todos vocês, o meu mais sincero obrigado: pelo carinho, por me abrirem as portas de um mundo tão lindo que todos deveriam conhecer e ajudar a construir.

[33] Professor Virgílio, o senhor não sabe o trabalho que deu aumentar esse número! Mas acredito – agora que estou no final – que tenha mesmo valido a pena.

[34] De acordo com Silva (2008a), no campo da saúde mental, uma das formas de manifestação do poder disciplinar é o diagnóstico médico. Mais que uma descrição de uma patologia, o diagnóstico é uma forma de

reconhecer que desde o início não pretendia esgotar as formas de inscrição no mundo do trabalho de que se pode valer o cidadão em sofrimento mental, nem relacionar essas formas às diferentes questões de natureza psicológica que necessariamente apareceram. Reitero que o importante aqui é a compreensão dos modos como essas pessoas fazem das vivências de trabalho e das vivências de transtorno mental grave, filtros pelos quais eles se relacionam com mundo, constituindo uma forma de experiência de si.

Na proposta inicial eu pretendia colocar em contato os diferentes sujeitos da pesquisa, por meio de um **painel de discussão**, que possibilitasse que as experiências e sentidos sobre o trabalho, construídos até então individualmente (ou melhor, numa relação dialógica entre o sujeito da pesquisa e o eu-pesquisador), pudessem ser compartilhadas e reelaboradas coletivamente. Com isso, um espaço de trocas se abriria: entre os limites do trabalho de um, as qualidades e possibilidades do trabalho do outro, as angústias e expectativas de cada um. Por fim, isso poderia enriquecer a vivência de cada um desses trabalhadores.

Essa ideia me parecia muito boa, mas precisou ser abandonada por força do acaso. Foi-me impossível conciliar a agenda de todas essas pessoas (a minha incluída). Aqueles que trabalhavam no mercado de trabalho formal, Cleiton e César, tinham apenas os fins de semana para reunir (e mesmo assim, com severas restrições, já que costumavam trabalhar também nesses dias, César, por exemplo, tinha apenas um domingo livre por mês, as suas outras folgas semanais caindo aleatoriamente em dias diferentes). Além disso, como os outros trabalhadores eram todos ligados à mesma experiência produtiva – a Suricato – não me ocorreu que esse painel de discussão pudesse trazer tantos elementos e trocas apenas entre esses sujeitos, pois que eles já realizam encontros dessa natureza sistematicamente.

Havia também a ideia de se trabalhar com fotografia – o que, de fato, aconteceu. Com dois métodos distintos: primeiro, o que já era a proposição inicial, buscar conhecer o mundo dos sujeitos da pesquisa a partir da perspectiva deles, pela representação social que eles fizessem por meio da produção imagética. Segundo, a partir de retratos dos próprios sujeitos, feitos por fotógrafo profissional[35], dar a produzir novos sentidos de si, a autoimagem fazendo as honras de esboço de si mesmo que transforma.

---

normalização, de anular diferenças. O diagnóstico funda-se numa avaliação cujos critérios são maleáveis segundo o humor do especialista, que deve tomar como único cuidado a produção de um discurso técnico que legitime o seu parecer.

35 Duas notas cabem aqui: 1) não se trata, em momento algum, de comparar um método com o outro; cada um desses dois tipos de registro tem a sua estética e valor próprios, não devem ser julgados com base em algum parâmetro; 2) Agradeço aqui imensamente ao amigo e fotógrafo Cyro Almeida, que tão gentilmente me ajudou

A utilização de imagens poderia seguir uma justificativa formal e tradicional, de arquivo, tal qual assinala Loizos (2004), para quem há pelo menos três razões para a utilização de imagens: 1) elas oferecem um importante registro de ações temporais e acontecimentos reais; 2) complementam os aspectos teóricos e abstratos de uma pesquisa social; e 3) são, no mundo contemporâneo, um recurso amplamente difundido, não devendo ser ignoradas.

Mas a minha razão, mais importante que essas outras três: as imagens permitem um encontro do sujeito consigo mesmo e com outro de forma inusitada; abre uma possibilidade de se repensar a sua própria imagem e autorrepresentação, e de deslocar seu próprio discurso sobre si mesmo. Esse é, sem dúvida, um ponto fundamental aqui, aquele capaz de colocar o método no lugar de subjetivação:

> O exercício é um percurso que se faz de fora de si e de seus valores, nos encontros com o outro e na dimensão do que é o **exterior** em si mesmo, lidando com as (re)descobertas e (re)construções de formas de pensar, sentir e enxergar o mundo (...) Ao lidar com o real, o sujeito lida consigo e com o outro e pode ir construindo lugares de posicionamento e expressão. A possibilidade de expressão encontra caminho para percorrer quando o ser se relaciona com o mundo, quando outras pessoas podem experimentar a fala de um outro sobre si mesmo e sobre seu modo de ver as coisas do mundo. A identidade vai sendo (re)construída continuamente assim, nas interações sociais. Os sujeitos compartilham, então, suas subjetividades e, em um processo de experimentação – no nosso caso potencializado através dos meios de comunicação –, vão se reconhecendo como um coletivo. (MELO et. al, p. 61-62. Marcação dos autores)

Para Loizos (2004), alguns cuidados devem ser tomados para a utilização de fotografias. Além de se questionar a veracidade dos fatos que a imagem apresenta[36], é preciso considerar o contexto geral em que foi tomada a imagem: quem tirou a foto? Por que e quando? Qual a motivação e critérios para capturar a imagem? Como foi tirada (espontânea, intencional...)? O autor cita o exemplo de fotografias tiradas de grupos de pessoas, e aponta pelo menos quatro possibilidades de "como":

> 1) Os sujeitos foram pegos de surpresa pelo fotógrafo, comportando-se de maneira informal.
> 2) Um grupo de sujeitos, sabendo que alguém iria fazer uma fotografia, posiciona-se de modo tal, considerado por eles apropriado.
> 3) Um fotógrafo pode tomar a iniciativa de colocar os sujeitos em uma composição específica e eles podem aceitar esta orientação passivamente.

---

com os retratos, aqui depositados para a posteridade – o futuro se encarregará de não me deixar mentir – o seu brilhantismo tornando inestimável o valor desse material...

36 Uma fotografia pode ser manipulada tanto acidentalmente (por exemplo, por distorções técnicas provocadas pela câmera), quanto intencionalmente (por razões ideológicas, por exemplo). (LOIZOS, 2004)

> 4) Algum conluio ou negociação entre o fotógrafo e os sujeitos pode ser feito. (LOIZOS, 2004, p. 145)

Não foi exatamente nesse sentido que busquei utilizar a fotografia. Não para desvelar alguma verdade escondida atrás da foto, mas, como já dito, possibilitar o encontro do sujeito consigo mesmo e com o mundo[37]; um encontro mediado pela espera e pelo tempo sobrevivente. Nesse sentido é que se estimulou a produção de fotografias sobre o contexto atual de trabalho: o que elas revelariam que a fala escondia?

Finalmente, no que diz respeito à análise dos dados da dissertação – meu calcanhar de Aquiles. Tanto nas produções textuais quanto nas visuais, a proposta era utilizar elementos da Análise de Discurso (AD). Ocorre que essa técnica, em verdade, é formada por diferentes perspectivas e enfoques. Pereira e Brito (2009), por exemplo, afirmam que a prática da AD considera desde posicionamentos epistemológicos distintos (alinhamento ou rejeição do projeto modernista, naquilo que se deixa orientar pela "relação intrínseca entre razão e liberdade", de um lado, e o dualismo sujeito – objeto, de outro), até formas específicas de se conceber a linguagem e a interpretação do discurso (a corrente tradicional, cuja ênfase recai na relação travada entre signo, significante e significado de modo ahistórico, e de regime abstrato e formal, ou o entendimento da linguagem enquanto prática social que, por isso, é sempre dinâmica e precisa ser abarcada em toda a sua dimensão histórica e política).

Eu tinha comigo a crença de que os princípios mais gerais da AD, naquilo que se aproximavam de uma leitura socioistórica do texto (a linguagem enquanto prática social), me serviriam bem. Utilizei-os. Somente os princípios aqui resumidos conforme o fez Gill (2004, p. 245):

> 1. A postura crítica com respeito ao conhecimento dado, aceito sem discussão e um ceticismo com respeito à visão de que nossas observações do mundo nos revelam, sem problemas, sua natureza autêntica.
>
> 2. O conhecimento de que as maneiras como nós normalmente compreendemos o mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas.
>
> 3. A convicção de que o conhecimento é socialmente construído, isto é, que nossas maneiras atuais de compreender o mundo são determinadas não pela natureza do mundo em si mesmo, mas pelos processos sociais.

[37] Confesso aqui minha admiração e inspiração nos trabalhos de mídia comunitária realizados pela Associação Imagem Comunitária – AIC. Em sua proposta de democratização das comunicações e de criação de novas experiências estéticas e políticas, me lambuzei de influência dos elementos norteadores da sua prática, como o lúdico, o dialógico e o processual. Quem se interessar, pode conferir em Lima (2006).

Acreditava que esses princípios colocavam a Análise de Discurso num domínio epistemológico alinhado ao defendido nesta dissertação. O discurso assim entendido como uma **prática social**, que carrega a vontade e a potência de realizar algo, me pareceu apropriado. Ele se inscreve no campo social como uma ação, a ação discursiva, que não apenas comunica algo, mas produz e modifica fatos e comportamentos (GILL, 2004). É nesse sentido que é preciso considerar o contexto no qual o discurso aparece, interpretá-lo segundo uma série de disposições que são eminentemente sociais: quem produz o discurso, e de qual lugar; o que pretende com esse discurso, e a quem se direciona; quais os recursos retóricos são utilizados e por quê.

> Para tomar um exemplo concreto, alguém pode dar uma explicação diferente do que fez na noite anterior, dependendo do fato de que quem pergunta é a sua mãe, seu chefe ou seu melhor amigo. Não se trata de que alguém está sendo deliberadamente fingido em alguns desses casos (ao menos não necessariamente), mas simplesmente de que estaríamos dizendo o que parece "certo", ou o que "vem naturalmente" para aquele contexto interpretativo particular. (GILL, 2004, p. 248-249)

Ocorre que tudo isso não funcionou muito bem. Fez-me dissociar momentos do percurso que deveriam ter sido confundidos, fez-me ater demasiado ao discursos e esquecer outras possibilidades. Mesmo nessa atenção ao processo discursivo, acabei em vários momentos rodando em torno de discursos por vezes inócuos, tentei aprofundar questões que deveriam ter sido negligenciadas... Ou seja, essa primazia do discurso não se ajustou muito bem à minha proposta (ou eu que não me ajustei ao método, não sei). O fato é que talvez tivesse sido mais interessante uma análise não dos discursos, mas de **indicadores de movimento,** na esteira do pensamento de González-Rey (2005, p. 100-101; 103. Marcações minhas):

> (...) fora a definição ontológica e epistemológica em que o conceito de dado definiu o seu valor, não há nenhum sentido em continuar definindo a coleta de dados como uma etapa da pesquisa: em primeiro lugar, porque realmente os dados não se coletam, mas se produzem e, em segundo lugar, porque o dado é inseparável do processo de construção teórica no qual adquire legitimidade (...) na pesquisa qualitativa o valor de qualquer elemento não provém de sua objetividade em abstrato, mas do significado atribuído em um sistema. **O dado adquire seu significado, que lhe é atribuído, dentro de um sistema; além disso, ele obtém sua significação como o momento de tensão de um pensamento que se desdobra por meio dele em um processo que sempre se acompanha de múltiplas idéias e informações** com relação a um modelo em desenvolvimento por parte do pesquisador (...) Portanto, o curso da pesquisa jamais pode definir-se na dicotomia coleta-elaboração, pois, quando se separa do cenário em que aparece, o dado está perdendo aspectos essenciais de seu significado[38].

[38] Preciso fazer um agradecimento bastante especial aqui, ao professor Eduardo Simonini Lopes (UFV/MG). Sem sequer me conhecer, aceitou gentilmente a tarefa de revisar alguns conteúdos da dissertação... Eduardo,

E eu busquei recusar o sistema de interpretação semiológico: filiava-me à hermenêutica moderna. Aquela em que a interpretação precisa voltar-se contra si mesmo, reencontrar e refazer antigos lugares e percursos com novos olhares. Por isso o caminho aqui não poderia ser linear, nunca se pretendeu. Mas vamos, com calma, desfiar esse ponto.

Foucault (1987, p. 14) destaca duas suspeitas históricas produzidas sobre a linguagem:

> Por um lado, a suspeita de que a linguagem não diz exatamente o que diz. O sentido que se apreende e que se manifesta de forma imediata, não terá porventura realmente um significado menor que protege e encerra; porém, apesar de tudo transmite outro significado; este seria de cada vez o significado mais importante, o significado "que está por baixo". (...) Por outro lado, a linguagem engendrou esta outra suspeita: que, em certo sentido, a linguagem rebaixa a forma propriamente verbal, e que há muitas outras coisas que falam e que não são linguagem. Depois disto poder-se-ia dizer que a natureza, o mar, o sussurro do vento nas árvores, os animais, os rostos, os caminhos que se cruzam, tudo isto fala; pode ser que haja linguagens que se articulem em formas não verbais.

Essa constatação não é exatamente uma novidade, e não foi nesse sentido que Foucault a destacou. Foi, antes, pelo novo modo de se relacionar com a linguagem que se desenvolveu a partir de Nietzsche, Freud e Marx: a **hermenêutica moderna**.

Os sistemas de interpretação são a forma viva de se suspeitar da linguagem, e cada cultura desenvolveu as suas. Em se tratando da tradição ocidental, até o século XVI imperou um sistema de interpretação pautado na **semelhança**: a cosmologia, a botânica, a filosofia, todas as classes de pensamento se articulavam num movimento ordenado que adotava como unidade mínima e planejamento geral as operações por semelhança: isto se assemelha àquilo, então funciona do mesmo modo. Assim é que se promovia uma série de ajustes (alma-corpo, animal-vegetal), emulações (o rosto humano e suas sete partes constituintes eram como o céu e os sete planetas...), analogias e signaturas (FOUCAULT, 1987; 1995).

A partir do século XVI, no entanto, o sistema de interpretação baseado na semelhança entra em crise. E, se a crítica baconiana e cartesiana ajudam a sepultar esse sistema, foi a partir das obras de Nietzsche, Freud e Marx que outro sistema aparece: a hermenêutica moderna. Se, no sistema de semelhança, os símbolos remetem a um espaço homogêneo (da terra ao céu, do Homem ao animal, do animal à planta...), com Nietzsche, Freud e Marx os

---

obrigado pela leitura tão cuidadosa e pelos comentários que fez no texto. Graças a isso pude "catar" algumas passagens problemáticas, mas principalmente compreender melhor algumas ideias. Como esta, que cito aqui: "Seguir a trilha aberta pelos indicadores de movimento não possibilita chegar a conclusões generalizantes, mas a problematizações. Essas problematizações – em sua trajetória produtora de reflexões e de novos conhecimentos – são o sentido a que se almeja quando se realiza pesquisa qualitativa" (LOPES, 2011, s/p.)

símbolos passam a operar num espaço diferente: eles introduzem uma perspectiva de **profundidade**, não como interioridade, mas como exterioridade do pensamento.

A profundidade do pensamento se dá, em primeiro lugar, a partir de uma **experiência da interpretação**, em que o intérprete se projeta em direção à linguagem, buscando refazê-la. O intérprete deixa de ser um mero decodificador, tradutor ou reorganizador de discursos para se investir com a própria vida no discurso. Em segundo lugar, a interpretação passa a ser encarada como um devir e, por conseguinte, como algo sempre inacabado e também fragmentado. O trabalho do intérprete é sempre um trabalho parcial e limitado e que, justamente por isso, precisa voltar-se contra si mesmo (FOUCAULT,1987; 1995). Assim, é preciso que se entenda o movimento de interpretação como uma "avalanche":

> É que se o intérprete deve ir pessoalmente até ao fundo como um escavador, o movimento de interpretação é pelo contrário, o duma avalanche, o duma avalanche cada vez maior, que permite que por cima de si se vá despregando a profundidade de forma cada vez mais visível; e a profundidade torna-se então um segredo absolutamente superficial de tal forma, que o vôo da águia, a ascensão da montanha, toda essa verticalidade tão importante em Zaratrusta, não é em sentido restrito, senão o revés da profundidade, a descoberta de que a profundidade não é senão um jogo e uma ruga da superfície. À medida que o mundo se revela mais profundo aos olhos do homem, damo-nos conta de que o que significou profundidade no homem, não era mais do que uma brincadeira de crianças. (FOUCAULT, 1987, p. 19)

Essa mudança de sistema de interpretação traz várias consequências. A primeira delas, certamente a mais perigosa, é a possibilidade que se abre de fazer desaparecer o intérprete: é que num sistema de interpretação aberto e inacabado como esse, onde não existe uma verdade última a ser descoberta, a profundidade da interpretação é sempre infinita. E isso pode levar o sujeito a se perder num abismo que ele próprio criou: sua busca é sempre inacabada – e a sua angústia também.

> (...) quanto mais se avança na interpretação, quanto mais há uma aproximação de uma região perigosa em absoluto, onde não só a interpretação vai encontrar o início de seu retrocesso, mas que vai ainda desaparecer como interpretação e pode chegar a significar inclusive a desaparição do próprio intérprete. (FOUCAULT, 1987, p. 21)

Essa zona perigosa do pensamento, tornada palpável pela interpretação, seria algo parecido com uma experiência da loucura: no limite, a interpretação pode colocar em crise o mundo socialmente compartilhado; ela carrega o risco de fazer desabar todas as formas de se situar no mundo, com todas as tipificações e conceitos, tudo aquilo que nos protege e filia a uma convivência social estável; tanto Freud quanto Nietzsche sabiam disso, e não à toa travaram várias batalhas (contra e a favor) da loucura. "Esta experiência da loucura seria a

sanção contra um movimento de interpretação que se avizinhava do infinito do seu centro, porém que se derruba, calcinada." (FOUCAULT, 1987, p. 22)

Ora, se não é possível um encontro com a verdade, tudo o que resta são **interpretações de interpretações**: não há, nem nunca houve, algo absolutamente primário para se interpretar, alguma origem ou essência, um universal, tudo já é uma interpretação de saída. Mais que isso: a interpretação é sempre uma operação violenta, pois nenhuma matéria ou fenômeno se oferece passivamente à interpretação (FOUCAULT, 1987); é preciso que o intérprete lhe arranque de onde estava, que a macule com uma interpretação nova e estranha; o intérprete necessita "apoderar-se, violentamente, de uma interpretação que já está ali, que deve trucidar, revolver e romper a golpes de martelo". (FOUCAULT, 1987, p. 23)

Tudo isso modifica também a relação do intérprete com o símbolo: no sistema de semelhança, o símbolo é considerado como simples e benévolo, por se oferecer livremente. Com Freud, Nietzsche e Marx, o símbolo se converte em algo malévolo, pois no símbolo existe certa "má vontade" em se oferecer, uma vez que eles são "interpretações que tratam de justificar-se, e não o inverso" (FOUCAULT, 1987, p. 25). Ou seja, os símbolos impõem uma interpretação, eles se valem da interpretação para recobrir, esconder, manterem-se inalcançáveis. Há algo de estranho e inalcançável nos símbolos justamente porque a única coisa alcançável neles é a interpretação que se nos oferece.

É por isso que a interpretação é forçada a voltar-se contra si mesma indefinidamente, a interpretar-se a si mesma até o infinito (e correr o risco de uma experiência da loucura). É por isso que esta dissertação precisa valer-se de certo eterno retorno acadêmico, a cada volta novas interpretações se produzindo, novas paredes se despegando. E isso insere dois aspectos na natureza da interpretação: de um lado, a constatação de um paradoxo do sujeito: a interpretação é sempre dependente de um alguém, mas também pode levar ao desaparecimento ou irrelevância desse alguém; e, finalmente, a constatação de que o tempo da interpretação é um tempo novo, pois é circular (volta-se a si mesmo). Diferentemente do tempo dos símbolos (tempo com vencimentos), e a dialética (tempo linear).

> Este tempo [circular] está obrigado a voltar a passar por onde passou, o que ocasiona que no final, o único perigo que realmente corre a interpretação, embora seja um perigo supremo, é o que, paradoxalmente fazem correr os símbolos. A morte da interpretação é o crer que há símbolos que existem primariamente, originalmente, realmente, como marcas coerentes, pertinentes e sistemáticas. A vida da interpretação, pelo contrário, é o crer que não há mais do que interpretações. Parece-me ser necessário compreender algo que muitos contemporâneos nossos se esquecem, isto é, que a **hermenêutica e a semiologia são dois ferozes inimigos**. Uma hermenêutica que se a uma semiologia tende a crer na existência absoluta dos símbolos: abandona a violência, o inacabado, a infinitude

> das interpretações, para fazer reinar o terror do índice e suspeitar da linguagem. Reconhecemos o marxismo posterior a Marx. Pelo contrário, uma hermenêutica que se desenvolve por si, entra no domínio das linguagens que devem implicar-se mutuamente, nessa região intermediária entre a loucura e a pura linguagem. É aqui que reconhecemos Nietzsche. (FOUCAULT, 1987, p. 26-27)

Dito tudo isso, quase mais nada tenho a dizer (no momento). Espere, ainda tenho sim: eu não me esqueço de lembrar como este não foi um trabalho fácil. Encontros dessa natureza implicam em muito envolvimento subjetivo: composições várias, entre eu e os sujeitos. Foi preciso ir fundo nas memórias dessas pessoas, destacar lembranças difíceis e complicadas, sofridas, embaralhadas... E isto demandou uma entrega muito grande minha, na condição de companheiro e de pesquisador. Acredito que aquele que pretende entender vivências como essas precisa se despojar das suas próprias experiências anteriores, das suas categorias analíticas e referências simbólicas já enraizadas, dos seus valores, da sua moral, daquilo que preza como sagrado e como profano, daquilo que reconhece como familiar e daquilo que estranha e percebe como exótico, daquilo que entende como certo e errado, fácil ou difícil... É um jogar-se no mundo do outro sem saber o que vai encontrar, qual a profundidade dessa imensidão que é olhar do outro, se interrogar a todo tempo se haverá luz suficiente para enxergar. Tatear no escuro, perseguir os aromas. É não saber **como** e **se** irá voltar, e o que trará à tona depois que o mergulho acabar. É o absoluto desamparo próprio, amparado unicamente no desconhecido que lhe é o mundo do outro...

Entre eu e cada um desses sujeitos, ao mesmo tempo o insolúvel e o enaltecido. Paisagens diversas.

5. DE COMO SE FAZ A EXPERIÊNCIA DE SI

5.1 A palavra solta que arrisca

Coloquemos as coisas nos seguintes termos: sempre há de existir, em qualquer sociedade ou em qualquer época, certa forma hegemônica de se ser reconhecido enquanto cidadão. Não raro, essas formas passam por aspectos tais como a moral, a sexualidade, o trabalho, a linguagem, os valores, as condutas, os signos que fazem identificar, um estado de direito que faz padronizar. Todas essas formações sociais prescrevem o que é certo e errado, permitido e condenável, esperado e, no máximo, tolerado.

Tudo isso, que desde sempre constituiu os elementos de estudo da filosofia, da sociologia, da psicologia, da economia, da educação e de outros tantos domínios de conhecimento, ultrapassa o sujeito para se ligar a um universo socialmente construído e compartilhado, daí surgirem tantas formas de saber e poder que vão se cristalizando, se institucionalizam e pouco a pouco transformam-se em verdades irrefutáveis, destinadas a estabelecer a vida em sociedade (FOUCAULT, 1995; 1992).

Todo esse conjunto de práticas e significados (morais, de direito, a linguagem, etc), ao se institucionalizarem, acabam por definir um "lugar de chegada e de estada": aqueles que ainda não gozam desse repertório institucionalizado (dominam a linguagem, submetem-se às prescrições morais, seguem as leis e comportamentos socialmente desejáveis, alinham-se aos mesmos valores) devem procurar fazê-lo, orientar a sua existência para tal conquista. Por outro lado, aqueles que por ventura encontram-se já inseridos nesse domínio social específico e privilegiado, devem fazer de tudo para manter-se nele, e também buscar tornar-se cada vez mais "puro" na sua conduta (sofisticar cada vez mais a linguagem, ser exemplo moral e de valor para os outros, etc).

No nosso caso, digamos não apenas brasileiro, mas ocidental e cristão, poderia ser algo assim: "Eu, fulano de tal, filho de beltrano e de ciclana, portador da cédula de identidade número tal e tal, residente à rua tal, nascido em tal lugar, funcionário do estabelecimento 'x', casado com a fulana de tal e pai do fulaninho júnior. Eu trabalho oito horas por dia, folgo nos fins de semana, só faço sexo papai-e-mamãe com a minha esposa, aos domingos como macarronada na casa da sogra, assisto ao futebol na tevê. Duas vezes por ano viajo para Guarapari com esposa e filho à tiracolo (exceto quando meu filho fica de recuperação na escola). Vezenquando dá uma vontade danada de comer a secretária, mas eu sei que isso é

bobagem da minha cabeça, não trocaria uma relação estável por uma aventura. Estou financiando um apartamento e penso em trocar de carro no próximo ano, aquele que eu vi na televisão no intervalo do jogo e todos os meus amigos comentam como seria bacana ter um daqueles, eu vou arrasar".

Duas perguntas fundamentais aqui: 1) onde está o sujeito desta cena? Certamente não conseguimos responder a essa questão observando simplesmente o fato de o sujeito assistir ao futebol no domingo ou resolver passear com o cachorro. Ou na vontade de pagar as prestações do apartamento ou preferir doar o dinheiro. Sujeito adorador de animais, de futebol, conservador ou altruísta, tudo isso diz absolutamente nada.

O que importa, mais que o ato em si, é o que subjaz o próprio ato: é como, em qualquer uma das suas condutas e pensamentos, o sujeito se singulariza; como, seja assistindo à TV ou pagando o aluguel, o sujeito da cena consegue remontar esse ato dando à ele características que são apenas suas: ele assiste ao futebol na TV porque o fazia com o pai sempre, até a sua morte, décadas atrás, e agora isso rigorosamente o conforta dessa perda irrefutável; ele quer uma casa própria porque teme que seus filhos sejam obrigados a se mudar constantemente por não terem dinheiro para o aluguel, tal qual acontecera com ele anos atrás.

Enfim: importa como o sujeito torna um simples e corriqueiro acontecimento algo único, singular. Apenas seu.

Segunda questão: qual o lugar esse acontecimento, assim significado, vai ocupar na vida desse sujeito? A questão aqui é compreender como ele faz disso tudo (assistir, pagar, etc.) um modo de vida, **permanente ou provisório**. Questão ontológica ou de devir? Esse estilo de vida, acontecimentos e valores **sustentam o ser** ou, pelo contrário, são **transitórios?**

Admitir qualquer forma de existência, construção de sentido ou acontecimento como permanentes é aumentar o risco do apego, da decepção, da culpa, do arrependimento. É dificultar a superação, reconstrução, virar a página. Já não bastasse a dificuldade do sujeito da cena em escapar às formas de vida repertoriadas, fazer precipitar a sua singularidade, ainda é preciso se cuidar para não cristalizar uma vivência, uma emoção. É preciso apostar no devir, na transitoriedade dos fatos, nas múltiplas possibilidades do ser, na capacidade de resignificar quaisquer acontecimentos. Esse, o verdadeiro modo artista de vida.

Pois que é preciso tomar ao menos duas precauções, para um bom entendimento desse modo artista de vida: 1) evitar enxergar no devir uma forma de relativismo absoluto; trata-se, melhor explicando, de encarar o mundo como algo dinâmico, que sempre se modifica, e que portanto, não comporta formas de reprodução social sem que estas sejam acompanhadas de sofrimento. Daí a necessidade de construir formas mais artistas de existência, alinhadas ao

devir; 2) tratar-se-ia então de buscar escapar às formas de saber e poder que circulam pelas várias situações do cotidiano, provocando dificuldades e sofrimentos. Assim, não pode restar dúvidas que na vida do senhor Fulano existem vários pontos de **assujeitamento,** operados pelas condutas e valores institucionalizados (ou seja, que não se ligam diretamente ao sujeito, mas à um modo padronizado de vida). Essas formas de assujeitamento são vividas concretamente na dificuldade em se significar subjetivamente as suas práticas cotidianas, caindo o sujeito na mera reprodução automática (pagar as contas simplesmente porque é preciso, comprar um carro novo simplesmente porque a televisão mandou...).

Dito isso, é preciso observar quais as formações sociais (de linguagem, direito, valores, moral, etc) atuam reendossando o processo de reprodução de práticas e sentidos, massificando e retirando a singularidade do sujeito, e quais as formações sociais **facilitam** a criação de outros modos de vida.

> **Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade**. Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. (...) A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação; a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social. (GUATTARI, 1986, p. 31. Marcações do autor)

Talvez fosse necessário procurar nas ausências aquilo que esse Fulano traz de particular. Porque o irrefletido da cena é o processo de silenciamento tentado sobre o sujeito. Mas este nunca é apenas e totalmente assujeitado, sempre persistem possibilidades de resistência, novas estratégias se desenham e escapam pelos lados, pelos intervalos. **Linhas de fuga** são produzidas: o sujeito sempre se investe a si mesmo contra a norma. Qualquer pessoa, a todo o tempo, não pára de se expressar, de reagir aos processos de reprodução, de falar, mesmo que por silêncios (e há sempre silêncios extremamente ensurdecedores e sufocantes). O não-dito da cena poderia ser o desejo (que não está de modo algum na secretária ou no carro) que anima o sujeito a essa reprodução: algo que não aparece explicitamente no acontecimento, mas que o impulsiona, o define em tal e qual objeto. Tratar-se-ia, na verdade, de comprar alguma proteção contra os deslizes do mundo, o que o sujeito quer comprar, ao comprar um apartamento? Talvez alguma aprovação social que lhe faltou quando criança, ou mesmo compensar alguma fragilidade sexual, o veículo potente fazendo as vezes dele na cama?

Não se trata, contudo, de psicanalisar levianamente os fatos: tais respostas apenas o próprio sujeito pode fornecer, algumas delas possivelmente sequer dê conta de fazê-lo; de

todo modo, é preciso indicar aqui o caminho e o método: a perseguição de um sentido particular que subjetiva o fato, o torna inteligível não pela óptica da crítica moral, mas do que foi possível o sujeito fazer, naquele contexto específico.

Dupla tarefa, portanto, por trás do não-dito: primeiro, fazê-lo emergir, ou pelo menos ir no seu encalço (porque muitas vezes essa tarefa é de tal modo insuportável ou demasiado difícil para o próprio sujeito), e examiná-lo longe dos costumeiros juízos morais; segundo, buscar introduzir processos de singularização lá onde o desejo anima a reprodução, de modo a combater, ao nível do sintoma, o modo de vida ou acontecimento que motivou todo esse trabalho (reverter um estilo de vida consumista, ou um **complexo edipizante**[39], por exemplo). Ou seja, esse desejo não pode ser lido apenas na sua dimensão pulsional, na sua natureza inconsciente, mas como resvalando a todo tempo no campo da cultura (as normas, valores, as verdades...). Ele produz a si mesmo e é produzido no interior da cultura (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Do contrário, pouco resta ao sujeito fazer. Um ato de repressão escondido por um ato de aceitação à norma: esse sujeito já desapareceu, deu lugar a um padrão monstruoso de indivíduo cuja singularidade é impossível discernir do vizinho (nome e rua diferentes?). Uma vez mais: de que maneiras o sujeito dá o seu ser a pensar? (FOUCAULT, 1985)

Aquilo que o não-dito revela é que, apesar de reproduzir toda uma série de atos institucionais, esse indivíduo encontra dificuldades em se singularizar no mundo. O faz, mas de modo absolutamente embargado. Durante toda a sua vida serializada e determinada, é como se estivesse condenado a sentir sempre um vazio, uma falta inexplicável e inexprimível: pode ter o carro, pode ter o apartamento; pode até comer a secretária sem ninguém ficar sabendo, mas quando voltar para si irá sentir o peso de toda a miséria que ele próprio edificou e irá sentir que algo de incômodo permanece, não se desfez com a ação e com o tempo. Porém – eis aqui um paradoxo insuperável – é justamente isso, esse vazio faltoso, tornado inacessível ou precário pelos processos de assujeitamento, donde emerge uma potência criadora (RUIZ, 2003), algo que possibilita a emergência de traços subjetivos e de um "tornar-se sujeito"; o desenho de um modo mais artístico de vida.

> Sem entrar em abordagens filosóficas, psicológicas ou psicanalíticas sobre concepções do sujeito, como clarear aquilo a que nos referimos pelo emprego deste termo? Trata-se de expressar algo que existe em cada um de nós, ultrapassando ou

[39] Refiro-me aqui ao que Baremblitt (2010) chama de **imperialismo psíquico**: a construção de um modelo de Homem cujas características são tidas como que remontando a uma ancestralidade edipiana, e que são insistentemente reiteradas num processo psicanalítico ortodoxo: a naturalização de aspectos sociais que corroboram a produção de indivíduos narcísicos, pessimistas, ciumentos, invejosos e facilmente decepcionáveis.

> indo além das pessoas que somos ou acreditamos ser. Alguma coisa em nós não coincide com o que parece estar dado em nós mesmos; alguma coisa em cada um de nós não se conforma, não se adapta ao que é – e isto tem a ver com a subjetividade. É claro que as pessoas podem acabar fazendo aquilo que as mandam fazer, seja pela violência da ordem, seja pela desistência do combate; em cada ser humano, porém, para além de suas qualidades e defeitos, para além da presença ou não da coragem e das ocasiões de resistir, existe algo que insiste, que não cede. A subjetividade, tal como nos interessa resgatá-la, tem a ver com esta alguma coisa que permanece irredutível, sempre incapaz de curvar-se, de consentir numa dominação. (LOBOSQUE, 2001, p. 20-21)

> A raiz não só da palavra, mas, sobretudo, do conceito "subjetividade", remete à experiência de sermos sujeitos, no duplo sentido da palavra (aquele que é submetido e aquele que realiza a ação), em cada tempo e em cada contexto. (RAMMINGER; NARDI, 2008, p. 340)

> Ah!
> Mas que sujeito chato sou eu
> que não acha nada engraçado
> macaco praia carro
> jornal tobogã
> eu acho tudo isso um saco...
> É você se olhar no espelho
> se sentir
> um grandessíssimo idiota
> saber que é humano
> ridículo limitado
> que só usa dez por cento de sua cabeça, animal...
> E você ainda acredita
> que é um doutor
> padre ou policial
> que está contribuindo
> com sua parte
> para o nosso belo quadro social (...) (SEIXAS, 1973)

Assim começamos a arranhar o que seria a subjetividade, essa palavra... São várias as definições e perspectivas epistemológicas disponíveis para abordar o tema. Paes de Paula e Palassi (2007, p. 201-202), por exemplo, definem grosso modo três possibilidades de leitura da subjetividade: "(1) como algo interior, particular, intransferível, intrínseco ao Homem; (2) como aquilo que é aparente, ilusório ou falível; ou (3) como um sistema aberto construído socialmente". De um lado, a subjetividade seria entendida como algo eminentemente do sujeito, num processo pelo qual o papel das estruturas sociais é nulo (abordagem de cunho idealista e fenomenológico radical). Por outro caminho, falar-se-ia numa supremacia absoluta das estruturas, pela qual toda forma de experiência subjetiva é rejeitada em favor de uma matemática objetiva da realidade (abordagem de cunho positivista e realista). A terceira via, por sua vez, buscaria uma interação entre aquilo que o sujeito produz de experiência subjetiva

e as normas e estruturas com as quais ele entra em contato (abordagem de cunho interpretativista e dialética[40]).

Essa terceira via parece ser a mais utilizada nas esquinas acadêmicas da atualidade. González Rey (2003), por exemplo, aborda a subjetividade segundo um enfoque histórico-cultural. Ela seria, de certa forma, a síntese realizada num processo de interação entre sujeito e práxis social. Portanto seria sempre um sistema em aberto, no qual indivíduo e sociedade mantém uma relação dialética constante.

> A subjetividade (...) é um complexo em plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Esta visão da subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo (...) Em outras palavras, esses processos são uma criação humana, os quais, integrando os diferentes aspectos do mundo em que o sujeito vive, aparecem em cada sujeito ou espaço social de forma única, organizados em seu caráter subjetivo pela história de seus protagonistas. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. IX)

Porém ainda estamos longe de fechar um conceito satisfatório de subjetividade para ser adotado aqui. Precisamos, antes, estabelecer uma fronteira com outro conceito: o de **processo de subjetivação**:

> Um processo de subjetivação está para um rio, assim como remansos estão para a correnteza. Remansos são como riachos que correm dentro de um rio maior. Esses remansos têm suas próprias correntezas, que muitas vezes invertem o sentido da corrente maior, dobram-na fazendo pequenos turbilhões que descrevem um certo trajeto dentro do rio, mais próximos de suas margens, até se desfazerem. Podemos dizer que esses remansos são excessos do rio, pois são remoinhos que se formam em função da corrente principal. Mas eles são igualmente recessos do rio, isto é, os remansos da subjetivação funcionam como portas pelas quais novas águas entram ou são perdidas para o rio maior. (CARDOSO JR., 2005, p. 346)

Assim, um processo de subjetivação constitui um espaço que reordena as relações de força travadas no real, essas forças constituem um emaranhado no qual o sujeito se projeta, inscrevendo uma parte de si nessa relação. Este projetar-se, este investir a si mesmo, é facilitado e possibilitado pela subjetivação: **a subjetivação constitui assim uma condição de possibilidade para uma existência singularizada!**[41]

---

40 Essas três vias de acesso são ilustradas por Burrell e Morgan (1979). A despeito da crítica do reducionismo operada por eles, é possível matizar esse esquema a partir de Vergara e Caldas (2005).

41 Quando digo existência cheia de sentido é importante evitar enxergar aqui alguma forma de realização plena, estável e eterna. Como eu já disse, recuso os universais. Apenas posso crer em formas de felicidade ou realização que sejam **transitórias**, que se dão em momentos e situações as mais parciais (e por vezes fugazes), e que se desfazem com o tempo e com o vento... Evidentemente, isso não quer dizer que esses momentos não sejam necessários ou que a existência precisa ser dolorosamente difícil. Apenas que a relação do homem com o mundo

Dito de outro modo, um processo de subjetivação é uma ruína. Porque busca reequilibrar forças, a sua emergência já é uma contradição; porque pode abrigar o amor, ela enaltece a existência:

> Um monge descabelado me disse no caminho: "Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto) Continuou: Digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo." E o monge se calou descabelado. (BARROS, 2000, p. 31)

> Por todo o tipo de razões, deve-se evitar falar de um retorno ao sujeito: é que esses processos de subjetivação são inteiramente variáveis, conforme as épocas, e se fazem segundo regras muito diferentes. Eles são tanto mais variáveis já que a todo momento o poder não pára de recuperá-los e submetê-los às relações de força, a menos que renasçam inventando novos modos, indefinidamente. (...) Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a "pessoa": é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder. (...) quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituímos como "si", e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente "artistas", para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que aí estão em jogo? (DELEUZE, 1992, p. 123-124)

Um exemplo: a produção de singularidade é **estimulada** quando um louco no interior de um CAPS[42] pinta um quadro numa oficina sócio terapêutica. O ato em si, tal qual foi se desenhar no interior de uma realidade histórico-cultural específica, corresponde ao esperado num espaço de socialização que atua como um remanso, rearranja um conjunto de forças. Com isso, um novo contexto se abre para a elaboração de novos sentidos, que possibilitam ao sujeito resignificar e singularizar as suas vivências, bem como recriar a sua própria realidade. Esse espaço e este ato colocado no seu interior funcionam como uma abertura para que algo novo se produza, algo mesmo que precisa ser forte o bastante para interromper a esteira fabril de serialização de mente e corpo.

é sempre um processo em aberto, dado as mais surpreendentes aventuras e que produz os mais variados sentidos e sensações, não somente alegria ou tristeza.

42 CAPS: Centro de Atenção Psicossocial, um dos equipamentos da rede substitutiva de Saúde Mental.

Ora, isso efetivamente acontece, e é ótimo que aconteça, mas estamos falando ainda de uma etapa bastante parcial se o que queremos encontrar é algo que fosse realmente uma forma de re**criação** e re**invenção** de vida: é que o ato de pintar realizado pelo louco na oficina é na verdade **uma possibilidade de reorganizar determinadas formas de saber e poder que prejudicam a sua elaboração subjetiva**; funcionando ou não, o principal é que cria uma alternativa, provoca deslizamentos, abre um novo espaço à criação. Ou seja, pintar ali só funciona na medida em que desloca o sujeito do seu lugar, o convoca a responder por si mesmo sob uma nova perspectiva, pela qual a existência se transforma em algo aberto, cheia de fascinações. Perceber a re**criação** por detrás do ato de pintar seria possível a partir do momento em que esse sujeito **singularizasse** o ato, buscasse realizá-lo não num contexto pré-determinado, mas num lugar que só ele conhecesse. Em outras palavras, a criação e a reinvenção encontram o seu duplo não no resultado inesperado, mas no lugar de partida. Assim, a subjetividade se refaz quando o sujeito **aprende a realizar um ato na sua vida de modo a se constituir por meio desse ato**. Quando, no exemplo dado, a pintura passa a servir para restituir a linguagem do indivíduo em crise ou em processo de recuperação, e não apenas para colorir telas numa oficina...

Por aí conseguimos fundir indivíduo e sociedade, superar a velha dicotomia. O ato singular e subjetivo produzido pelo indivíduo no interior de um sistema social o transforma em sujeito de fato: ele consegue, a um só tempo, se singularizar e também preencher um espaço social, o da subjetivação. Isso significa que o indivíduo não apenas interpreta e ressignifica a norma ou o discurso que se lhe impõe; ele se investe em direção à norma ou discurso, "circunscreve uma parte de si mesmo" (FOUCAULT, 1985), se implica no mundo.

Como exemplo, esta própria dissertação. Quando me proponho a tentar liberar a escrita, tratá-la como um fluxo, entornar a palavra, o que estou fazendo é me reinventar: eu me singularizo, refaço o meu próprio mundo, em que escrever uma dissertação outrora adquiria fortes contornos de assujeitamento, sentidos dolorosamente. Esparramando-me assim no papel eu deslizo para outro contexto, produzo outros sentidos de dissertação... O trabalho acadêmico, então, se encontra fundido com o (meu) mundo. Não à toa, ele revela mais de dois anos de crises e pensamentos e outros tantos eventos indescritíveis, tentando tirar do limbo tudo isso, tudo isso que é, por definição, invisível aos olhos dos outros[43].

[43] E aqui preciso fazer mais uma digressão. Retomar uma que já comecei, na verdade: é que talvez esta seja a parte mais cruel deste tipo de trabalho. Ele é sempre invisível e solitário, se faz, desfaz e refaz na calada da noite sem que ninguém tome consciência disso. Um ano, dois anos, cinco anos de elaboração teórica e experiência vivida se resumem a algumas tantas páginas sem brilho e sem cor. Não à toa o círculo acadêmico precisa prestar-se a toda série de colóquios e eventos cuja finalidade principal reside – perdoem os meus colegas, mas esta é a

O que interessa ao final é precisamente esse investimento subjetivo que eu realizo, me projetando em direção à norma (de escrever uma dissertação). Pouco importa se o que eu realizo seja efetivamente "diferente": talvez – e possivelmente – não traga nada de realmente inusitado aos olhos dos outros, professores e comunidade acadêmica em geral; certamente este pedaço de papel ficará condenado a amarelar nalguma prateleira dalguma biblioteca, sem que ninguém se dê conta disto. No entanto, o fato de eu fazer deste ato submetido ao devir, no sentido de que eu me **transformo** por meio dele, o torna da maior importância.

Uma vez mais, reitero: a diferença disto para o enfoque histórico-cultural está na relação do sujeito com a estrutura, que não é entendida como uma relação dialética, antitética, mas como uma **fusão**, uma **sobreposição**. Não se trata de uma resultante de uma tensão entre processos intrapsíquicos (desejos, angústias, expectativas, história de vida, modos de interpretar a realidade...) e as práticas sociais (crenças e valores socialmente partilhados, normas e convenções, instituições e discursos, etc.), mas de uma "entrada" na estrutura, uma sobreposição de ambos, no qual o sujeito faz do seu ato uma forma de validação da estrutura.

Retomemos: o que eu espero é que esta dissertação contribua de algum modo para amplificar e catalisar a criação de novas composições subjetivas – embora, a princípio, esse imbróglio pareça difícil. Para tanto, resvalo na **desutilidade poética** (BARROS, 1998) deste estudo, não por acidente, mas por opção consciente, na tentativa de achar outros elementos capazes de realizar a mediação do sujeito com a natureza que não apenas a tão propalada racionalidade utilitarista. E aqui, posso dizer que se há alguma verdade incômoda guardada na experiência da loucura, é que **ela pressagia uma outra forma** de realizar esse metabolismo social, uma forma **sensivelmente trágica** e que, se por um lado ela pode – e deve – passar pelo mundo do trabalho, não o deve fazer de modo a estacionar nele ou deixar de lado as suas convicções sinestésicas. Mais: ela nos convida a refletir sobre a nossa própria condição de sujeito, ela escancara essa dura realidade que é admitirmos a nossa inconveniente mania de nos querermos maiores e mais poderosos do que somos, ela nos diz, sem rodeios, que somos uns fracos de ânimo, que nos perdemos numa selva de inseguranças e futilidades, que estamos

---

minha opinião mais sincera! – não em "construir conhecimento" ou "avançar num tema" (porque essas coisas podem ser feitas de outras formas), mas precisamente conferir algum prestígio a esta atividade tão propensa ao ostracismo empoeirado das prateleiras nunca lidas. Senão vejamos: das pessoas que eu tanto admiro, ou as com quem eu tanto convivi nesse ambiente e tanto me ajudaram, estando elas próprias na mesma situação, quantas delas eu efetivamente li o que produziram de livros, teses e dissertações acadêmicas? Daí fica a questão: para quê entornar a palavra, se ela sequer será lida? Ao que respondo: para que eu possa me realizar por meio desse movimento, evitar que eu mesmo me torne o entornado da cena... Por isso, meu comentário aqui não deve ser entendido apenas como uma crítica ao narcisismo irritante da academia (embora também o seja), mas como uma constatação de que precisamos dar relevo ao nosso ser, colocá-lo em contato com o mundo para que nossa existência seja marcada por sensações intensas. Resta questionarmo-nos as melhores formas de fazê-lo, daí a minha fé nas formas éticas e estéticas.

rigorosamente relegando a um momento inexistente a nossa possibilidade de existência com algum sentido. A experiência da loucura nos chama imediatamente de volta à realidade presente, e nos impõe o seu limite, que é este modo de vida capitalístico:

> Porque, o discurso da Economia, como está hoje posto, não parece estar voltado para a vida. Constitui-se numa metafísica, a metafísica dos sacerdotes "executivos" vestidos de terno escuro, ar circunspecto, pesado, falar comedido – o próprio espírito de gravidade – e que sonham com férias na Disneylândia... – Não será hoje a Disneylândia a mais ridícula evidência do ideal ascético do qual falava Nietzsche? Ganhar dinheiro para ir gastá-lo em *Disneyland, USA*, por que lá é um paraíso? Ganhar as bênçãos de Deus e ir usufruí-las no Paraíso? Vontade de paraíso? Vontade de nada? Ou será viver em refrigerados gabinetes funcionais o ascetismo maior? Assessorados por submissos e entorpecidos empregados, cordeiros do rebanho, a entabular negociações e projetos de nenhum compromisso com a vida, e a exigir comportamento de máquina das pessoas, e a excluir pessoas; viver de rituais em magníficos almoços e jantares prolongados onde o Dinheiro é o assunto a não mais poder. Dinheiro, o assunto da mídia ... e Poder. Dinheiro é Poder e *Time is money*, estes, os dísticos dos oráculos contemporâneos? (LUCARINY, 1998, p. 7)

> Assim, há este dilaceramento subjetivo que é a experiência da crise – escutar vozes sem parar, estar ligado no rádio ou na TV de uma forma que ameaça ou persegue, andar sem parar ou ficar imóvel, disparar a falar, perder completamente o fio da fala; desandar, enfim... Há certas experiências do depois da crise, onde aquilo que era insuportavelmente intenso já passou, mas deixando um vazio sem fundo: a apatia, a robotização, o bloqueio... **Também, por outro lado, há a dimensão da reconstrução**: conseguir com a ajuda de um técnico, de um amigo, ou até sozinho, montar uma explicação para as vozes e os delírios, mesmo que esta explicação seja ela própria delirante; recuperar uma relação que parecia perdida com a família, ou perceber que, na impossibilidade da vida em família, existem outros espaços legítimos de convívio e de afeto; fazer arte, **procurar trabalho**, definir políticas, participar de movimentos... enfim, criar novas produções de sentido! (LOBOSQUE, 2001, p. 21. Marcações minhas)

> O esquizo dispõe de modos de marcação que lhe são próprios, pois, primeiramente, dispõe de um código de registro particular que não coincide como o código social ou que só coincide com ele a fim de parodiá-lo. O código delirante, o código desejante apresenta uma fluidez extraordinária. Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele **embaralha todos os códigos**, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais sendo seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento (...) Assim, a descodificação dos fluxos e a desterritorialização do *socius* formam a tendência mais essencial do capitalismo. Ele não para de aproximar do seu limite, que é um limite propriamente esquizofrênico (...) queremos dizer que o capitalismo, no seu processo de produção, produz uma formidável carga esquizofrênica sobre a qual ele faz incidir todo o peso de sua repressão, mas que não deixa de se reproduzir como limite do processo. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 29 e 52-53. Grifo dos autores)

Isto posto, preciso agora correr a explicar-me. Porque o Tempo ainda ameaça de burocracias.

5.2 A palavra presa que explica, e a verdade que ilude. E justifica. E protege (mas quem pediu proteção, pelo amor do diabo???)

Tudo isso começou com Michel Foucault. Pelo menos pra mim. Eu não tinha outros caminhos. Agora ganhei várias encruzilhadas.

Mas não é isto que importa (novamente). Tratemos de seguir os procedimentos.

O projeto intelectual de Foucault sempre foi o de examinar como o sujeito se constitui enquanto **experiência**, numa dada cultura e momento histórico. Isso implica, inevitavelmente, em apreender quais os elementos perfazem essa experiência, que tipo de fenômenos são acionados nesse processo experiencial. Foucault isola então três elementos que ele considera como inscritos no "tornar-se sujeito": 1) os campos de saber (ou seja, as formações discursivas com as quais o indivíduo se depara, e que colocam o problema do que é verdadeiro e falso em determinado domínio, por exemplo, no que se refere à sexualidade, ao trabalho ou à criminalidade); 2) os sistemas de poder (que vão, a partir de uma série de procedimentos e técnicas, tentar modificar a relação do indivíduo com esses saberes, no sentido de assujeitá-lo nas práticas mais cotidianas, por exemplo, na punição recebida na prisão, no ave-maria rezado após a confissão ao padre, no diagnóstico assinado pelo médico ou pela sentença proferida pelo juiz); 3) as formas de subjetividade (ou seja, os modos como esses indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos nessa relação com o saber e com o poder; em outras palavras, tratar-se-ia dos usos e técnicas (de si) que esses indivíduos evocam quando expostos a práticas específicas de assujeitamento e formas específicas de saber.

Com esse esquema, Foucault dedicava-se a fazer "a história da verdade do homem" (FOUCAULT, 1985), dos seus jogos de verdade. Projeto que lhe tomou a vida produtiva inteira, e que foi marcado por uma série de dificuldades, rupturas e recomposições, mas, sobretudo, mal entendidos. Durante muito tempo, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, Foucault foi acusado de toda sorte de atentados como, por exemplo, de ter "matado o sujeito", ou de ser ligado a vários grupos políticos, sejam de oposição ou situação. É ele mesmo quem conta:

> Alguns marxistas disseram que eu era um perigo para a democracia ocidental – isso foi escrito –, um socialista escreveu que o pensador mais próximo de mim era Adolf Hitler em *Mein Kampf*. Fui considerado pelos liberais um tecnocrata agente do governo gaullista; pelas pessoas de direita, gaullistas ou outros, um perigoso anarquista de esquerda; um professor americano perguntou por que, nas universidades americanas, se convidaria um criptomarxista como eu, que seria manifestamente um agente da KGB etc. (FOUCAULT, 2006c, p. 221)

Mas para além dessas intrigas comezinhas, há alguns eventos dignos de nota, especialmente no tocante às modificações e composições do pensamento foucaultiano. De modo geral, esses três elementos precisados nos estudos de Foucault são formulados em momentos distintos: o primeiro deles, o saber, naquilo que se convencionou chamar de fase **arqueológica** do seu pensamento, e que marcou seus estudos nos anos 1960 (De *A História da Loucura*, publicado em 1961, à *Arqueologia do Saber*, de 1969). Já a década de 1970 é marcada pelos estudos ditos **genealógicos**, no qual aparece a problematização do poder[44], especialmente com *Vigiar e Punir*, de 1975, e outros escritos que condensam uma segunda fase da sua analítica do poder, na qual se trabalha a ideia de governamentabilidade (*Segurança, Território e População*) e biopoder (*História da Sexualidade v.1 - A vontade de saber*).

Os anos 1980, por sua vez, são reconhecidos como o período em que Foucault se concentra nos aspectos relativos à subjetividade e as experiências de si, principalmente a partir do segundo volume de *História da Sexualidade* (de 1984). É quando seu projeto intelectual sofre mais uma guinada, na qual ele retoma a relação do Homem consigo mesmo a partir da Antiguidade, para compreender quais são os modos que concebemos de fazer a nossa experiência no mundo.

Não se trata da constatação contundente de um processo evolutivo linear e livre de sinuosidades. Por outro lado, também não se trata de uma mera suposição ou indicação desgovernada. Trata-se mais precisamente de um recorte, conceitual e didático, a fim de entender as nuances desse intelectual[45], e que nos será importante aqui, já que **fazer a experiência de si e do mundo**, tomando como elementos mediadores a **loucura e o trabalho**, implica em relacionar esses três elementos distintos. Talvez fosse algo como na figura abaixo:

44 E é importante ressaltar que Foucault não é um teórico do poder. Ele sequer concebe uma teoria do poder. O que ele faz é uma **analítica** do poder, dos modos como ele atravessa as relações e coloca em movimento uma série de discursos e de práticas.

45 E que é o recorte mais comum feito nos estudos do pensamento foucaultiano. O que não significa que seja o único: Nicolazzi (2002), por exemplo, cita um uso de Foucault feito pelo filósofo brasileiro Roberto Machado, no qual se faz convergir filosofia e literatura.

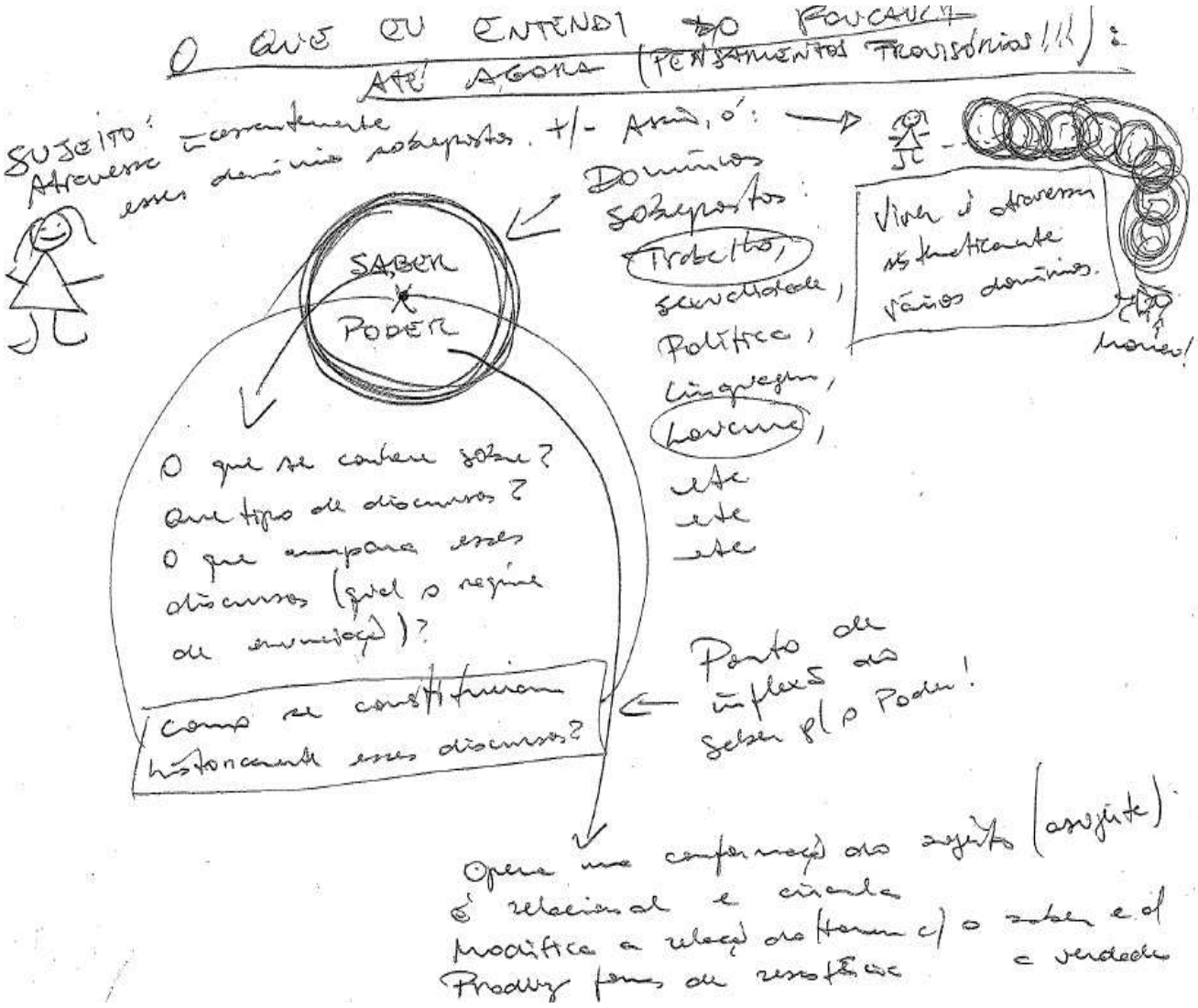


FIGURA 11 – O que eu entendi do Foucault (até agora)

Fonte: Elaborado pelo autor. 2011. (Todos os direitos liberados)

Ao recompor a trajetória foucaultiana, uma pergunta parece importante: como se dá a passagem, no interior do projeto, de uma arqueologia do saber a uma genealogia do poder?[46]

Uma data e um lugar ajudam-nos a responder. Dois de dezembro de 1970, na aula inaugural pronunciada no *Collège de France*, Foucault opera uma inflexão no seu percurso teórico: até então, em seus estudos do saber e dos diferentes regimes em que se apoiam as formações discursivas, não há uma preocupação específica e primeira com as instâncias extra-discursivas. Quando, no entanto, ele procede a uma análise das **condições históricas que possibilitam a emergência dos saberes**, o poder ganha relevo, coloca-se como instrumento que modifica a relação dos sujeitos com os saberes, através de uma série de procedimentos.

46 Preciso fazer aqui uma menção ao trabalho do prof. Helton Adverse, do departamento de Filosofia de UFMG, que me ajudou a entender e organizar boa parte deste tópico. Foi graças a uma palestra sua, proferida por ocasião da VII Jornada de Ciências Sociais da UFMG, em setembro de 2010, que eu pude encaixar algumas peças faltosas na minha arquitetura teórica...

O que Foucault vai descobrir, isolar e depurar, é a noção de **periculosidade do discurso**. É que falar produz efeitos ao mesmo tempo de resistência e transformação, o discurso anuncia e descortina aquilo que deveria permanecer ocultado, reveste de fôlego e enaltece o espírito daquele que luta, conjura supostas verdades e contesta decretos. Por tudo isso, **controlar** o que se pode e o que não se pode enunciar tornou-se condição fundamental para o exercício de qualquer forma de dominação: o discurso se torna, então, objeto de desejo e instrumento de um poder.

> Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, por certo, procedimentos de **exclusão**. O mais evidente, o mais familiar também, é a **interdição**. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1999, p. 9. Marcações do autor)

Outro procedimento de exclusão do discurso apontado por Foucault é a sua partilha: opera-se com frequência uma separação no seu interior, na qual parte do discurso é rejeitado. É o que ocorre, precisamente, no caso do louco: a cisão entre Razão e Desrazão produz efeitos de sujeição, a parte desarrazoada do discurso é desqualificada semanticamente, é tornada inválida, incapaz de enunciar alguma verdade. Morre no ostracismo ou na fantasia. De boa sorte, somente resta ao delírio ser relegado aos poderes de um médico psiquiatra, a quem cabe determinar o momento de encadear a parte indecorosa do discurso numa razão e num sentido válidos.

Ora, esse movimento de validar ou rejeitar certo tipo de fala, tido como indecoroso, é animado por uma **vontade de saber**, uma **separação entre o que há de verdadeiro e falso nos discursos**, e que não é dado, varia ao longo da História. Nietzsche (1996; 2010) nos dá prova disso quando questiona o estatuto da verdade: para quê e por que a verdade? Não deveríamos, talvez, fazer tal como os gregos pré-socráticos, a quem mais interessava viver a vida, mais do que buscar explicá-la? Não seria o caso, tal qual se fazia à época do pensamento trágico, de mediar a relação do Homem com o mundo por meio da arte, admitindo a finitude humana e a potência extraordinária da natureza, ao invés de julgarmo-nos capazes de dominá-la?

Para Foucault, a **vontade de saber** naturaliza a verdade, e com isso produz efeitos de dominação. Esse desejo de conhecer e se proteger do mundo por meio da busca pela verdade, tão reificado na modernidade através da ciência, faz esquecer sua origem conflituosa e traz

consigo a promessa de reconciliar o Homem consigo mesmo, de harmonizar a sua relação com a natureza.

Há, portanto, entre Nietzsche e Foucault uma continuidade, um prolongamento de um no outro. Se o primeiro compreende a verdade como sendo uma invenção que produz o Homem, o segundo vai no mesmo sentido quando recusa os universais, supostas verdades escondidas por detrás das coisas. A genealogia foucaultiana, cuja origem não poderia deixar de remontar à genealogia nietzschiana, **busca escutar a História**, despegar as suas paredes, fazê-la desabar sobre si mesma de forma a acessá-la nas suas rupturas (quando se quer contínua) e nas suas continuidades (quando se quer fazê-la crer descontínua).

> Tudo em que o homem se apoia para se voltar em direção à história e apreendê-la em sua totalidade, tudo o que permite retraçá-la como um paciente movimento contínuo: trata-se de destruir sistematicamente tudo isso. É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa "reencontrar" e sobretudo não significa "reencontrar-nos". A história será "efetiva" na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria a tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar. (...) De tal modo que o mundo, tal qual nós o conhecemos não é essa figura simples onde todos os acontecimentos se apagaram para que se mostrem, pouco a pouco, as características essenciais, o sentido final, o valor primeiro e último; é ao contrário uma miríade de acontecimentos entrelaçados (...) (FOUCAULT, 1992, p. 27-28)

Assim, Foucault faz, tal como Nietzsche o fez, um deslocamento da verdade. Ele rejeita a ideia de que é na origem que estaria a verdade das coisas. As coisas não têm em si uma origem (ou uma verdade), uma essência, a qual competiria ao Homem preparado desvendar. Mais: não existindo em si uma origem, buscá-la se torna uma mentira, e transforma-se (revela-se!) um modo de exercer poder, uma forma de coerção. De tal forma que **a verdade em si mesma é uma injustiça**, uma violência que se comete sobre o outro! Ela não guarda qualquer relação com o **mundo a conhecer**, com as formas de se experimentar e fazer a nossa existência no mundo! A verdade, porque invenção, mantém obscuras relações com o poder, e acaba por violar o mundo a conhecer![47]

[47] Interessante notar os efeitos dessa vontade de saber e dessa verdade na universidade: desastrosos, na minha opinião. Porque nunca é o caso de questionar o seu estatuto, na melhor das hipóteses tenta-se "respeitar a verdade de cada um", o filtro teórico que cada um escolhe... Daí me vem à cabeça os ensinamentos de dois grandes amigos, Bella e Fábio, quando citam Rubem Alves: "Na encruzilhada ética entre a verdade e a bondade, que a bondade triunfe". (ALVES, 2003, p. 41)

Assim, a genealogia compreende uma **analítica do poder**, realizada lá onde ele ganha efetividade, onde se ramifica e se torna capilar, onde é exercido nas práticas mais cotidianas de sujeição. O poder, tal qual o compreende Foucault, não é algo que se possui, passível de transferência ou de decisão interna de utilizar-se dele ou não. O poder precisa ser examinado na sua dimensão externa, como algo que **circula**, que é **constantemente negociado**, que **funciona em cadeia**, e não como um objeto cujo movimento se dá de forma descendente num processo de dominação. Dominar e ter poder não são a mesma coisa. O poder sempre enseja formas de resistência, sempre é parte de um jogo no qual é possível deslocá-lo. Como afirmam Ramminger e Nardi (2008, p. 342. Marcações minhas):

> (...) esse assujeitamento, em Foucault, também é paradoxal, pois que nos aprisiona a normas mas traz, em si mesmo, as possibilidades de resistência. Isso porque, para ele, o poder não é uma "forma", mas um conjunto de relações, que além de não ter efeito apenas repressivo, mas também produtivo e constitutivo, sempre está acompanhado da resistência (...) **onde não existe possibilidade de resistência não há relações de poder, mas um estado de dominação**.

E isso nos leva a segunda grande inflexão operada no percurso intelectual do autor: ao estudar as relações entre a **verdade** e **sujeito** no domínio da **sexualidade** (que, segundo ele, constitui uma das regiões mais cerradas de experiência subjetiva, junto com a política), Foucault percebe que precisa deixar de lado as dimensões do saber e do poder (as quais já dispunha de elementos suficientes para trabalhar), e se concentrar numa certa "genealogia do sujeito e do desejo", mais que fazer uma analítica da experiência da sexualidade. Isso o leva a reorganizar seus estudos em torno da lenta formação, durante a Antiguidade, de uma "hermenêutica de si" (FOUCAULT, 1985).

> Se quisermos analisar a genealogia do sujeito na civilização ocidental, é preciso considerar não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas de si. Devemos mostrar a interação que se produz entre os dois tipos de técnicas. Talvez eu tenha insistido demais, quando estudava os hospícios, as prisões etc., nas técnicas de dominação. É verdade que aquilo que chamamos de "disciplina" é algo que tem uma importância real nesse tipo de instituições. Porém ela não passa de um dos aspectos da arte de governar as pessoas em nossas sociedades. Tendo estudado o campo do poder tomando como ponto de partida as técnicas de dominação, gostaria de estudar, durante os próximos anos, as relações de poder partindo das técnicas de si. (FOUCAULT, 2006f [1981], p. 95)

Importante ressaltar que isso não representa em absoluto um abandono do projeto intelectual inicial de Foucault, mas, pelo contrário, a possibilidade de completá-lo: é que a proposta do autor sempre foi o de fazer uma "história da verdade do homem" (FOUCAULT, 1985, p. 12). E, para além da sexualidade, Foucault formula a relação entre sujeito e verdade

de modo mais geral, concentrando-se nos estudos do "cuidado de si" e do "conhecimento de si", duas noções historicamente elaboradas de formas distintas e correlatas, cujas fronteiras ele estabelece a partir da ascensão de três modelos: 1) o socrático-platônico; 2) o modelo helenístico-romano; e 3) o modelo cristão (FOUCAULT, 2006e; MUCHAIL, 2009).

No que diz respeito ao primeiro modelo, socrático-platônico, **cuidado** e **conhecimento** se articulam numa experiência de si que tem como finalidade, num primeiro momento, o **fazer político**: estar preparado para governar a cidade, governar seus concidadãos e a si mesmo. A isso dá provas os diálogos de Sócrates e Alcibíades[48], a que tanto Foucault se refere (2006e).

O preparo para a política implicava duas outras características: uma **pedagógica** e uma **erótica**. A primeira referia-se à condução da passagem da idade adolescente para a adulta, tida como difícil e perigosa naqueles tempos. Já a segunda, dizia respeito à relação mestre-discípulo, que inscrevia uma vinculação erótico-amorosa, a qual deveria fazer uma **crítica do amor**, no sentido de preparar o discípulo para que nas suas relações amorosas seus parceiros não apenas usassem seu corpo, mas se ocupassem do discípulo por inteiro.

Essa ocupação de si não era em absoluto uma prerrogativa apenas dos filósofos, sábios e jovens discípulos, mas "uma antiga sentença da cultura grega",[49] e era desenvolvida de modo processual pela aristocracia, a fim de garantir o exercício da política. Num segundo momento, ocupar-se de si passou a referir-se **também** à superação da condição de ignorância, tanto daquilo que não se sabe, quanto daquilo que se ignora. E isso implica, irremediavelmente, **conhecer a si mesmo**, por meio do reconhecimento do divino presente no próprio corpo (a alma). Por conseguinte, conhecer a alma revelaria seus saberes, o que permite "novamente fundar, com toda a justiça, a ordem da cidade". (FOUCAULT, 2006e, p. 217)

Há, entre uma e outra perspectiva da experiência de si socrático-platônica, algumas diferenças e também continuidades. Primeiramente, a **política, pedagógica e erótica** referem-

---

48 A relação Sócrates-Alcibíades, retratada em Platão, é, para Foucault, emblemática. Isso porque Sócrates é completamente obsessivo com Alcibíades. Mas essa obsessão é largamente justificada: Alcibíades é de família nobre, de ricos e poderosos, com grande influência por toda a Grécia; tem como tutor Péricles, sujeito notório, mesmo em países bárbaros; tem grande fortuna; além disso, ele é belo, muito belo, e por isso é assediado por muitos. Mas, sendo também arrogante e orgulhoso, Alcibíades dispensa seus enamorados, e começa a entrar em idade crítica: ele está envelhecendo. Porém, de tudo isso, o que intriga Sócrates é que Alcibíades tem algo em mente: ele quer fazer da sua existência algo maior. Quando o filósofo lhe pergunta se preferiria morrer hoje a levar uma vida apagada, Alcibíades responde que prefere a morte. Mesmo tendo todas as glórias que poderia bastar a alguém nessa época, Alcibíades quer algo mais, ele quer "voltar-se para o povo, quer tomar nas mãos o destino da cidade, quer governar os outros. Em suma, ele é alguém que quer transformar seu **status** privilegiado, sua primazia estatutária, em ação política, em governo efetivo dele próprio sobre os outros". (FOUCAULT, 2006e, p. 44. Marcações do autor)

49 FOUCAULT, 2006, p. 42.

se a uma série de **cuidados de si**, que têm por característica fundamental a presença da noção de finitude: na sua finalidade (deve preparar para o governo da cidade); no seu destinatário (o jovem que vai ingressar na vida adulta); e nas suas relações (centradas no binômio mestre-discípulo). Ou seja, alcançada a maturidade, estando-se preparando para governar a cidade e a si mesmo, não há mais porque proceder aos cuidados de si. Já no segundo caso, o conhecimento de si mesmo e da alma quer remediar o problema da ignorância, também no sentido de preparar para a política, por meio de uma série de práticas de si e de exercícios, que acabam por englobar de certa forma os cuidados de si.

Ora, não é esse o caso das experiências de si no período helenístico-romano. Nessa época, os cuidados de si se expandem: deixam de ser uma marca daqueles que se preparam para governar (e, portanto, restrita ao período de amadurecimento dos jovens, à prática política e à relação mestre-discípulo), para se tornar uma tarefa da vida inteira e de todos (que não se restringe à política, não tem idade específica para se desenrolar, e é praticada em todas as relações, e não apenas entre mestre e discípulo). Do mesmo modo, o "conhecer-te a ti mesmo" não mais indica uma referência à ignorância, mas um estado de permanente formação destinado a corrigir e libertar (MUCHAIL, 2009). É o período a que Foucault se refere como sendo a "idade de ouro da cultura de si, da cultura de si mesmo, do cuidado de si mesmo" (2006e, p. 41), em que **a preparação se dá ao longo de toda a vida**.

Em ambos os casos, socrático-platônico e helenístico-romano, a preparação de si se faz por meio de uma série de exercícios, de técnicas e de práticas nas quais ocorre uma **ascese**, uma **renuncia de si**, pela qual todo um sistema moral é construído (e no qual constitui um valor, por exemplo, o afastamento os instintos e dos pensamentos desajustados). Fato interessante é que a ascese helenística se dá sem que haja efetivamente uma preocupação com a sua finalidade:

> Mas o que é esta preparação, preparação para quê? Seria uma preparação da relação de identificação, de assimilação da alma com a razão universal e divina? Tratar-se-ia de preparar o homem para a realização de sua própria vida até o ponto decisivo e revelador da morte? Tratar-se-ia de preparar o homem para uma imortalidade e uma salvação, uma imortalidade fundida com a razão universal ou uma imortalidade pessoal? De fato, seria bem difícil encontrar a respeito de tudo isto uma teoria exata em Sêneca [que é um dos expoentes do estoicismo e, portanto, da filosofia helenística-romana]. Sem dúvida, há muitos elementos para resposta, e poderíamos apresentar vários, o que mostra, justamente, que este, para Sêneca, não é de fato o problema importante. (FOUCAULT, 2006e, p. 540)

Outro ponto que não é considerado central no programa filosófico da época é a questão da discriminação. As várias questões a ela associada (por exemplo, o que diferencia

um homem bom e um mau, qual é a natureza da sua relação com Deus), embora discutidas, não são objetos de uma problematização cuidadosa. Ora, tudo isso vai mudar a partir do modelo cristão de experiência de si: ele inaugura outra forma de cuidar de si, pautada numa outra **ascética**, que é uma renúncia de si em favor de uma obediência moral e transcendental. Não deixa de ser um deslocamento, dessa ascese filosófica anterior para uma ascese espiritual. Se na filosofia helenística-romana a questão da finalidade do preparo não é importante, para o cristianismo ela é fundamental. É por meio da formulação da finalidade do preparo, e da sua ascensão enquanto princípio de conduta que o cristianismo faz o seu governo – governo dos homens por Deus.

> Considerar e viver a própria vida como uma perpétua prova não será um princípio ou ideal proposto apenas por alguns filósofos especialmente refinados. Pelo contrário, todo cristão será convocado a considerar que a vida não é mais que uma prova. (...) Trata-se, sem dúvida, do problema: para que prepara a preparação à vida? Trata-se certamente da questão da imortalidade, da salvação, etc. A questão da discriminação, por sua vez, é a questão fundamental em torno da qual por certo concentrou-se o essencial do pensamento cristão: o que é a predestinação? O que é a liberdade do homem diante da onipotência divina? O que é a graça? (...) Temos assim a transferência destas questões e, ao mesmo tempo, uma economia inteiramente diferente, tanto na prática quanto na teoria. (FOUCAULT, 2006e, p. 542)

> Ascética, isto é, o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido. Entendo por "objetivo espiritual" uma certa mutação, uma certa transfiguração deles mesmos enquanto sujeitos, enquanto sujeitos de ação e enquanto sujeitos de conhecimentos verdadeiros. É este objetivo da transmutação espiritual que a ascética, isto é, o conjunto de determinados exercícios, deve permitir alcançar. (FOUCAULT, 2006e, p. 505)

Todas essas questões não se referem apenas a antigas possibilidades de se fazer a experiência de si e do mundo, mas indicam caminhos bastante atuais pelos quais o sujeito se experimenta a si mesmo: práticas finitas, atemporais ou transcendentais, todas se misturam, compõem-se em diferentes usos, refazem-se uma na outra. Assim é que eu me **preparo** para ter um filho, arranjar um emprego ou viajar, mas também é desejável que eu **conheça sempre** as leis e as respeite, que eu me mantenha bem informado sempre e que eu aumente a minha empregabilidade. Por outro lado, se as coisas não vão bem agora é porque a felicidade ainda virá – nesta vida, com um novo emprego ou um novo celular – ou na **outra**, quando Deus vai me redimir de todo o meu sofrimento.

Assim, é o conteúdo dessas práticas, dessas técnicas e exercícios de si que se modicam, conforme a época e a cultura. Na Antiguidade, o silêncio dos iniciados na

filosofia[50], a meditação para conhecer a alma. Na era cristã, a abstinência sexual, a oração. Na modernidade, o estudo das ciências (físicas, biológicas, humanas...), o domínio minucioso de tarefas produtivas ou a macrobiótica.

Cada uma dessas práticas, técnicas e exercícios, que em seu conjunto perfazem a experiência de si do mundo, situam um universo de sujeição: é que esses cuidados e conhecimentos de si sempre se dão lá onde o sujeito é convocado a responder por algo em sua vida, onde é interpelado a dar um uso a si mesmo, onde não pode, simplesmente, calar e se retirar de cena. Há que, de um jeito ou de outro, que se posicionar com relação à questão **o que faz você aqui no mundo?**, e isso inevitavelmente coloca a dimensão do assujeitamento, de alguém que não pode bastar em si mesmo, que precisa – seja diante da natureza, de um outro ou de si mesmo – se sujeitar.

De sorte que diferentes formas de assujeitamento são construídas e mantidas ao longo da história, em diferentes domínios da vida cotidiana, o que nos resta aqui é examinar algumas formações que se fizeram valer naqueles domínios que nos interessam: o espaço do trabalho e o universo da loucura.

50 Era o que acontecia, por exemplo, com os discípulos de Pitágoras, que lhes determinava um tempo de silêncio tão logo se faziam admitidos nos estudos, tempo este que era subjetivo, baseava-se num julgamento das faculdades morais e do caráter do aluno a partir da sua fisionomia e semblante. Constituiu uma forma clássica de ascese esse silêncio pitagórico, pelo qual o discípulo deveria aprender as duas coisas mais difíceis de todas: calar e escutar. Também não lhe era dado o direito de escrever, para que se exercitasse a memória, que deveria assimilar a palavra verdadeira proferida pelo mestre. (FOUCAULT, 2006e, p. 501-503)

6. OS MIL-LUGARES DA LOUCURA

6.1 De como reconhecê-la por um nome

No popular: louco, doido, maluco, insano, desarrazoado; lunático, imbecil, estranho, alienado; excessivo, furioso, espírito arruinado; bizarro, degenerado, libertino, inconveniente, estragado; imprevisível, doente mental, por demais ousado, insólito, perigoso; desatinado, lé-lé da cuca, exótico; parafuso a menos, extravagante, infeliz, insensato; fantástico frenético[51].

No tarô: lâmina zero ou vinte e dois, ou seja, fora do ciclo completo (que contém vinte e uma lâminas), quer dizer **o limite da palavra**: "o lado de lá da soma que não é outra coisa senão o vazio, a presença superada, que se transforma em ausência, o saber último, que se transforma em ignorância". (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 560)

No diagnóstico médico: maníaco-depressivo, esquizofrênico, paranóico; neurótico obsessivo, psicótico, portador de transtorno bipolar; portador de transtorno de ansiedade, portador de síndrome de estupor; qualquer uma das centenas de variações presentes na CID-10 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1993) e/ou DSM-IV[52].

> (...) as categorias nosográficas da CID são cada vez mais descritivas, detalhistas, casuísticas, em detrimento das grandes categorias que já caracterizaram a psicopatologia psiquiátrica. Basta dizer que o capítulo sobre "Transtornos Mentais e de Comportamento", da CID 10, tem mais de 360 subcategorias diagnósticas, algumas das quais ainda podem ser mais especificadas, segundo cursem com ou sem sintomas adicionais, em curso contínuo ou episódico, etc., o que eleva o número final de diagnósticos possíveis a cerca de 800 (FIGUEIREDO; TENÓRIO, 2002, p. 40)

No politicamente correto: cidadão em sofrimento mental; usuário dos serviços de saúde mental; pessoa com sofrimento ou transtorno mental; pessoa que usa os serviços de saúde mental.

No âmbito deste projeto: qualquer das definições apresentadas acima. Mas é preciso que se considere o termo não sob a forma de um distanciamento, mas de forma **implicada**: o

[51] Trata-se de um compilado de sinônimos, vários utilizados em momentos históricos distintos (séc. XVII, XVIII, XIX ou XX). Alguns retirados de Foucault (2005), outros de dicionários (HOUAISS, 2003; 2004). Outros ainda criados por mim.

[52] CID-10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, na sua décima edição; DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. No português, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Ambos seguem a mesma lógica, a qual o próprio nome já explicita: 1) são manuais; 2) apreendem a loucura por aplicações estatísticas. O primeiro é de resposansabilidade da Organização Mundial de Saúde; o segundo, da APA (American Psychiatric Association).

louco aqui é muitas vezes uma nomeação genérica, indica um modelo de Homem, o qual serve de limite para todos nós. Por outro lado, refere-se também a um sujeito específico, que não é em absoluto um estranho ou exótico, cuja realidade poderia bem se assemelhar a uma aberração circense ou caso clínico de hospital (uma vez mais, precisamos nos afastar dos rótulos e julgamentos rasos). A especificidade desse sujeito é aquela em que ocorre, em alguma(s) fase(s) da vida, a vivência de situações de intenso sofrimento, para as quais não se consegue simbolizar facilmente uma saída, necessitando a pessoa de realizar algum tipo de tratamento. Trata-se de um sofrimento tão intenso que prejudica ou até mesmo barra a produção social que o sujeito realiza no seu cotidiano: suas relações afetivas e sociais, tais como as amizades, relacionamentos íntimos e o trabalho, são precarizadas. Por outro lado, deve-se considerar que esses esfalecimentos subjetivos estão sempre relacionadas a formações culturais e sociais mais amplas, ou seja, não devem ser atribuídas a uma mera e simples ausência ou desqualificação do sujeito. Em outras palavras: a loucura aqui é uma forma de **existência-sofrimento em relação ao corpo social** (ROTELLI, 1990). E, admitamos, o mundo contemporâneo está tão cheio de ciladas e entremeios que parece impelir, cada vez mais e a qualquer momento, qualquer pessoa a vivenciar experiências de sofrimento.

Por isso, o louco aqui é alguém como eu, como você. Talvez sejamos nós mesmos. No limite da dúvida, procure um espelho.

Quem é louco?

Ele que ouve vozes
ou você que não ouve ninguém?
Ele que vê coisas
ou você que só se vê?
Ele que fala o que pensa
ou você que fala sem pensar?

Quem é louco?
Ele que diz ser rei
ou você que se acha um e não diz?
Ele que não controla seu humor
ou você que finge ser estável?
Ele que cria neologismo
ou você que não sai dos estereótipos?

Quem é louco?
Ele que tem fuga das idéias
ou você que não abre mão das suas?
Ele que não dorme a noite
ou você que passa a vida inteira dormindo?
Ele que tenta se matar
ou você que se mata todos os dias?

Em fim quem é louco?
Ele que não se mascara

> ou você que tira a máscara e vive uma vida de fantasia?
>
> Quem é louco?
> Que tire a máscara antes de perguntar. (Vítor Martins dos Santos – Centro de Convivência Pampulha. Belo Horizonte, MG)

A experiência da loucura, grosso modo, grossíssimo modo, é quando alguma coisa desaba: uma certeza se desfaz em incompreensão, e vice-versa. A inversão de um pólo à outro da dúvida atravessa o sujeito e o impele a um novo lugar, cuja determinação escapa mesmo à linguagem: o sujeito cai no mundo. Talvez a constatação certeira venha apenas no momento da denúncia feita pelas palavras, que já não obedecem mais, e correm à frente daquele que tenta, com alguma convicção, aprofundá-las. É nesse momento que.

A loucura chega a ser mesmo a tentativa de salvar-se daquilo que torna impossível o momento: um modo de ruptura e negação do mundo posto, do real que, por algum motivo, tornou-se insuportável. Por certo que essa ruptura é violenta e radical, mas ainda assim se trata de uma saída – apesar de costumeiramente vir a ser identificada com as moléstias mais improváveis.

Isso só se verá com clareza quando a cortina se baixar. Por enquanto, precisamos retroceder a um ponto longínquo, porém fundamental: o ponto em que a loucura se torna objeto de uma moral e de um saber-poder.

6.2 De como a loucura perde o seu status *de coisa maravilhosa e se põe vulnerável como objeto de uma violenta moral*

Há de se lembrar de uma época, nem tão distante assim, em que a loucura gozava de certa aceitação. Não era exatamente um elogio da loucura, nem uma fascinação – apesar de o elogio e a fascinação por muito tempo orbitarem os arredores de um espaço nitidamente insano. Estava mais para uma desconfiança curiosa, uma vontade de desvendar as suas fragrâncias. Foucault (2002) nos lembra que o louco, numa determinada época, pelo menos no que concerne à sua linguagem, fora rejeitado e tido como sem nenhum valor, mas ao mesmo tempo nunca fora totalmente excluído. Assim é que se explica a presença dos bufões nas pequenas sociedades aristocráticas, por exemplo.

Essa época fora a pré-renascentista. Até meados do século XV, por toda a Europa coube ao louco anunciar algumas verdades impossíveis de serem ditas por outros cidadãos ditos normais: a fala do louco, em toda a sua polifonia e imprecisão, era considerada uma alegoria cheia de vivacidade na qual se davam a ver a verdade e (vulnerabilidade) da razão:

> Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano. Ele pronuncia em sua linguagem de parvo, que não se parece com a da razão, as palavras racionais que fazem a comédia desatar no cômico: ele diz o amor para os enamorados, a verdade da vida aos jovens, a medíocre realidade das coisas para os orgulhosos, os insolentes e os mentirosos. (FOUCAULT, 2005, p. 14)

E, no vazio da sua existência, assolado pela ausência sempre presente da morte eminente, a escancarar o ridículo da vida, a fugacidade e irrelevância dos fatos, a inutilidade das coisas, o Homem se enamora da loucura, coloca-a no lugar tal que pertencia até então à morte, nesse exercício de responder ao vazio e ao absurdo da vida.

A atração exercida pela loucura se respalda precisamente no saber que ela carrega, um saber que não é em absoluto o contido na verdade do conhecimento, pelo contrário, esse é exatamente o saber do qual a loucura zomba. O saber que a loucura governa é um saber proibido, que é senão a maior aproximação com a morte, com o fim do mundo:

> A **Nau dos Loucos** atravessa uma paisagem de delícias onde tudo se oferece ao desejo, uma espécie de paraíso renovado, uma vez que nela o homem não mais conhece nem o sofrimento nem a necessidade. (FOUCAULT, 2005, p. 21)

No entanto, essa mesma loucura, a partir do fim do século XV, com a ascensão renascentista, se abre para além do tema da morte, e passa a refletir também as mazelas e vícios humanos: ela "reina sobre tudo que há de mau no homem" (FOUCAULT, 2005, p. 23), é encontrada na constante relação titubeante entre certo e errado, verdadeiro e falso, bem e mal, céu e inferno. É, sem dúvida, uma relação ambígua a travada entre loucura e Renascença, uma relação cheia de duplos, contradições, fugas e traições. É, não de outro modo, a própria personificação da loucura no Homem, no mais comum dos homens: a loucura, no Renascimento, faz parte de cada um, ela é uma representação das imperfeições, medos, desejos e sonhos do Homem.

Ora, a partir do momento que a loucura passa a refletir o Homem, ela abandona o domínio da metafísica e da maravilha para entrar num universo inteiramente moral: "O Mal não é o castigo ou fim dos tempos, mas apenas erro ou defeito" (FOUCAULT, 2005, p. 25). A partir de agora, a loucura ganha uma tangibilidade que vai permitir a sua demarcação, porque não mais se refere a uma visão cósmica e mágica, transcendental, mas a um domínio totalmente pragmático e governado pelo próprio Homem: se antes o louco carregava consigo uma verdade incompreensível ao mais comum dos homens, agora a relação se inverte. O

louco, em toda a sua imprecisão, se torna o lado feio e desajustado do Homem comum, que agora mantém sobre o louco uma superioridade infalível.

> Apesar de tantas interferências ainda visíveis, a divisão já está feita; entre as duas formas de experiência da loucura, a distância não mais deixará de aumentar. As figuras da visão cósmica e os movimentos da reflexão moral, o elemento **trágico** e o elemento **crítico** irão doravante separar-se cada vez mais, abrindo, na unidade profunda da loucura, um vazio que não mais será preenchido. De um lado, haverá uma Nau dos Loucos cheia de rostos furiosos que aos poucos mergulha na noite do mundo, entre paisagens que falam da estranha alquimia dos saberes, das surdas ameaças da bestialidade e do fim dos tempos. Do outro lado, haverá uma Nau dos Loucos que constitui, para os prudentes, a Odisséia exemplar e didática dos defeitos humanos. (FOUCAULT, 2005, p. 27. Marcações do autor)

A partir do século XVI, essa distinção que se forja no seio da loucura vai pouco a pouco cedendo, não porque se tratou de operar uma reconciliação, mas, pelo contrário, porque a experiência crítica da loucura triunfou. Pouco a pouco a **tragicidade** alardeada pela loucura deixa de ser objeto de conhecimento, ganha o ostracismo. Vão sobrar poucos vestígios dessa forma radical de experiência da loucura. "Apenas algumas páginas de Sade e a obra de Goya são testemunhas de que esse desaparecimento não significa uma derrota total" (FOUCAULT, 2005, p. 28). Junto aos dois, também Nietzsche, Freud, Van Gogh e especialmente Artaud cuidaram de preservar a sua memória trágica.

E aqui é preciso devanear: "Eu, Antonin Artaud, eu sou meu filho, meu pai, minha mãe e eu[53]". Talvez ninguém mais que ele tenha sabido valer-se da loucura em toda a sua radicalidade. O próprio Foucault alertou:

> É ela, enfim, essa consciência, que vejo a exprimir-se na obra de Artaud, nesta obra que deveria propor, ao pensamento do século XX, se ele prestasse atenção, a mais urgente das questões, e a menos suscetível de deixar o questionador escapar à vertigem, nesta obra que não deixou de proclamar que nossa cultura havia perdido seu berço trágico desde o dia em que expulsou para fora de si a grande loucura solar do mundo, os dilaceramentos em que se realiza incessantemente a "vida e morte de Satã, o Fogo". (FOUCAULT, 2005, p. 29)

É conhecida a ruptura de Artaud com o movimento surrealista. Não se tratou de um distanciamento motivado apenas por questões políticas[54]. O fato é que, apesar do surrealismo, aos olhos de toda uma sociedade - sem deixar ninguém de fora: intelectuais e burgueses da direita conservadora, católicos, anarquistas, marxistas e existencialistas –, ser um movimento extremamente revolucionário, perto do trabalho artausiano era demasiado bem comportado e

[53]Citado por DELEUZE & GUATTARI, 1976, p. 30.
[54] O afastamento de Artaud se deu depois do primeiro racha do movimento, por ocasião da decisão de sua entrada no Partido Comunista Francês e de seu alinhamento com o marxismo. (ARTAUD, 1986)

domesticado: nada, absolutamente nada, se igualava à experiência trágica levada às últimas consequências por Artaud.

Mas qual a importância disso aqui? A importância está precisamente naquilo que Foucault (2005) denunciou: Artaud parece ter sido o último de uma geração, uma geração que anunciava o trágico da loucura. Com Artaud parece ter morrido o último suspiro de resistência extremada presente na loucura.

Poder-se-ia mesmo até tomar de empréstimo o argumento frankfurtiano sem, no entanto, deixar de adaptá-lo: da mesma forma que Adorno e Horkheimer (1985) denunciam como a racionalidade instrumental desposa do domínio da consciência a Razão substantiva e a crítica, passando com isso a governar sozinha a humanidade, não teria ocorrido o mesmo com a loucura? Quer dizer, não teria a experiência crítica da loucura expulsado a tragicidade que ela carregava, em favor de uma demarcação e vinculação da desrazão a uma forma Moral? Não se trata aqui, evidentemente, de fazer equivaler a lógica frankfurtiana com a da loucura, mas apenas de apontar certa semelhança, quase uma cumplicidade, entre uma e outra. Assim como o projeto frankfurtiano busca restaurar a crítica e a Razão substantiva, a obra artausiana busca restituir a natureza trágica da loucura, e fazer da sua experiência algo mais que lhe permita escapar ao jugo da Moral (e, também, rever a sua complicada relação com a Razão). Em outras palavras, fazer conviver, em pé de igualdade, Razão e Desrazão, criar um sujeito desarrazoadamente centrado e razoavelmente descentrado.

> - Uma das objeções do júri [que avaliou a sua tese de doutoramento, tornada livro como *História da Loucura na Idade Clássica* – Foucault, 2005] foi, justamente, de que eu teria tentado fazer o *Elogio da Loucura.* No entanto, não: eu quis dizer que a loucura só se tornou objeto de ciência na medida em que ela foi descaída de seus antigos poderes... Mas, quanto a fazer a apologia da loucura em si, isso não. Afinal de contas, cada cultura tem a loucura que merece. E, se Artaud é louco, e se foram os psiquiatras que permitiram a internação de Artaud, isso já é uma bela coisa, e o mais belo elogio que se possa fazer...
> - **Não à loucura, com certeza...**
> - Mas aos psiquiatras. (FOUCAULT, 2002a, p. 164)

Essa parece ser uma constatação importante. Como veremos adiante, a tônica dos novos tratamentos em saúde mental tem sido exatamente a valorização da diferença, da autonomia e da liberdade do louco, fazendo emergir novas formas de sociabilidade, convivência e intersubjetividades. No entanto, não podemos nos esquecer que todo esse novo movimento deve se referendar acima de tudo numa relação com a experiência trágica da loucura, porque se é verdade que ela tem sido relembrada a cada novo ato e grito político

realizado pelos militantes de um novo relacionamento com a loucura, também é verdade que cada vez mais essa experiência trágica tem se confundido com a mera inventividade do louco.

Assim, a meu ver, o que deve se colocar antes e depois do discurso em prol da diferença, liberdade e autonomia do louco, é o seu apelo a uma proximidade da **morte metafísica**, a sua perigosa vizinhança às coisas indizíveis e verdades insuportáveis, o apelo que a loucura faz a uma forma de vida mais sensível e menos fascista, em que as relações devem ser mediadas por outros elementos que não uma racionalidade econômica e instrumental. Somente preservando isso de mais intrínseco que a loucura possui é que poderemos falar efetivamente numa convivência viável entre razão e desrazão, do contrário, corremos o risco de cair em mais uma nova institucionalização da loucura, agora disfarçada sobre um bonito e politicamente correto discurso de inclusão.

Voltando: agora a soberania da experiência crítica da loucura vai implicar, em seguida, numa referência da loucura à razão. Uma e outra, a partir de agora, se tornam co-dependentes, vão se opor e ao mesmo tempo se complementar: “A loucura não tem mais existência absoluta na noite do mundo: existe apenas relativamente à razão, que a perde uma pela outra enquanto a salva uma com a outra”. (FOUCAULT, 2005, p. 33)

Não poderia haver melhor maneira de colocar a loucura à disposição de uma série de doutrinamentos e disciplinas morais. Retirada do seu domínio mágico, sinestésico e inalcançável, agora ela pode ser julgada, punida e excluída.

6.3 Você promete não pensar mais nisso?

Foi-se o tempo em que o louco ainda gozava, mesmo que de maneira limitada e constrangida, de alguma possibilidade de se ser. Estamos agora no fim da Idade Média, justo quando a lepra está prestes a desaparecer da Europa. É neste momento que a loucura vai conhecer o seu descaminho, a primeira inflexão na sua trajetória errante.

Toda a estrutura cuidadosamente montada para segregar e manter os leprosos a uma distância segura, mais de 19 mil leprosários em toda a Europa (FOUCAULT, 2005, p.3) ganham uma nova utilização a partir do século XVII: alguns são destinados a soldados estropiados de guerra, mas a maioria desses espaços vai mesmo se ocupar de toda uma série de “desajustados”: pobres, vagabundos de toda espécie, presidiários e... os desarrazoados. Pessoas improdutivas, enfim.

Não se trata exatamente de um local com funções curativas ou de cuidados. O que prevalecia naqueles espaços era uma administração dos corpos desocupados, uma forma de punir a ociosidade das pessoas que de alguma forma não contribuíam para o bom andamento da nova ordem social que se estabelecia. Assim é que os antigos leprosários se transformam em estruturas jurídico-administrativas, na França o Hospital Geral, na Inglaterra são as Casas de Correção e em seguida as *workhouses,* e, por toda a Europa, outras instituições do mesmo gênero rapidamente se espalharam. A elas cabia:

> (...) recolher, alojar, alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou judiciária. É preciso também zelar pela subsistência, pela boa conduta e pela ordem geral daqueles que não puderam encontrar seu lugar ali, mas que poderiam ou mereciam ali estar. Essa tarefa é confiada a diretores nomeados por toda a vida, e que exercem seus poderes não apenas nos prédios do Hospital como também em toda a cidade de Paris sobre todos aqueles que dependem de sua jurisdição (...) (FOUCAULT, 2005, p. 49)

Inaugura-se, assim, uma nova forma de lidar com a pobreza. Uma forma que "a Idade Média não teria reconhecido". (FOUCAULT, 2005, p. 56) A glória própria que a pobreza teve outrora, fruto do seu pertencimento ao mundo de Deus, em toda a sua misericórdia ou cólera, dá lugar a um efeito em relação à ordem social: o pobre se torna um obstáculo à ordem, aquele que desajusta o sistema.

Havia, com efeito, uma suspeita que o contingente de pobres nas cidades tomava uma proporção cada vez mais preocupante. Temia-se que eles fizessem parar o país, perturbassem por demais as boas e civilizadas pessoas que não eram dadas à vagabundice. Por tudo isso, as Casas de Correção e os internamentos compulsórios e inapelatórios representavam uma tentativa de conter a expansão dos pobres, de mantê-los sob controle e a uma distância reconhecida e desejável. De tempos em tempos, quando se experimentava alguma crise nas cidades, essas instituições se abarrotavam de pobres. Quando, por outro lado, vivia-se em clima de estabilidade e pleno emprego, essas instituições forneciam mão de obra barata para as atividades produtivas.

Dessa forma, tendo como função orientadora a regulação econômica, é que passou-se a experimentar o trabalho forçado no interior dessas organizações. Era uma forma de devolver – ou incrustar – nessas pessoas uma qualidade produtiva. De certa forma, trabalho e pobreza mantém nessa época uma relação de simples oposição: o trabalho é tido exatamente como a solução para a pobreza. Observa-se assim que o trabalho possui uma forte conotação **moral**: é que o trabalho, e isso é claro nas temáticas católicas e reformistas, nunca se ligou à natureza. Não se esperava, por meio do trabalho, modificar a natureza e dela colher os frutos do ato

laborativo: “o trabalho não produz, ele próprio, os seus frutos. Colheita e riqueza não estão ao final de uma dialética do trabalho e da natureza” (FOUCAULT, 2005, p. 71). Corria-se sempre o risco de não se obter as recompensas pelo trabalho na natureza, porque essas recompensas dependiam de Deus e da sua benevolência.

Por outro lado, essa benevolência de Deus, segundo Foucault (2005) nunca deveria ser esperada, seria querer obrigar a Deus ao milagre, toda a bondade que cabia ao Homem lhe foi banida desde Adão, obrigando-o ao trabalho. Assim, não trabalhar significa uma afronta aos desígnios de Deus, é esperar que a natureza e Deus sejam gratuitamente bondosos com o Homem: a velha fábula sobre a cigarra e a formiga bem o ilustram. O trabalho forçado, no interior das Casas de Correção, passa a ser uma forma de punição da revolta contida na ociosidade dos desocupados.

Temos então o primeiro encontro da loucura com o trabalho, um encontro que é acima de tudo uma forma de sujeição e domínio da loucura a uma forma de moral, produzida numa determinada época – a idade clássica. Se a loucura é tida da mesma forma que a vagabundagem é porque ela conjura do mesmo modo a ordem e a moral burguesas. Não é porque a loucura anuncia qualquer coisa de insólito, qualquer coisa de impossível, ou mesmo qualquer coisa de imperfeito e defeituoso (experiências trágica e crítica) que ela é perigosa; o que a torna objeto de um poder e um saber é, antes, a sua recusa em se deixar orientar por uma mesma forma de conduta que os ditos “normais”.

> Nos manicômios ou hospitais psiquiátricos, realizava-se então o chamado “tratamento moral”. A doença do alienado o teria feito perder a distinção entre o bem e o mal; para ser curado, ele deveria reaprendê-la. Portanto, a cada vez que cometesse um ato indevido devia ser advertido e punido, para vir a reconhecer seus erros: quando se arrependia deles e não os cometia mais, era considerado curado. (MINAS GERAIS, 2006, p. 24)

> Em si mesmo, o trabalho possui uma força de coação superior a todas as formas de coerção física, uma vez que a regularidade das horas, as exigências de atenção e a obrigação de chegar a um resultado separam o doente de uma liberdade de espírito que lhe seria funesta e o engajam num sistema de responsabilidade (...) No asilo, o trabalho será despojado de todo valor de produção; só será imposto a título de regra moral pura; limitação da liberdade, submissão à ordem, engajamento da responsabilidade com o fim único de desalienar o espírito perdido nos excessos de uma liberdade que a coação física só limita aparentemente. (FOUCAULT, 2005, p. 480)

Além do trabalho, outra marca moral deve ser posta aqui: aplica-se por sobre esse contingente de desajustados, não de maneira uniforme, mas especialmente aos loucos e portadores de doenças venéreas, tratamentos médicos destinados a expurgar o mal que fez hospedeiro os corpos desses sujeitos. Sangrias, banhos, purgação, confissão, fricção com

mercúrio, tudo isso vai compor um rol de técnicas destinadas a castigar os libertinos e devassos sexuais. No entanto, não é ainda nessa época que todo um saber científico vai recair sobre a loucura, com todo o seu aparato psiquiátrico. É que a presença de um médico nessas instituições justifica-se não pela vontade de curar esses sujeitos ou submetê-los a um jugo moral, mas principalmente por uma tentativa de evitar que os que se encontram doentes espalhem a doença. Não existe, portanto, a intenção clara de hospitalizar a loucura nesses espaços.

Mas é preciso dizer que essas instituições foram um grande fracasso. Ao tentar ordenar a sociedade por meio dos internamentos que buscavam controlar o contingente de "desajustados" e garantir o bom funcionamento da máquina econômica, o que se conseguiu foi apenas uma regulação artificial do mercado e uma política parcial de higiene social, ambas frustradas:

> Se elas [as instituições de internamento] absorviam os desempregados, faziam-no sobretudo para ocultar a miséria e evitar os inconvenientes políticos ou sociais de sua agitação. Mas no exato momento em que colocavam essas pessoas nos ateliês obrigatórios, aumentava-se o desemprego nas regiões vizinhas ou em setores similares. Quanto à ação sobre os preços, ela só podia ser artificial, com o preço de mercado dos produtos assim fabricados não tendo uma proporção com o custo real, se calculado de acordo com as despesas provocadas pelo próprio internamento. (FOUCAULT, 2005, p. 70)

Em que pese também todo o mal-estar que passou a representar esses encarceramentos no fim do século XVIII, resultado de uma visão de mundo sacramentada com a Revolução Francesa e todo o seu ideário (igualdade, liberdade, fraternidade). As grandes promessas da modernidade ajudaram a libertar grande parte desses sujeitos inconvenientes, à exceção de um: o louco.

Já nessa época, a loucura respondia por toda uma série de inconvenientes: aproximava o Homem de suas imperfeições e defeitos; mantinha-se à margem do sistema de produção; relacionava-se estranhamente com a libertinagem e com os desarranjos da libido; ameaçava o domínio dos céus e da bondade divina. Não foi difícil, com tudo isso, passar a uma nova etapa na história da loucura: a do domínio da razão sobre a desrazão.

> No século XIX, a razão procurará situar-se com relação ao desatino na base de uma escolha positiva, e não mais no espaço livre de uma escolha. A partir daí, a recusa da loucura não será mais uma exclusão ética, mas sim uma distância já concedida; a razão não terá mais de distinguir-se da loucura, mas de reconhecer-se como tendo sido sempre anterior a ela, mesmo que lhe aconteça de alienar-se nela. (FOUCAULT, 2005, p. 143)

Sob o jugo da razão, a medicina reaparece dona de um saber que vai se constituir como senhora da loucura. Aquilo que outrora perfazia um grande e heterogêneo conjunto de significações, da extravagância à sabedoria, da libertinagem à defasagem moral, ganha agora um único e inescapável *status*: **a doença mental**. Agora, a loucura se torna algo que precisa ser curado. Blindada pela legitimidade do conhecimento científico, a experiência social da loucura se torna consciência médica, passa a se referir a um desvio de um estado natural. Se, antes o saber se colocava diante da loucura (ele derivava da loucura, era precisamente aquilo que dela resultava: a verdade e a morte), agora o saber é anterior a ela, se constitui como essência que é preciso desvendar por trás da própria loucura.

> Uma palavra assinala-a – simboliza-a quase –, uma das mais freqüentes que se encontram nos livros do internamento: "furioso". "Furor", como veremos, é um termo técnico da jurisprudência e da medicina; designa de modo preciso uma das formas da loucura. Mas no vocabulário do internamento ele diz muito mais e muito menos que isso. Alude a todas as formas de violência que escapam à definição rigorosa do crime e à sua apreensão jurídica: o que visa é uma espécie de região indiferençada da desordem – desordem da conduta e do coração, desordem dos costumes e do espírito –, todo o domínio obscuro de uma raiva ameaçadora que surge aquém de uma possível condenação. Noção confusa para nós, talvez, mas suficientemente clara para ditar o imperativo policial e moral do internamento. **Internar alguém dizendo que é um "furioso", sem especificar se é doente ou criminoso, é um dos poderes que a razão clássica atribui a si mesma, na experiência que teve da loucura**. (FOUCAULT, 2005, p. 112. Marcações minhas)[55]

> A psiquiatria não funciona – no início do século XIX e até tarde do século XIX, talvez até meados do século XIX – como uma especialização do saber ou da teoria médica, mas antes como um ramo especializado da higiene pública. Antes de ser uma especialidade da medicina, a psiquiatria se institucionalizou como domínio particular da proteção social, contra todos os perigos que o fato da doença, ou de tudo o que possa assimilar direta ou indiretamente à doença, pode acarretar à sociedade. Foi como precaução social, foi como higiene do corpo social inteiro que a psiquiatria se institucionalizou (...) (FOUCAULT, 2001, p. 148)

Assim é que a medicina, em especial a psiquiatria, se torna uma espécie de "vigia da ordem social" (SILVA, 2008a, p. 145). Se a princípio a psiquiatria vai identificar a doença mental na pele do portador de alguma doença venérea, em seguida se volta para o sujeito monstruoso, aberração estética e social; já no fim do século XIX começa a carimbá-la em qualquer situação que ocorresse desvio do comportamento socialmente desejado e esperado. Todo e qualquer indivíduo "desajustado" poderia ser rotulado de "louco", "anormal", ou "doente mental", e afastado do convívio social, preso em instituições destinadas a "curá-lo".

[55] Procurei manter ao máximo as citações com a grafia original.

Dura realidade que dissemina por todas as sociedades ocidentais, seduzidas que estavam (estão?) pela racionalidade moderna.

> (...) tanto o adolescente quanto o bêbado, o oligofrênico, o desviante e o comunista mereciam o rótulo de "inimigos da ordem". Seu destino? A segregação que começava a tomar corpo nos trópicos.
> A psiquiatria – recorde-se que, sem ela, é impossível controlar o instinto atávico, criminoso, que pode ser estampado na face – toma pulso do controle. (MATTOS, 2006, p. 75)

Não à toa grande parte dos diagnósticos se repetem no interior dos Hospitais, sempre sob a lógica do repúdio à diferença e seguindo classificações bastante amplas para deixar encaixar praticamente todos os tipos de desordens.

Assim, é sob o mando da moral e a chancela da medicina, que aquelas antigas Casas de Correção, *workhouses* e Hospitais Gerais se transformam naquilo que vamos conhecer como o clássico manicômio ou hospital psiquiátrico. Não que houvesse grande novidade nessa instituição ou terminologia. Tratava-se, ainda e fortemente, de uma instituição fechada sobre si mesma, cujo motivo maior de existir continuava a ser a administração de vidas incompreendidas. O que se modificou, tão somente, foi a dedicação exclusiva que se deu à loucura, ao que se tornou o novo universo simbólico compartilhado pela sociedade na sua relação com a loucura. E, como corolário dessa nova relação, o manicômio é a expressão mais forte de uma **instituição total**, com tudo o que ela impacta no sujeito:

> O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua *carreira moral*, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele. (GOFFMAN, 1974, p. 24)

Uma anulação total do sujeito se processa no interior da instituição (total). Anulação do eu, destituição dos direitos mais elementares (como falar, ir ao banheiro ou decidir a hora que está com fome): esfacelamento de todas as formas de sociabilidade. A maioria vai encontrar o fim dos seus dias nessa instituição, agonizando rapidamente ou definhando demoradamente ao longo de décadas.

Antes da anulação, uma série de procedimentos que pouco a pouco consomem o espírito. O que foi pensado para lapidar o caráter nunca foi senão a expressão de uma

violência silenciada pelos altos muros do hospital psiquiátrico. O **tratamento moral** impingiu à loucura encarcerada uma marca invisível na alma, mas que se torna bastante palpável na experiência vivida dos internos. Se a relação da sociedade com a loucura se deixou orientar por um imperativo moral, não foi apenas enquanto princípio abstrato, mas como uma manifestação bastante precisa e material:

> Leuret: Você promete não pensar mais nisso?
> O doente cede com dificuldade.
> Leuret: Você promete trabalhar todos os dias?
> Ele hesita, depois aceita.
> Leuret: Como eu não acredito nas suas promessas, você vai receber a ducha, e continuaremos todos os dias até que você mesmo peça para trabalhar (ducha).
> Leuret: Você vai trabalhar hoje?
> A.: Já que me obrigam, eu tenho mesmo que ir!
> Leuret: Você vai com boa vontade ou não?
> Hesitação (ducha).
> A.: Sim, eu vou trabalhar!
> Leuret: Então você estava louco?
> A.: Não, eu não estava louco.
> Leuret: Você não estava louco?
> A.: Eu acho que não (ducha).
> Leuret: Você estava louco?
> A.: Então estar louco é ver e ouvir!
> Leuret: Sim!
> A.: Está bem, doutor, é a loucura.
> Ele promete ir trabalhar. (LEURET, 1840, p. 197-198. Citado por FOUCAULT, 2002, p. 208)

E, se isto não bastar para ilustrar que tipo de práticas se vivenciavam no interior dessas instituições totais, as práticas de aniquilação do eu, de conformação a uma suposta verdade que se impõe imperialista diante da diferença, talvez uma referência ficcional nos ajude a compreender melhor. No conto “Para além dos muros”, Caio Fernando Abreu demonstra de modo bastante vívido o que era essa relação da loucura com uma moral normalizante:

> (...) eu comecei a lembrar, lembrar, lembrar e o meu pensamento parecia um parafuso sem fim, afundando na memória, eu não suportava mais lembrar de tudo o que se perdeu, tudo o que perdi, não fui e não fiz, mas não conseguia parar. Então comecei a gritar no meio do jardim molhado com as duas mãos segurando a cabeça para que não estourasse. Aí eles vieram e disseram que não tinha jeito e que estavam arrependidos de terem me deixado sair sozinho e que aquela era a última vez e que eu disfarçava muito bem mas não conseguiria mais enganá-los. E eu disse que não tinha culpa do meu pensamento disparar daquele jeito, mas acho que eles não acreditaram, eles não acreditam que eu não consigo controlar pensamento. (ABREU, 2005, p. 250)

6.4 "Me empresta tudo que resta que lhe devolvo sonhos de sobra"[56]

O que se vai descrever agora: um momento memorável, diga-se, pelos efeitos que produziu, e por tudo que representou nesse novo capítulo da história da loucura, escrita dia-a-dia nos novos serviços de saúde mental.

Estamos no fim da década de 1970, no Brasil. É quando se processa mais um abalo, certamente o mais forte de todos, no antigo edifício que sustentava a loucura por aqui:

> Nesse contexto, surge o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) que, em 1979, promoveu evento ao qual estiveram presentes Franco Basaglia e Robert Castel. As denúncias da violência nos hospitais, alguns visitados por Basaglia, e o desrespeito aos direitos humanos provocaram grande impacto. Nesse evento tomou-se conhecimento da reforma psiquiátrica italiana. O MTSM, ao adotar um discurso humanitário em defesa dos pacientes internados, alcançou grande repercussão e fez avançar a luta até seu caráter definitivamente antimanicomial. (KYRILLOS NETO, 2003, p. 73)

Porém não nos precipitemos. Voltemos para a década de 1940, na Europa. É onde, sob a influência de todo um ideário democrático pós-guerra, surgem as primeiras propostas de reversão do modelo que comportava a loucura. Esse é, na verdade, um pensamento ancorado na nova tendência de supressão das instituições totais que, bem ou mau, se instalou na Europa: o mal-estar provocado pelo nazismo e suas câmaras de gás; a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e seus reflexos diretos nas instituições prisionais; os aprimoramentos operados no mundo do Direito do Trabalho, impactando sensivelmente na organização da fábrica; tudo isso não deixou de compor toda uma atmosfera em que repensar o manicômio se tornou não apenas uma boa ação ou um despertar de consciência, mas uma necessidade urgente e inescapável.

Três projetos distintos marcaram esse momento de reposicionamento da loucura na sociedade (MINAS GERAIS, 2005): 1) um projeto que reivindicava reformas restritas ao âmbito dos hospitais psiquiátricos – a psicoterapia institucional na França e as comunidades terapêuticas, na Inglaterra, ambas da década de 1940, que buscaram humanizar o tratamento realizado no interior dos manicômios; 2) outro projeto que propunha a adoção de serviços extra-hospitalares ao hospital psiquiátrico – a Psiquiatria de Setor na França e a Psiquiatria Preventiva nos EUA, ambas na década de 1950, que ampliam o tratamento para outros espaços localizados fora dos manicômios (oficinas protegidas, lares pós-cura, clubes terapêuticos, etc); e 3) o projeto mais radical, iniciado em 1960, que defendia a ruptura com o

[56] Frase de Rômulo Garcias, que figurou na edição de 2010 do desfile em comemoração ao dia da luta antimanicomial, 18 de maio, em Belo Horizonte, MG.

tratamento baseado no hospital psiquiátrico, e que questionava o conjunto de saberes e práticas da psiquiatria vigente: a Antipsiquiatria na Inglaterra e a Psiquiatria Democrática na Itália.

Esses dois primeiros projetos contribuíram, de fato, para o início de um novo entendimento da loucura. Contribuíram, por exemplo, para o estabelecimento de tratamentos dignos e humanos aos loucos, ou para mudanças significativas no modo como se davam as relações entre funcionários e pacientes dos hospitais psiquiátricos. As relações tornaram-se menos hierárquicas e autoritárias, e passaram a se orientar pelo respeito mútuo e pela igualdade. A própria terminologia **doença mental**, cedeu lugar à ideia de **saúde mental**, muito mais apropriada ao novo contexto que se desenhava. Além disso, essas novas propostas ajudaram a reduzir a papel do manicômio, criando alternativas comunitárias de tratamento.

No entanto, todos esses resultados eram reflexo tão somente de uma política de humanização dos hospitais, e não de um projeto verdadeiramente revolucionário. Desse modo, preservava-se a essência do pensamento clássico sobre o louco: as relações tornaram-se mais democráticas, porém mantinham o poder de legislar sobre a vida do louco nas mãos da psiquiatria; o tratamento tornara-se mais digno, porém não se preocupava com a escuta do louco e conservava seu forte caráter medicamentoso e interventor; o papel dos hospitais psiquiátricos fora relativizado, porém permanecia como imprescindível e fundamental; as experiências comunitárias tinham começado, mas no entanto sem a participação dos pacientes e familiares na proposição de políticas e ações. Não: era preciso ir além.

Por tudo isso, os movimentos da antipsiquiatria e da psiquiatria democrática, ambos surgidos na década de 1960, constituíram as bases de um projeto mais ousado de Reforma Psiquiátrica, comprometido com uma mudança mais radical: pleiteava-se caminhar do enclausuramento à liberdade; do controle e vigilância à cidadania; do preconceito ao respeito; da exclusão à igualdade na sua diferença. Na esteira das críticas operadas por Canguilhem (1978) e Foucault (1980), que tão bem denunciaram o estatuto moral das noções de normalidade, saúde e doença, e alertaram para o caráter demasiado objetivo e autoritário que tinha o exercício da medicina, muita coisa mudou.

Várias foram as experiências que se iniciaram nessa época, ancoradas nos preceitos desses dois movimentos. Segundo Arejano (2002),

> A mudança de um hospital psiquiátrico tradicional para novas formas de organização e de assistência percorrerá caminhos diversos e entre estas experiências destacam-se a Comunidade Terapêutica (Inglaterra); a Psiquiatria de Setor (França); a Psiquiatria Comunitária (Estados Unidos) e a Psiquiatria Democrática (Itália). O ponto de partida comum a todas estas novas experiências é a recusa do

> hospital psiquiátrico tradicional e a necessidade de serem revistos os próprios conceitos de "assistência psiquiátrica", de "estrutura organizativa" e mesmo de "terapia", sob bases totalmente novas. (AREJANO, 2002, p.82)

É importante dizer que no Brasil a história da loucura segue o mesmo caminho dos acontecimentos da Europa, com poucas diferenças. Ribeiro (1999) explica que os primeiros registros da loucura no país parecem datar da época da colonização: somente a partir do fim do século XVII e início do século XVIII, com a instalação efetiva de médicos no país, é que a loucura passa a ser objeto de uma prática e de um saber. Contudo, nessa primeira época os hospitais não gozavam de nenhuma forma particular de acolhimento da loucura, sendo apenas na virada do século XVIII para o XIX que as instituições médicas começam a oferecer locais específicos para o tratamento dos distúrbios psiquiátricos. Essa constatação é reforçada por Stockinger (2007, p. 27-28):

> Já no Brasil, o primeiro país da América Latina a fundar um grande manicômio baseado nos princípios do alienismo francês, o Hospício Pedro II, (...) mantinha-se a mesma tradição asilar de abrigar desviantes de todos os tipos e percalços, regidos sob a égide dos mais diversos manejos de internação e arbitrariedades (...) Um dos fiéis retratos desta realidade era o fato dos doentes não receberem diagnósticos diferenciados, pois a 90% deles, no início do século XX, era atribuído o mesmo diagnóstico: degenerados atípicos. Este chavão abria, na realidade da época, possibilidades a qualquer forma indigna e violenta de trato.

Além disso, foi notório o crescimento da prática manicomial no país, durante todo o século XX. Um dos maiores ícones dessa realidade foi o Hospital Psiquiátrico de Barbacena, inaugurado em 1903: primeiro e mais famoso manicômio do estado de Minas Gerais. O local não poderia ser mais sugestivo: onde antes era a Fazenda da Caveira, que pertencera a Joaquim Silvério dos Reis – o delator da Inconfidência Mineira (FIRMINO, 1982; SILVA, 2008b; MATA, 2006). O manicômio de Barbacena ficou amplamente conhecido pela monstruosidade com que eram tratados seus internos[57].

Mas havia algo de peculiar no caso brasileiro:

> Qual a situação que enfrentávamos então, no campo da assistência psiquiátrica? Após a política assistencial da primeira metade do século, que priorizava a construção de grandes hospícios públicos como referência para a população, temos,

[57] Senão vejamos: as denúncias feitas por Firmino (1982) revelaram que durante décadas o hospital psiquiátrico de Barbacena vendeu às escolas de medicina de todo o país cadáveres de internos que morriam às centenas, e cujos corpos ninguém reclamava: ao todo mais de 60 mil mortos se produziram na instituição. Há histórias de que, para o fornecimento de ossos às escolas de medicina, alguns cadáveres eram cozidos em tambores de gasolina na frente dos outros internos. Não haviam leitos apropriados em todos os pavilhões da instituição, e alguns pacientes eram postos para dormir em montes de capim e feno; muitos morriam sufocados, e seus corpos só eram achados dias depois, quando já estavam apodrecendo. Alguns pavilhões simplesmente não dispunham de talheres, e a comida era jogada no chão para os internos.

> a partir dos anos [19]60, uma enorme proliferação de hospitais psiquiátricos privados conveniados com o poder público, de acordo com a política fortemente privatista que caracterizou o governo militar. Ora, isto coloca o Brasil numa situação singular no panorama internacional, no que diz respeito à Reforma Psiquiátrica. Costuma-se dizer, entre nós, que todos os países, na implantação de suas Reformas, encontram dois grandes obstáculos: os preconceitos sociais contra a loucura, fortemente enraizados na cultura contemporânea – os mitos da periculosidade e da incapacidade, as práticas de invalidação, etc; e a resistência dos setores psi, que tendem a encarar qualquer transformação efetiva da situação como algo que fere os princípios da ciência e da técnica, ou ameaça interesses corporativos. Ora, no Brasil, além destes dois obstáculos, temos um terceiro: aquele representado pela chamada indústria da loucura, no contexto de todo um processo de mercantilização da saúde. (LOBOSQUE, 2001, p. 14-15)

Assim, na esteira desse movimento de desinstitucionalização da loucura na Europa, o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental inicia a luta para implantar a Reforma Psiquiátrica no Brasil, com um projeto de articulação dos três níveis gestores – federal, estadual e municipal – para a construção de novas referências no campo. Esse movimento representou o começo de uma nova relação com a loucura: novos tratamentos e serviços foram criados[58], novos parâmetros legais estabelecidos[59], vários leitos psiquiátricos são fechados país afora, uma nova relação com a sociedade se inicia[60]. Lobosque ilustra muito bem as conquistas do movimento:

> Cerca de 300 serviços tipo NAPS, CAPS e CERSAMs, em todo o Brasil; o decréscimo do número de leitos psiquiátricos no país; a aprovação de diversas leis estaduais em Saúde Mental, e mais recentemente, de uma nova lei nacional; a realização de quatro encontros nacionais do movimento da luta antimanicomial, (...) eis uma breve enumeração do saldo de anos de luta. (LOBOSQUE, 2003, p. 19)

Dado atrasado, no entanto: essas conquistas apontadas por Lobosque (2003) se multiplicaram ainda mais desde a publicação de sua obra. Só para se ter uma ideia, em 2006 foi inaugurado o milésimo CAPS no Brasil, localizado em Fortaleza-CE. E é preciso também

58 É o caso do surgimento dos NAPS/CAPS (Núcleos/Centros de Atenção Psicossocial, que oferecem atendimento intermediário entre o regime ambulatorial e a internação hospitalar, em âmbito municipal), CERSAMs (Centros de Referência em Saúde Mental, para acolhimento das pessoas em momentos de crise), Centros de Convivência (cuja proposta é a socialização do louco, por meio de uma interação ativa e constante com a sociedade), e outros dispositivos, igualmente importantes.

59 A lei federal 10.216/2001, após 12 anos de tramitação no Congresso Nacional, é finalmente aprovada. Essa lei constitui um enorme avanço para a Reforma Psiquiátrica (apesar do retrocesso que representou do ponto de vista do projeto original). Ela referencia novas diretrizes para o tratamento dos loucos: proíbe a construção de novos manicômios, regula a internação involuntária e enfatiza um modelo de tratamento pautado em serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico. Além dessa lei, várias outras, de competência dos estados, seguem o mesmo caminho.

60 Especialmente pelo estreitamento das relações entre loucura e movimentos sociais, e entre loucura e universidade. De um lado, várias bandeiras políticas passam a ser combinadas, como a saúde mental e a economia solidária. De outro, várias discussões acadêmicas, seminários e propostas metodológicas ligadas à formação dos profissionais em saúde mental coloca em relevo a Reforma Psiquiátrica nas instituições de ensino superior.

dizer que Belo Horizonte é cidade de vanguarda em políticas substitutivas de saúde mental, com destaque tanto na nova clínica quanto nas políticas de inclusão social e produtiva. Exemplos?

> Antes da implementação do Projeto de Saúde Mental de Belo Horizonte, as únicas referências para pacientes graves ou em crise eram os hospitais psiquiátricos. Desde a implementação do Projeto em 1993, foram fechados 1600 dos 2100 leitos existentes para portadores de sofrimento mental. Hoje esses pacientes estão sendo cada vez mais absorvidos pela rede substitutiva aos hospitais psiquiátricos. (...) A organização do fluxo de atendimento (...) monta uma linha de cuidados em que todos são convocados, inclusive o paciente, a contribuir na construção de um projeto terapêutico, fundamentado no vínculo estabelecido o paciente e a Rede que o referencia. Verifica-se uma melhoria na relação entre os usuários e os diferentes serviços da rede, permitindo um avanço na qualidade do atendimento e uma maior facilidade de acesso do portador de sofrimento mental grave às agendas da Equipe de Saúde Mental e Rede Básica, já que a agenda desses profissionais pode permanecer aberta para receber novos casos. (NILO *et. al*, 2008, p. 23)

Reintroduzindo o argumento anacrônico, precisamos reconhecer, no entanto, que alguns desafios perduram:

> Não é um saldo líquido e certo. Se os NAPS e serviços afins têm demonstrado formas interessantes de abordagem da loucura, nem sempre se apresentam efetivamente como serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico. A queda do número de leitos psiquiátricos, que é um fato, ainda não se fez acompanhar do investimento, em recursos, que permita desinstitucionalizar os milhares de usuários ainda internados; se a lei nacional substitui uma arcaica legislação dos anos 30, ela é ainda assim indecisa e frouxa; se os encontros do movimento nacional têm tido prosseguimento, não é sem problemas e dificuldades em sua identidade e organização (...) Em suma, vivemos um momento confuso, propício a composições, diluições, ambigüidades. O lastro da nossa história e do nosso empenho será bastante para impedir retrocessos e seguir abrindo caminhos? (LOBOSQUE, 2003, p. 19-20)

Com efeito, não se tratam de preocupações totalmente superadas. Se, por um lado, o discurso clássico sobre a saúde mental vem se oxidando e sendo suplantado por uma nova concepção de loucura, ainda são vários os desafios interpostos. É bem verdade que a terapêutica da loucura cada vez mais reflete sobre a moral que a orienta, buscando interrogar, conforme salienta Lobosque (1997, p. 27), "não o objeto visto, mas a própria visada; não o quadro que se lhe apresenta, mas a perspectiva que o delimita". Contudo, trata-se, ainda e infelizmente, de um campo de estudos que produz discursos e efeitos dissonantes, muitos deles marcados por um conservadorismo ameaçador[61].

[61] A esse respeito, vale a pena conferir também o trabalho de Arejano (2002), que sustenta a tese da permanência de práticas de poder disciplinar mesmo no âmbito da Reforma.

Mesmo parecendo antiquado atualmente, o discurso manicomial – agora humanizado pelo movimento da Contra-Reforma – ainda protagoniza forte resistência à construção de novos parâmetros para a saúde mental. A maior parte dessa força vem, sem dúvida, dos três obstáculos já apontados no caminho da Reforma no Brasil. Esses obstáculos, mesmo sendo percebidos e fortemente combatidos, correm o risco de acabarem diluídos nas nuances cotidianas dos novos serviços de saúde mental. De acordo com Lobosque (1997),

> (...) as pessoas que trabalham em hospícios, mesmo quando são atuantes nos movimentos de saúde mental, tendem a uma posição conservadora nesta questão. Dentro do hospital psiquiátrico, é quase impossível imaginar uma assistência que possa dispensá-lo. Por outro lado, nos Centros de Saúde onde aparentemente poderíamos encontrar com mais facilidade adeptos de uma proposta antimanicomial encontramos um outro tipo de resistência: os profissionais da Saúde Mental, já acostumados com um outro tipo de clientela bem mais light que a dos hospitais – mostram-se, via de regra, pouco interessados numa reversão do modelo. (LOBOSQUE, 1997, p.16)

Outro desafio localiza-se na revisão dos processos de instrumentalização e alcance daquele que é considerado hoje uma forma modelo de tratamento em saúde mental. Lobosque (1997) lembra não só a precariedade com que essa rede substitutiva muitas vezes é implementada (isso sem contar os lugares que nem sequer contam com tal aparato, apoiando suas práticas ainda no modelo hospitalocêntrico), mas também a necessidade de se pensar a sua resolubilidade:

> (...) não se trata de funcionar como um pequeno centro de excelência, atendendo um dúzia de belos casos clínicos e fechando as portas para o grosso da demanda quando a equipe estiver de agenda cheia. A proposta é que o serviço dê conta de "se virar" com relação aos distúrbios psíquicos dos moradores da região (...) (LOBOSQUE, 1997, p.17)

Ramalho (2003) aponta ainda a dificuldade dos técnicos e profissionais da saúde mental de aceitar novas referências de tratamento. Muito embora a clínica em saúde mental hoje seja composta por saberes e práticas interdisciplinares – da psicologia, terapia ocupacional, assistência social, psiquiatria, sociologia... – a realidade cotidiana dos serviços de saúde mental ainda é marcada por vários obstáculos. Um bom exemplo vem do modo de lidar com o delírio do louco:

> (...) não basta somente a substituição dos manicômios por uma rede de serviços assistenciais (como consta na lei). Mais do que o local, o importante é o tipo de tratamento que será dispensado nesses outros serviços, pois, se o delírio continuar a ser considerado como patológico e algo a ser suprimido, esses novos serviços serão tão "normalizantes" e cronificantes quanto o manicômio". (RAMALHO, 2003, p.27)

Ora, todas essas dificuldades apontadas aqui no processo de implementação da Reforma brasileira servem tão somente para evidenciar o seu caráter inacabado. Não se pretende aqui fornecer quaisquer argumentos que possam servir de justificativa para o seu retrocesso. Seria mesmo (quase) desnecessário relembrar todas as conquistas do movimento, não fosse o eterno perigo da sua relativização. O que a Reforma Psiquiátrica ousou fazer, no Brasil e no mundo, foi a maior e ao mesmo tempo mais simples das tarefas: restituir o louco de um lugar na sociedade; dar a ele a possibilidade de uma fala, antes nunca conquistada; devolver-lhe a liberdade e o direito à vida; respeitar a sua diferença e aprender a conviver com ela; enfim, fazer com que todos percebam que a loucura e sua história são, no limite, a histórica de cada um de nós, com todas as suas misérias, imperfeições, alegrias, temores e sonhos.

> Antes que você torça o nariz e sinta náuseas diante das faces grotescas e corpos arruinados pelos hospícios e pela vida, saiba que pelo avesso elas falam de beleza, saúde, alegria, bem-estar e esperança.
> Compare-se a estas pessoas (sim, são pessoas, membros da nossa espécie – *homo sapiens* – gerados em ventres humanos) e descubra que a sua ocasional infelicidade é insignificante, que sua ligeira depressão é frescura, que suas rugas são lindas e que o mundo chato em que você vive é o paraíso.
> Estes infelizes existem para lembrá-lo que sua felicidade é mais real do que você imagina. Sinta-se igual a eles. Você é apenas o outro lado da moeda (...) (Edson Brandão[62])

De resto em resto, sonhos vão se construindo. Mas um ingrediente fundamental ainda precisa ser acrescentado, na pitada certa: retomar o encontro entre loucura e trabalho, para o cozimento de uma nova relação entre os dois.

Aquela velha concepção de trabalho que se acostumou a ver associada à experiência da loucura, o trabalho enquanto forma de **tratamento moral**, cuja função precípua era a educação e correção dos corpos improdutivos e desviantes, insiste durante todo o século XVIII. No XIX, chega mesmo a ser naturalizada, e consegue, pelo menos momentaneamente, abalar a loucura, que se dobra perante a Razão e a moral: "A ausência da coação nos asilos do século XIX não é desatino libertado, mas loucura há muito dominada". (FOUCAULT, 2005, p. 483)

No silêncio da noite perdida entre os muros do manicômio, a loucura é esquecida. Todo um século vai se passar sem que se tenha notícia de alguma tentativa efetiva de ruptura desse modelo. Apenas em meados do século XX, quando as críticas ao modelo

62 É o autor do texto e curador do Museu da Loucura, Barbacena, MG, onde está exposto este texto.

hospitalocêntrico e os pleitos inspirados na Revolução Francesa ganham força é que o trabalho, rebocado por este contexto, vai virar objeto de atenção perante a loucura.

A partir da segunda metade do século XX, o trabalho enquanto mecanismo de ortopedia moral sai de cena e dá lugar a outro: o trabalho cheio de sentido, capaz de preencher a vida do sujeito. Passa-se a enxergar uma positividade no trabalho: ele é entendido como um fenômeno capaz de promover a ressignificação da vida do sujeito que trabalha; por meio do ato laborativo, o Homem modifica a natureza e preenche de sentido a sua existência; constrói laços de sociabilidade e sentimento de pertença a um grupo; fortalece a sua auto-estima e encontra uma forma de expressar a sua subjetividade. (VIEGAS, 1989)

Essa reorientação no modo como a loucura experimentava o trabalho se deu, no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990. O que possibilitou essa mudança foi principalmente a articulação da Saúde Mental com a Economia Solidária: os modelos alternativos de produção e gestão oriundos da Economia Solidária deram conta, bem ou mau, das demandas por uma nova forma de trabalho que a loucura ansiava. (BRASIL, 2005)

Esses modelos alternativos de produção e gestão consistem em uma nova forma de conceber o trabalho e as relações sociais, uma forma distinta da capitalista hegemônica. Apesar de se tratar de um campo extremamente plural e marcado por várias diluições e diferentes projetos políticos e ideológicos, podemos utilizar aqui a definição de Razeto (1999) para compreender o seu sentido mais amplo:

> Concebemos a economia de solidariedade como uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas – no campo da produção de comércio, financiamento de serviços etc. - que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas. Trata-se de um modo de fazer economia que implica comportamentos sociais e pessoais novos, tanto no plano da organização da produção e das empresas, como nos sistemas de destinação de recursos e distribuição dos bens e serviços, e nos procedimentos e mecanismo de consumo e acumulação. (RAZETO, 1999, p.40)

Alguns traços marcantes da Economia Solidária colocam-na em posição privilegiada para o exercício de um trabalho com sentido, capaz de estimular a produção de subjetividades. De um lado, o exercício da autogestão, que possibilita os trabalhadores pensarem o próprio ato laborativo e dotá-lo de significados que lhes são próprios, fruto da experiência e imaginação de cada um. Além disso, a autogestão busca a igualdade política no interior da organização de trabalho, uma vez que as decisões são tomadas coletivamente e isso empurra o sujeito rumo a um lugar de protagonista do seu próprio destino. Por outro lado, a Economia

Solidária propõe a democracia econômica (divisão justa dos resultados econômicos) e o respeito e valorização das diferenças. Tudo isso a torna um campo propício para o trabalho cheio de sentido não apenas para os loucos, mas para todos. Para Lourenço (2008, p. 44),

> O trabalho que realizam na cooperativa [que é a estrutura mais comum de manifestação da Economia Solidária] é uma prática desafiadora, cercada de dificuldades como o esforço empreendido na discussão de cada trabalho (...) pode-se dizer que ele [o trabalho coletivo] reforça a saúde mental de cada cooperado. Só desta maneira os seres humanos se realizam no seu trabalho. Só quando podem usar a imaginação, quando podem decidir e deliberar sobre o que será feito.

Especificamente sobre o trabalho solidário no campo da saúde mental, deve-se ressaltar que um importante marco no Brasil foi a realização, em novembro de 2004, da I Oficina de Experiências de Geração de Renda e Trabalho, organizada pelos Ministérios da Saúde e do Trabalho e Emprego. Participaram do evento os representantes do MTSM (Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental), e de entidades ligadas ao movimento da economia solidária, além de gestores públicos e, especialmente, os trabalhadores das experiências de produção solidária em saúde mental. Foi, certamente, um momento que ajudou a compreender melhor a articulação desses dois campos. A fala de uma das participantes ilustra bem o que é essa articulação:

> O modelo cooperativista e associativista, fundamento dos projetos de economia solidária e significante, que ora nomeia a luta e a força de resistência dos excluídos pelo mercado, propõe uma organização do trabalho que opta por acolher e incluir diferenças, permitindo o estabelecimento de uma produção a partir de princípios aniquilados pelo capitalismo, como a solidariedade e a cooperação. Diferentemente do manicômio e de suas terapias pelo trabalho, onde este é puro simulacro, falseamento da realidade, aqui, na discussão e no campo da economia solidária, a instituição de ritmos diferenciados, ou a inadequação à norma e à disciplina, não implicam anulação do direito de trabalhar e de produzir. Sua forma de organizar, distribuir e gerir o trabalho, e o modo de conceber e tratar a diferença apresenta, na nossa compreensão, pontos de semelhança com a lógica instituída pelo projeto antimanicomial. (SILVA, 2005, p. 57)

Ou ainda:

> Atualmente as iniciativas de geração de trabalho e renda fazem parte do processo de reabilitação psicossocial do usuário do serviço de saúde mental. Estas experiências carregam uma série de características importantes, entre elas a participação das pessoas da comunidade, ampliando assim a possibilidade de ressocialização dos usuários; o incentivo à autogestão e a participação democrática, construindo aos poucos, junto com os usuários, a autonomia e o protagonismo dentro e fora dos empreendimentos; o aprimoramento das habilidades profissionais, trazendo aos usuários e construindo junto com eles novas possibilidades de inserção social e descobertas pessoais; a articulação com outros setores, já que o mercado exige qualidade e compromisso, com os empreendimentos dos usuários de saúde mental não seria diferente; e, para não alongar muito, a possibilidade de ganho econômico real para todos os participantes. (MARTINS, 2008, p. 252)

> A economia solidária, para mim, é uma experiência rica, que além do trabalho promove troas maravilhosas de apoio, carinho, onde não se tem patrão, mas todos trabalham com responsabilidade, sem discriminação, solidariamente, independente do tamanho do empreendimento. O trabalho além de uma atividade física ou intelectual, para promover riqueza (ou ganho) para si, é um remédio contra o ócio ou algumas limitações, onde o maior capital é o social. (PACHECO, 2008, p. 222)

Por tudo isso é possível perceber porque a Economia Solidária se tornou um campo propício para a revalorização do trabalho. No entanto, será preciso ainda, no âmbito deste estudo, reafirmar alguns pressupostos e definir melhor algumas posições teóricas, especialmente no que diz respeito às noções de subjetividade, trabalho e adoecimento no trabalho. Afastar alguns riscos e precisar algumas incertezas, essa a questão.

7. ONTOLOGIAS DO TRABALHO

O trabalho enquanto fenômeno constitutivo do ser, ser social e individual. Aquilo que lhe organiza a vida cotidiana e também a vida psíquica. É por esta direção que o argumento segue: se o sujeito se constitui na relação, também o faz passando pelo trabalho.

Escolhas e renúncias já devidamente agarradas: certamente existem outros filtros (psicossociológicos, normativos...), mas o que importa aqui é essa filosofia do existir que se dá, **no** e **pelo** trabalho, em toda a sua plenitude ou precariedade. Uns defendem que essa existência é – ou, pelo menos, pode ser – plena, e se constitui invariavelmente a partir dele. Outros preferem um caminho menos assertivo e mais parcial, no qual essa positividade e centralidade cedem para dar lugar a uma postura mais relativa. Façamos este percurso agora, da centralidade à relatividade. O norte, por sua vez, está claro: a busca por uma **positividade trágica do trabalho**, na qual a desesperança desaba; a experiência é devir; o Tempo é o agora; e onde a realização não importa tanto quanto o próprio Acontecimento.

7.1 A construção do trabalho moderno

Tomemos uma definição provisória de **trabalho**, arrancada às avessas de Arendt (2007)[63]: algo que inclui os afazeres cotidianos, necessários à manutenção e reprodução da vida (e, portanto, feito de uma matéria não-durável, que se consome naquilo que se produz); também algo que inclui atividades destinadas a construção de matéria durável no mundo (e, portanto, que modifica o mundo em que se vive, como por exemplo, as obras e edificações humanas); algo que passa também pelas atividades que ultrapassam a matéria e ligam os homens entre si, numa produção social da realidade (por exemplo, no campo da educação: arte de educar e aprender).

Resta ainda um tanto confuso: o que **não** seria, então, trabalho? Se trabalhar é realizar uma ação (costumeira e não-durável, artificial e durável, social e imaterial), então praticamente tudo o que é *anthropos* caberia nesse conceito. Onde assentar, nesse raciocínio,

63 É que na verdade Hannah Arendt separa aquilo que se juntou nessa formulação provisória: segundo Magalhães (1985), a autora distingue três atividades humanas fundamentais (trabalho [do inglês *labor*]; obra [*work*]; e ação [*action*]), para as quais correspondem três condições humanas distintas: vida (possibilitada pelo trabalho); pertencer-ao-mundo (por meio das obras artificiais produzidas pelo homem, que o distanciam do mundo natural); e pluralidade (marcada pela ação do homem sobre o próprio homem, Homem Social, cuja mediação prescinde de objetos ou matéria). Pois bem: essa distinção, por agora, queda indistinta.

as fronteiras entre trabalho e não-trabalho, trabalho e ócio, ou mesmo outras manifestas no interior do conceito, como as distinções trabalho e emprego, trabalho remunerado e não remunerado, trabalho e labor?

Mas[64] é que o trabalho, enquanto categoria ontológica, me parece passar por todas essas nuances. Se ele é, histórica e culturalmente, objeto de disputas políticas e econômicas, tanto enfatizadas a partir de Marx, isso não retira dele o seu caráter **a**histórico, ou **trans**histórico, ao menos não enquanto algo universal. Porque, justamente as suas formulações tanto abstrata quanto pragmática vão se modificando ao longo do tempo, dando lugar a diversos arranjos e metabolismos diferentes. Assim, o trabalho não deixa de ser um dos fenômenos mais importantes pelos quais o Homem faz a experiência de si e do mundo (dando-se a conhecer a si mesmo e elaborando um sentido para a sua existência; mantendo-se vivo e em junção com a natureza, mesmo que de forma precária, residual e contraditória; distanciando-se do mundo natural pela autoconsciência de si e pela alteridade – todas essas manifestações presentes nas vivências de trabalho). A partir daí, tomo o cuidado de não proceder a uma categorização mais detalhada do fenômeno trabalho de forma precipitada, valendo-me do clássico ditado antropológico, que diz ser importante tomar cuidado para não **distinguir-se o que deve ser confundido, e confundir o que deve ser distinguido**[65].

Façamos confusão, portanto: trabalho, essa **arte da vida**, fenômeno pelo qual nos inscrevemos no mundo e nos singularizamos diante da natureza. Mas não parece tarefa fácil esta feita: historicamente é comum encontrar sentidos negativos ou contraditórios associados ao trabalho, tanto hoje como em qualquer momento da história. A própria origem da palavra – do latim *tripalium* – remete a sofrimento, tortura. Nos textos bíblicos, o trabalho era tido como uma forma de castigo e condenação do Homem pela transgressão à lei divina: expulsos do paraíso, agora é preciso ganhar com o suor o pão de cada dia (VIEGAS, 1989). Na Grécia Antiga, berço da filosofia ocidental e da nossa forma contemporânea de interpretação e relacionamento com o mundo (NIETZSCHE, 1996), o trabalho era tido como atividade indigna, que excluía a pessoa do exercício de cidadania (a participação na *polis*): trabalhar

64 Comentário (quase) desnecessário: ao revisar o texto, o colega Pablo me advertiu sobre o uso desses "mas", ao iniciar os parágrafos, tomando a devida precaução de respeitar meu estilo. Por fim, retirei alguns, deixei outros. Mas (!) não deixa de ser incrível com uma palavrinha besta pode me suscitar as mais intermináveis desordens... Sim, é difícil pra c**** pra mim lidar com os "mas". Porque eles são exatamente essa **con-fusão** – que não necessariamente me incomoda, pelo contrário, tem tudo a ver com o que eu faço na dissertação: ora eu quero contrariar uma ideia, e com isso uso o "mas", ora eu quero continuá-la, lá onde algo novo deveria começar... E essas retomadas, interrupções e conectividades não são justamente o que eu me proponho a fazer neste trabalho?

65 É Da Matta (1982) quem lembra a frase de Durkheim (1973, p. 467), ao estudar o suicídio: "aquele que se deixa conduzir pela acepção recebida corre o risco de distinguir o que deve ser confundido ou de confundir o que deve ser distinguido, de desconhecer portanto o verdadeiro parentesco das coisas entre si e, por conseguinte, de se enganar sobre a natureza destas".

sujeitava à necessidade, e por isso cabia somente às mulheres e aos escravos; mesmo quando redimido dos seus pecados, já no nascimento do capitalismo moderno, o trabalho ainda era umas forma de "purificação" da alma, elevação do espírito cujo preço significava submeter-se à disciplina e penitência do trabalho, tão necessária àqueles que almejavam a salvação numa **outra vida**. (WEBER, 1967)

Até mesmo hoje é comum perceber o trabalho como um certo ideal ascético, reminiscências de um deus morto, naquilo que é percebido como uma concessão que se deve fazer a si mesmo no momento presente para se gozar de prosperidade no futuro. O sonho de muitas pessoas é se aposentar, na crença – muitas vezes equivocada – de que sem o trabalho poderão aproveitar a vida e realizar tudo o que ele impedia: um niilismo reativo, isto sim.

No campo das formações discursivas, e no caso brasileiro, pelo menos, ditados populares como "Se trabalho fosse bom ninguém pagava por ele" ou "Quem trabalha de graça é relógio", ajudam a consolidar uma percepção do trabalho enquanto castigo. De outro, ditos como "O trabalho dignifica e enobrece o homem" ou "Aquele sujeito é trabalhador, portanto honesto e bom", indicam a sua ascética e a sua funcionalidade e utilidade num sistema social amplo. De um jeito ou de outro, parece continuar uma certa valoração negativa: o trabalho não deixa de ser algo difícil, uma penitência pela qual se purifica o espírito.

Uma primeira questão se coloca aqui: como o trabalhou ganhou uma significação tão ruim? A resposta poderia ser buscada na história: dado a uma série de apropriações, o trabalho foi gradativamente se tornando alvo de uma série de práticas de assujeitamento, concatenadas com as mudanças sociais mais amplas que se deram ao longo do tempo.

De modo geral, um ponto na história ocidental chama a atenção: a passagem da Idade Média à Modernidade. No primeiro período (séculos V até XVI, aproximadamente), o trabalho parece ter se ligado fortemente à manutenção e reprodução da vida sem, no entanto, ser uma categoria central na vida do ser social. O trabalho ligava-se a atividades de **produção agrícola de subsistência**, ainda numa época de baixo desenvolvimento tecnológico, e disputava a atenção e o tempo do cidadão da Idade Média com outros fenômenos sociais: já existia de fato uma dinâmica cultural rica naquela época, na qual o trabalho era **apenas um** dos eventos sociais. Festas, enterros, punições públicas e espetáculos tragicômicos faziam parte do cotidiano feudal de forma organizada e legítima. Isso sem falar das classes sociais para as quais nem sequer se falava em trabalho (já que o seu entendimento passava inevitavelmente pela esfera da economia agrícola): o soberano e a nobreza, o clero e os militares. De sorte que para estes tudo se resumia na tríade "governar-lutar-rezar".

Mas eis que esse ordenamento social encontraria o seu fim, e com ele, o lugar social do trabalho. Marx e Engels (1984) descreveram bem a derrocada desse modelo, a partir das suas transformações econômicas, e que culminou com a emergência de uma nova e poderosa classe social: a burguesia. E, com ela, o trabalho assume a condição de categoria ontológica central, passa a ser o fenômeno constituinte das relações sociais.

O amplo e rápido desenvolvimento, a partir do fim do século XVI, da economia mercantil, da navegação e das comunicações, respondem por grande parte dessas transformações no mundo ocidental europeu. As rotas de comércio aumentaram, uma nova dinâmica de trocas pouco a pouco se consolidou e com ela novas condições políticas e sociais teriam emergido, interrogando a antiga sociedade de soberania.

Era a sociedade por inteiro que se transformava, na verdade: a essas mudanças corresponderam outras no campo da filosofia (emergência do racionalismo, do positivismo e do humanismo); da religião e da moral (a ética protestante, justamente o que possibilitou a consolidação do novo modelo econômico); da política (fim das monarquias e ascensão dos governos ditos democráticos). Um novo mundo se desenhava, mundo Esclarecido, no qual o Homem Científico e de Razão reinariam soberanos. “Liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” eram as palavras de ordem; “progresso” e “desenvolvimento”, o eterno, doce e redentor ponto de chegada almejado para a História.

Não fosse todo esse variado contexto, o trabalho não teria sido alçado à categoria central da vida social. Estes acontecimentos constituíram, com efeito, as condições históricas que possibilitaram a emergência do trabalho capitalista. De um sistema pautado no confisco da produção, passamos, no amanhecer da era Moderna, a um sistema de organização da produção; as máquinas rudimentares da Idade Média, a maioria relógios, alavancas, arados e roldanas, deram lugar a máquinas de uma segunda ordem, máquinas energéticas, que agora se concentram nas mãos da classe burguesa. Paralelamente, o sistema penal, tido como imprescindível para a manutenção da ordem social, deixa de decidir sobre a morte para gerir a vida: passamos, no silencioso assassinato de Deus, da sociedade de soberania para a sociedade disciplinar (DELEUZE, 1992; FOUCAULT, 1992; 2008).

No entanto, a euforia moderna trouxe, muito mais que promessas universais, modos de vida bastante peculiares: fazer andar essa maquinaria; manter a ordem em meio a um mundo que se transformava em velocidade tão rápida; neutralizar a ação dos desditosos e reacionários, tudo isso demandava novas políticas, novas tecnologias de poder: era preciso prevenir para não remediar. Nessa lógica, tão maciça quanto surda, os confinamentos e as disciplinas aparecem como a resposta eficiente e eficaz para o problema das resistências

ativas. Todo um conjunto de novas **práticas de assujeitamento** é criado, articulando todas as esferas da vida social e todas as instituições em uníssono: domesticar, corrigir e endireitar era preciso. Na escola, garantir a permanência dos valores e a manutenção irreparável do sistema; na fábrica, modelo produtivo recém criado, assegurar a continuidade e aumento da produção e do consumo, os níveis salariais cada vez mais baixos e os lucros cada vez mais altos; na família, último reduto do privado invadido pelas disciplinas, inscrever uma obediência servil e adaptativa à nova lógica social, facilitando a inserção nos outros meios de confinamento; no hospital, responsável pela correção daqueles que se desviassem para longe da produção, todo um repertório de práticas e discursos cuidadosamente ministrados para reiterar a obediência ao doente, obediência ao saber médico, o qual lapidava para o trabalho; e, evidentemente, na prisão, espaço de sujeição e exclusão por excelência, a vigilância constante e amiúde sobre aqueles que rejeitam a norma, agora sentida na própria pele.

Quanto às formas manifestas que tomam essas práticas, também variam enormemente, vão desde a interdição e partilha dos discursos até os novos projetos arquitetônicos. Tudo aquilo que se produz manifestamente sobre o corpo, seja ele individual ou corpo coletivo. Não de outra forma, os baluartes do Estado Moderno montaram as suas trincheiras confessadamente com um novo tipo de arma, esse poder disciplinar que a tudo tenta invadir e organizar, o corpo (da criança, do estudante, do operário, do doente e do criminoso) e a mente (a naturalização desse tipo de relação é a evidência mais perversa). Se as promessas de um futuro glorioso não se cumprissem, quanto mais difícil pudesse ser a reversão dessa lógica, quanto mais embargada se tornasse a concepção de outras formas... Empreender novas buscas, organizar novas lutas, tudo se torna diferente e talvez mesmo mais difícil quando as disciplinas invadem a produção, a educação, a ética e a filosofia, as artes e a moral, tudo colocado sob o jugo de uma economia política:

> O corpo humano entra numa maquinaria que o esquadrinha, desarticula e recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 2008, p. 119)

Essas disciplinas encontram campo fértil no sistema fabril, a forma de confinamento essencial do trabalho industrial. Taylor (1957) bem determinou as primeiras medidas de sujeição, o trabalho agora mais mecanizado e repetitivo que nunca, o sentido em razão inversa à eficiência; seduzida pelas benesses materiais que o capitalismo produzia, a humanidade se esquecia das tantas contradições e desigualdades que ele aprofundava. Miopia de sabor ambivalente, essa a questão: amarga na ponta do trabalhador, doce e indiferente na vida glamourosa que levavam os industriais e suas famílias.

> A gradativa materialização das sociedades ocidentais modernas testemunha, assim, o entroncamento da formação subjetiva com as atividades profissionais, que dá ao trabalho um lugar central na conformação sociossubjetiva moderna. Inclui-se na categoria trabalho, aqui, não apenas o exercício de uma determinada profissão, mas também os modos de trabalhar, as formas de conquista de um espaço no mercado de trabalho e, até mesmo, os contextos que definem a exclusão do trabalho.
> O trabalho vai tornar-se, paulatinamente, a forma por excelência de relação e ação do sujeito sobre o mundo. Assim, a dimensão ontológica da automediação do trabalho converte-se (...) no ponto de partida para a produção de cultura pelos grupos sociais (...) (LIMA, 2009, p. 94)

Tornado eixo fundamental da vida social, o trabalho vira alvo de disputa: de um lado, o patronato que quer confinar e disciplinar; de outro, a massa que quer resistir. De um jeito ou de outro a lógica está dada: a partir da Revolução Industrial, será difícil pensar em trabalho longe desses termos. Ser sujeito no mundo significa, inexoravelmente, dar uma resposta social à questão do trabalho: bom ou ruim, opressor ou libertador, fonte de adoecimento ou reconstrutor de subjetividades. Já não se busca mais, efetivamente, modos de vida que se realizam fora do trabalho.

7.2 Transformações contemporâneas no mundo do trabalho

Se o trabalho se torna alvo de disputas sociais e políticas, é nas morfologias que ele assume ao longo do século XX que isso fica evidente. O modelo fabril do início do século, empurrado pelas alegrias das transformações tecnológicas de então, ajuda a conformar um sujeito trabalhador padrão, especializado e destituído das condições de produção do próprio trabalho. Sua existência resume-se à reprodução de movimentos programados e cronometrados, cujos resultados devem ser os maiores possíveis em termos de produtividade e lucratividade. Confinados nas fábricas insalubres por horas a fio, os sujeitos tinham no

trabalho industrial não um espaço pelo qual se relacionavam com o mundo, mas o próprio mundo. Viver significava trabalhar.

Mas o mundo seria abalado por uma série de crises no século XX, algumas no interior da economia, outras na política, outras ainda na própria filosofia. A manutenção desse modelo de trabalho foi gradativamente cedendo, em favor de outro arranjo, mais fluido. Seguia filiado às transformações sociais mais amplas, instaladas na sociedade capitalista a partir da segunda guerra mundial: as sociedades disciplinares davam lugar às sociedades de controle.

> Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir a sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as **sociedades de controle** que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrapassadas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. (DELEUZE, 1992, p. 220. Marcações do autor)

Os confinamentos vão pouco a pouco dando lugar a formas mais sofisticadas de controle, em todos os espaços sociais: na escola, a emergência da educação à distância; no sistema prisional, os regimes de semiliberdade para delitos leves e médios; no hospital, a criação do hospital-dia e a disseminação de práticas e medicações preventivas; na família, o controle dos filhos por novas tecnologias, como o celular e o cartão pré-pago; no trabalho, a substituição da fábrica pela empresa aberta e o sistema de controle por metas; na vida afetiva, na cultura e no entretenimento, tudo parece se conformar **em** novas e sempre maleáveis **modulações**.

Contudo, o próprio Deleuze (1992) afirma não se tratar, necessariamente, de uma nova realidade em si mesma opressora. Como vai ocorrer com o trabalho, o fato é que esses novos arranjos sociais e culturais passam por uma negociação dos sentidos e dos usos; colocam em movimento e fazem circular novas relações de poder, o que, na prática, pode significar maior sujeição ou mesmo maior autonomia por parte dos sujeitos. Basta verificar, por exemplo, o que acontece atualmente no caso da saúde mental, campo cujos atores vêm conseguindo construir de modo bastante contestador essa nova realidade que se instala por todo lado.

Mas a questão aqui ainda é o trabalho. E este, na esteira do sistema capitalista de produção, também se modifica; é o próprio sistema capitalista que se transmuta, em verdade:

suas crises são o seu alimento; a revolução nos seus meios de produzir, organizar e consumir, as suas condições de possibilidade. (VIANA, 1999)

O que impulsiona as transformações no mundo do trabalho capitalista do século XX é a crise econômica vivenciada nos anos 1970. A partir de então, um sistema de acumulação inteiramente novo se constitui, pautado não na comercialização da produção, mas na sobreprodução e controle acionário. As morfologias do trabalho se redesenham, tornando mais flexíveis os empregos, multivalentes as funções e generalistas os profissionais. Os modos de gestão e produção se atualizam, abrindo espaço para abordagens que pregam a administração por objetivos e a qualidade total, com estoque zero. As máquinas energéticas cedem lugar para as de tecnologia de ponta, *microchips*, nanotecnologia, computadores e robôs de última geração. Todas são modificações que acompanham em número e grau as demandas de uma nascente sociedade de controle.

> Antes, como dizíamos, eram fábricas verticais, absorventes, atuando através de rígidas hierarquias. Máquinas grandes, caras, pesadas, exigindo planejamento, estabilidade e produtos iguais. Economia de escala. Produção em série para um consumo crescente. Peças intercambiáveis, correias transportadoras. Gestos se reprisando. Trabalhadores também homogêneos, **em massa**.
> Para vender, bastava produzir. A fábrica virtualmente ditava o quê e quanto o mercado compraria Tudo vinha pronto do escritório, planejado a longo prazo, o pensar separado do fazer. Calculava-se o custo, estimava-se o lucro e fixava-se o preço, de cima para baixo, na mesma sequência do ciclo produtivo.
> Já agora, a fábrica se horizontaliza... O ideal não é mais dominar, diretamente, toda a cadeia de produção, nem mesmo as últimas etapas. O modelo é a **empresa enxuta**, que elimina estoques e esperas, produz exatamente aquilo que pode vender, reduz progressivamente os custos, automatiza-se e se organiza em rede, jogando para as parceiras tudo o que lhe parece descartável.
> Isso não significa que a empresa tenda a ficar menor, em termos econômicos. Ao contrário: ainda uma vez, quer crescer, dominar, envolver. A redução é só **física**, e mesmo assim **relativa**, pois as empresas menores, que lhe prestam serviços, de certo modo lhe pertencem, submetendo-se aos seus desígnios.
> A concorrência se acentua, mais na base que no topo, pois enquanto as **contratadas** se matam para ganhar os contratos, as **contratantes** se unem em fusões, incorporações e oligopólios de todo tipo. Ainda assim, também elas, contratantes, lutam surdamente entre si, não tanto para convencer o cliente que a sua **marca** é a melhor de todas, mas para induzí-lo a comprar um **produto** ao invés de outro, diferente. (VIANA, 1999, p. 886. Marcações do autor)

> Apoiado na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, impulsionado pelas novas tecnologias da informação, o regime de acumulação flexível vem justamente corroer a enorme rigidez dos processos fordistas, reestruturando o sistema produtivo e promovendo efeitos significativos na conformação subjetiva contemporânea (...)
> Em relação ao mercado de trabalho, pode-se apontar, conforme as análises atuais, duas tendências contraditórias: uma vertente releva a precariedade e a desproteção que marca o sistema de trabalho contemporâneo; a outra indica a valorização do trabalho qualificado e o resgate do saber do trabalhador. Além disso, uma acirrada competição pelos postos de trabalho, cada vez mais difíceis, produz um individualismo crescente onde o poder coletivo dos trabalhadores se vê progressivamente mais abalado. (LOPES, 2009, p. 96-97)

Assim, um amplo processo de desmantelamento da classe operária industrial é disparado, dando lugar a um grande contingente de assalariados no setor de serviços, em todo o mundo, com uma significativa heterogeneidade. Além da entrada de outros atores no universo do trabalho, antes excluídos dessa esfera, ocorreu também uma grande expansão do subproletariado, por meio do aumento do trabalho parcial, temporário, subcontratado e terceirizado.

> O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do **desemprego estrutural**, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma **processualidade contraditória que**, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho **precário** e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior **heterogeneização, fragmentação e complexificação** da classe trabalhadora. (ANTUNES, 2006, p. 41-42. Marcações do autor)

Tudo isso gera impactos diretos no próprio **fazer** que cada posto de trabalho demanda. A redução do operariado industrial se dá a partir da substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto. Como consequência direta, modifica-se o trabalho operário fabril, que passa por um processo de **intelectualização**: o operário que antes transformava objetos materiais diretamente agora supervisiona a produção que é realizada por máquinas computadorizadas. Paralelamente, ocorre tanto na fábrica quanto no setor de serviços um fenômeno de desespecialização do trabalhador, que agora precisa ser "multifuncional". Essa "desespecialização" é muitas vezes sentida como um ataque ao saber e à qualificação do trabalhador, e também diminui o poder de negociação que a qualificação lhes conferia.

> Há, portanto, mutações no universo da classe trabalhadora, que varia de ramo para ramo, de setor para setor etc. Desqualificou-se em vários ramos, diminuiu em outros, como no mineiro, metalúrgico e construção naval, praticamente desapareceu em setores que foram inteiramente informatizados, como nos gráficos, e requalificou-se em outros, como na siderurgia (...) (ANTUNES, 2006, p. 52)

Essas novas faces do trabalho segmentaram a força de trabalho em dois grupos: de um lado, os trabalhadores localizados no **centro** do processo produtivo, trabalhadores de tempo integral e que continuam inseridos nas organizações de forma estável (diretores e profissionais cuja qualificação ainda é rara e indispensável, por exemplo); de outro lado, os trabalhadores de **periferia**, que se dividem em dois subgrupos, um primeiro composto por profissionais de tempo integral (secretárias, auxiliares administrativos e financeiros, outros

trabalhadores de áreas rotineiras), ameaçados constantemente por um enorme exército de mão de obra reserva, e o segundo subgrupo, composto por profissionais de tempo parcial (empregados casuais, trabalhadores temporários, etc.). Assim, verifica-se a ocorrência de um processo contraditório, de ao mesmo tempo qualificação da mão de obra para alguns ramos e atividades, e de desqualificação e precarização da mão de obra em outros. (ANTUNES, 2006)

Essa nova realidade produtiva, neofordista, coloca em questão todo o antigo arranjo do sistema. Novas práticas de assujeitamento, pautadas pelo controle aberto, são criadas cotidianamente, suplantando as disciplinas de sistema fechado. Novas formas de resistência, por sua vez, também são criadas diariamente, no interior dos ambientes de trabalho e nos contextos específicos de interação social produtiva. Enfim, um novo relacionamento entre o Homem moderno e o trabalho parece se desenvolver paulatinamente, colocando novas situações.

Mas acontece que o trabalho, nesse toma lá dá cá danado, ainda remete a experiências aparentemente dolorosas, cujas formas de opressão parecem não diminuir, mas, pelo contrário, se intensificarem e se sofisticarem. Seria preciso colocar outra questão, pois, referente às possibilidades do trabalho: ele precisa ser, inevitavelmente e sempre, uma fonte de desprazer e sofrimento? Não existiriam outras alternativas, que pudessem "salvar" o trabalho da sujeição intensa? Que tipo de **positividade**, enfim, poderíamos encontrar no trabalho?

7.3 O trabalho enquanto categoria sociológica central

Vários filósofos e pensadores acreditam que o trabalho guarda, a despeito de toda a negatividade com que é e foi percebido ao longo dos séculos, um caráter de **essencialidade** na vida humana, que ele é um fenômeno pelo qual o indivíduo modifica a natureza e se realiza enquanto sujeito. Mais que isso: o trabalho seria a categoria central e **fundante** do ser social, o elemento que opera a passagem do Homem de um estado de natureza para um estado de sociedade. (LUKÀCS, 1978; ANTUNES, 1999; 2005; 2006; VIEGAS, 1989)

Antunes (1999, p. 136), um dos grandes brasileiros contemporâneos que defendem a tese da centralidade do trabalho, cita Lukács:

> Somente o trabalho tem na sua natureza ontológica um caráter claramente transitório. Ele é em sua natureza uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto como a natureza inorgânica (...), quanto com a orgânica, inter-relação (...) que se caracteriza acima de tudo pela passagem do homem que trabalha,

> partindo do ser puramente biológico ao ser social. (...) O trabalho, portanto, pode ser visto como um fenômeno originário, como modelo, protoforma do ser social. (LUKÁCS, 1978, p. IV-V)

Nesse mesmo sentido, afirma:

> (...) por meio do trabalho, da contínua realização de necessidades, da busca da produção e reprodução da vida societal, a consciência do ser social deixa de ser epifenômeno, como a consciência animal que, **no limite**, permanece no universo da reprodução biológica. A consciência humana deixa, então, de ser uma mera adaptação ao meio ambiente e configura-se como uma **atividade autogovernada**. (ANTUNES, 1999, p. 138. Marcações do autor)

> Embora seu aparecimento seja simultâneo ao trabalho, a **sociabilidade**, a **primeira divisão do trabalho**, a **linguagem** etc. encontram sua origem a partir do próprio ato laborativo. O trabalho constitui-se como **categoria intermediária** que possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social. (ANTUNES, 1999, p. 136. Marcações do autor)

Isso coloca o trabalho como uma categoria chave na vida do Homem, pois ele teria um estatuto demiúrgico, ou seja, ele funda uma relação **poiética** do Homem com a natureza. É por meio do trabalho que ocorre a transformação de objetos naturais em decorrência de necessidades sociais; é também por meio dele que se media a relação entre a necessidade e a sua realização; assim, pode-se dizer que o trabalho é a "realização de uma posição teleológica"(ANTUNES, 1999, p. 137). Teleológica porque se liga irrefutavelmente a uma finalidade última da condição humana: a busca de sentido para a existência. Ou seja, ao buscar um sentido para a sua vida, o Homem vale-se do trabalho como instrumento; sendo admitido como central na vida em sociedade, o trabalho se tornaria uma "protoforma da práxis social".

Mas eis que as transformações contemporâneas observadas no mundo do trabalho colocam em xeque essa tese de centralidade. A visão do trabalho como fenômeno demiúrgico e poiético, cujo estatuto ontológico parecia claro e bem fundado, começa a oxidar pela ação do tempo: a evidência de uma apropriação mais que humana do trabalho, tornado rapidamente, a partir do século XVIII, um fenômeno industrial, parcial e precário sem precedentes, produzido no interior de uma racionalidade econômica, parece retirar o seu caráter **fundante** do ser. Além disso, a intensificação dessa racionalidade, nascida, criada e tornada hegemônica na modernidade, parece ter retirado, nas últimas décadas do século XX, até mesmo esse lugar central que o trabalho (industrial) assumia no processo produtivo. Uma nova função lhe é atribuída, função esta meramente coadjuvante: a era neo-fordista colocaria o trabalho em concorrência com outros modos de vida. Alguns deles sequer passariam pela

esfera do trabalho, ligando-se mais fortemente a movimentos culturalistas e de promoção de minorias.

Um expoente desse pensamento é Gorz (1982; 2007), que acredita que a história tratou de retirar do trabalho a totalidade de suas potencialidades, tal qual gostaria de ver realizada os utópicos marxistas. Sobre o trabalho (e o trabalhador) pós-fordista, Gorz (2007, p. 94) assinala:

> A cultura do trabalho, fragmentada em mil estilhaços de saber especializado, vê-se assim isolada da cultura do cotidiano. Os saberes profissionais não fornecem nem as balizas, nem os critérios que permitiriam aos indivíduos imprimir um sentido, orientar o curso do mundo, nele orientar-se. Descentrados de si mesmos pelo caráter unidimensional de suas tarefas e de seus saberes, violentados em sua existência corporal, devem viver em um ambiente em vias de dispersão e de fragmentação contínuas, entregues à agressão megatecnológica. Esse mundo, impossível de ser unificado pela experiência vivida, não é mais que uma dolorosa ausência do mundo vivido. A vida cotidiana estilhaçou-se em paragens de tempos e espaços isolados uns dos outros, uma sucessão de solicitações agressivas e excessivas, tempos mortos e atividades rotineiras. À esta fragmentação renitente à integração do vivido corresponde uma (não)cultura do cotidiano, feita de associações fortes, modas efêmeras, divertimentos espetaculares e informações também fragmentárias.

Nessa mesma linha vai Claus Offe (1989)[66], para quem o caráter ontológico do trabalho pereceu calcinado pelo enfraquecimento da identidade individual e coletiva do trabalhador, que já não consegue encontrar no processo produtivo uma forma de organizar a sua consciência. Esse enfraquecimento seria consequência do modo como o trabalho é experimentado, tanto na indústria quanto nos serviços, na atualidade: um trabalho destituído de sentido; que provoca uma sobrecarga física e psíquica; que impede a organização política do trabalhador; que se dá cada vez mais de maneira parcial e incompleta; que dificulta a construção de laços sociais; que coloca, para o trabalhador, a necessidade de tão somente retirar do trabalho o seu ganha pão. Além disso, o autor ressalta a emergência de novos atores sociais cujas demandas e organização não passam pela esfera do trabalho. Seria o caso dos novos movimentos sociais, como os de gênero, movimento negro, ambientalista, de direito humanos. Por tudo isso, teria se tornado difícil falar em uma "classe trabalhadora", não apenas pela heterogeneidade desses trabalhadores, mas também e principalmente pela ausência da categoria trabalho em alguns meios sociais.

[66] Existem, certamente, algumas continuidades e outras tantas divergências entre o pensamento de Clauss Offe e André Gorz, assim como o mesmo acontece em comparação a outros autores. Mas essas nuances não interessam aqui, o ponto fundamental a que me atenho é o compartilhamento que fazem da crítica a centralidade da categoria trabalho, e nada mais. Para uma leitura mais cuidadosa das semelhanças e diferenças, sugiro o trabalho bastante didático de Organista (2006).

Vários outros teóricos importantes também se alinham a essa perspectiva[67]. No entanto, há os que defendem a ideia não de uma crise do trabalho, mas de uma crise do **trabalhador** (SOUZA, 2008; ORGANISTA, 2006; ANTUNES, 2005). Estes últimos remontam essa história do trabalho no século XX com outros matizes, atribuindo o problema em torno do trabalho não a um suposto fim do seu estatuto ontológico, mas às novas morfologias do trabalho – agora tornado multifacetado, polissêmico e polimorfo. Assim, o trabalho, enquanto forma de realização plena do ser humano, teria sido "abafado" por um modo específico de organização do ato laboral, típica da sociedade capitalista, que afasta do próprio ato o potencial que ele guarda de realizar o Homem.

Mas precisaremos reconstituir essa narrativa para melhor entender essa diferença. No seu sentido mais genérico, o trabalho realiza o metabolismo do Homem na sociedade, transforma objetos naturais em coisas úteis. Cria, por isso, um **sistema de mediação primário**, pelo qual realiza a vida. Trata-se de uma determinação ontológica fundamental, uma vez que entende-se que o intercâmbio com a natureza é condição vital e primeira para a constituição do Homem, sem a qual ele não pode prescindir. Sua existência depende inteiramente da capacidade de realizar esse intercâmbio.

Esse sistema de mediação primário refere-se às funções vitais do Homem na sua relação com a natureza: reprodução e regulação da atividade biológica; luta contra a escassez; estabelecimento de sistemas de troca; etc. Aqui, o trabalho assume uma condição de imprescindibilidade: é o trabalho quem organiza essa relação do Homem com a natureza, nos seus níveis mais elementares. Um **sistema de mediação secundário** surge à medida que as relações sociais se tornam complexas. Esse sistema vai mediar as relações intersubjetivas entre os seres sociais, travadas no campo da cultura: a linguagem, os códigos e valores morais, as crenças e ritos... Assim, emerge-se "uma práxis social interativa, cujo objetivo é convencer outros seres sociais a realizar determinado ato teleológico". (ANTUNES, 1999, p. 139)

Esse sistema de mediação secundário mantém com o trabalho uma relação menos próxima, porque envolvido com outros fenômenos sociais e formas de sociabilidade. Contudo, o que possibilitaria e constituiria essas outras formas de interação é precisamente o trabalho, que coloca demandas ao sujeito que o impele a desenvolver essas novas formas de sociabilidade. Dessa forma, as posições secundárias não deixam de ter um estatuto ontológico fundante: por mais que uma determinada atividade cresça e se autonomize em relação ao

[67] Antunes (2005) ressalta que essa é uma corrente que tem crescido nos últimos anos, e cita, por exemplo, Méda (1995), que fala em desaparição do trabalho, e Rifkin (1993), que aponta o "fim do trabalho".

trabalho, sempre mantém com ele uma forte implicação que torna impossível a sua total desvinculação em função de uma nova ordem fundante do ser. Por exemplo, por mais que a ciência cresça e se autonomize em relação ao trabalho, sempre manterá com ele um vínculo insuperável, visto que a ciência tenta responder a demandas colocadas pelo próprio trabalho.

Contudo, dessa posição secundária derivam as formas de sujeição do trabalho a um determinado *modus operandi* que modifica a sua morfologia. No pensamento marxiano, essas modificações ocorrem por um processo de sobreposição do sistema de mediação primário pelo secundário, orquestrado pelo capital[68], e que estabelece uma hierarquia de dominação sobre as atividades do Homem: não mais trabalhar (no seu sentido amplo), mas apenas produzir, produzir primeiro para depois viver. (ANTUNES, 1999; 2006)

Assim, podemos dizer que o trabalho foi historicamente separado do próprio Homem na sua dimensão intrínseca, por meio de um amplo processo de exploração violenta do Homem sobre o próprio Homem, o trabalho teria sido desvinculado da sua função primeira, destituído do seu caráter ontológico: ocorrera, ao longo do tempo, uma espécie de **aliciamento do trabalho**, que passou a incidir sobre o sujeito como algo externo a ele. Com isso, o trabalho deixou de ser algo que realiza o Homem para ganhar uma segunda natureza, ele passa a ligar-se única e exclusivamente a um ciclo produtivo que é, por definição, forjado fora do Homem. (VIEGAS, 1989)

Vendo sequestrado o seu sentido ontológico, o trabalho entra na esteira do capital. A esse respeito escreve Braverman (1987, p. 149-150):

> (...) após milhões de anos de trabalho, durante os quais os seres humanos criaram não apenas uma cultura social complexa mas, num sentido muito real também criaram-se a si mesmos, o próprio traço cultural-biológico sobre o qual se funda toda essa evolução entrou em crise (...) A unidade de pensamento e ação, concepção e execução, mão e mente, que o capitalismo ameaçou desde os seus inícios, é agora atacada por uma dissolução sistemática que emprega todos os recursos da ciência e das diversas disciplina da engenharia nela baseadas. P fator subjetivo do processo de trabalho é transferido para um lugar entre seus fatores objetivos inanimados.

Assim se justificaria a tese da centralidade do trabalho: as transformações no mundo do trabalho vivenciadas a partir da Revolução Industrial, rápidas e intensas, conformariam não um aniquilamento do caráter ontológico do trabalho, mas uma espécie de **afastamento programado**, passível de resgate. Pior: essas modificações estariam solapando o seu (intrínseco) caráter emancipatório:

---

68 O *capital* aqui é entendido conforme Antunes (1999, p. 21): "nada mais é do que uma dinâmica, um modo e meio totalizante e dominante de mediação reprodutiva, articulado com um elenco historicamente específico de estruturas envolvidas institucionalmente, tanto quanto de práticas sociais salvaguardadas".

> O que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização **no** e **pelo** trabalho – é pervertido e depauperado. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se, como tudo, uma mercadoria, sua finalidade vem a ser a produção de mercadorias. O que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído. (ANTUNES, 2006, p. 124. Marcações do autor)

Dessta forma, o trabalho corrompido pelo sistema capitalista promove não a realização do Homem, mas a sua desrealização. Essa desrealização refere-se não apenas ao resultado do trabalho, mas também ao próprio processo de trabalho. O sujeito deixa de se reconhecer na atividade laboral, e por isso a repudia; passa a ver no trabalho uma mera forma de sobrevivência, e não de realização plena.

Nessa perspectiva, então, poder-se-ia resumir dizendo que o sentido da vida humana passa inevitavelmente pela esfera do trabalho – **passar por**, não termina em. E, não de outro modo, passa não pelo trabalho assujeitado e precário como o vivenciado agora, mas por um **novo trabalho**, capaz de devolver ao Homem a possibilidade de realização plena:

> Quando trabalho um objeto, faço do meu trabalho uma coisa altamente simbólica. Eu cubro, incorporo à dimensão física da natureza uma dimensão simbólica, que é exatamente a forma e toda a sugestão e significação que esta forma atinge. E essa forma, que é uma possibilidade incessante de novas significações, porque vai ser objeto do meu diálogo com os outros homens e objeto do meu diálogo comigo mesmo, objeto do meu diálogo com meu passado e objeto da minha possibilidade de me projetar na frente, ela vai ser então um centro de significações incessantes, de novas significações. É essa dimensão simbólica que confere ao mundo bruto que eu estranho, que me choca, que me restringe à minha imagem. Mas não uma imagem imperialisticamente colocada no mundo, mas uma imagem que acabo de improvisar lá, para que possa me reconhecer foram de mim e me tornar maior do que eu mesmo. É uma coisa realmente fundamental. (VIEGAS, 1989, p. 4)

> Uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho desprovido de sentido com tempo verdadeiramente livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho (...) Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem a gestação de formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho se torna dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo. (ANTUNES, 2005, p. 64-65)

7.4 Matizes do fenômeno trabalho: a questão dos dispositivos

Contestemos agora, veementemente, essa visão ontológica do trabalho. Não se pretende, neste estudo, corroborar essa perspectiva do trabalho enquanto categoria **central**, ou pensá-lo como possibilidade de realização **plena** do sujeito. Não: as definições adotadas aqui são mais parciais e relativizadas.

Não resta dúvidas de que o trabalho constitui uma categoria **importante** para se pensar o sujeito e a sua condição no mundo, tampouco que o trabalho pode conferir condições para que o sujeito transforme a sua vida positivamente. Contudo, o que não se quer levar a acreditar neste estudo é que o trabalho consiste essencialmente numa categoria **fundante** do ser social, que todas as formas de pertença ao mundo que o Homem ousou criar **derivam** dele, e que, por isso, o Homem poderia encontrar uma via de emancipação **plena** pelo trabalho. Que, a partir da recriação do trabalho, de modo a torná-lo mais humano e digno, cheio de sentido, o ser humano possa alcançar uma realização plena, ainda que para isso ele precise aliar um bem-estar nas outras esferas da vida (lazer, cultura, afetos...).

O elemento contestador: uma vez mais, é preciso recusar esses universais, uma certa noção de liberdade/emancipação ou de felicidade, a qual, neste caso, deve ser veementemente perseguida pelo trabalho. Adotemos uma perspectiva mais modesta: o trabalho como espaço **relativo** de construção sociossubjetiva, assumindo em algumas situações uma forma assujeitante e, em outras, estimulando a produção de subjetividades. Tudo isso, porém, é devir: acontece irremediavelmente na vida de qualquer sujeito de formas múltiplas e alternadas, sobrepostas até, a cada momento o trabalho assumindo uma condição diferente, **entrando numa composição de forças** diferente, que provoca sensações diferentes. No decorrer de apenas um dia, o trabalho pode provocar alegria e dor, sofrimento e angústia, prazer e satisfação. É que apesar de guardar algumas potencialidades, capazes de dotar a vida de sentidos positivos, ele nunca deixou de ser um **dispositivo**, por meio do qual o sujeito dá o seu ser a pensar e a se constituir. (AGAMBEN, 2009)

O dispositivo é uma categoria de análise desenvolvida por Foucault, pela qual se dá o entrecruzamento entre saber e poder. Poderia ser definido como

> um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentárias, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito quanto o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos (...) o dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber, que derivam desse e, na mesma medida, condicionam-no. (FOUCAULT, 2006. Citado por AGAMBEN, 2009, p. 28)

Mas é preciso depurar mais esse conceito. De saída, dois elementos sobressaem dessa primeira definição de dispositivo: a) o seu caráter heterogêneo, pelo qual é capaz de se deixar entrever em diversos objetos (de uma instalação física a um pensamento, por exemplo); b) uma certa **visibilidade invisível**, uma vez que, sendo em si mesmo não o conjunto desses elementos mas a relação que se estabelece entre eles, uma rede enfim, torna-se bastante manifesto, e ao mesmo tempo completamente diluído no tecido social; não se pode enxergá-lo diretamente, mas apenas vislumbrar os seus efeitos.

Deleuze (1996) nos lembra do caráter multilinear dos dispositivos: eles são um emaranhado de linhas de força, cada uma com uma natureza diferente, que se entrecruzam indefinidamente; linhas de **visibilidade**, que regulam a relação entre o que se pode ver e o que desaparece no regime da luz – por exemplo, o panóptico de Bentham (FOUCAULT, 1992); linhas de **enunciação**, que rebocam para a arena do dispositivo uma série de enunciados[69], pelos quais se faz organizar todos os processos discursivos, nas suas faces ocultas e visíveis (e que se manifestam em todas as instituições e esferas da vida humana: o direito, a ciência, a literatura, a moral e a norma, por exemplo); linhas de **subjetivação**, que estimulam um investimento ativo do sujeito no mundo que cria para si, uma experiência de si projetada para o campo onde se encontram as várias linhas do dispositivo; enfim, o dispositivo se estabelece nessa relação entre linhas de força que se imbricam no tecido social amplo, algumas exercendo pressão, outras aliviando uma tensão, outras ainda abrindo rupturas nesse tecido. Tudo isso vai constituir o campo social no qual interagem sujeito e estrutura, sendo o próprio sujeito um agente produtor de novas linhas de força, linhas de fuga, mais precisamente, que vão entrar nos jogos de poder e verdade pelos quais se constitui a realidade.

> É nesse choque com as linhas de força hegemônicas que a subjetivação produz-se como uma prega, como uma dobradura dos regimes de saber e poder que nos atravessam (...) Nesse movimento de invaginação de uma experiência histórica singular, a relação consigo elabora-se de forma coextensiva à relação com os outros, sem que se constitua em uma interioridade. Trata-se da outra face de uma pura exterioridade, que é a superfície imanente onde as forças em jogo têm a possibilidade de afetarem-se não apenas umas às outras, mas, também, a si próprias. (WEINMANN, 2006, p. 21)

[69] Poder-se-ia mesmo dizer que os enunciados são aquilo que decanta de um conjunto de formações discursivas no tempo, eles se referem sempre ao domínio do vivido e do material. Não são facilmente apreensíveis, porque se escondem atrás das frases e proposições que, por natureza, criam jogos entre o real e o virtual, entre o possível e o exato: as frases e proposições se multiplicam e se prolongam, por negação, reafirmação ou suposição (DELEUZE, 2005); no entanto, o regime dos enunciados constitui precisamente aquilo que possibilita a emergência de novos fenômenos ou a continuidade de antigos.

Ora, essa definição ainda não deixa de se colocar como algo bastante abstrato. Se já é possível ter uma boa medida do que são os dispositivos para Foucault, ainda parece improvável retê-los com precisão no campo social. Como identificar um dispositivo ou seus efeitos? Quais os limites de um dispositivo ou, de modo ainda mais pragmático, o que **não** seria um dispositivo? Como escapar a seu jugo? Todas essas questões continuam latentes. Uma definição mais precisa de dispositivo é oferecida por Agamben (2009), que se refere a qualquer coisa capaz de "capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar" as opiniões, os gestos e as condutas de um indivíduo. Assim, não apenas as instituições, os sistemas de pensamento, as arquiteturas e as normas sociais seriam dispositivos, mas também objetos da vida cotidiana, como o telefone celular, o computador e – por que não – uma dissertação de mestrado.

Nessa definição, absolutamente qualquer coisa ou fato da vida de uma pessoa pode vir a se tornar um dispositivo, porque pode ser capaz de comunicar algo, exercer uma força em direção a algo, criar formas de **assujeitamento**; ser, em última instância, algo que limita e condiciona a liberdade do Homem. Isso não significa, porém, que **tudo**, a todo tempo, é um dispositivo. Os dispositivos emergem sempre numa **relação** específica, da qual dão testemunho apenas o sujeito que a vivencia e as formações sociais que com ele vão perfazer jogos: jogos de poder; jogos de verdade; jogos de saber (DELEUZE, 1996).

Assim, perceber o trabalho enquanto um dispositivo implica em percebê-lo como uma **arena**, na qual diversas forças se encontram, se misturam, se refazem e se dissipam. Forças que vão tentar controlar o sujeito que trabalha (linhas de visibilidade); forças que vão tentar resistir ao controle que se quer imprimir ao trabalho e, ao mesmo tempo, criar novas possibilidades de realização do trabalho que sejam mais dignas e satisfatórias (linhas de subjetivação); forças que vão tentar determinar a morfologia dessa arena, colocando, por exemplo, a possibilidade de existência de uma batalha entre controle e resistência (linhas de enunciação); outras forças que vão, a todo tempo, compor com estas (de visibilidade, de subjetivação, de enunciação...) maneiras específicas de prolongamento, crescimento, negação ou enfraquecimento... Por exemplo, os discursos da corporação tentando aumentar a legitimidade do controle e enfraquecer a resistência da subjetivação ou as relações entre trabalhadores e sindicato, tentando por sua vez fortalecer a resistência e denunciar o controle...[70]

[70] Preciso lembrar novamente os comentários do prof. Eduardo Simonini sobre este texto, porque aqui são particularmente esclarecedores: "não existe uma verdade final nas coisas, mas **modos de funcionamento**. Não existe também a miopia teórica, mas modos de ver, modos de inventar o olhar. Foucault chamava esses modos

Podemos agora lapidar uma definição de trabalho, para usos nesta dissertação: trabalhar sempre implica em realizar atividades que fazem circular formas de poder e relações de saber; implica em modos de subjetivação e em assujeitamentos; e, portanto, implica uma relação para além de si mesmo. O trabalho, neste estudo, implica ainda em retirar alguma forma de recompensa material, a remuneração sendo a mais comum. Podemos mesmo valermo-nos do conceito dejouriano, completamente alinhado à tônica buscada aqui:

> (...) via de regra, trabalha-se para alguém: para um patrão, para um chefe ou um superior hierárquico, para seus subordinados, para seus colegas, para um cliente, etc. **O trabalho não é apenas uma atividade; ele é, também, uma forma de relação social, o que significa que ele se desdobra em um mundo humano caracterizado por relações de desigualdade, de poder e de dominação**. Trabalhar é engajar sua subjetividade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, perpassado pela luta para a dominação. Assim o real do trabalho não é somente o real da tarefa, isto é, aquilo que, pela experiência do corpo a corpo com a matéria e com os objetos técnicos, se dá a conhecer ao sujeito pela sua resistência a ser dominado. **Trabalhar é, também, fazer a experiência da resistência do mundo social**; e, mais precisamente, das relações sociais, no que se refere ao desenvolvimento da inteligência e da subjetividade. O real do trabalho, não é somente o real do mundo objetivo; ele é, também, o real do mundo social. (DEJOURS, 2004, p. 31. Marcações minhas)

O trabalho, enfim, não deixa nunca de ser essa soma, esse emaranhado de forças e de relações, pela qual o sujeito nunca se furta a encontrar o seu duplo, a sua contradição, a sua própria negação... Não existe a noção de "realização plena do sujeito" aqui, porque essa realização implicaria em negligenciar as forças que não apenas se exercem sobre o sujeito, mas o constituem. Não existe, pois, um sujeito cujas forças internas, cujas linhas de fuga traçadas no campo do real apontem sempre para um só lado, mantenham entre si uma coerência ou estabilidade absoluta; porque o ser é devir, o mundo é devir, esse arranjo é sempre provisório, e a coerência duvidosa, se desfaz na relação do sujeito com as linhas de força representadas pelos discursos, pelas ações, pelas arquiteturas, pelo próprio pensamento... Daí novamente em se falar num sujeito **descentrado**, **fragmentado** e **parcial**, não porque ele "desaparece" diante das estruturas e formações sociais, mas justamente pelo contrário, porque é a única maneira que ele efetivamente tem de emergir... Encarar o sujeito como algo uno, que deve ser governado por uma Razão ou qualquer outra coisa do tipo seria, não de outro modo, acreditar que esse conjunto de forças, externas ao sujeito, podem de algum modo desaparecer.

---

de produção de sentido de **dispositivos**, sendo que o dispositivo indica o que ver e o que não ver, define o visível e inventa o invisível. Por isso não perguntamos sobre as essências da verdade, mas 'como isso funciona'" (LOPES, 2011, s/p. Marcações minhas).

Essa constatação é uma consequência programada do posicionamento epistemológico adotado. Nesse sentido é que se pode retomar o repúdio aos universais e a indeterminação radical:

> O universal na verdade não explica nada, é ele que deve ser explicado. Todas as linhas são linhas de variação, que não têm nem mesmo coordenadas constantes. O Uno, o Todo, o Verdadeiro, o objeto, o sujeito, não são universais, mas processos singulares, de objetivação, de subjetivação imanentes a um determinado dispositivo. E ainda, cada dispositivo é uma multiplicidade na qual operam determinados processos em devir, distintos daqueles que operam em outro. (...) Talvez seja a Razão que represente o maior problema, porque processos de racionalização podem operar sobre segmentos ou regiões de todas as linhas consideradas (...) Da mesma forma que não há a universalidade de um sujeito fundador ou de uma Razão por excelência que permitiria julgar os dispositivos, não há universais da catástrofe onde a razão se alienaria, desmoronaria de uma vez por todas. Como Foucault diz a Gerard Raulet, não há uma bifurcação da razão mas ela não pára de se bifurcar, há tantas bifurcações e desdobramentos quanto instaurações, tantos desabamentos quanto construções, segundo os cortes operados pelos dispositivos, e "não há nenhum sentido sob a proposição segundo a qual a razão é um longo discurso que agora terminou". (DELEUZE, 1996, s/p.)

> A ontologia da determinação reduz o antropológico e o socioistórico a algo pré-definido por uma essência, teleologia, leis ou regularidades. Dentro dessa concepção, a ação humana se limita a compreender as leis implícitas na natureza do socioistórico, com a finalidade de aplicá-las o mais corretamente possível. (RUIZ, 2003, p. 34)

Ou seja: pensar o trabalho enquanto categoria sociológica fundamental e central seria um modo determinista de se apreender a realidade, no qual não existe possibilidade de criação, de invenção do sujeito. Nesse sentido, a ventura humana deveria se resumir a tão somente recuperar a função teleológica do trabalho, e aplicá-lo de modo a garantir um vida plena de sentido.

De maneira semelhante, por rejeitar alguma possibilidade de realização plena do sujeito, pode-se falar em contrapartida apenas em momentos fugazes de prazer, em possibilidades de reinvenção do próprio sujeito, que precisa ser "suficientemente artista" para dar conta de tantos jogos de poder, saber e verdade, de tantas práticas de assujeitamento. Nesse sentido, o que interessa é enxergar quais os elementos presentes no trabalho ajudam nesta empreitada; de que forma o sujeito, na sua relação com o mundo do trabalho, desenvolve maneiras de experimentá-lo buscando essa realização prazenteira, mesmo que esta seja sempre passageira.

7.5 Exorcizando alguns fantasmas: por que não psicodinâmica do trabalho?

Deparei-me, ao longo desse pequeno percurso acadêmico, com pessoas que me interpelavam a respeito do projeto colocando a questão nos seguintes termos: se trata, ao fim e ao cabo, de um estudo sobre saúde mental no trabalho? Ou, mais precisamente, a questão norteadora refere-se a alguma **correlação** causal, positiva ou negativa, porém ainda correlação, que se possa fazer entre trabalho e loucura? Em outras palavras, a questão era saber se o projeto caminhava entre dois pólos opostos, porém interligados: de um lado, o trabalho provocaria o adoecimento do sujeito e o impeliria à loucura; ou, de outro modo, seria capaz de restituir-lhe um lugar no mundo (subjetividade e etc.).

Confesso que esse sempre foi um questionamento que me incomodou. O meu desconserto e constrangimento eram visíveis quando volta e meia essa questão voltava e suscitava algum comentário do tipo: "explique melhor a sua ideia..."; e isso porque em verdade eu nunca tive essas fronteiras bem demarcadas, era sempre algo que retornava nos interstícios, se fazia presente pela ausência do argumento e da convicção. Daí porque elencar um tópico-comentário, não para que pudesse me justificar, mas, pelo contrário, me melhor entender. Escrevendo eu me entendo, pra me desentender melhor depois.

Mas a verdade é que a esteira da saúde mental do trabalhador sempre foi um caminho que eu evitava percorrer. Por duas questões: em primeiro lugar, certo receio (estúpido?) da minha parte de que essa abordagem pudesse me desviar daquilo que realmente me interessava, a loucura enquanto paradigma[71]; em segundo lugar, o medo – este, um pouco menos descabido – de me deparar com um campo cujo domínio de um olhar e uma técnica seriam imprescindíveis, e que me faltaria de maneira irrevogável. Como falar sobre loucura ou psicopatologia e psicodinâmica do trabalho na pele de um administrador? Não seria necessária uma formação **psi** ou médica para tal empreitada?

Daí, uma vez mais, a necessidade de demarcar uma fronteira: este projeto **não é** isto e **não é** aquilo... De certo que eu me proponho avizinhar de uma região no mínimo complexa, mas até que ponto me afastar não seria uma forma de reproduzir toda uma relação de dominação de um saber por outro – justamente o que se ousou fazer por tanto tempo sobre a loucura, e que demandou tanto trabalho intelectual e político para se desfazer? Ou ainda: essa "ausência de formação específica" não poderia ser encarada como uma possibilidade de se perceber algo novo, por outro viés?

[71] Porque eu poderia facilmente chegar a casos de adoecimento no trabalho, LER/DORT, por exemplo, que em nada se aproximariam da qualidade intrínseca do louco pretendida neste projeto.

Explicitemos então: um ponto de partida pode ser o livro organizado por Wanderley Codo (2004), intitulado *O trabalho enlouquece?*, que bem resume a natureza das confusões atravessadas por este estudo. O pano de fundo que perpassa todos os artigos que compõem a obra é a polêmica sobre a existência de um nexo causal entre transtorno psíquico e trabalho, ou seja, determinar se algumas formas de trabalho poderiam desencadear distúrbios mentais específicos nos trabalhadores.

Existem, com efeito, pelo menos duas escolas de pensamento distintas sobre a questão: de um lado, destacam-se os trabalhos iniciais de Le Guillant (1984, citado constantemente em Codo, 2004), para quem o trabalho efetivamente provocava distúrbios específicos em algumas categorias profissionais (por exemplo, domésticas e telefonistas, cuja incidência de distúrbios mentais específicos era recorrente); de outro, a crítica realizada por Dejours (1987), para quem o trabalho não cria doenças mentais específicas, sendo um grande equívoco atribuir à sociedade e à organização do trabalho uma responsabilidade que é, na visão de Dejours, da estrutura de personalidade do sujeito, cuja formação se dava em momento bem anterior à entrada na vida produtiva.

> Contrariamente ao que poderia se imaginar, a exploração do sofrimento pela organização do trabalho não cria doenças mentais específicas. Não existem psicoses do trabalho, nem neuroses do trabalho. Até os maiores e mais ferrenhos críticos da nosologia psiquiátrica não conseguiram provar a existência de uma patologia mental decorrente do trabalho. (...) As descompensações psicóticas e neuróticas dependem, em última instância, da estrutura das personalidades, adquirida muito antes do engajamento na produção. (DEJOURS, 1987, p. 122)

Trata-se, mais precisamente, de um amplo campo de estudos cujas ideias, naturalmente, evoluíram ao longo do tempo. O próprio pensamento dejouriano se modifica, dando a entrever novos conceitos. Assim, talvez seja mais prudente refazero rapidamente este percurso. Neves, Seligmann-Silva e Athayde (2004, p. 20), afirmam que é a partir da década de 1970 que a saúde do trabalhador começa a ser vista segundo um enfoque histórico-social, no qual se enfatiza o processo saúde-doença: “já não se trata de mero fenômeno biológico individual, mas psicossocial, expressão concreta, na corporeidade humana, do processo histórico em um momento determinado”.

A partir daí, algumas contribuições importantes são dadas pela escola francesa, tanto no campo da psicologia do trabalho (enfatizando a subjetividade do trabalhador), quanto no campo da ergonomia situada (na qual prevalece a tensão entre trabalho real e trabalho prescrito). Em ambos os casos as análises são múltiplas, se preocupando com questões tais

como os acidentes de trabalho, as cargas de trabalho, a segurança do trabalhador... Para efeitos didáticos, pode-se organizar algumas linhas de investigação:

1) **Estudos sobre estresse e esgotamento (*burnout*):** data dos anos 1930, quando existia uma perspectiva mais reducionista, de inspiração behaviorista: a exposição a fatores de risco poderia culminar com distúrbios no organismo; mais tarde, na década de 1970, essa linha evoluiu no sentido de uma superação do reducionismo, e os conceitos de esgotamento profissional (*burnout*) e neurose profissional aparecem como alternativas ao conceito de estresse. Por exemplo, uma das modalidades de neurose profissional é a neurose de excelência, que "traduz-se na luta incessante dos indivíduos para satisfazer os ideais de excelência, de sucesso demandados pela sociedade, em detrimento de sua personalidade real, cujo quadro se aproxima (...) daquele de *burnout"* (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 25). Além disso, essa perspectiva desconsidera os engendramentos sociais que se manifestam nas relações dos sujeitos, ou seja, o Homem é visto apenas na sua qualidade biopsicossocial, e não também na sua dimensão sociológica.

2) **Estudos sobre desgaste mental no trabalho:** tais como fadiga, depressão, distúrbios psicossomáticos, síndromes neuróticas, alcoolismo, etc. Há uma vertente que se apoia no materialismo histórico para examinar esses fenômenos, e com isso falam em termos de expropriação de elementos importantes da subjetividade nas relações de trabalho, cuja organização geralmente é heterogestionária e implica em relações de poder e sujeição bastante opressoras para o trabalhador.

3) **A abordagem da psicopatologia/psicodinâmica do trabalho:** que estuda a dinâmica do prazer e sofrimento no trabalho, a partir de processos psíquicos e intersubjetivos. Nos anos 1950 e 1960, os trabalhos de Le Guillant se destacam (como o agora clássico "Neurose das Telefonistas"). Nesse período existe uma preocupação com a "clínica das afecções mentais que poderiam ser ocasionadas pelo trabalho" (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 27), colocando a relação entre ambientes nocivos de trabalho e o aparecimento de problemas patogênicos. Ou seja, é o período no qual busca-se estabelecer um nexo causal entre o trabalho e as doenças mentais.

Cerca de 15 anos se passam sem grandes novidades nesse campo (por questões de contexto sócio-político: a saúde mental ainda não tinha se firmado como ponto de discussão na luta dos trabalhadores), até que no fim da década de 1970 aparecem os estudos de Dejours (em especial a publicação "*A Loucura do Trabalho:* estudo de psicopatologia do trabalho", de 1980). A partir de 1990, o campo da psicopatologia do trabalho passa a se denominar **psicodinâmica do trabalho**.

> Com a crise de hegemonia da psicanálise na França, as críticas ao determinismo presente no marxismo e sob a influência da ergonomia situada francesa, da filosofia analítica, da (re)ascenção da fenomenologia, da sociologia compreensiva e das teorias da ação, ocorrem, no campo da psicopatologia do trabalho, uma ruptura epistemológica e o desenvolvimento de uma trajetória de produção conceitual, que vem passando por várias mudanças durante esses últimos anos. A análise das relações psíquicas com o trabalho em termos de estresse é recusada, e entra em cena a preocupação com a análise do sofrimento psíquico, com as defesas contra o sofrimento psíquico e com a doença resultante na confrontação dos homens com a organização do trabalho. (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 28)

Assim, no começo dos anos 1990, os estudos de psicodinâmica do trabalho passam a enfatizar o contexto amplo de trabalho, numa análise mais dinâmica. Por exemplo, Dejours avança de um conceito de **organização do trabalho**, no qual coexistem uma forma de **divisão do trabalho** (o modo operatório prescrito) e a **divisão de homens** (repartição de responsabilidades, hierarquias, etc., que mobilizam recursos afetivos no campo do trabalho), para um conceito de **situação de trabalho** (utilizado primeiramente por François Guérin), que engloba desde a dimensão técnica do trabalho até as relações, as condições e a organização do trabalho.

Num primeiro momento, no início da década de 1980, Dejours elabora o conceito de **sofrimento**, e a psicopatologia do trabalho caminha no sentido de examinar a relação entre desejo e sofrimento:

> O conflito que opõe o desejo do trabalhador à realidade do trabalho coloca face a face seu projeto espontâneo e a organização do trabalho que limita a realização desse projeto e prescreve um modo operatório preciso. No momento em que ao trabalhador só resta adaptar-se, tem início o território do sofrimento e da luta contra o sofrimento. Este sofrimento diz respeito à vida contrariada, a não satisfação das necessidades relacionadas aos desejos (inconscientes) mais profundos dos sujeitos. Nessa situação, o trabalho só é vivenciado como fonte de sobrevivência e não como pólo identificatório e, consequentemente, lugar de fonte sublimatória de prazer. (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 30)

Dejours, no entanto, enfatiza posteriormente que os trabalhadores elaboram **defesas** contra os sofrimentos que vivenciam no âmbito do trabalho. Essas defesas podem ser individuais ou coletivas. Isso demonstra uma mudança segundo as abordagens antigas, na

qual o sujeito apenas recebia as influencias do meio; aqui, o trabalhador não é passivo às condições de trabalho, mas se protege quando essas condições não lhe são satisfatórias.

As defesas elaboradas pelos trabalhadores – sejam elas individuais ou coletivas – funcionam escondendo o sofrimento do próprio sujeito. Acessar esse sofrimento implica então em desvelar as defesas.

> O sofrimento não é apenas uma consequência última da relação com o real; ele é ao mesmo tempo proteção da subjetividade com relação ao mundo, na busca de meios para agir sobre o mundo, visando transformar este sofrimento e encontrar a via que permita superar a resistência do real. Assim, o sofrimento é, ao mesmo tempo, impressão subjetiva do mundo e origem do movimento de conquista do mundo. O sofrimento, enquanto afetividade absoluta, é a origem desta inteligência que parte em busca do mundo para se colocar à prova, se transformar e se engrandecer. (DEJOURS, 2004, p. 28-29)

No caso das **defesas coletivas**, funcionam como **regras** que são compartilhadas por determinado grupo social (ou seja, um grupo submetido à uma organização de trabalho específica). Essas defesas coletivas carregam consigo o perigo eminente de se transformarem numa **ideologia defensiva**, o que favorece ainda mais a sujeição dos trabalhadores ao trabalho prescrito: é que, nesses casos, o sofrimento é percebido como resultado do enfraquecimento das defesas coletivas, e não como resultado da organização do trabalho.

Outra abordagem da psicodinâmica do trabalho examina as relações **intersubjetivas** presentes na organização do trabalho, buscando entender quais os mecanismos capazes de transformar o sofrimento em saúde. Ou seja, deixa-se de lado a ideia de **eliminar** o sofrimento em favor da sua transformação em algo produtivo, criador:

> O desafio real na prática, para a psicopatologia [ou psicodinâmica] do trabalho, é definir as ações suscetíveis de modificar o destino do sofrimento e favorecer sua **transformação** (e não sua eliminação). Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade. Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e social. O trabalho funciona então como um mediador para a saúde. (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994, p. 137)

Essa transformação do sofrimento em saúde se dá por meio de processos de **sublimação**, ou seja, processos inconscientes que realizam a mudança do objeto da pulsão para alguma atividade útil, socialmente legítima e que tenha **ressonância simbólica**, ou seja, que essa atividade tenha visibilidade e seja reconhecida dentro do seu círculo social.

> Assim, para que o processo de **mobilização subjetiva** (...) se instaure, faz-se necessária, portanto, a existência de determinadas condições sociais, ou seja, é preciso que essa inteligência astuciosa passe pelo **reconhecimento** obtido via

> dinâmica do binômio contribuição-retribuição – reconhecimento que se dá mediante a retribuição do **julgamento de utilidade**, que diz respeito ao julgamento proferido pela hierarquia, eventualmente dos clientes, acerca da utilidade social e produtiva da contribuição (...) e do **julgamento de beleza e de originalidade**, que são relativos ao julgamento elaborado pelos próprios pares quanto à qualidade de seu feito (...). O julgamento dos pares constitui-se no reconhecimento mais importante, pois somente esses, porque conhecem efetivamente as regras de trabalho, têm condição de avaliar a **elegância**, o rigor e a engenhosidade do que foi feito (...) Dessa forma, o reconhecimento no campo social não é atribuído diretamente às pessoas, mas, sim, ao fato, ou seja, o fazer do operador". (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 36)

Com isso, temos que o trabalho, na perspectiva de Dejours e na abordagem da psicodinâmica do trabalho, assume uma importância fundamental na constituição do próprio sujeito. Sem entrar em polêmicas em torno do conceito de identidade, basta dizer que o processo de constituição da identidade de um sujeito – um processo sempre em aberto, um devir – requer a sua inserção no mundo do trabalho (e não apenas a sua inscrição em outros espaços sociais compartilhados, como a família): é que o reconhecimento e a retribuição obtidos no trabalho podem impulsionar o trabalhador a vivência de experiências prazenteiras de satisfação e auto realização, entendidas como fundamentais para a constituição identitária.

> É o reconhecimento, cuja natureza tem forte componente simbólico, que possibilitará a construção por parte dos sujeitos do **sentido** no trabalho. Essa construção de sentido é intensamente atravessada pela possibilidade de a situação atual de trabalho fazer eco (ressonância simbólica) na história pessoal e nas expectativas atuais de cada um. Caso essa situação seja nova para o sujeito (desprovida de sentido em relação à sua história), procurar-se-á dar-lhe sentido, transformando-a em um projeto de trabalho. (NEVES; SELIGMANN-SILVA; ATHAYDE, 2004, p. 37)

Com relação aos estudos centrados no papel das estruturas na dinâmica de adoecimento, as tendências mais atuais caminham na direção da superação do falso dilema **psicologismo x sociologismo** (ou seja, a tendência a adotar ora uma perspectiva unicamente centrada no sujeito para explicar os distúrbios mentais, e ora localizar apenas no meio social as causas desses distúrbios). Assim, trata-se mais precisamente de reconhecer que o meio social em geral, e as condições específicas de trabalho em particular exercem forte influência no desenvolvimento de patologias. No entanto, esse desenvolvimento depende também do modo como cada sujeito experimenta essas situações, tanto do ponto de vista subjetivo quanto biológico[72].

Lima (2005) dá alguns exemplos de como essa correlação entre trabalho e adoecimento pode ser observada em diferentes contextos.

[72] Importante ressaltar que o próprio Le Guillant reconhecia esse caráter psicossocial do adoecimento mental. Não se deve atribuir a ele uma visão simplista em que o social atua como causa única dos distúrbios.

> Os resultados de nossas pesquisas (...) sugerem fortemente que certas condições adversas de trabalho podem favorecer a emergência de transtornos mentais específicos. (...) Muitas vezes esses quadros atingem um grande número de trabalhadores de uma mesma empresa: recentemente fizemos o diagnóstico de diversos trabalhadores de uma grande empresa do setor siderúrgico, afastados com quadros de fadiga nervosa, depressão, alcoolismo, acompanhados ou não de tentativas de suicídio, além de um considerável número de pessoas com estresse pós-traumático, uma vez que o índice de acidentes graves aumentou muito nessa empresa após sua privatização. (...) Temos constatado igualmente a presença de transtornos muito semelhantes atingindo trabalhadores pertencentes a empresas diferentes, mas que participam da mesma cadeia produtiva. (LIMA, 2005, p. 76-77)

E também explica como se dá a sua constatação, adotando-se uma perspectiva psicossocial:

> Nossa experiência tem nos conduzido ao cumprimento das seguintes etapas para o estabelecimento adequado desse nexo: 1) buscar evidências epidemiológicas (...) 2) resgatar a história de vida dos trabalhadores (...) 3) realizar estudos ergonômicos (...) 4) tentar identificar os mediadores que permitam compreender concretamente como se dá a passagem entre a experiência vivida e o adoecimento; 5) complementar todas essas informações com exames médicos e psicológicos necessários. (LIMA, 2005, p. 77)

Ora, nesse mesmo sentido de reconhecer que o trabalho pode ser vivenciado de forma dolorosa pelo sujeito, favorecendo o seu adoecimento, é que caminham as propostas alternativas de produção e gestão (abordadas no tópico 6.4, e cuja atenção me parece imprescindível no caso de cidadãos em sofrimento mental): o trabalho experimentado no sistema capitalista tradicional (trabalho fabril, agrícola ou em serviços, não importa) se firma como uma prática que precariza a vida do trabalhador e o destitui do controle da atividade e da possibilidade de matizá-la com novos sentidos. Por isso, essa forma de trabalho poderia contribuir com o adoecimento do trabalhador. Por outro lado, o trabalho solidário, pautado em ideais de respeito, autonomia, igualdade, estímulo à diversidade e democracia, abre a possibilidade de vivência de processos de singularização, de produção de sentidos no âmbito do trabalho, tornando-o algo carregado de traços subjetivos. Diferentemente do trabalho capitalista tradicional, no qual cabe tão somente a reprodução mecânica e automática de tarefas, o trabalho solidário interroga a todo o instante o trabalhador a respeito **do que se faz** e **por que ser faz**. E isto, certamente, é da maior importância, não apenas pela inscrição do trabalho num domínio político, mas também porque o torna algo prazeroso e tarapêutico.

Ora, temos aqui então um quadro analítico e conceitual bastante complexo. De um lado, o trabalho na sua dimensão negativa, como forma de castigo ou punição, tratamento

moral do louco, superexploração de uma massa de trabalhadores. A esses problemas soma-se ainda o fato de favorecer o desenvolvimento de distúrbios mentais. Por outro lado, há o trabalho em toda a sua positividade, uma forma de produzir novos sentidos na vida de quem trabalha, fazer-lhe encontrar novas formas de expressão e de singularização, colocar em questão a produção de novas morfologias do trabalho, associadas a novos valores e princípios. Contudo, ainda esse novo trabalho carrega o perigo, no caso da loucura, de aprisionar-lhe em práticas limitadas e determinadas pelos saberes **psi:** ser entendido meramente como recurso terapêutico, ou não conseguir ultrapassar o âmbito do trabalho assistido, no qual a autonomia daquele que trabalha permanece prejudicada.

Uma vez mais, parece imprescindível relembrar os pressupostos epistemológicos adotados nesta dissertação: todo esse complexo conjunto de possibilidades intervém no real, se mistura a ele, se prolonga, se nega: compõe, a um só tempo, um emaranhado de linhas de força que se projetam em várias direções diferentes, e que impelem o indivíduo a criar suas próprias linhas de força, linhas de fuga, que compõem por sua vez relações variadas com essas diferentes linhas de força já existentes: anulam algumas, reforçam ou redirecionam outras. Daí é importante também reafirmar o problema de pesquisa, que pode ser reescrito da seguinte forma: quais as composições de força se observam nos diferentes contextos de trabalho de pessoas com histórico de sofrimento mental? Para tanto, será necessário examinar tanto as linhas de força que se materializam na relação (por exemplo, os regimes de trabalho de características punitivas ou adoecedores, as práticas autônomas, a cultura que legitima essas práticas, etc.), como os modos pelos quais esses sujeitos sofrem essas influências e experimentam o trabalho, fazem dessas linhas de força um modo de se constituir enquanto sujeito.

Por tudo isso, é possível constatar a existência de uma correlação entre a psicodinâmica do trabalho – pelo menos nos pontos gerais abordados aqui – com o exame das experiências de si travadas no campo do (dispositivo) trabalho. Por se tratar de sujeitos cujas histórias de vida colocaram em algum momento a vivência de transtornos mentais graves, não deixa de ser interessante observar se esses transtornos se articulam, de alguma maneira, às experiências de trabalho. Não no sentido de explicar uma pela outra, mas de manter-se atento a essas possibilidades. É que o sofrimento abordado no âmbito deste estudo **independe** do contexto de trabalho, embora possa se reproduzir e até mesmo se intensificar nele.

8. EM NOME DE PAULO, BETH, EUSTÁQUIO, CÉSAR, CLARISMUNDO, CLEITON E GRAÇA. PS: DESCULPEM-ME A FALTA DE OUVIDOS...

Porque tudo é, de certa forma, aquilo que a gente não entende: refinamentos. Nos lambuzamos até não poder mais da palavra desconhecida, mesmo dando a ela uma falsa fantasia. Vertigens existenciais.

Carnavais em cinza e pastel, amarronzados não pelo calendário estragado, mas pela nossa inútil incapacidade de sairmos de nós mesmos a procurar escândalos mais divertidos.

Reparos.

Mas é como se tudo não passasse de bolas, grandes bolas colocadas à nossa frente, quase caídas do céu. Escorregam de um lado, sobem de outro. Círculos concêntricos. Nó borromeano. Entramos, passamos e nos deixamos neles, não saímos mais? Novos círculos que concentram conosco, até que tudo vire assim uma esfera, desse tamanho todo que é o mundo, e a gente se perde nos prazos. Ou se acha: às vezes tudo é mesmo uma questão de excentricidades, de disparar essa palavra desconhecida pelo ar e morrer de dar gargalhada, por que afinal precisamos tanto despir a palavra dessas falsas fantasias e encobrimentos, e acabar com esses esquisitos refinamentos? Eu me esqueço.

Mas me lembro agora: vou misturar tudo sim, dar simplesmente outro acabamento, nada mais que isso. Sigo vários despachos: dou minha própria posologia.

Misturo porque não há em mim qualquer outra competência. Em verdade, talvez até houvesse, mas aconteceu de ceder afogada pelos meus contratemperos, pela minha preguiça, pelos prazos, pelo amor e pelo álcool: questão de prioridades. Julguem-me, se quiser: minha palavra morta subjaz à palavra moribunda das tabelas e depoimentos e sintaxes e léxicos em excesso. Devia eu ter salvado as minhas escutas? “Concentração, disciplina & ritmo”: é o que recomendava uma boa amiga[73]. Teria me saído melhor? Não sei. Mas assim como está representa a mais sincera precariedade, o mais desastroso sublime esgotamento.

Sigo – um pouco amedrontado pelo fantasma do método, mas sigo. O que talvez seja uma **merda**. Mas quem disse que essas escatologias são de todo ruins?

[73] Paulinha, obrigado pelos desavisos, e por tentar me salvar da minha própria mediocridade...

8.1 Desabamentos particulares

Há de se fazer, em termos concretos, algum entendimento, alguma justificativa, alguma prática sobre si mesmo – sentida no corpo e na relação com os outros – daquilo que emerge e se configura como uma crise. Desabamentos. Durante e depois do esfacelamento simbólico, da confusão, da agressiva suposição, alguma coisa se modifica. Tudo já se modificou, aliás. Daí é preciso fazer surgir a dimensão da reconstrução subjetiva, sempre tornada mais difícil ou facilitada, a depender das formas de assujeitamento (sentidas subjetivamente no tratamento) a que vai se expor quem essa experiência de si precisa fazer.

Graça vai pela transcendência. As narrativas são enfáticas e categóricas: não apenas explicam algo, mas caminham em direção a um sentido dado num **outro mundo**, inacessível objetivamente. Quando a experiência da crise cede, a transcendência do sofrimento mental tenta recompor a harmonia perdida de si.

> Eu acho, porque eu acho que a parapsicologia pode me ajudar... por isso que eu pre, parapsicologia. Sei que é espiritual, mas eu não quero um centro espírita. Porque se eu vou no centro espírita eu vou ficar lá dando trabalho dos outros, e fazendo o meu. (Entrevista 1 - GRAÇA)

No caso de Graça, a virgindade perdida precocemente, a perda do companheiro que amava, a relação conturbada com os filhos, a polêmica do aborto, a falta de referências simbólicas que a auxiliasse na condução da vida cotidiana (por exemplo, a confusão quanto ao que significa trabalhar na noite, ou como doméstica em casa de família), tudo isso encontra uma via de elaboração pela crise. São de fato coisas que não se resolvem nela (e na crise), mas **passam por**, encontram ali um domínio no qual podem – e devem – se refazer, ganhar novos sentidos, e assim harmonizar a sua relação com o mundo. E na experiência da crise todas essas vivências difíceis retornam como vozes estranhas, em possíveis antepassados (negros, índios), num falecimento e encontro com Deus. Retornando ao mundo objetivo, todas essas experiências são encadeadas numa narrativa bastante razoável: se não se explicam ou ganham sentido válido aqui, se explicam e ganham sentido num outro mundo.

Mas é difícil continuar por esse caminho (estéril?). Corro o risco, por um lado, de precisar **psicanalisar a loucura**, ou seja, proceder-lhe a uma escuta muito mais apurada e referendada em algumas categorias que me faltam ou, por outro lado, acabar descendo por uma via que me leve a uma fascinação da loucura: que quer dizer exatamente retomar o discurso da Graça longe do encadeamento da Razão? Ou ainda, que seria fazê-lo cambalear de

modo satisfatório entre uma e outra lógica (razoável ou desarrazoada)? Enfim, precisamos refazer nosso trajeto analítico. O que importa, no âmbito deste trabalho, não é o sentido estrito ou a elaboração que se faz da experiência da loucura, mas como o sujeito a atravessa, independente de fazê-lo de modo viável (do ponto de vista clínico). Ou seja, trata-se de observar que categorias são acionadas no percurso, não enquanto significado dado à loucura, mas como práticas e usos de si diante de algo que pressiona, que faz sujeitar.

No caso da Graça, a dimensão do assujeitamento é sentida na impossibilidade de realizar as tarefas do cotidiano. Governar a si mesma reflete um dar conta de atividades simples que, por definição, estão fora de si. Arrumar a casa, cozinhar, ir ao trabalho, ater-se aos seus compromissos. Tudo isso é prejudicado na experiência da crise, e seu esforço é no sentido de dar conta de organizar sua rotina.

> Não é procê meu filho, e nem pra mim, eu quero é saber porque eles pôs isso tudo dentro da minha cabeça! (risos) É eu que quero saber! Não é eu que quero não! Não é eu que quero não, eu quero é do... que a minha cabeça... normal! Eu quero é fazer minha cabeça normal, pra mim cuidar da minha casa, pra mim limpar minha casa, pra mim ter condição de fazer as coisa na minha casa que eu quero fazer. Eu tô com umas receita maravilhosa pra mim fazer, eu não faço... é outra coisa... Nó! É eu é que quero tirar isso de mim, parece um inferno!
>
> Eu acho que eu tenho, eu preciso, eu vou continuar, vou ver se dá pra mim, se, se a cozinha melhorar, melhorar, se der pra gente ganhar, tirar pelo menos um salário todo mês, eu fico. Eu vou continuar. Se não der, eu saio, vou dar meu jeito. Assar salgado, vender na lancheira... É, aí, mas é, porque eu preciso, eu vou arrumar minha casa... Eu acho que, sabe Leo, eu tenho necessidade de orar... de buscar... E eu num, eu num tenho conseguido. É, é... eu acredito muito... em Deus. É uma força superior muito grande, muito forte, é uma força muito positiva... que eu creio no Criador. Mas eu acho que, ainda mais Deus né, pode ser... mas Deus é um só né, só o Criador (...) (Entrevista 1 - GRAÇA)

O interessante é que a sua experiência, o modo pelo qual ela se torna o que é, se dá a partir da construção de um saber sobre si mesma: para se organizar, ela busca se conhecer. Contudo, como não consegue fazê-lo em termos concretos e materiais, recorre a uma narrativa transcendente. E isso é muito importante: não se trata de uma redenção dos pecados, ou de levar uma vida ascética, fiel a uma moral cristã, mas de **dar-se a conhecer em uma transcendência**, seja ela um Deus que a tudo pode e tudo consegue, seja por um mergulho num universo cujas leis são outras que não as da natureza física. Por isso quer conhecer o seu passado, seus antepassados, recorre ao espiritismo, à parapsicologia.

De um jeito ou de outro, é por meio do **conhecimento de si** que Graça busca fazer a boa gestão da sua vida. O cuidado de si – atenção ao corpo, exercícios meditativos ou sublimativos, tão típicos nos tratamentos no campo da saúde mental – não ganha tanta importância quanto a tentativa de compreender de onde vem tudo aquilo que ela

incompreende, tudo aquilo que escorre e escapa pelos lados. Nem que seja atribuindo um sentido transcendental a tudo isso (o que não deixa de ser uma forma de conhecer-se). Poderia mesmo ser entendido como um modo de **preparar-se para a lida eventual da experiência da loucura**: arrisco supor que caso encontrasse os meios de explicá-la, explicar para controlar, essa dimensão do conhecimento de si cederia. O que ela quer é expurgar isso que não entende, tirar de si o inexplicável:

> Mas hoje eu fui lá na igreja, ali na Batista da Floresta, e a Sandra, tava conversando comigo e falando... que, das coisas comigo, é, e-e-e-eu quero tirar esse negócio, e-e-e-e eu tenho que anular, igual como, é-é... primeira Maria... segunda Maria... terceira Maria... e ninguém disse que era sério, agora não, pelo amor de Deus (...) nossa mãe, é-é-é tanta coisa Leo, que eu fico assim, loucura! (Entrevista 1 - GRAÇA)

Constitui-se, pois, na experiência de si que faz Graça no domínio da sua loucura, de algo análogo às experiências de si socrático-platônicas: um voltar-se a si mesmo que cumpre uma finalidade específica. Estabelece âncora no tempo e no espaço.

***

Beth por sua vez não domina os códigos. Está confusa. O sofrimento mental, maior expressão desses turvamentos, vem associada a uma grande dificuldade em se relacionar nas diferentes esferas do mundo cotidiano: as relações com a família, com os amigos, no trabalho... Todas essas relações acionam diferentes códigos e categoriais sociais e simbólicas, as quais qualquer um precisa dominar, nem que seja minimamente, e aprender a passar de uma à outra.

O saber que ela busca não é o mesmo que Graça buscava. É um saber de outra ordem, algo ao mesmo tempo fora de si, mas dependente de si. Beth procura fazer a experiência de si num mundo em que a loucura irrompe como falta de definição e domínio dos códigos e leis sociais que se lhe escapam.

Vejamos um exemplo: o antropólogo Roberto da Matta (1979; 1982), ao estudar o mundo social brasileiro, propõe a utilização de duas categorias de análise: a **casa** e a **rua**. Trata-se de uma distinção entre o universo público e o privado, não apenas enquanto territórios submetidos a um ordenamento jurídico específico, mas, principalmente, a espaços sociais nos quais desenvolvem-se diferentes aspectos culturais, onde diferentes formas de sociabilidade são criadas e mantidas. Em outras palavras, normas, valores, crenças, condutas, interdições se organizam de modos distintos no universo da **casa** e no universo da **rua**.

> A categoria **rua** indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que **casa** remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma: o local do calor (como revela a palavra de origem latina **lar**, utilizada em português para casa) e afeto. E mais, na rua se trabalha, em casa descansa-se. Assim, os grupos sociais que ocupam a casa são radicalmente diversos daqueles do mundo da rua. Na casa, temos associações regidas e formadas pelo parentesco e relações de sangue; na rua, as relações têm um caráter indelével de escolha, ou implicam essa possibilidade. (...)
>
> (...) esses domínios da rua e da casa marcam mais que espaços distintos. Eles também permitem surpreender papeis sociais e ideologias, ações e objetos específicos, pois todos esses elementos constitutivos de uma sociedade e cultura não estão soltos ou individualizados na estrutura social. Ao contrário, é meu ponto de vista que eles estão sempre associados de modo que **a cada domínio correspondem papéis sociais, ideologias e valores, ações e objetos específicos, alguns inventados especialmente para aquela região no mundo social.** Assim, todos os papéis que implicam, para sua articulação, uma ideologia substantiva (ou de substância) e estão, consequentemente, ligados ao corpo e ao sangue (como é o caso dos papeis relacionados ao parentesco) devem ocorrer e ser engendrados pela **casa.** Mas todos os papeis que implicam escolha e vontade (essas coisas da "alma" e da "moral"), como é o caso das associações voluntárias, como os clubes, partidos e outras formas de corporação civil, são parte do mundo público, do domínio da rua. O mesmo ocorre com os objetos e ações, já que ninguém espera encontrar camas, cozinhas e armários de roupas num escritório (...) (DA MATTA, 1979, p. 70 e 74-75. Marcações minhas e do autor)

Da Matta explica ainda que essa dicotomia articula diferentes e complexos arranjos sociais, podendo tomar a forma tanto de uma oposição binária quanto de uma gradação. No entanto, essas duas categorias não constituem, em si, objetos de problematização nesta dissertação: vou tomá-las independente das suas filiações epistemológicas, interessa-me aqui tão somente identificar alguns elementos sociais que são acionados pelo discurso da Beth, e tentar observar quais os movimentos ela faz nesse campo: como ajuda a constituí-lo e como deflagra rupturas.

Suas falas carregam a todo o tempo uma dificuldade em estabelecer parâmetros – reais e simbólicos – pelos quais se situar no ambiente da casa. Esse espaço que, socialmente, deveria ser regido por valores afetivo-amorosos, raramente é percebido dessa forma por Beth. Ela se relaciona de forma confusa com os pais e irmãos, lhes demanda carinho e afeto, reclama das suas ausências, sente-se esquecida, ressente-se de uma postura rígida da mãe e dos irmãos. Estas pessoas, que ocupam o cerne do núcleo familiar, e a quem convencionou-se atribuir o papel social de provedores e fornecedores de amparo, carinho, segurança e amor, a quem cabe também educar para a vida, são percebidos por Beth como hostis, o contrário disso tudo.

> (...) minha mãe muito prática, muito pé no chão, aquela mulher dura, que fala o que acha, o que pensa, não era carinhosa, mas o carinho dela era ensinar o certo, o

> caminho certo, agir direito, mas sem muito tititi. Eu fui tratada sempre como Elizabeth. Nunca Betinha, "filha querida", não! (...)
>
> Um dia eu peguei a escovinha de dente e em vez de eu pegar a canequinha e jogar na escova de dente e escovar o dente, não sei o que deu e eu enfiei a escova no tambor. Ela [a mãe] viu. Ela encheu um caneco d'água, era 6 horas da manhã, um frio... ela pegou e fez assim: jogou em mim. Molhei toda, fiz huuaaar [uma onomatopéia, um som de susto]. Ela falou: "Pra você aprender nunca mais fazer uma nojeira dessa". Aí a vizinha, eu olhei pra vizinha, a vizinha tava na janela assim e perguntou. Aí eu chorei, chorei, chorei, escovei o dente. Ela falou: "Você nunca mais faça isso. Põe água na canequinha, molha e escova seus dentes. Isso é porcaria. Não é porque você é esquisita, estranha que você vai fazer isso não".
>
> A Sandra foi entregue a mim com nove anos de idade. Eu fui mãe, sem saber o que era ser mãe (...) (Entrevista 3 – BETH)

Com o tempo, vai se confundindo com relação aos papéis de mãe e filha: não sabe como se relacionar com a mãe, não sabe como se comportar como filha. Tudo se mistura. Quem deve lhe dar carinho? Como deveria cuidar da irmã, se ninguém cuida dela? Onde deveria buscar afeto? Beth não tem as respostas, é só uma criança. Em verdade, nunca consegue responder essas questões, se depara com elas até hoje. Tem uma grande dificuldade em construir registros simbólicos que lhe possibilitam transitar nesses diferentes universos sociais, afetivos e volitivos.

Tudo se complica ainda mais à medida que se torna jovem: precisa aprender a se relacionar com o próprio corpo, descobrir a sexualidade, começa a frequentar o espaço da **rua**, cujos códigos são diferentes. Mas, se nunca dominou nem os códigos da **casa**, como vai dominar os da **rua**?

> Aí tinha aquelas, sabe aquelas, aquela artista... Rita... que cantava com um macacãozinho. Ela, na época se ela era homossexual, ela era lésbica, hoje em dia... E meu pai falava: "Eu não quero que você veja essa menina cantando". Eu falava: "Por quê?", né? "Eu não quero". Aí era preto e branca, né? Desligava a televisão. Eu ligava a televisão depois: "Não quero que você veja". E eu pensava: "Por que meu, Deus? Não posso ver essa mulher, quê que tem essa mulher?". **Mas ninguém explicava pra mim que tinha isso, que existia isso.** Muita coisa... Aí meu pai falava assim: "Explica pra ela, pra elas o que que é menstruação, gravidez, né? Sexualidade." [insinuando a resposta da mãe]: "Eu não". Ela também não tinha aprendido. **Aí eu fui aprender fora**. Com as colegas. Elas falavam, falavam, falavam comigo, né? Quando terminava falava: "Com você é assim?" "Não, eu nunca tive relação sexual, não sou mãe..." E elas: "Aaaah, perdão, desculpa". "Não, nunca namorei". "É verdade? Ah meu Deus do céu e eu falando essa coisas pra você." E falavam o que tinham feito com o marido, tudo (...)
>
> (...) e quando fazia os exames, tudo, psicológicos e técnicos eu passava em todos, né? Mas minha mãe falando que eu era retardada, burra, lerda: "Essa menina deve ser louca". E todo mundo falava assim: "É ela que vai trabalhar?". "Ela que vai trabalhar fora? Pegar ônibus... Você vai deixar, Maria?" E eu falava: **"Mas por que eu não posso trabalhar fora? Quê que tem?"**
>
> Aí eu comecei a me envolver com homossexuais. Tanto homem como mulher. Aí uma moça gostou de mim. Falei: "Gente, quê que tá acontecendo? Quê que é isso?".

> Aí eu falei: “Meu Deus do Céu, Nossa Senhora!”. Aí eu comecei, me apegar a ela. Acho que eu nem gostei dela, acho que eu me apeguei a ela pelo carinho que ela me dava. Aí um dia eu falei com ela que eu não queria ficar mais perto dela, que eu tava me apegando a ela e tudo ela pegou e falou assim: “Você não tá entendendo nada, né?”. Aí com o tempo meus colegas iam falando assim: “Beth, ela é homossexual. Pessoas homossexuais são pessoas que gostam do mesmo sexo, entendeu? Isso é homossexualidade”. **Aí que eu fui entender o quê que era**. Nossa, minha mãe acabou comigo! Nossa Senhora, eu era a pior pessoa do mundo! Sabe? Aí eu tinha um medo de ela falar com os vizinhos, de ela falar com os meus amigos, eu me afastei do mundo, tudo... Era só minhas colegas de trabalho... E eu tinha um medo de levá-las na minha casa e minha mãe contar que eu me envolvi com uma mulher... Mas eu não tive nada, contato muito íntimo com ela. Só carinho. Minha mãe: “Além de retardada, lerda e tudo ainda se envolve com isso. Agora é lésbica, sapatão!”
>
> Aí, lá no carnaval eles passavam a mão em mim, tudo e as meninas: “Vamos de novo?”. Eu falei, não... “Mostra pra gente quem é! Vamos Beth” aí elas faziam isso. Eu falava: “Foi aquele ali”, e elas sentavam a mão na cara dele: “Pra você aprender a passar a mão na minha colega, ela não é qualquer uma não, viu?”. Aí eu falava: “Nossa Senhora de Aparecida!”. Aí eu ficava doida pra ir embora [risinho]. Um dia eu fui dançar, eu nunca fiquei parada, aí um dia eu falei: não! O rapaz virou uma fera. Aí eu chorei tanto que a minha colega falou assim: “Quê que você foi fazer com ela? Você vai bater nela? Ela não quer dançar com você, ela falou não!”. Eu fiquei atrás delas todas. Sabe aquele escudo? Aquele medo. **Não discutia com nenhuma, não brigava com nenhuma, aceitava todas as opiniões, mesmo que eu não gostasse, porque eu achava que eu não ia ser amada. Eu queria ser amada! Eu queria que todo mundo gostasse de mim**. Eu era simpaticíssima... Todo mundo pra mim era igual. Prostituta... todo mundo, era igual. Todo mundo era bacana. **Eu num, num... num sabia discernir**, é, como é que fala, que minha prima me ensinou: “Você tem que ser seletiva!” **Eu num tinha isso... eu queria ser amada!** Aí eu falei não, ele pegou, queria me agredir e tudo. As meninas me protegeram, chamaram o segurança, segurança colocou pra fora, e eu falava assim: “Como eu vou sair agora?” E o medo? “Não, Beth! Não tem problema não.” Olhei assim, olhei, olhei, ele não tá. Naquela época não tinha esse negócio de vou matar e matava, né? Então ele foi embora. E eu era assim: eu ia pra um lugar e eu não gostava do lugar, do ambiente, eu podia tá com a sainha aqui, de miniblusa, de tomara que caia, podia ser duas horas da manhã que eu punha o pé na estrada e voltava pra casa. **Eu não tinha medo de nada!** Sabe? Parece que eu tinha uma coisa que eu perdia o medo. Eu ia. Mexiam comigo e tudo e eu ia. Minha mãe falava assim: “Que isso, Elizabeth! Olha a hora. Cadê as meninas? Cadê suas colegas?”. Tá lá. Eu não gostei, vim embora. E daí? (Entrevista 3 – BETH. Marcações minhas)

De certo modo, parece que Beth está imersa na natureza sem reconhecer a alteridade, onde termina si mesma e começa o outro. Ela é levada pelas flutuações do cotidiano sem conseguir pontuar-lhe os limites. Na maioria do tempo entra em fluxos que não são inteiramente seus, não o são nem parcialmente seus, vai compondo com outras pessoas e objetos uma existência difícil e violenta... Não consegue fazer escorregar-se para outro campo, desviar-se de toda essa pesada carga que carrega, entrar em novos fluxos, refazer-se...

> Pois bem, no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. **Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura**. Rompe-se assim o equilíbrio desta

> nossa atual figura, tremem seus contornos. **Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros**. (ROLNIK, 1993, s/p. Marcações minhas)

Toda essa **con**fusão com o mundo não se resolve quando vivencia de modo grave o sofrimento mental. Pelo contrário, parece só se agravar, à medida que deixa ainda mais difícil a convivência com familiares e amigos. Das experiências de transtorno mental, o que mais chama a atenção é a dificuldade que a Beth tem de **falar em seu próprio nome**. Parece-me claro que essa falta de saber (sobre as relações sociais) lhe assujeita, lhe retira alguma possibilidade de enunciação: com a família, a qual não consegue impor seus desejos e se implicar nas suas ações; com os amigos, a quem não consegue dizer "não", porque quer ser amada... Enfim, tudo isso dificulta a elaboração de quaisquer procedimentos destinados a **conhecer** ou **cuidar de si**, os quais ficam relegados à terceiros (pais, amigos, médicos...). Se existe uma ausência marcante no seu discurso, e no modo como ela constrói a sua experiência e representa o mundo, é a de **não conseguir se implicar no seu mundo representado**, ou seja, ela dissocia-se do mundo, não se enxergando como responsável pelos próprios atos. E isto vai se refletir, também, na experiência que faz do transtorno mental grave:

> Chegou na psiquiatra eu comecei a chorar, não conseguia falar... Era a doutora Alice, uma gracinha, ela falou assim pra mim [começa a chorar]: "Você nunca teve amigo... [pausa] Você nunca teve e não vai ter. Porque você é uma pessoa transparente. Eles usaram você a vida inteira e vão continuar usando. Você tem que aprender a ser seletiva. Você tem que aprender a ser seletiva, você vai ter que aprender a gostar de você, se amar... Você vai ter que aprender um monte de coisa ainda, você não sabe, você tá com uma venda nos olhos. Eu vou tratar de você, eu vou cuidar de você, tá bom? Você precisa passear, divertir... Não é só sua família que vai te aceitar. Porque você andou com homossexual não quer dizer que você é homossexual". Aí ela começou a me elogiar, minhas roupas, as coisas, ela falava: "Olha como você tá bonita hoje!". Aí eu falava: "Será que é mesmo, que eu tô bonita mesmo?". Ela falava: "Bonita sua calça, sua roupa...". E eu, tudo era ganho, mas eu tinha aquele cuidado de costurar, até hoje eu tenho, pregar botão, passava... Isso aqui é ganho! Ganhei. Ganhei do meu irmão a bota, isso aqui é dos meninos da Neusa. Aí ela falou assim [volta a ficar emocionada]: "Você sabe combinar as coisas". Aí ela virou, **eu perguntei ela assim: "Mas eu ando com eles, será que eu sou homossexual?".** E ela falou assim: "Não, você é que vai saber a resposta". Eu sei que um dia, em São Paulo, minha mãe falou com um médico: "Minha filha é... anda com sapatão, com homossexual. Dá um jeito nela." Aí o médico me chamou e falou assim pra mim: "Sua mãe veio aqui reclamar de você". E falou assim: "Falou comigo que você tá andando com um pessoal aí... que anda com homossexual... Eu vou te falar o que você tem que fazer." Eu falei: "O quê?". Ele falou: "O que você quiser, a vida é sua! Sua mãe não manda em você, ela não é sua dona. Você faz o que você achar melhor, seja feliz. Tchau. Tudo de bom, vai com Deus." (Entrevista 3 – BETH. Marcações minhas)

Interessante como ao descrever o tratamento psiquiátrico sua fala repete as ausências mencionadas: primeiro, ela continua sujeitada na relação, esperando que os médicos lhe digam o que fazer, que eles façam um entendimento do que ela tem. É, portanto, incapaz de pensar a si mesma ou pronunciar uma fala própria. Segundo, ela desloca a demanda de amor para a médica, atribuindo-lhe a tarefa – a seu ver, recusada pela mãe – de dar-lhe carinho e fornecer cuidados. Ou seja, conhecimento e cuidado de si mantêm-se distantes do relacionamento que trava com o mundo, situação que perdura até hoje.

***

O divórcio do sujeito das práticas de si também ocorre nas vivências de transtorno mental de Cleiton. Nesse caso, o conhecimento e o cuidado de si ficam sob a responsabilidade da mãe. Desde que nasceu, Cleiton faz tratamentos psiquiátricos por conta de uma disritmia cerebral. Cresceu com os cuidados da mãe, dos quais nunca se emancipou.

Nunca passou por internações em hospitais psiquiátricos. O primeiro contato que teve com a rede substitutiva de saúde mental ocorreu quando já estava jovem, por ocasião de ver agravada sua saúde em função de um trabalho temporário que havia arrumado. O que é extremamente interessante: quando ele se movimenta em direção a um novo lugar, cuja intensidade dos efeitos de um poder são maiores, ele desaba.

A fala de Cleiton tem sempre um tom pueril. Não deixa de ser um reflexo dos modos como ele dá o seu ser a pensar no mundo: modos não apenas parciais, mas como que presos a alguma fantasia, e também destituídos de profundidade. Arriscaria dizer que a **realidade cleitoniana** é relativamente direta, não apresenta pontos de mediação que colocam de forma incisiva dilemas subjetivos, ou interrogações sobre as decisões da vida cotidiana. Não faz circular questões filosóficas ou existenciais.

Cleiton parece não pensar demasiado a si mesmo, não busca algum conhecimento de si. Tampouco parece se prestar a cuidados com o corpo ou a mente. Ele simplesmente vive, sem preocupar-se muito com essas questões. Sua rotina resume-se em trabalhar e assistir televisão, vezenquando sair de casa para comer ou jogar em máquinas caça-níqueis. Apesar de alguns esforços, não possui amigos, nem planos concretos para o futuro. Vive sob orientação existencial da mãe, que lhe pontua o real, sempre a partir de um estilo de vida um tanto padronizado, naquilo que perfaz uma rotina socialmente desejável... A mãe lhe prescreve os cuidados que precisa tomar, busca entender a sua condição no mundo, organiza a sua rotina. Junto a isso, as poucas experiências que tem na rua reendossam essa lógica: tudo o incentiva a

buscar algum sentido que não é em absoluto propriamente seu, restringe e constrange a sua subjetividade. Há, portanto, um determinado discurso que Cleiton aciona ao fazer a experiência de si. Esse discurso é animado pela criação de um mundo em que a vida segue o estilo propalado pela sociedade de consumo capitalista, e que é muito facilmente ilustrado por qualquer comercial de televisão ou revista: o carro do ano na garagem; a mulher-objeto de corpo perfeito; a família feliz reunida para um café da manhã rico em vitaminas, margarinas e laxantes naturais (que, evidentemente, não são denominados laxantes). Coisas assim.

> É porque os colegas meus tudo fala: "Ah, a gente já casou já, você tá aí sozinho aí, num arruma ninguém e tal...". Aí eu penso: "Ah, eu vou casar um dia, pode deixar, eu vou construir tudo devagarzinho, vou arrumar um serviço primeiro, vou trabalhar, depois eu vou arrumar minha namorada, depois eu vou noivar, aí sim eu vou casar...". (Entrevista 6 – CLEITON)

Mas é a mãe quem mais tenta demarcar uma zona de sentidos e de sociabilidades para o filho. Ela o inscreve num circuito social em que já está dado o que se deve desejar: um emprego estável; uma esposa; uma família; uma aposentadoria no fim da vida. De tal maneira que resta apenas ao próprio Cleiton percorrer essa trajetória, ou melhor, **tentar** percorrê-la, sem pensá-la de forma ritualística e processual.

Um exemplo: quando relata as experiências de sofrimento mental, Cleiton não atribui um sentido específico às suas vivências, elas não contêm nada de singular. Ao mesmo tempo, sua mãe consegue precisar fatos e datas, rememora sentimentos e situações. Não seria exagero dizer que quem faz uma experiência do transtorno mental de Cleiton não é o próprio Cleiton, mas a mãe.

> Internado eu não fiquei não, mas... eu ia no CERSAM todo dia fazer tratamento (...) Aí depois eu fui, comecei, aí eu fui melhorei! De uma hora pra outra melhorei. (Entrevista 6 – CLEITON)

Acontece que algo escapa nessa relação apagada consigo mesmo, algo não se submete assim tão fácil, não cede diante das imposições simbólicas – bem intencionadas, é preciso reconhecer – da mãe. Cleiton sofre. Não dá conta de sustentar-se nas demandas que a mãe se lhe apresenta. Se por um lado ele não consegue formular as suas próprias inclinações, elaborar algum desejo próprio e suas vias de realização, ao mesmo tempo se divide entre aceitar e rejeitar as prescrições da mãe e da sociedade. Tudo isso é sentido de modo bastante difícil, violento até.

Como lhe falta a dimensão do conhecimento de si, não pensa novos modos de vida, não se implica nas suas próprias ações. Resta-lhe apenas permanecer num limbo, entre as formas de sujeição que o mundo lhe impõe (as prescrições da mãe, as cobranças sociais no

trabalho e no bairro, os maldizeres de vizinhos, o estilo de vida propagado na TV...) e a recusa disso tudo, que não chega a dar em algo mais elaborado, apenas se acaba na impossibilidade de refazer-se, de construir uma existência que prescinda disso tudo.

***

Clarismundo, de sua feita, lembra um pouco fragmentos do poema *Diluente,* de Álvaro de Campos. Assim:

> Cá está a lição, ó alma de gente!
> Se a mãe esquece o filho que saiu dela e morreu,
> Quem vai dar ao trabalho de se lembrar de mim?
>
> Estou só no mundo, como um tijolo partido...
> Posso morrer como o orvalho seca,
> Por uma arte natural da natureza solar.
> Posso morrer à vontade da deslembrança,
> Posso morrer como ninguém...
> Mas isto dói,
> Isto é indecente para quem tem coração...
> Isto...
> Sim, isto fica-me nas goelas como uma sandwich com lágrimas...
> Glória? Amor? Anseio de uma alma humana?
> Apoteose às avessas...
> Dêem-me Água de Vidalgo, que eu quero esquecer a Vida! (PESSOA, 2009, p. 199)

Com Clarismundo, água de Vidalgo[74] etílica. Daí talvez mais diferenças que semelhanças: é que Clarismundo não bota sentido nas coisas. Quer dizer, até bota, como todo mundo é cutucado a fazer, no seu caso com o álcool, mas é sempre sentido promíscuo: se enamora de qualquer ventania. Ele próprio, ali, irrevogável, indistinto: a velha grande questão das atribuições de si mesmo na vida. Parece faltar-lhe as implicações e os deslizes.

Clarismundo não se implica, só explica. O mundo segue seguro nas suas indefinições: tudo se localiza além de si, numa constância que não convoca a outros sentidos, faz o argumento cambalear pra fora, é esse o problema. Um deles. Talvez o maior.

O problema é que os seus labirintos vão sempre em direção contrária, não partem de si pro mundo, mas do mundo pra si. Defesas. Completamente compreensíveis, diga-se, mas que não deixam de sublinhar o invertido do argumento.

Quando fala das experiências de transtorno, é sempre na condição de assujeitado, as estruturas lhe engolem de forma inescapável. Não tenta **conhecer** a si e ao sofrimento que vivencia, não procede a **cuidados** referentes ao corpo e à alma. Em outras palavras, tem dificuldade de se impor na relação que cria com o mundo, sente tudo conspirando contra si.

[74] Água com propriedades medicinais, produzida na cidade de Vidalgo, em Portugal.

Se experimentou os desastres do sofrimento mental, foi por conta das ausências: não em si, mas sempre ausências externas, exclusivas do mundo, que lhe faltou com respeito e cuidado.

> E... depois que terminou lá o colégio lá, aí eu fui **abandonado** [risos], **me abandonaram completamente** (...)
>
> Tava, eu tava é enchendo a cara na cachaça... Vendia, catava latinha lá, fazia uns bico de servente, e o dinheiro tudo era pra cachaça mesmo, endoidava a cabeça, falei: "Ah, num tem jeito mais não, eu vou é morrer mesmo". [risos] **Eu tava perdendo as esperanças** (...)
>
> Então é, aí depois, né, quando eu tava morando lá no bairro Caetano Furquim, é... o... aconteceu deu.. ficar deprimido mesmo né, sem entender o porquê né, duma raiz tão forte que eu tenho, que é ter estudado lá no bairro das Graças né, em frente a um santo, né, é, santificado por muitos fiéis, né, ter estudado no Imaco... Então eu falei assim: "**Pô, o quê que tá acontecendo, num é possível, num sô gente não, eu num sirvo pra fazer nada?**" Aí comecei a encher a cara de cachaça, endoidei a cabeça mesmo, aí eles me levaram pro CERSAM. Fiquei lá no CERSAM lá um tempo lá, é... vários dias né, num sei se foi Deus... Eles vinham, me buscavam em casa... né, depois eu passei pra, pro Centro de Convivência Arthur Bispo (...) (Entrevista 4 – CLARISMUNDO. Marcações minhas)

O modo como experimenta o transtorno mental, manifesto em problema de drogadição, parece deixar de lado a dimensão de si, em termos mesmo de singularidades: subjetividade sequestrada, essa a questão. Parece-me bem o caso daquele sujeito padrão, silenciado nos seus desejos, ao qual a casa o carro e a secretária definem os modos de ser no mundo (tópico 5.1). O problema é que no caso do Clarismundo ele falha, não dá conta de preencher esse lugar que foi determinado, e com isso sofre. Duplo sofrimento, então: por não conseguir viver desse modo prescrito por um outro, e por não dar conta de refazer essas pretensões, dar algum polimento à subjetividade imersa em um sem número de determinações morais.

É que devemos perguntar: o que significa "não servir pra nada"? O que seria "deslanchar"? Esperanças de quê? As respostas me parecem caminhar na direção do **reconhecimento**: ser socialmente percebido como sujeito de fato, ser respeitado, ser aprovado pelos outros; ser, enfim, **reconhecido como alguém no mundo**. O problema é que essa busca por reconhecimento se dá, no caso de Clarismundo, pela contramão: ele não faz deslocar o sentido do que se reconhece, tentando forjar um outro lugar de reconhecimento, o que ele faz é deslocar a si mesmo rumo a esse sentido já dado pelo mundo (que diz o que é passível de reconhecimento e exaltação e o que não é).

Reconhecimento roto, então: não se trata de se fazer respeitado nas suas diferenças e singularidades, mas de se transformar em algo que não se é, tentar ser um alguém diferente, para que possa ser reconhecido socialmente.

Movimento mais que legítimo, mas que não deixa de colocar vários problemas. O primeiro deles refere-se à dificuldade de fazer isso: tudo aquilo que a vida sabe fazer a uma pessoa negra e pobre nesse mundo. Segundo, não deixa de provocar em larga medida o assujeitamento da pessoa, impondo-lhe um modo de vida, expectativas e vontades que corroem a sua singularidade. Daí a dificuldade que ele encontra em viver bem atualmente, mesmo encontrando apoio social (no interior da rede substitutiva) e chances para "fazer e servir para alguma coisa" (num ambiente de trabalho solidário).

> É, ué, **abandonado**, né, **abandonado**. Porque eu, eu falava com ele [o pai]: "Pô! Agora eu tenho condições de, de voltar", né, já tava bem, consciente de que a bebida... é... num tava me fazendo bem, essas coisas, né, e eu já tava fazendo, começando a fazer um tratamento já. (Entrevista 4 – CLARISMUNDO. Marcações minhas)

Mas cuidado: não se trata de "desculpar o sistema" pelas suas ausências, sentidas na pele e no cotidiano nada fácil daqueles que lutam por uma vida digna. É bem verdade que o mundo, em alguma medida, abandonou o Clarismundo, não deu as mesmas oportunidades de crescimento social, profissional, intelectual e cultural que oferece, por exemplo, a uma pessoa branca de classe média alta no Brasil. Esse fato me parece irrevogável. O problema, contudo, me parece ser que a questão não passa apenas por fazer justiça social (embora ela seja mais que necessária: é uma urgência!), mas passa também por repensar a relação do próprio sujeito com o mundo, naquilo que diz respeito à sua implicação (elaborar um sentido para os seus atos, e reconhecer-se como responsável por eles), o que é potencializado pelas práticas de si – justamente o que escapa ao Clarismundo.

Ou seja, a implicação do indivíduo não necessariamente o torna menos sujeitado, menos oprimido nas relações cotidianas, mas possibilita que ele **se reconheça enquanto sujeito no mundo**, o que é, acredito, uma condição de possibilidade para a realização de transformações mais profundas na relação de si com o mundo.

***

De todas as formas observadas, nos limites deste estudo, de se **criar subjetivamente um domínio da loucura** e de se fazer a experiência de si nesse mundo, certamente as realizadas por Eustáquio, Paulo Reis e César parecem as mais **viáveis e sustentáveis**. E estas são categorias importantes aqui porque se por um lado não se trata de fazer um julgamento de valor sobre como cada sujeito lida com o próprio sofrimento mental, por outro precisamos buscar elementos que possam ajudar na construção de uma **política da subjetividade**, que leve em conta uma **experiência de si viável e sustentável** – que ela seja, a um só tempo,

singular (porque refere-se a um sujeito com questões e vias de simbolização bastante próprias, por exemplo, um delírio de natureza narcísica ou uma fobia social), mas que também tenha penetração e aceitação no campo da cultura. Mas antes de analisarmos o que essas três experiências de si guardam de tão interessantes, precisamos enxergá-las nas suas singularidades.

O primeiro caso é o de Eustáquio. Como já foi visto (tópico 2.2), ele consegue montar uma explicação bastante viável para a sua experiência de transtorno mental grave: remete-a à perda do pai; ao aumento das responsabilidades; à premência econômica; à perda do emprego. Enfim, ele localiza uma série de difíceis vivências que lhe impõem uma necessidade de responder a uma questão a qual ele não tem como simbolizar. Daí todas essas questões transbordarem e escaparem numa crise.

É nesse sentido que vai a explicação de Ramalho (2003, p. 46) sobre a vivência crítica do transtorno:

> (...) quando alguém, num certo momento ou situação de sua vida, vê-se confrontado a responder a algo (por exemplo, o que é ser pai?, o que é ser homem?), mas não tem como fazê-lo, ou melhor, suas possibilidades internas, psíquicas, não são suficientes para enfrentar, para suportar esta situação, ele pode ter uma crise psicótica. Por não ter como responder, por não ter uma referência, perde o que até então o sustentava, sente que seu mundo desmorona. Costumo utilizar uma metáfora: "É como se lhe puxassem o tapete e ele caísse, perdesse o chão".
> A crise psicótica ocorre, então, quando alguém, num determinado momento de sua vida, se vê convocado a responder a certa questão, a certa situação. Tem a necessidade de referir-se a algo, a um saber (que lhe diga, por exemplo, o que é ser pai, o que é ser homem), tem a necessidade de uma referência, mas, como não a tem simbolizado, não tem esse saber, a resposta buscada lhe vem de outra forma: como irrupção, emerge no real como alucinação. Ou seja, na falta de uma referência, de um saber, essa resposta vem como "vozes" que lhe falam.

Ao mesmo tempo, Eustáquio atribui um sentido espiritual ao seu sofrimento. Na sua perspectiva, a loucura possui uma natureza transcendente, a qual "os médicos negam", mas Deus ajuda a entender.

> Eles [as equipes de saúde mental nas unidades de tratamento, tanto manicomiais como substitutivas] omitem pro portador de sofrimento mental o quê que ele é, o quê que ele tem, o quê que ele aparenta ter, o quê que ele possa ter... Eles quer é sossego... É tomar o cafezinho deles, é eles bater os papos deles, e falar sobre os filhos e as pescarias deles. Quando a gente começa a ficar em crise e muito agitado não é bom pra eles... Fora, a questão espiritual... A maioria dos médicos, pra começar, acreditam na teoria da evolução. Ou então são ateus ou agnóstico. E 90% dos casos de transtorno mental são espirituais. Eles sabem disso. No fundo eles sabem disso. Eu não sei porque que eles negam... apesar de todos achar, todos relatarem que têm uma religião. É claro, todo mundo tem uma religião. Mesmo que seja do tradicionalismo, da tradição que vem de família e de berço, todos nascem, quando criancinha, ou fez primeira comunhão, tem uma religião. Depois vai

> seguindo as vertentes, por causa do livre-arbítrio que Jeová Deus te deu. (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

A vivência espiritual é algo que ultrapassa a dimensão da loucura, na história de Eustáquio. Trata-se de algo que está presente em sua vida e que ele tenta elaborar já desde cedo: quando criança é católico; na juventude conhece o espiritismo de orientação kardecista; depois se torna evangélico; atualmente participa de estudos bíblicos com as Testemunhas de Jeová. Tudo isso faz suspeitar que o sofrimento mental, no caso de Eustáquio, não se explica numa narrativa transcendente, mas **passa por** ela. A loucura prolonga-se num outro mundo: não como um castigo mandado por Deus, ou algo a ser explicado no **além**, mas sim como algo cuja vivência Deus – em toda a sua onipotência e onipresença – conhece e orienta. Nesse sentido, a loucura divide-se por um lado em algo bastante material, sentida na carne, e também em algo transcendental, sentida na alma.

Dois textos produzidos por Eustáquio sugerem um posicionamento mais preciso dessa relação sofrimento mental – espiritualidade. Não se trata de explicar um pelo outro, a palavra bíblica substituindo a palavra médica, mas de introduzir a loucura numa narrativa mais ampla, que fala da vida em geral, nas suas condutas, medos e angústias, e na qual a religião pode estabelecer o seu domínio:

> O Jó da Bíblia perdeu os filhos e gados e a dignidade; e o "BABACA" do Taquinho perdeu seus "PAIS" e "TIOS" com câncer e hemorroidas e espinhas. Por tudo isso, também perdeu a "CACHOLA" e o "EMPREGO", e, como o "JÓ" da Bíblia, perdeu a "DIGNIDADE". (SILVEIRA, 2008, s/p. Marcações do autor)

> Falamos sempre no papel dos remédios e das oficinas terapêuticas como armas eficazes no controle da doença, até o portador de sofrimento mental ficar com o seu tratamento estável. Mas, aí vem a pergunta: "E o lado espiritual???" (...) [faz uma argumentação a partir de um trecho bíblico] Jeová Deus colocou este relato nas *"Escrituras Sagradas"* para servir de alerta para todos os habitantes da Terra e, nos mostrar também, que o transtorno mental atinge primeiramente o lado espiritual, para depois, sobressair no lado carnal. Assim, se não estivermos bem espiritualmente, como poderemos raciocinar e realizar projetos ou tarefas simples do nosso cotidiano? (SILVEIRA, 2010, s/p. Grifos do autor)

Eustáquio não se coloca o imperativo de uma conduta ascética, na qual precisa renunciar a si. Ele não tem um objetivo espiritual específico a atingir – ou pelo menos isso não parece impor-lhe alguma forma de vida. A religiosidade aparece para Eustáquio como uma forma de **conhecimento de si** que deve se dar por toda a vida, a todo tempo, sem uma finalidade específica, sem restringir-se à questão do sofrimento mental, e que não deve cessar mediante a aquisição desse ou daquele saber – porque sempre há que se remediar aquilo que se ignora.

Por outro lado, a dimensão do **cuidado de si** também está presente na sua vida, a partir do que poderíamos chamar de uma **analítica da medicação sobre o corpo**, e de uma crítica aos saberes médicos que, sobre o seu corpo, vão tentar demarcar uma esfera privada de atuação:

> E eu descobri Leo, como eu sou cobaia de mim mesmo, que eu num preciso parar de tomar o remédio todo, mas eu mesmo vou fazendo experiência comigo. Se eu vendo que três remédios tá me fazendo mal, me deixando muito dopado, eu passo a tomar um, eu passo a tomar dois... Aí eu passo a tomar um, aí eu penso assim: "Bom, três é demais, e um é muito pouco. Então eu vou passar a tomar dois". Quando tiver uma resposta terapêutica legal, eu viro pro doutor e falo: "Ô Doutor, pode me receitar dois remédios. Pode me receitar dois remédios! Num preciso de três, mas também num preciso de um" (...)
>
> Eu nunca vou falar com um doutor, com um psicólogo, um psiquiatra, pra não aprender na prática o que ele sabe na teoria (sic). Seria a mesma coisa d'eu chamar, pedir pra ele se transformar num doente mental e tomar todos os remédios pra ele sentir na pele os efeitos colaterais do que ele receita pros outros.
>
> Leo, eu vou te falar (...) a verdade: uma conversa que a gente tem com um portador de sofrimento mental, é melhor que uma conversa com um psicólogo, por causa daquela questão de... de... teoria e prática. Por que Leo? Um portador de sofrimento mental, ele vai te entender porque ele tá sentindo o mesmo sint., - ele pode num tá passando a mesma coisa que você, mas ele vai sentir, ele sente os mesmos efeitos colaterais... Pode comentar com ele sobre um remédio, ele sen., ele sabe como é que é, pode comentar com ele que você num tá legal, num tá bem, ele vai lembrar duma parte dele que ele num, que ele estava assim também... Tem uma troca de experiência vivida na pele, então é muito interessante isso. Eu não desprezo o seu diploma, mas também eu não posso descartar totalmente a minha teoria não, a minha prática não (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

A experiência de César, por sua vez, guarda algumas semelhanças com a de Eustáquio. Principalmente no que diz respeito à explicação que dá para o seu transtorno: trata-se de algo que precipita após uma série de difíceis vivências, as quais ele se sente desamparado, não tem como simbolizar, como dar uma resposta eficaz. A perda abrupta de vários parentes, entre pai e irmãos e tios, alguns de modo violento e inesperado, o desestabilizam. Difícil não desestabilizar qualquer um.

O que impressiona, e muito, na sua trajetória é o modo como ele dá conta de reorganizar-se. Quando perde a mãe, e tudo indicaria que mais um período bastante crítico se desenharia, algo diferente acontece, algo que o faz mudar radicalmente de vida (ver tópico 2.7). Difícil precisar o que possa ter disparado essa mudança, tão inesperada e exitosa. Mas, também, não é o ponto mais importante: devemos nos ater ao que o sujeito coloca de elementos-chave na sua experiência de si.

Primeiro, a dimensão do cuidado. Cuidado esse que não se dá na forma de uma prática sobre o corpo (por exemplo, centrado numa medicação), mas na atenção aos seus próprios

limites. Aqui, cuidado e conhecimento de si se misturam, se sobrepõem, um se projeta no outro. César busca conhecer a si mesmo incessantemente, definir suas fraquezas e também suas fronteiras, e a partir daí estabelecer seu cuidado: saber até onde consegue ir numa relação, quando precisa se segurar, quando é possível ir mais longe. Ele elabora e confidencia autoajudas, quer para si uma aplicação – aí sim no próprio corpo – daquilo que concebe como um conhecimento de si. É isso que viabiliza e torna eficiente o seu cuidado.

> Então foi onde que eu aprendi a lidar com meus limites, né, e com aquilo com meu bem. Porque outra coisa que a gente tem que procurar é lidar com seu bem. Tipo, é... eu sei que... eu tá aqui conversando é um bem.... tá legal, gostoso, mas a partir do momento que eu sentir: Ah... tá chato... Eu vou cortar! Entendeu? Então é uma coisa, é um conflito que de uma certa forma assim é difícil você dizer não, mas é uma coisa que a gente tem que aprender, e eu todo dia venho trabalhando comigo o "não". Porque "sim" é fácil, você dizer pras pessoas, mas o não é difícil. Então é um das coisas que eu venho trabalhando comigo (...)
>
> Tipo, eu me considero que eu tenho memória RAM, memória de trabalho, entendeu? Mas HD [*hard disk*, equipamento de computador que armazena dados] eu não tenho não, ali pra guardar não... Entendeu?
>
> Eu sei que eu tenho comigo um problema de saúde mental que eu me sensibilizo facilmente, tanto é... é... positiva como negativamente, entendeu? Então é uma coisa que eu procuro, é lidar comigo. Eu sei que nem todo mundo consegue lidar com esse tipo de coisa, que é o controle, o autocontrole, mas eu assim, de uma certa forma, eu percebo que até o meu auto controle é limitado. Entendeu? Então assim, eu consigo controlar esse meu autocontrole até um certo ponto, entendeu?
>
> Eu acho que isso depende de pessoa pra pessoa. Entendeu? Porque, saúde mental não é como se fosse uma produção de carros da FIAT. Entendeu? Não existe um padrão. Então eu acho que existe pessoas que têm limitações. Entendeu? (Entrevista 7 – CÉSAR)

Conhecer a si mesmo e a seus limites: este, o ponto central da experiência de si realizada por César. Igualmente, Paulo Reis procede a uma experiência parecida, na qual ordena o real a partir das suas limitações e possibilidades. Isso fica claro, por exemplo, quando fala da sua relação com o trabalho:

> (...) acho que eu tô num processo de encontrar meu espaço no mercado, né, ou seja... é... eu tenho que ir com calma porque não posso assumir uma coisa que depois não vá dá conta, né? Então eu vou aos poucos, experimentando aqui e ali, de trabalho e eu vou vendo as possibilidades, aquilo que é mais viável e que vai me trazendo mais realização profissional. Então é um processo de observar as coisas e experimentar, né? Pra saber que depois o quê que vai ser preponderante na minha vida profissional. É... e eu acho que pra mim assim, as coisas são muito incertas no futuro, mas é... é o que eu tenho no momento enquanto situação, de trabalho mesmo. (Entrevista 6 – PAULO REIS)

A sua experiência de transtorno mental, assim como toda a sua vida, é atravessada por um sentindo transcendental: a religiosidade de Paulo Reis o impele a uma prática ascética, ela

coloca a possibilidade e a necessidade de uma transmutação espiritual. Ele referencia a sua conduta cotidiana numa moral tradicionalmente cristã, na qual um determinado conjunto de crenças, valores e práticas precisa ser seguido, a fim de alcançar-se um objetivo espiritual.

> (...) e tive toda essa formação aí de (...) é religiosa, e doutrinal, que é... que norteou a minha vida nesse período todo, como uma semente foi lançada e que, e que eu acho que deu seus frutos, deu seus frutos e continua dando, né? E eu acho que foi o que me sustentou esse tempo todo, né? Na fé... Que eu tinha, que... e que não me abandonou, e que eu também não abandonei (...)
>
> Mas nossa família foi sempre muito bem estruturada no ponto de vista assim, de formação moral, também afetiva, emocional no sentido da, da manutenção, de valores assim, daquilo que a gente acredite, minha família toda era católica, né?
>
> E, e... meus pais são casados até hoje né? No civil e religioso... Então eu tive uma estrutura de criação, de formação onde a gente aprendeu a dar valor às coisas da vida enquanto direcionamento de respeito, de fidelidade a ideais e a conceitos de manutenção de uma estrutura familiar e de uma sociedade onde a gente vai colocando tudo aquilo que a gente aprendeu em família e também na igreja (...) (Entrevista 6 – PAULO REIS)

A sua conduta ascética implica também uma série de interdições, especialmente no campo da sexualidade. Um controle rigoroso da conduta sexual é levada a efeito, o que relaciona-se, provavelmente, a pelo menos duas questões: 1) a vivência traumática de algumas experiências na juventude; 2) a atenção ao modelo cristão de sexualidade, cujo comportamento sexual orienta-se pela monogamia, fidelidade, relações sexuais com o objetivo de procriação e que deve ocorrer sempre no interior do matrimônio. (FOUCAULT, 2006f)

> Essas experiências de participar, de sair pra noite, de me divertir, assim, às vezes, houve um excesso, uma desvirtuação de certas coisas... Por exemplo, no campo afetivo e aí assim, questão de, da experimentação, o jovem experimenta muitas novidades, ele, ele descobre muitas coisas. E eu acho que isso pra mim foi um pouco infeliz pra mim, o jeito que eu aprendi as coisas no campo afetivo, é poderia ter sido melhor, poderia ter sido diferente, eu poderia ter aprendido coisas mais saudáveis (...)
>
> Essa questão afetiva, né? Da experiência da sexualidade, por exemplo, questão de sair com mulheres, pra farra, pra... mesmo pra... mesmo pra satisfazer uma coisa que poderia ter sido encaminhado de outra forma, né? Ter sido uma outra experiência... Então justamente isso, assim, o sexo antes do casamento pra mim acho que foi muito doloroso, acho que não trouxe uma consequência que fosse... mais positiva... Serviu enquanto experiência, mas eu tive que transformar muita coisa que eu aprendi em, em disciplina e aí assim, é doloroso, uma coisa pela **prática errada** (...)
>
> Mas hoje, eu tenho muito mais condição de superar, assim... é... essas coisas que não foi fácil pra nenhum ser humano, mas assim, eu procuro enxergar de uma forma onde, pelo menos a igreja direciona, a questão do... é... da sexualidade bem vivida e bem orientada, né? E... e... isso é preservado assim, pra prática do casamento, né? Pra realização no casamento. (Entrevista 5 – PAULO REIS. Marcações minhas)

Questões sobrepostas, que se misturam. Uma noção de impureza do ato sexual se delineia aqui, tanto por uma narrativa moral, quanto por uma experiência real. Contudo, não se trata de julgar se essa conduta é boa ou ruim, certa ou errada: a questão aqui é constatar uma forma de se experimentar a si mesmo num mundo criado subjetivamente. E que funciona, isso é o mais importante: dentro do seu comportamento comedido, Paulo Reis consegue se situar no mundo de um modo que é bastante viável. Ele reconhece e aceita as suas limitações. Além disso, faz do seu estilo de vida cristão algo eminentemente ético, em que o cuidado de si ultrapassa a si mesmo para encontrar o cuidado com o outro. Ao falar do seu trabalho atual, no interior da rede substitutiva de saúde mental e na economia solidária, destaca:

> (...) buscarmos no trabalho, no dia-a-dia, em cada movimento, é, um sentido, uma formação pra que a gente possa atuar nos meios sociais de uma forma a dar uma contribuição que faça a diferença realmente, ou seja, que realmente conduza a sociedade a um lugar de inclusão, de igualitário, onde todos tenham oportunidade. Principalmente se a gente olhar pra fora, né? Não olhar só pra dentro da gente, das nossas dificuldades, né? Percebermos no outro, principalmente aqueles que mais necessitam, aquele que mais fica sujeito, vulnerável, às questões sociais, assim... e... na questão da exclusão. Então, é... eu acho que a gente tem uma grande contribuição a dar nesse sentido e cada gesto, cada palavra, cada atitude, cada coisa que a gente produz no dia-a-dia da gente deve estar carregado desse sentido de preocupação com o todo, principalmente, é debruçando sobre essas questões onde pessoas vivem muitas vezes destituídas de dignidade, né? Ás vezes a sociedade cria um sistema de vida... de... de dinâmicas sociais onde pessoas ficam à mercê de situações de precariedade. Então esse trabalho tem muito disso de responder pra esses processos (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Essa preocupação social e política de Paulo, desenvolvida no interior de uma conduta ascética, une num mesmo ponto um modo de promover transformação social e terapia para a alma. É o que Nietzsche considera como a forma mais radical e delicada de remediar os problemas de uma alma (cristã) culpada, que sente as dores do mundo:

> Um meio ainda mais eficiente para combater a depressão consiste em prescrever uma **pequena alegria** facilmente acessível e da qual se pode estabelecer uma regra: serve-se frequentemente desse remédio em ligação com aquela que acabamos de evocar. A forma mais usual sob a qual a alegria é ministrada como meio terapêutico é a alegria de **suscitar** alegria (fazer o bem, dar presentes, aliviar, ajudar, encorajar, consolar, elogiar, distinguir); ao prescrever o “amor ao próximo”, o sacerdote asceta prescreve o mais forte estimulante que diz sim à vida, mesmo se for com uma dose mais prudente - a **vontade de poder**. (NIETZSCHE, 2009 [1887], p. 149, afor. 18. Marcações do autor)

Ponto fundamental ainda na experiência de sofrimento mental de Paulo é o reconhecimento da importância da medicação para a condução da sua vida. Esta é certamente uma constatação óbvia (do ponto de vista clínico), mas que dispara outro sentido (nem tão

óbvio assim). Não basta o sujeito **aceitar** a medicação, legitimar o seu uso, ele precisa **implicar-se ativamente** nele, dá o seu ser a conhecer por meio do remédio, avaliar-se, definir os seus próprios parâmetros de uso, conhecer os efeitos, prescritos e colaterais, e determinar quais são aceitáveis, quais são passíveis de serem contornados e quais são insuperáveis, enfim, estabelecer um conjunto de práticas e usos que estimulem a união do cuidado com o conhecimento de si.

> Às vezes eu ia pra escola e voltava e ficava andando pela cidade (riso), circulando, às vezes eu me perdia, ficava pedindo informação pra eu voltar pra casa e aí assim, né? E a questão da medicação é justamente por isso, né? Acho que não tendo a medicação eu ficava pior, né? Porque aí o quadro não estabilizava, estabilização... (...) Depois eu comecei a tomar consciência de que tinha que buscar um tratamento contínuo e de que não podia ficar sem o remédio, né?
>
> Aí eu fui consultar com um psiquiatra. Aí ele começou a receitar medicação, comecei a fazer o tratamento e o, mas médico que ele me levou inicialmente, ele era médico, e... e... ele era médico psiquiatra e era também espírita. Ele tinha também uma, uma, uma... como se diz, uma doutrinação espiritualista, né? Da religião do espiritismo. E ele começou a... a... a me falar de certas coisas... e aí a minha mãe começou a... talvez por indicação dele mesmo, a me levar em centro espírita pra poder é... talvez... direcionar essa questão do sofrimento mental pra alguma coisa dos espíritos. E aí tinha seção de passes, tinha a... que eles falam no espiritismo... Tinha medicação também que era natural, essas coisas. Mas assim, foram várias experiências, né? Minha mãe me levou na Igreja Evangélica, né? [riso] E... e também outras questões, até no centro mesmo... de terreiro... [riso] pra poder estar solucionando... e eu sempre relutando, né? Nunca gostava desse tipo de envolvimento, mas aí depois a gente superou isso (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Eustáquio, César, Paulo: suas experiências de si, no campo da saúde mental, conseguem aliar **cuidado** e **conhecimento de si**, sentidos especialmente na atenção ao corpo e à medicação (como disse, de forma implicada), e na construção de narrativas que conferem sentido e conforto existencial. Além disso, sentem subjetivamente o mundo que criam de forma tal que nem tudo está tomado ou petrificado, sempre é possível produzir novas experiências, escapar por linhas de fuga, fazer vazar algum sentimento, alguma ação, criar novos arranjos de forças... Sem um desses aspectos a experiência de si fica prejudicada. É o que se vê nas outras experiências apresentadas aqui: a falta de um cuidado mais rigoroso, ou da busca de um conhecimento de si tornam a experiência do sofrimento mental mais difícil, embargada. Dir-se-ia mesmo que ela falha, é incapaz de ser atravessada pelo sujeito de modo satisfatório. O que lhe falta, nesse sentido, é principalmente a dimensão da implicação – consigo mesmo (a partir do cuidado), ou com o mundo (a partir do conhecimento). O que as experiências de Paulo, Eustáquio e César trazem de mais viável e sustentável, parece-me, é precisamente essa fusão do cuidado com o conhecimento, alinhavados pela implicação.

8.2 A loucura na rede: novos desdobramentos para velhas histórias

Uma coisa chama a atenção no discurso de alguns sujeitos entrevistados: nem todos são taxativos e definitivos quanto a uma recusa ao modelo hospitalocêntrico de tratamento. Alguns percebem o manicômio com um olhar ambíguo e relativizador: nem tão bom que mereça ser expandido, nem tão ruim que precise ser fechado. E o interessante é que essas falas vêm de sujeitos que tiveram experiências de internação em hospitais psiquiátricos. Ou seja, partem de um lugar de certa forma autorizado, bem diferente de uma crítica desvinculada.

> Fiquei duas semanas no Galba Veloso. Fui super bem tratado... Dessa vez, um dos meus médicos, que era alguma coisa lá dentro, além de médico, não sei ao certo o que era, faziam muitas reuniões com ele. Ele virou pra mim e falou assim: "Eustáquio, quê que você veio fazer aqui?" Nós andando no corredor. Eu: "Não sei doutor... Às vezes eu acho que Deus quer que eu, num sei, que eu aprenda um pouquinho de humildade..." Aí ele sorriu. Certa vez, faltando dois dias pra eu sair de lá, eu num sabia que eu ia sair de lá, ele virou pra mim e falou assim: "Eustáquio, você num pode ficar mais dois minutos, mais dois dias aqui". Eu falei: "Por que, doutor?" "Porque senão você toma o meu lugar..." . Pro'cê vê a amizade e o vínculo, a comparação de um para com o outro hospital psiquiátrico. (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

> Num é, num tô jogando pedra não. Não... vou falar que o Galba Veloso, que o Raul, todos têm a sua serventia, todos têm o seu, a sua função social. (...) é meio difícil falar da função social de um hospital psiquiátrico, porque... é um conflito de ideias. Porque, lá no CERSAM que era ótimo, que era maravilhoso, que era bacana, eu num discuti tanto com o médico ao ponto, de nós dois juntos resol..., ver o melhor caminho do meu tratamento? Então lá no CERSAM também teve... teve conflito, teve discussões também, teve, teve dia que eu cheguei lá rindo, cantando, brincando, teve dia que eu cheguei lá brigando... batendo, apanhando (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

> A última vez que eu fui internada é que **eu pedi pra me internar** (...) É, mas agora aquelas safadas daquelas funcionárias que trabalhavam lá não tão mais... no... no... no... se tá mudou de... Elas mudou, tá bão! A última vez que eu fui lá, lá tá ótimo, o Raul Soares. E... e... e... E agora também é assim, se suja, eles limpa lá e a gente também limpa, põe o povo pra limpar lá, pra trabalhar (...) (Entrevista 1 – GRAÇA. Grifo meu)

Mas precisamos depurar melhor essas defesas e acusações, ver de onde são pronunciadas essas frases. No caso de Eustáquio, chama a atenção primeiramente a sua queixa quanto ao médico de um CERSAM, com quem precisou discutir o tratamento. **Discutir o tratamento**: ora, esta não é exatamente uma das maiores conquistas da Reforma Psiquiátrica? Poder estabelecer uma relação dialógica e horizontal entre médico e paciente, interrogar a relação de poder que se travava entre os dois, cujos efeitos geralmente eram piores para o paciente? Ou, posto de outro modo: será que ele poderia discutir o tratamento com o médico psiquiatra de um manicômio?

É que essa questão da dificuldade na condução do tratamento e acolhimento do sofrimento mental continua sendo um ponto controverso, dado a uma série de distorções. Se, na perspectiva hospitalocêntrica, a clínica parece se orientar pela institucionalização de mecanismos e critérios, que precisam ser claros, objetivos e, não de outro modo, **burocratizados na relação com a loucura**[75], devendo os médicos e técnicos responder a uma demanda de forma procedimental[76], o mesmo não acontece no caso dos equipamentos substitutivos. Nos serviços de caráter antimanicomial, a orientação vai não no sentido de uma lógica procedimental e burocratizada, mas num relacionamento com a loucura pautado pela pluralidade do ser, que é sempre devir. Todo sujeito é, por definição, algo em aberto, dado às mais distintas possibilidades. E isso se manifesta no cotidiano da clínica antimanicomial, a partir do momento em que o sujeito acometido de algum transtorno mental é convocado a responder pelo seu tratamento de forma ativa. O cidadão em sofrimento mental é estimulado a rever o próprio lugar que ocupa na relação médico-paciente – que, no caso da rede substitutiva, não é uma relação a dois, mas a muitos: médico, paciente, enfermeiro, técnicos administrativos, porteiro, faxineira, outros cidadãos em situação de sofrimento... Todo mundo pode – e deve! – ajudar a acolher o sujeito em crise, todo mundo participa do tratamento em algum momento, seja com uma palavra amiga, com a troca de experiência vivida, compartilhando um relato sobre o sujeito em crise, aplicando uma injeção ou prescrevendo uma medicação. Contudo, adotar essa nova postura muitas vezes não é simples, todos os atores envolvidos nessa relação precisam aprender a fazê-lo, precisam expurgar o **manicômio mental** que carregam dentro de si (PELBART, 1990)

Outra questão sobre a fala de Eustáquio: ela é ambivalente, ora ele defende o sistema substitutivo – sem deixar de pontuar suas limitações – ora relativiza o hospital psiquiátrico – mas também não deixa de acusá-lo. Essa divisão se dá certamente como resultado das suas vivências em ambos os sistemas de tratamento: algumas comparações que faz entre um e outro manicômio (o que o faz perceber pelo menos um deles como não sendo tão ruim), e também algumas experiências difíceis na rede substitutiva. Tudo se mistura. Contudo, se observarmos atentamente o seu discurso, fica claro que as experiências "positivas" no modelo

[75] Essa ideia de que o tratamento tradicional é burocratizado parte de um entendimento conceitual mais amplo da burocracia, sem atribuir-lhe uma conotação em si mesma pejorativa. Refere-se mais precisamente a uma forma de linguagem, na qual a impessoalidade, o formalismo, a eficiência e a norma são colocadas como pressupostos básicos. Nesse sentido, o manicômio poderia ser entendido como uma organização burocrática (conforme MOTTA; PEREIRA, 1980).

[76] Com isso não quero dizer que não existam bons profissionais nessas instituições, alguns inclusive tentando alguma forma de escuta e relação aberta com o louco. No entanto, esses profissionais precisam se sujeitar a uma instituição burocrática que funciona de outra forma, o que, invariavelmente, impacta na qualidade e no resultado do trabalho desses profissionais.

hospitalocêntrico referem-se unicamente a um tratamento respeitoso – o que, por si só, não justifica a sua manutenção – e a uma condição estrutural melhor que a da rede substitutiva – o que, por sua vez, não coloca em xeque a proposta da Reforma Psiquiátrica, pelo contrário, apenas sinaliza a necessidade de ampliá-la. Não foi o caso, em nenhum momento, de defender a lógica e os princípios que suportam o tratamento hospitalizado, ou fazê-los derivar para dentro da rede substitutiva. Nesse sentido, Eustáquio localiza bem as diferenças entre um e outro modelo.

> Eu pra mim consultar lá [no CERSAM], **pra mim esperar um almoço, pra mim que ficava lá o dia inteiro, era uma luta!** "Não, você pode ir pra casa, pra poder almoçar...". Entendeu? Era uma luta, ainda mais quando esperando consulta, ainda mais quando tava em permanência-dia. CERSAM também num é essa mil maravilha que você tá pensando não (...)
>
> Tanto faz [ser internado num CERSAM ou no Galba Veloso]. Apesar de que no CERSAM eu vou e volto de ônibus. No Galba eu fico recluso. Ei comecei o diálogo falando: ninguém gosta que, que limite, o seu espaço. (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO. Marcações minhas)

Do mesmo modo, a fala de Graça aponta tão somente uma defasagem estrutural na rede substitutiva, cuja precariedade de recursos ainda é grande. Ou seja, uma vez mais não é o tratamento que está em questão, mas a funcionalidade dos serviços, suas faltas em termos de recursos materiais.

> (...) o Centro de Convivência, o Artur Bispo, quando era no Raul Soares tinha tudo; tinha almoço, tinha janta, tinha café da manhã, café com leite, pão (...)
>
> Era perto, mas eu ficava olhando, as pessoas Leo, olha bem, as pessoas, isso tem que ser levantado, gente! A pessoa que vai, tem pessoa que fica o dia inteiro [nos Centros de Convivência], tomando café, então... fazer um chá ralo lá e dar... Pão... O pão ia pra eles... Esses remédios é forte demais (...)
>
> Agora a saúde mental, eu falo com eles: faz um hospital, porque eu vi coisa boa na saúde mental, tem médico, tem tudo, agora eu não vejo esse diabo desse capeta desse CERSAM... O... ô Leo, Pampulha é bom. Eu consulto lá no CERSAM Pampulha. Mas ele não me internam. Não tem dentista, não tem clínico! Raul Soares pelo menos tem dentista! Vou ver se eu me interno lá pra mim arrancar esses dentes. E eu tenho, por causa da prótese (...) (Entrevista 1 – GRAÇA)

Falta de comida ou serviços médicos: esses, os principais problemas levantados com os serviços substitutivos, os quais o hospital psiquiátrico acaba por responder. Em outras palavras: trata-se de um problema não de saúde mental, mas de precariedade sócioeconômica. Essa situação vai de encontro ao que apontaram Machado, Manço e Santos (2005) quando estudaram por que alguns internos de manicômios recusam a desospitalização:

> Em primeiro lugar, o hospital, na perspectiva dos pacientes, é entendido como lugar que garante uma proteção. Essa proteção é apreendida de diversas formas e se traduz nas condições físicas que oferece aos pacientes, assegurando o acesso à alimentação, abrigo e vestimentas. Também revela a assistência médica proporcionada para os pacientes 24 horas por dia, com direito à medicação, exames e tratamentos clínicos e psiquiátricos. O hospital ainda funciona como uma forma de proteção subjetiva para os pacientes. (MACHADO; MANÇO; SANTOS, 2005, p. 1478)

Para além desse problema estrutural no interior dos serviços substitutivos, é preciso ressaltar como essa rede contribui, de um modo bastante concreto, para a criação de novos processos de subjetivação e subjetividades. Ou seja, como, a partir de uma série de práticas cotidianas (que são práticas políticas), o sujeito encontra espaços nos quais a criação de novas formas de se fazer a experiência de si e do mundo lhe são facilitadas. Em outras palavras, no interior dessa rede substitutiva o sujeito consegue encontrar novos meios de se analisar, de se decifrar, não no sentido de encontrar uma suposta verdade (ou normalidade), mas de modo a refazer o seu relacionamento com o mundo e consigo mesmo, impondo e aceitando a sua diferença.

Isso me parece bastante evidente na trajetória de todos os sujeitos deste trabalho. Para efeitos didáticos, podemos decompor a vida de cada um em pelo menos três momentos: 1) a vida antes do transtorno mental grave; 2) as primeiras experiências de transtorno, os primeiros tratamentos e cuidados; e 3) o encontro com a rede substitutiva.

Corte precário, mesmo não sendo uma marcação muito precisa, nos ajuda a analisar o papel que a rede tem (e teve) na vida de cada uma dessas pessoas. Vejamos:

A trajetória de vida de todos os sujeitos da pesquisa, **antes da vivência dos transtornos**, guardam entre si algumas semelhanças. Em primeiro lugar, são todas trajetórias de vida marcadas por dificuldades materiais e financeiras. Não é que esses problemas sejam a causa do sofrimento vivenciado, mas eles são formas de assujeitamento, obrigam o sujeito a dar uma resposta muito concreta e rápida a uma opressão, e isso ajuda a compor um determinado quadro – são vetores que aplicam forças num campo social, com distintas intensidades. (DELEUZE, 1996) Nesse sentido, é interessante observar que em todas as histórias o **trabalho** aparece como a resposta mais óbvia e imediata: trabalho sempre precarizado, com baixas remunerações e prestígio social, e que começou cedo na vida, ainda na juventude (ou até antes, como é o caso de Graça, César e Clarismundo, para quem o trabalho iniciou-se ainda na infância).

Segundo, foi certamente um período de confusão existencial para todos. Sentir-se sozinho ou perdido, não saber o que fazer e, principalmente, não saber analisar e pensar sobre si mesmo são características muito fortes desse momento. Várias questões vão se misturando

à medida que se seguia vivendo, sem encontrar respostas satisfatórias: questões relativas à infância, ao trabalho, à família, à necessidade de crescer e descobrir o próprio corpo. Tudo isso também configura todo um contexto em que o sofrimento parece irromper como uma tentativa de saída para essas questões.

As primeiras crises trazem consigo o imperativo do tratamento, do cuidado de si, de ter que se pensar o próprio corpo e a mente, de colocar-se como objeto de aplicação de uma série de tratamentos. Para aqueles que passam por internações em hospitais psiquiátricos (Graça, Eustáquio, Paulo), o processo de assujeitamento, já vivenciado de modo difícil na fase anterior, são continuadas e até mesmo agravadas, porque encontram um prolongamento na lógica manicomial (lógica de exclusão). Quanto aos outros, a ausência de cuidados específicos que estimulassem a reconstrução subjetiva se encarrega de tornar a vivência da crise algo mais sofrido que o necessário.

Quando, enfim, dirigem o tratamento de saúde mental para a rede substitutiva, novas possibilidades de existência se abrem. O que é mais interessante é que depois de passarem por algum dos serviços substitutivos essas pessoas conseguem operar algum tipo de deslocamento. Em todos os casos parece se dar uma inflexão nas trajetórias de vida, cada sujeito encontra outras formas de conectar-se com o mundo, realizam uma profunda mudança de percurso... Criam para si mesmas novas situações, experimentam a vida de outra forma. É evidente que a dimensão do sofrimento mental continua presente, vez ou outra uma crise acontece, dificuldades em lidar com várias situações da vida cotidiana permanecem... Mas o fato é que algo se modifica nessas vivências, algo se modifica no trato com o mundo, algo que é da maior importância, e que possibilita, **em todos os casos observados**, uma revolução de si. Uma profunda transformação ocorre na vida de cada uma dessas pessoas.

- *Paulo Reis*: de estudante do CEFET a um dos maiores protagonistas da Reforma Psiquiátrica em Minas Gerais;
- *Clarismundo*: de catador de latinha e alcoólatra à Coordenador Geral da maior experiência de trabalho solidário em saúde mental do Brasil, com reconhecimento internacional;
- *Cleiton*: de garoto visto como incapaz pela sociedade à sujeito trabalhador, que agora sonha;
- *Graça e Eustáquio*: de oprimidos em contextos de trabalho precarizados à cozinheiros empreendedores;

- *Beth*: das brigas incessantes com a família e a agressividade como linguagem ao aprendizado de novas formas de ser e estar no mundo, o retorno à vida produtiva e a redescoberta da sua sexualidade;
- *César*: da apatia e instabilidade social ao retorno ao mercado de trabalho, e a construção da sua própria autonomia.

Estranhas semelhanças. Pois que não acredito em coincidências, algum processo por trás desses sujeitos se desenrolou, alguma coisa que possibilitou e catalisou esse entorse na vida de cada um. Reducionismo até, colocar nesses termos, a inclusão produtiva como elemento de destaque. Essa transformação de si vai muito além, não se trata apenas de uma recolocação no mundo do trabalho ou algo semelhante. Isso, em verdade, é o resultado de algo que acontece antes, que é o modo como essas pessoas refazem a experiência de si: criam novas formas de se relacionar consigo mesmas (cuidados com a mente e corpo, busca de conhecimentos sobre si) e recriam o próprio mundo (repensar a inserção na família, no trabalho, na educação, na cultura e na política). Se vários problemas ainda se colocam na vida dessas pessoas, em alguns casos visivelmente ligados à dificuldade em lidar com o sofrimento mental, o que é fundamental é o modo como esses problemas passam a ser colocados em relevo, tanto pela própria pessoa, como pelas estruturas – que tentam acolher, e não sujeitar.

> (...) **eu acho que mudou totalmente, né? Os rumos que eu tinha, os planos que eu tinha, os projetos... E assim, foi me possibilitando avaliar, fazer avaliações daquilo que eu tinha vivido, do que eu já tinha feito, daquilo que eu fiz, colocando mesmo em questão tudo aquilo que eu tava vivenciando ali naquele momento, então esse momento de angustia, de culpa, né?** De crise, assim que eram assim bem marcantes e bem sofridos, né, eu comecei a perceber, e avaliar a vida enquanto oportunidade de crescimento mesmo, de possibilidade de aprendizado, de poder estar revendo aquilo que eu, em que eu acreditava, que eu tinha enquanto propósito, projeto de vida mesmo, e aí assim, eu passei a valorizar mais as coisas mais simples, mais né, mais assim, que estão a nossa volta... E a gente passa a refletir o quanto é importante os pequenos gestos, as pequenas é... as pequenas doses de atenção, de cuidado, que a gente tinha ou que a gente tem ao redor da gente que muitas vezes a gente passa por cima disso e não vê. E aí num momento de sofrimento, ou de dificuldade, a gente passa a dar valor a isso, sabe? Isso que a gente não percebe, não suporte ao dia a dia da gente, pra fazer assim, uma, um caminho diferente, um caminho de uma outra busca, né? Com outros valores assim, com uma outra visão de mundo... São processos que a gente passa e que, que, que tem que vivenciar a às vezes é sofrido, mas assim, é o processo de crescimento que eu creio que vai amadurecendo nosso jeito de ser (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS. Grifo meu)

8.3 Experiências de trabalho

No decurso do tempo e das histórias, tanto quanto as vivências, os sentidos se transformam. Negociações. Buscam-se novos, abandonam-se os velhos, as novas rotinas às vezes insistem em deixar transparecer os velhos hábitos, velhos problemas: sentidos voláteis? De uma fugacidade quase irritante.

Trabalho-dispositivo é assim: a impermanência. Os significados são prova disso. Querer até que se quer alguma estabilidade de sentidos, resguardos no tempo e no espírito que todos nós vez-ou-sempre recorremos. Certos amparos nunca cessamos de buscar. O problema é que eles nunca vêm por completo, nessa existência-mundo-devir desastrada, o desastre na ponta da língua pra justificar o que seria preciso, nietzscheanamente, recompormos na forma de alegria.

Alegre cá estamos nós, viventes de uma vida indefinida, largada no limiar da dor e do esquecimento, do riso e da graça! Tudo se mistura, tudo devém. O que se pode fazer então é tão somente filtrar alguns desses intermináveis ingredientes, dar notícias parciais esquecidas no tempo. Não se explica nada, apenas tirar a poeira de olhares viciados e viciosos sobre o cotidiano para em seguida perguntar: o que achou desse polimento?

***

Graça trabalha. Sempre trabalhou. Tem a vida atravessada pelo trabalho. A labuta em casa de família, na noite belorizontina, em restaurantes, lanchonetes, condomínios. As suas experiências se estendem do público ao privado, do trabalho autônomo para o subordinado, apesar de todos carregarem de certa forma a marca da exclusão: trabalhos mal remunerados e socialmente desvalorizados. A trajetória mais recente coloca novos matizes para o trabalho: a vivência de uma experiência pautada por valores solidários e democráticos, a tentativa de afastar algumas das características que tornam o trabalho demasiado estafante, alienante e doloroso. Construções que ajudam, mas não resolvem em definitivo os problemas de uma vivência difícil no trabalho: o devir e a história também providenciam os seus retornos.

Mas o que chama a atenção primeiro é a falta de uma vontade de saber sobre o trabalho. No caso de Graça, diferentemente do que faz com as experiências de transtorno mental, as quais vai até o **outro mundo** para buscar uma explicação, o trabalho não é objeto de um cuidado, de uma vontade de saber: ele é apenas vivido, naturalmente. Quando

perguntada sobre o que o trabalho representa na sua vida, a resposta é quase pueril: **“Eu acho que... o... cê sabe que eu nunca pensei isso? Me perdoa...** [ri muito]”. (Entrevista 1 – GRAÇA)

Não que inexistam momentos de reflexão, de planejamento do trabalho. Certamente eles estão presentes, perfazendo um conjunto de proposições, análises, julgamentos, avaliações, controles. O que não existe, de forma sistemática, é algum exercício de atribuir sentidos mais amplos ao trabalho, concatená-lo à própria vida, fazê-lo dizer algo que é da ordem da própria existência – tal qual ela o faz com as experiências de loucura. O exame do trabalho, na vida da Graça, se dá apenas com vistas ao seu interior.

> Eu falei assim: Senhor, eu também não tenho sido fácil naquela cozinha [pausa]. Eu fico muito nervosa, eu quero que o povo tenha o meu ritmo. E eles não têm. Eles não têm meu raciocínio, eles não têm o meu ritmo, eles não têm a visão que eu tenho. (...)
>
> Igual tava, é... tava péssimo. Tava péssimo... muito trabalho, servi., dinheiro não entrava uma fofocaiada danada e uma brigaiada danada e ocê trabalhando mais que todo mundo e carregando muito peso e eu quebrei toda ainda vai no dia os outro fala que vem trabalhar e ocê e fala pra cê vim pra fazer companhia cê vem eles não vem a Denise não veio me largou foi aí no serviço uns panelão pra ariar sendo que eu já tinha trabalhado igual uma louca, não. (Entrevista 1 – GRAÇA)

Naturalmente, os sentidos transparecem nas falas, se deixam ver nas entrelinhas, atravessam o tempo e se repetem na história da entrevistada. No caso de Graça, o trabalho parece vir associado a uma moral familiar, naquilo que corresponde a um modo de conduta e um conjunto de regras, cujos valores mais fortes são a lealdade, o companheirismo, a honestidade, o carinho, a integridade... A qualidade do trabalho é julgada de acordo com valores familiares: bom é o trabalho que acolhe, que inscreve uma relação pessoal; ruim, o que é impessoal, deveras formal. Quando perguntada sobre qual o trabalho lhe guarda mais lembranças positivas, responde:

> Olha, de trabalho, de minha vida toda... de trabalho... Foi... o da Família Mandioquinha e da família Cenourinha que é a Dona Durvalina. Que... e ela sabia quem eu era... E ela falava com a filha: “Maria, não era procê estar aqui! Não era pra Maria estar aqui!” E eu não entendia, e nós conversavamos muito. Dona Durvalina, a mulher foi... me ajudou, e continuou me ajudando, antes de falecer. (Entrevista 1 – GRAÇA)

Ou ainda, nas experiências atuais de trabalho – um trabalho não por acaso solidário, nos processos e nos produtos:

> Lá a feijoada que teve lá no Fórum Mineiro de Saúde Mental. Tava... foi o grupo todo, então fez uma feijoada lá no... eu gostei. Eu amei! É, essa feijoada! (...) Foi o

> pessoal do serviço todo, foram usuários, foram, foi muita gente. Feijoada pra muita gente. Mas ficou muito boa, muito organizada. Tanto é que eu arrumei marmitex pra quase todo mundo do serviço, levou marmitex (...) **eu gostei porque eu via as pessoas bem.**
>
> (...) **o serviço que eu ganhei bem, e não fiquei satisfeita** foi o do Fórum Mineiro de Economia Solidária. Foi muita gente, e a comida, muita falação, muita confusão e muita comida ruim (...) o Fórum cumpriu tudo certinho! Eles nos pagaram, as alimentação... (...) Não gostei porque, inclusive eu queria falar com a Fernanda, falei, olha, ela que levou as donas que diz que coisa, a outra entrou no meio... Ela agiu certo. A Fernanda. Fernanda gostou foi de mim. Até queria que eu fosse pra associação dela. Porque comida, gente, tudo, depois, depois da, da, da, da comida que, acabou os quatro dias, achou balde deste tamanho! Eu fui lá (...) cascar alho porque eu falei: é muito alho, é tempero... E sumiu, não apareceu nada! Assim que começava a temperar, depois todo mundo punha a mão. Eram 350 marmitas de manhã, no almoço (...) Era vinte pessoas, só foi dez. Mas dez pessoas dá pra fazer muita comida. É muita gente até. Eu trabalho com o mínimo de gente, trabalho bem, sai tudo certo. Aí, ele... a dona... elas arrumaram lá, a Andréia, a coisa... Eu sei que... eu acho que com o frango é o dia que a comida foi melhor... Os arroz, eles querendo por as mercadoria mais ruim pra sobrar as melhor pra levar pra casa... (...) Eu... eu fui lá na feira... Teve gente que reclamou porque a comida, a comida... é... feita pra marmitex, às vezes a pessoa vai comer fria, **a comida tem que ser uma comida muito, não é comida tão especial, é uma comida feita com mais carinho**. Não pode por gordura que talha... (...) Acho que o povo muito preocupou com a questão de... ó, salada em saquinho foi... saladinha a gente serve em vasilinha quando vai servir a parte. Agora, saquinho de plástico... ô gente... eu fui mesmo só pra trabalhar (...) (Entrevista 1 – GRAÇA. Marcações minhas)

Assim, parece-me que os sentidos atribuídos ao trabalho pela Graça são sentidos que demarcam um espaço de socialização cuja lógica é a da casa, do privado – sentidos que denotam uma moral familiar, de cuidado e acolhimento (mais que eficiência e qualidade total). Ou seja, são valores situados principalmente no campo dos afetos (respeito, honestidade, carinho, lealdade, integridade), mais do que no campo da impessoalidade (formalismo, profissionalismo e impessoalidade; racionalismo econômico, habilidade em negociar, desconfiança quanto a inadimplência, proezas de convencimento...).

Talvez não fosse demasiado incoerente relacionar esses sentidos com certo transbordamento, aquilo que não encontra estabilidade no âmbito da família se deslocando para o trabalho. Mais que uma crítica ao modo de produção capitalista, em todos os seus arranjos e valores, o que Graça parece buscar no trabalho solidário é menos uma alternativa e mais um novo espaço onde possa depositar alguns sentidos ainda sem lugar. Como vimos, a sua trajetória de vida sempre foi marcada por dificuldades materiais e imateriais, muitas delas nas vivências familiares: o trabalho na infância, a relação ambígua com a mãe, o respeito ao pai, a gravidez precoce, a rejeição dos filhos... Tudo isso dá a entender que existem uma série de significados ainda “frouxos” no que diz respeito ao papel da família, às condutas e à moral familiar. O que é ser mãe? De outro lado, o que é ser filha? O que esperar de uma mãe? E de uma filha? Como operar essa passagem, deslizar de um lugar a outro, quando ainda não se

aprendeu a simbolizar sequer o primeiro? O que constitui, em termos de valores, uma família? Todas essas, perguntas ainda em aberto na vida da Graça, cujas respostas ela não consegue formular de modo viável. E, **talvez**, ela busque respondê-las num outro espaço social: acolher essas demandas sob a rubrica do trabalho solidário.

***

Para Eustáquio, o trabalho é um saber que deflagra a existência. É, por isso, fundamental. Sua vida sempre foi atravessada pelo trabalho, e ele significa isso de modo bastante preciso. Trabalhar é um modo de viabilizar a vida, em vários aspectos: material, social, afetivo. Tem um forte sentido ligado à visibilidade social: ser reconhecido como sujeito útil, cidadão que produz, integrado na sociedade; possibilita alimentar e morar; e, além disso, ainda organiza a sua rotina.

> É duro Leo, pra uma pessoa que começou a trabalhar cedo, igual eu falei... Passou da juventude, mocidade, depois na adolescência, se sentir inútil, improdutivo... E por que não, até incapaz... Mesmo que seja momentaneamente, mas incapaz (...) é... se sentir, a gente se sentir inú., improdutivo, num vou falar inútil não que é muito pesado, mas improdutivo... num é legal. Entendeu, num é bacana... Ainda mais num país capitalista onde é que a gente tá vivendo... Onde é que as pessoas olham pra gente e vê a gente pelo status, pelo poder que nós temos... Apesar que eu nunca desejei ser rico não, apenas ter o suficiente pra passar o mês, e deitar na cama e num perder noite de sono pensando se eu tô devendo alguém (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Mas não apenas isso. É interessante como Eustáquio relaciona a sua saúde mental com as vivências de trabalho. Não no sentido de explicar uma pela outra, mas de articulá-las numa experiência que reintroduz a questão do conhecimento e do cuidado de si.

> Então o trabalho é primordial na minha vida... Você imagina Leo, você prostrado em cima duma cama, sob efeito colateral de remédio, seu corpo não corresponde a seus impulsos, a sua cabeça tá a mil por hora, e você pensa assim: você vê um avião passando, você vê um barulho duma construção civil, você vê um ônibus passando, você pensa: "Pô, todo mundo tá trabalhando, todo mundo tá produzindo, e eu tô aqui..." Que cabeça que a gente fica? Por isso que muita gente que perde o emprego, principalmente tem muitos anos de casa, entra em depressão... Uma por pensar assim: "Eu trabalho há tantos anos nessa empresa e não sô reconhecido, ao ponto de ser demitido...", outra por pensar assim: "Quê que eu vou fazer agora"... sem falar na questão também socioeconômica: "Como é que eu vou pagar minhas conta?" Tudo isso pesa um pouco. (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

As dificuldades econômicas certamente respondem por grande parte da importância que ele atribui ao trabalho. Tanto é assim que todo o seu discurso se organiza pelas

experiências de trabalho: as distintas épocas e situações vividas, as lembranças positivas e as negativas, tudo de alguma forma parece remeter colateralmente à vida produtiva. A infância fez-se no trabalho, a adolescência e a vida adulta, também. Trabalhar sempre foi uma necessidade e, assim, passou a ser também o filtro moral pelo qual interpreta o mundo:

> **A época muito boa [na sua vida em geral] foi na época da ASSPROM**... Começou a trabalhar, primeiro emprego, tudo e tal, aquela expectativa, aí eu vou fazer curso de computação, vou fazer curso de inglês (...) Um dos maiores presentes que a minha tia me deu, foi me escrever na ASSPROM. Trabalhei como office-boy pela ASSPROM, na Secretaria de Saúde, Afonso Pena com Rio Grande do Norte, e aqui na antiga Telemig, hoje é a PUC. Trabalhei ali também. Saí por causa do exército. E perdi um empregão, na própria Telemig, de auxiliar administrativo, por causa do exército. Eu fiquei tão chateado na época que até chorei.
>
> Certa vez eu tava saindo com a minha mãe pra ir tirar uma foto com ela aí um rapaz magrinho mesmo, raquítico, virou pra nós, virou pra ela e falou assim: "Ô dona, me dá um dinheiro pra eu comprar um lanche?" "Eu num tenho, meu filho..." Ele virou pra mim eu falei: "Eu num tenho não". Aí ele foi e saiu. Aí ela virou e falou: "Coitado, dá uma dó...". Eu falei: "Dá dó, mãe? Manda ele capinar um lote procê vê, se ele quer... **Manda ele lavar carro e vender doce, e catar latinha igual o Eustáquio fez há onze anos, aos onze anos**, pra ver se ele quer? Então como é que vai ter dó? Você pode até ajudar e tudo, de vez enquando... Mas ter dó? Não..."
>
> Eu num sei por que que a gente cresce... Deveria ficar "pituzinho" o resto da vida... Cresce é aluguel, é água, luz, é patrão num dando... valor (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO. Marcações minhas)

Nas suas vivências de trabalho, ao mesmo tempo em que espera retirar o seu sustento, a sua dignidade e o seu valor moral, também reclama atenção e valorização pelo que faz: quer reconhecimento dos seus pares, no interior do ambiente de trabalho. Na sua experiência de trabalho formal mais marcante, numa empresa que produz alimentos congelados, essa queixa é o que mais sobressai:

> Certa vez eu virei pra minha, pra dona da empresa: "Ô Serafina, tem três anos que eu tô trabalhando aqui e tudo" – logo perto deu ficar doente – "Se você pudesse fazer o favor de assinar a minha carteira como forneiro, pra mim ter uma profissão. Num precisa ser nem Forneito III não" – que é chefe de forno – "Forneiro...". [insinuando a resposta da Serafina]: "Ô Eustáquio, num pode, tá difícil... É complicado, as vendas tão poucas...". E ela trocando de carro o ano, todo ano. **Foi uma das coisas que também me sentiu muito**. Aí uma certa vez ela queria até me demitir, que eu virei e falei assim, eu fiquei fazendo mistério de todo jeito, foram me falar dois dias antes das minhas férias, porque não me falaram há dez dias, no começo do mês e tal, que havia possibilidade. Eu tava com passagem comprada pra viajar! Num dá. "Ah é porque, lamento, fica sem dinheiro mesmo no final do mês e tal, se quiser vende suas férias...". Aí eu virei pra ela e falei assim: "**Mas e aquele negócio que a gente conversou aquela vez, da minha... da minha profissão na carteira?**" "Não, isso aí é outra coisa Eustáquio, eu tô falando das férias". Aí eu virei e falei assim: "É... Quando é o Eust., quando é o Coliseu que tá precisando do Eustáquio, tá bom. Mas eu fico com medo é quando o Eustáquio precisar do Coliseu...". Falei com a dona da empresa. Ela quase queria me mandar embora! (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Essa experiência de trabalho parece ser um grande marco na história de vida de Eustáquio. Ele a menciona mais que qualquer outra vivência produtiva. E dois aspectos parecem importantes aqui: primeiro, ele localiza no descaso da empresa e na demissão dois dos fatores que agravam a sua condição de saúde, o que posteriormente culmina com a experiência de transtorno mental grave; segundo, é a partir dessa experiência difícil que Eustáquio vai começar a repensar a sua inserção produtiva. De certa forma, esse desarranjo produz um novo contexto, e faz com que Eustáquio comece a questionar e avaliar as suas possibilidades de trabalho, ponderando suas limitações (evidenciadas pelo sofrimento mental), e buscando outras alternativas. Opera, por meio do conhecimento que faz de si no mundo do trabalho, uma transformação na sua relação com o meio social.

> Logo quando eu adoeci, que a firma [Coliseu]... me mandou embora... Num quis nem saber, eu num tava produzindo mais!... Não era interessante pra firma... E hoje em dia, qual firma que vai me aceitar tomando os remédios que tomo? Se eu virar pro meu patrão e falar assim: "Eu preciso faltar duas vezes por mês: uma pra minha consulta com meu psicólogo e psiquiatra – não preciso mais, hoje é generalista, no posto de saúde – e outra pra eu pegar meu remédio na Secretaria de Saúde". Fora se algum dia eu tiver alguma crise. Quanto tempo que eu vou ficar fora? Eles num vão aceitar não, nem se eu for o melhor profissional que eles quiserem, que eles acharem, num vão aceitar... Por isso que muitas vezes caem na informalidade e viram camelôs... Ou são ex-presidiários, ou tem algum problema físico... Eles querem produzir, eles querem trabalhar... Aí num abrem as portas pra eles, eles vão pra informalidade... viram camelô, mesmo sabendo que tá errado e tudo e tal, mesmo sabendo que esses produtos da China tiram emprego dos brasileiros... mas é o meio de sobrevivência, de sobreviver deles, quem vai poder julgá-los? Ainda mais que eles têm família, têm filhos, têm esposa e têm filhos, quem vai dar o leite pra eles? É complicado... Assim também é com o portador de sofrimento mental, num seria muito diferente, muita gente diferente não (...)
>
> Uma coisa que me fez entrar pra culinária também, pra Suricato, foi a filosofia de vida: todos são associados, não tem patrão, só que aí gera muita responsabilidade (...) As cozinheiras são muito boas, me acolheram muito bem, todas dos jeito delas e tudo, uma fala mais alto e tal, igual a Cida de vez em quando, uma ficando caladinha, igual a Marlene, então todas me acolheram muito bem... Eu vi ali que era legal, era bacana... Viraram pra mim e pediram pra eu mexer no caixa, também... E hoje eu faço com amor... Saio pra fazer pesquisa de preço, saio pra fazer compra, venho com as compras, sovo a massa, asso a massa, fecho o caixa (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

Outro aspecto fundamental nessa nova elaboração subjetiva que Eustáquio faz do trabalho é o fato de ele receber aposentadoria por invalidez. Trata-se de uma questão bastante polêmica no campo da saúde mental, que deflagra a ponta de um *iceberg*: a discussão sobre a suposta incapacidade, absoluta ou relativa, do cidadão em sofrimento mental. É que no regime judicial brasileiro, a pessoa acometida de transtorno mental pode sofrer interdição, ter os seus direitos civis retirados, em nome de uma suposta proteção por um outro (o Estado, a família...). Passa, com isso, a receber benefício legal, mas ao mesmo tempo deixa de ser

reconhecido como sujeito de fato – é tornado incapaz para o trabalho ou mesmo para uma vida civil plena.

Mas para Eustáquio, assim como para tantos cidadãos em sofrimento mental com baixa renda, a aposentadoria não evidencia uma desvalorização social, pelo contrário: ela garante condições mínimas para uma vida digna; sem esse benefício, é certo que no caso de Eustáquio – que tanto sofreu ao longo da vida com dificuldades materiais – manter-se estável, longe das crises, do ponto de vista da sua saúde mental, seria tarefa bem mais difícil. Porque é justamente a premência econômica um dos aspectos ligados a sua experiência de sofrimento mental.

> A questão da aposentadoria por invalidez... Eu lutei muitos anos no auxílio doença, aí consegui retomar, minha tia sempre foi comigo, 74 anos, de três em três meses, de dois em dois meses, fazendo perícia... (...) Mas essa aposentadoria me proporcionou, almejar sonhos maiores agora. Porque o pouquinho que eu ganho todo mês é pra me manter... e por que não tirar um salariozinho bacana, na Suricato?
>
> Então, hoje, tá acontecendo coisas na minha vida Leo, que... não aconteciam um tempo atrás. E o que me possibilitou isso foi justamente não preocupar tanto, depois que eu aposentei, não me preocupar tanto em produzir, vender, tudo assim (...) (Entrevista 2 – EUSTÁQUIO)

***

Paulo Reis mantém relação com o trabalho em alguns pontos parecida com a de Eustáquio. A aposentadoria também significou a possibilidade de organizar e estabilizar a vida, e não é percebida como demérito. Além disso, as suas vivências produtivas são consideradas fundamentais na sua vida, e entram em composição com outras vivências (do sofrimento mental, da vida religiosa e ascética), perfazendo um modo de vida próprio, experiências de si no mundo.

> Eu acho assim que essa questão do trabalho ela traz uma, um suporte de dignidade pras pessoas, né? Faz um movimento, a gente faz um movimento na atividade laborativa que a gente aprende a lidar com, é... com o fazer, que ocupa o tempo, né? E que vai dando sentido à vida enquanto ele se propõe a brigar, ou seja, a ter sob a sua... sobre sua dinâmica o trabalhador ali enquanto gerador de renda pra filho, gerador de transformação da sua vida também, e também de contribuição à um processo de construção de um país, de formação de uma sociedade onde haja mais justiça social. Nesse sentido eu acho que o trabalho ele, tudo o que a gente faz, né? Sempre deve ter essa preocupação com o fazer bem feito, com o se inteirar com o que tá fazendo. Cada gesto, cada atitude aqui, cada movimento que a gente faça deve ser carregado de empenho, criativo também no sentido da, é... de uma... de um encontro com a filosofia que possa melhorar a nossa vida e tornar mais capazes e qualificado para uma sociedade que seja cidadã (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Interessante que, no caso do Paulo, o trabalho refere-se não apenas aos fazeres que lhe geram renda, mas a todo um conjunto de atividades que lhe propiciam um determinado lugar

social: o de protagonista na rede de saúde mental. Assim, os cargos não remunerados que ocupa e as funções que desempenha na rede, tais como a monitoria num Centro de Convivência e a presidência na ASSUSAM, também são formas de trabalho, pelas quais ele se inscreve no mundo.

> E a gente conseguiu eleger a chapa e eu fui fazer parte da diretoria da ASSUSAM por dois mandatos eu, eu acrescentei à diretoria e... e depois mais um mandato eu fiquei, fiquei no conselho fiscal, fui eleito conselheiro fiscal, e agora voltando à diretoria como presidente da associação dos usuários (...) e aí também na Suricato eu fui coordenador, fui coordenador, né, fiquei um período no Conselho Fiscal também, que é... Me pediram pra ser reeleito na coordenação novamente até passar mais um mandato, e agora eu fui, nesse momento eu sou coordenador da Suricato também. E... e eu conheci também o Fórum Mineiro de Saúde Mental, eu sou militante do fórum, e eu componho também da Comissão Estadual de Reforma Psiquiátrica de Minas Gerais, onde eu represento a ASSUSAM né, como controle social. (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Sobre a aposentadoria, ela é uma condição de possibilidade para a sua reconstrução subjetiva. É, de modo inequívoco, um **processo de subjetivação**, não um fim em si mesmo, mas um meio, é o que interrompe uma série de forças que poderiam comprimir (e deprimir) o sujeito, um remanso que possibilita a emergência de algo que é da maior importância: a subjetividade.

> Assim, era o que eu tinha no momento de solução pra minha questão financeira assim... Eu fui mesmo assim, me fizeram essa proposta e eu no momento já não tinha condições de estar trabalhando e não via perspectiva, né? E aí eu vi na possibilidade de aposentar uma possibilidade de estabilização, de estabilizar a minha vida, na questão financeira. É... e assim, pra prevenir também um futuro talvez de... de abandono... Aí a renda me ajuda a me manter e eu procuro assim, viver da forma mais autônoma possível, né? Esses trabalhos que eu recebo e a aposentadoria eu emprego em comprar coisas, no dia-a-dia na minha casa, material de higiene, limpeza, alimentação, alguma coisa de alimentação, lá em casa tem espaço, tem fogão, geladeira, armário (...)
>
> Mas assim, eu... é... eu tenho várias atividades onde eu vou experimentando, como eu te falei, aqui e ali, as situações de produção. E isso acho que vai visualizando, pro futuro, e pra talvez até pra uma condição mais estável, num lugar sólido, de trabalho, uma situação sólida, e assim, eu sou uma pessoa que faz muitas coisas ao mesmo tempo, várias coisas ao mesmo tempo, tipo eu não gos... eu não consigo ficar muitas vezes preso a um espaço, a um lugar de produção. É... e acho que tem uma questão bem marcante aí, dessa inquietação, de busca mesmo, né... Porque o sofrimento mental ele trás às vezes uma apatia que a pessoa não consegue perceber aquilo que ela tem enquanto potencial, a ser empregado e que tem condição de se manter em um lugar de produção. E aí a gente tem que ir experimentando essas situações, essas oportunidades (...) (Entrevista 5 – PAULO REIS)

Pois o que lhe possibilita experimentar é exatamente a aposentadoria, não ter de se preocupar demasiado com questões materiais. Mesmo que não seja uma alta quantia, lhe

proporciona o mínimo para que possa forjar alternativas de vida, mais sintonizadas com os seus desejos e as suas limitações.

> Eu vou dando tempo pras coisas. Então assim, eu acordo de manhã com aquilo que eu tenho enquanto atividade do dia, eu pego pra fazer, vou de um lugar pro outro, isso me dá uma esperança de que eu estou realizando e de que eu estou progredindo, né? Mesmo que às vezes a renda não seja lá essas coisas... Mas é... eu... Eu sempre tenho noção de que eu não posso parar e ficar estático, ou talvez, talvez assumindo uma coisa que no futuro eu não vou ter condição de sustentar... esse... é... essa corrida assim, o fato de estar ativo, de estar produzindo alguma coisa, isso me sustenta, né? Me da esperança de melhorar a minha situação. Mas é... [pausa] e às vezes também a gente tem que se controlar um pouco, que frear um pouco isso. Porque assim, muita expectativa, muita ansiedade, isso vai gerando um estresse também, né? (Entrevista 5 – PAULO REIS)

O que é notório no caso de Paulo Reis é que ele dá conta de elaborar um conhecimento de si **também** pelo trabalho. Ele se relaciona e se implica no mundo por meio do trabalho, reconhecendo seus limites e avaliando as possibilidades, faz uma leitura do mundo do trabalho atual e se posiciona ativamente. Uma vez mais: aquilo que poderíamos chamar de caso exemplar.

***

Clarismundo, por sua vez, vai fazendo a sua experiência no mundo do trabalho de forma bastante variável. Ora se basta com as vivências no atual trabalho, solidário, o reconhecimento por seus pares sendo a maior conquista, ponto de sustentação, ora ainda ressente a ausência de uma estabilidade financeira. Suas dificuldades do campo econômico são sentidas como a maior e mais pesada forma de sujeição, impõe-lhe uma perda de autonomia.

É o que mais chama a atenção nas suas falas sobre o trabalho: ele sempre o referenda a um saber do tipo econômico, que associa trabalho com produção de riqueza. Como a maioria de nós acaba por fazer. O problema é que Clarismundo não pode contar com uma aposentadoria, o que torna suas questões materiais mais urgentes. O trabalho é julgado principalmente pelo resultado financeiro que (não) gera.

E isso parece ocorrer principalmente porque as dificuldades econômicas, com esse saber e poder que carregam, lhe roubam a dignidade diante da família. Todos os pontos positivos do trabalho que desempenha em alguns momentos se esfacelam diante dessa difícil realidade material. Todo o reconhecimento que obtém com os seus pares, na vida pública, de nada vale na vida privada.

> **Mas num tenho estabilidade financeira, né, que dá respeito também, né?** Ó, você poder juntar com a família lá e falar assim: "Ih, vão fazer uma festa com o pessoal aí, que eu tenho um dinheiro pra ajudar". Se não o pessoal fica tudo olhando procê com a cara diferente assim, né" "**Pô, um homem com aquela idade toda ali, num tem nada ainda!"**. Né? Pô, isso é ruim demais! (...) É foda... Quarenta e nove anos e não tem bosta nenhuma! Até os mais, os mais jovem já conseguiram alguma coisa, eu fico pensando, eu: "Pô! Um cara com essa idade aí já, já tem um, alguma coisa na vida, já casou, já tá bem, e eu com 49, num tenho nada!".
>
> Num sei por que [os sobrinhos não lhe têm respeito]. Deve ser porque eu num tenho dinheiro, num levo pra, e pior é que eu compro bala, chicletes pra eles, pirulito... Procuro agradar o máximo, né? (Entrevista 4 – CLARISMUNDO. Marcações minhas)

Mas, se na vivência atual do trabalho a dimensão financeira é uma falta, certamente há o que compensa. De fato, as atividades produtivas lhe ajudam a organizar a rotina, a criar e a manter amizades e vínculos sociais, fornecem visibilidade num determinado circuito social (a saber, a rede substitutiva de saúde mental). O trabalho, nesse sentido, lhe permite construir relações sociais e, ainda que isso não seja suficiente para uma existência estável, pelo menos contribui parcialmente na sua edificação.

> [O que lhe fez querer retomar o trabalho] Ah, foi eu sair, circular, entendeu? Interagir com outras pessoas... Sair daquele buraco onde é que eu tava lá... Nossa senhora, aquilo ali num é vida não! Você acordar e num ter nada pra fazer. Sentar assim e ficar olhando lá pro horizonte assim, pra Sabará. Vê o trem passar, o apito do trem... Ah não, num dá não... É isso que eu fazia, acordava e ficava lá, igual... E tinha um senhor, o senhor até que era legal, viu? Ele via eu lá sentado assim, minha casa era... quando eu morava lá em Caetano [Furquim]. Toda mão ele me chamava. Aí eu ia lá, fazia uma coisinha pra ele... Porque os filhos dele, num, os filhos dele nem tava aí pra ele não. O primeiro até faleceu. Ele me chamava eu ia lá, consertava uma torneira... Fazia um serviço de pedreiro... porque eu também, né, tenho conhecimento desse troço tudo também, né... Fazia serviço, até pra, pra, pra arrancar bicho do pé dele eu ia lá. É, "Ah, aqui ó, tem de pé aqui...". Aí eu ia lá, era um senhor até legal... Aí eu fui me soltando, ele falava assim: "Num bebe muito não...". Ele falava, dava a maior força: "Nãão! Pode beber, mas num bebe muito não... Bebe pouquinho...". Ele dava a maior força.

Mas a dificuldade de Clarismundo, no âmbito da vida produtiva, é a mesma das experiências de sofrimento mental: dificuldade de implicar-se, e de dar a conhecer-se no mundo; elaborar algum tipo de conhecimento e cuidado de si no mundo do trabalho; analisar-se, julgar-se, avaliar-se, definir estratégias para intervir no real, criar os seus vacúolos no tempo e no espaço para que possa se refazer; falta-lhe, mais que uma oportunidade de crescimento material, a capacidade de criar processos de subjetivação. E isto é extremamente importante aqui: porque, se nas experiências de Paulo Reis e de Eustáquio a aposentadoria funciona como subjetivação, o mesmo poderia não funcionar para o Clarismundo; do

contrário, não seria um processo de subjetivação, e sim – o que já seria muita coisa, diga-se – uma forma de assistência social. É que osOs processos de subjetivação são sempre parciais, e manifestam-se em contextos específicos, uma coisa ou objeto servindo de processo num contexto mas não em outro; tudo depende, conforme já discutido, das composições de forças que se manifestam no real.

Clarismundo e o abandono (tópico 2.4); o "não servir para nada"; o esquecido pelo mundo; o vitimizado. A existência culpada, crucificada; o amargo desprazer do devir, a conspiração do destino, a vida malograda. Palavras duras, essas. Perigosas: se prestam a mal entendidos, interrogam a alegria aparente de um sujeito que tenta, sem desistir, construir suas saídas, suas linhas de fuga.

Apesar de tudo ele resiste. E insiste: a vida também é tentativa.

***

As dificuldades materiais são também o que mais dá contorno aos sentidos do trabalho do Cleiton. É, precisamente, o que o motivou a trocar o trabalho solidário por uma experiência formal de trabalho.

No seu caso, a demanda por estabilidade financeira pesou mais que a construção de laços sociais e afetivos. Mas é, de todo modo, uma situação que apresenta as suas peculiaridades: os atos de Cleiton sempre carregam a influência da mãe. Assim, muitas vezes é ao desejo dela que ele responde, e não a si próprio. E isso fica claro com o trabalho formal: apesar de difícil, de impor situações que são vividas com sofrimento pelo sujeito, esse modo de produzir fornece uma resposta social bastante precisa, e tão buscada pela mãe: a certeza de que o filho é capaz de uma vida social "normal", que ele está vencendo os desafios que a vida lhe apresenta.

> É, a Suricato não assinava minha carteira (...) Ah... era tipo... a questão que eles pagavam lá porque... custava a pagar, né? A gente só recebia pelas peças que vendia, ou então as encomendas que fazia... Muita encomenda, a gente entregava e recebia... mas fora disso a gente quase não recebia nada não... A gente tinha mais gasto com a gente era com vale transporte (...)
>
> Eu pensava assim, que era um serviço fichado, eu podia trabalhar, ter meu pagamento todo mês (...)
>
> E meu convênio também, eu tenho um convênio, um plano de saúde também... *Golden Cross*, e também porque paga meu INPS, né? Fica mais fácil pra eu aposentar depois também (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

Não apenas o dinheiro ou a estabilidade: é que o trabalho regulamentado, na percepção de Cleiton, o aproximava de um ideal de Homem que ele tem como referência: de certa forma, tudo aquilo que o sistema capitalista vende como protótipo de sucesso[77]. E o pior é que tudo parece reiterar esse modelo na vida do Cleiton: as opiniões e conselhos da mãe, os comentários dos colegas de trabalho, a televisão que tanto assiste... Talvez por isso mencione o trabalho na Coca-Cola – trabalho que durou apenas quatro dias, e sem nenhuma valorização social – como sendo o que mais gostou na sua trajetória profissional: porque ver-se associado à marca Coca-Cola era associar-se à esse mundo dos sonhos que ele idealiza.

> Trabalhava também na Coca-Cola... Cheguei a trabalhar na Coca-Cola também (...) Foi uns quatro dias só também... Ah, um colega (...) falou comigo assim: "Ow, vão lá trabalhar na Coca-Cola lá, ao invés de você ficar sem fazer nada, e tal... tá a fim de ganhar um dinheiro, lá eles pagam na hora...". "Ah, então eu vou então, uai!". Aí, ele falava comigo assim que eles pagavam lá na hora lá, mas eu achava que era pra mim pegar o dinheiro na hora né, mas eu tinha que esperar dar a semana toda pra mim receber. Aí, eu trabalhei lá, a gente pegava peso pra caramba, fardo de refrigerante, pra descarregar nas distribuidoras, andava de caminhão todo dia... era bom, num era ruim não (...) [o lugar que mais gostava de trabalhar era na] Coca-Cola mesmo, que lá eu tomava muito refrigerante [risos]. (Entrevista 6 – CLEITON)

De todo modo, deve-se ressaltar que Cleiton não é definitivo nas suas impressões. Apesar de buscar determinada forma de aprovação social pelo trabalho formal, ele reconhece a experiência de trabalho solidário como sendo bastante positiva, dando-lhe possibilidades que lhe faltam no outro trabalho.

> É, tipo assim, eu ficava muito emocionado, começava a chorar, aí eu... Aí ele falava assim: "Não, já que você tá assim, vai lá, toma uma água lá no bebedouro lá encima, depois você volta, toma um cafezinho", que eu gosto muito de tomar um café, né? Ele falou: "Não, você toma um café lá, depois você volta, preocupa não... É assim mesmo, serviço é assim mesmo, e tal..." (...) lá eu gostava de todo mundo! Gostava não, gosto até hoje... Inclusive, eu tava pensando em falar com a minha mãe, quando aqui na Batatinha eles me dessem as minhas férias, eu ia lá visitar eles... Entendeu?

> Aí toda hora o outro chefe meu [no trabalho atual, na Batatinha], que é o Rosiclei, o gerente geral da fábrica, ele chega lá, vê se tá tudo limpinho e tal, se não tiver ele me xinga... tal... tem tudo isso aí... Igual, quer ver ó, ontem, mesmo, sexta feira, ontem. Nós tava carregando uma carreta aí tinha colocado um monte de lata em cima do carrinho, lata de tinta em cima do carrinho pra passar pra cima da carreta. Aí, os cara foi e deixou o carrinho tombar, a lata de tinta foi bateu no chão, estourou e entornou

[77] Uma das atividades realizadas com o Cleiton, em um dos encontros, foi uma dinâmica com recortes aleatórios de imagens de revistas velhas. Foi impressionante perceber que todas as figuras selecionadas por ele davam conta dessa constatação: supermodelos (a que ele se referia como sendo as mulheres que queria namorar, e que a mãe confirmava, dizendo que ele era extremamente exigente na escolha de suas parceiras, permanecendo por isso solitário); carros importados de luxo (que ele dizia querer comprar no futuro); cidades distantes e internacionais (que ele dizia querer visitar). Além disso, quando perguntado sobre o trabalho dos sonhos, referiu vagamente a algum tipo de trabalho de escritório, em que permaneceria limpo, o que faria as mulheres gostarem mais dele (conforme tópico 2.6).

> a tinta no pátio todo. Um tantão de tinta assim ó... aí no fim da tarde ele falou assim: Ah, essa tinta que tá assim, suja assim, você, você não vai limpar não? Eu falei: Uai, já secou já, não tem como eu limpar não, uai... Tinta a base d'água... Tem como eu limpar não... Porque ele gosta de ver tudo limpinho, tudo arrumado (...) (Entrevista 6 – CLEITON)

Cleiton na verdade **sofre** com essas impressões e com os apelos da mãe. Fica dividido entre os benefícios e malefícios de cada uma das experiências de trabalho. Ora cede às opiniões maternas, ora tenta pensar de forma autônoma. Mas se perde nesses processos, não consegue se organizar nesse real que atravessa indagações e imposições. Falta-lhe, assim como nas vivências do sofrimento mental – a dimensão do conhecimento de si.

***

Há um pano de fundo comum entre as dificuldades e demandas levantadas por Paulo, Clarismundo, Eustáquio e Cleiton. De modo geral, as experiências de trabalho desses sujeitos são marcadas, por um lado, por tentativas de reverter uma situação de precarização econômica e, de outro, pela tentativa de construir formas de existência que lhes permitam obter reconhecimento social – reconhecimento e aprovação da família (Cleiton, Clarismundo), ou dos seus pares (Paulo Reis, junto aos atores da rede; Eustáquio, com os colegas de trabalho). As formas de fazer a experiência de si e do mundo pelo trabalho não deixam de colocar essa dupla tarefa: obter renda (que possibilite combater a pobreza) e reconhecimento (que possibilite a construção de relações intersubjetivas, a aquisição de respeito e a construção de uma identidade: ser um trabalhador, um cidadão como qualquer outro).

São precisamente os dois pontos de debate da agenda política atual que esses sujeitos colocam em relevo. Fraser (2007) afirma que as forças políticas progressistas contemporâneas têm se dividido entre duas perspectivas: os partidários das **políticas de redistribuição**, pautadas na antiga ideia de que a construção de uma sociedade mais justa deve se dar a partir do combate à concentração de riqueza, com a criação de políticas e estratégias redistributivas (por exemplo, programas como o Bolsa Família; cooperativas e outras organizações de inspiração socialista, cuja proposta é a distribuição igualitária de bens e recursos). A outra perspectiva entende que a construção dessa nova sociedade deve começar pelo **reconhecimento e respeito às diferenças**, diferenças estas expressas pelo pluralismo cultural contemporâneo, no plano étnico, sexual, racial, comportamental, ambiental, etc. Esse segundo grupo entende que o não reconhecimento dessas diferenças é o que mais compromete o desenvolvimento da vida social, e constitui fonte inequívoca de resistência civil (HONNETH,

2003). Um exemplo disso, no caso brasileiro, é oferecido por Da Matta (1979; 1982), ao falar do rito do "Você sabe com quem está falando?":

> Pelo reconhecimento social extensivo e intensivo em todas as camadas, classes e segmentos sociais, em jornais, livros, histórias populares, anedotário e revistas, a forma de interação balizada pelo "sabe com quem está falando?" parece estar mesmo implantada – ao lado do carnaval, do jogo do bicho, do futebol e da malandragem – no nosso coração cultural. (DA MATTA, 1979, p. 182)

> Quer dizer, o "você sabe com quem está falando?" permite desvendar uma relação violenta entre a lei universal que se aplica a todos indistintamente (ou, para ser mais correto, que deveria se aplicar a todos) e o domínio da família, da casa e das hierarquias patrocinadas pela singularidade que a ética familística e das relações pessoais asseguradas a cada um de nós. De fato, se diante da lei somos um **indivíduo** (à lei estamos sujeitos integral e indivisamente), no domínio das relações pessoais somos todos casos especiais, singularidades que ocupam uma e somente uma posição num sistema de teias e relações (...) esse modo violento de junção entre lei e família (ou, se quiserem, casa e rua) segue a mesma lógica dos movimentos de reconhecimento social que assumem, pela força com que se exprimem, a forma de "quebra-quebras" ou de tumultos urbanos. De fato, o que faz a turba urbana destruindo ônibus e trens é promover um gigantesco "você sabe com quem está falando?" que permite juntar – pela violência dos meios escolhidos – a massa de indivíduos destituída e invisível para as autoridades e o governo, os meios de transporte e a população em geral. (DA MATTA, 1982, p. 35-36. Grifo do autor)

Ou seja, as políticas de reconhecimento das diferenças podem ser entendidas como formas de **tornar o outro especial**, singular, formas de retirar a impessoalidade e universalidade do indivíduo para entrar na particularidade da pessoa, sem a qual a nossa existência não se torna algo único, inscrição subjetiva no mundo. Assim, **o processo de reconhecimento é também processo de subjetivação**, forma pela qual algo que é do sujeito pode ser posto em relevo, ganhar visibilidade.

Reconhecimento e redistribuição: formas de ver (e transformar) o mundo que, se num primeiro instante parecem demandar uma complementaridade, na prática juntar as duas propostas é bem mais complicado. São entendidas até mesmo como formas políticas antitéticas, em alguns casos. É que combinar respeito às diferenças e promoção da igualdade são, de fato, tarefas que mobilizam sentidos e recursos distintos: políticas da diferença ou políticas da igualdade, eis o dilema:

> Em alguns casos, além disso, a dissociação tornou-se uma polarização. Alguns proponentes da redistribuição entendem as reivindicações de reconhecimento das diferenças como uma "falsa consciência", um obstáculo ao alcance da justiça social. Inversamente, alguns proponentes do reconhecimento rejeitam as políticas redistributivas por fazerem parte de um materialismo fora de moda que não consegue articular nem desafiar as principais experiências de injustiça. Nesses casos, realmente estamos diante de uma escolha: redistribuição ou reconhecimento? Política de classe ou política de identidade? Multiculturalismo ou igualdade social? (FRASER, 2007, p. 102-103)

No interior da filosofia política, essa discussão aciona diferentes categorias e perspectivas de pensamento. Seriam, em verdade, dois modos distintos de pensar a questão da justiça social: de um lado, a redistribuição, que colocaria o problema do que é "correto", uma certa noção universalizante de igualdade, aproximando-se da moral; de outro, o reconhecimento, interrogando o problema do que é o "bem", as questões da "boa vida", buscando um certo desenvolvimento qualitativo do sujeito, que é, por definição, dependente de contextos socioistóricos determinados, e com isso aproxima-se um pensamento ético. Ética e moral, então, constituiriam dois modos a um só tempo distintos e complementares de se situar no mundo[78].

Pois a questão aqui não passa por se posicionar nessa discussão, ou tentar resolvê-la. Interessa-nos examiná-la naquilo que ela se manifesta de concreto no cotidiano dos sujeitos deste estudo. E, nesse sentido, perceber a divisão subjetiva de Cleiton com relação aos sentidos atribuídos ao trabalho é revelador: embora ele esteja atualmente conseguindo dirimir um problema de natureza distributiva, a renda obtida no trabalho formal como forma de cobertor moral, falta-lhe a dimensão do reconhecimento. Reconhecimento este que não passa apenas pela constatação da sua existência pelos outros, mas pelo respeito às suas singularidades, o que facilitaria a produção de subjetividade. Cleiton vive de forma intensa a dualidade do seu trabalho formal: delicia-se com as benesses materiais e morais que ele lhe proporciona (o pertencer a algo, existir em um espaço e em um tempo determinados, ser igualado aos outros trabalhadores), mas também sofre com o bloqueio que é imposto à sua produção desejante e subjetiva (pertencer e existir não significa ser aceito; as suas diferenças, escamoteadas no cotidiano, retornam nos interstícios para interrogar essa suposta igualdade adquirida; ele não pode se mostrar como é, precisa atender às demandas sociais, ser o que os outros esperam dele: a mãe, os colegas de trabalho...). Pior: parece existir por parte dele (e da mãe) a crença de que o trabalho formal lhe fornece reconhecimento social (a sociedade aprovando, jubilosamente, a sua existência), quando, na verdade, isso nunca ocorre. O que se dá é tão somente a sua adequação – sempre um tanto desajustada, dada a sua condição insuperável de cidadão em sofrimento mental – a um sistema moralizante. Dito de outro

78 Fraser (2007) explica que a justiça distributiva liga-se a uma moral de influência kantiana, ao passo que o reconhecimento teria como base a ética hegeliana. No caso do reconhecimento, afirma Honneth (2003), a sua colocação em termos filosóficos é uma tentativa do jovem Hegel, nos seus tempos de docente em Jena, de superar o formalismo abstrato da ideia de que a autonomia individual é uma "mera exigência do dever-ser", e colocá-la num programa político histórico-social. No entanto, esse projeto hegeliano é interrompido ainda no fim da sua fase em Jena, não avançado de forma conclusiva, sendo retomado posteriormente pelos teóricos da escola de Frankfurt, de Adorno e Horkheimer à Habermas e o próprio Honneth.

modo, e para usar os conceitos de Da Matta (1979), com o trabalho formal Cleiton pode se tornar um indivíduo, mas nunca uma **pessoa**. E é justamente essa dimensão faltante de pessoa que lhe faz sofrer: ao mesmo tempo que ser indivíduo é muito bom (o pertencer à algo, ser tratado na esfera pública como qualquer outro cidadão), em várias situações é preciso deslocar esse **estar-no-mundo** para um relação pessoalizada. Sendo **pessoa**, as categorias e códigos acionados nas relações sociais são outras: o que pauta as relações são valores como lealdade, fraternidade, amor. Introduz-se, assim, uma dimensão que é a do acolhimento: se não consigo produzir, ou se me canso mais rapidamente que o outro, preciso ser respeitado na minha condição, ser tratado de forma afetuosa e paciente. No entanto, se isso não acontece (como na experiência atual de trabalho do Cleiton), e sou encarado como um indivíduo, sem qualquer tratamento especial, a minha condição de diferente desaparece diante da eminência da norma, que se aplica igualmente a todos os trabalhadores da empresa. E o problema acontece quando Cleiton não dá conta de ser um "igual", precisa se decidir entre ser diferente e arcar com o preço dessa escolha (que, no caso do trabalho, se manifesta de forma imediata em advertências, por não atender às exigências do chefe, e de forma prolongada em uma demissão, caso isso continue ocorrendo), ou submeter-se até onde aguentar à norma (e, neste caso, sofrer com a imposição). Ou seja: apesar de acreditar que esse trabalho lhe permite ser reconhecido como sujeito, ele apenas lhe confere uma qualidade de ajustamento.

Já no caso de Clarismundo, a falta é dupla: a dificuldade em relacionar-se com seus familiares articula-se com os problemas materiais e financeiros. Problemas de redistribuição e de reconhecimento. E o seu discurso parece apontar para a crença de que a resolução dos problemas materiais automaticamente resolveria também os de reconhecimento (no interior da família), aspecto que, como no caso de Cleiton, parece-me um equívoco. Acredito que uma resposta a essa demanda que Clarismundo apresenta de construir uma relação mais afetuosa com a família, tão justa quanto pertinente, só será possível quando ele levar em conta que o respeito precisa se dar a partir do reconhecimento do **diferente que o Clarismundo é** (dos irmãos, dos outros trabalhadores...), e não apoiando-se num suposto alcance de igualdade (o Clarismundo se tornando igual aos outros trabalhadores, com uma renda estável, mesmo que reduzida). Nesse sentido, lutar por reconhecimento demanda, como salientava o jovem Hegel, a "confirmação da autonomia" do sujeito por aquele que a confronta, criando assim uma experiência que é, efetivamente, **inter**subjetiva. (HONNETH, 2003, p. 119-120)

Por outro lado, Eustáquio e Paulo Reis conseguem construir formas de reconhecimento passando pelo trabalho – mas só o fazem por não depender dele diretamente para contornar os problemas materiais que enfrentam. As questões distributivas se resolvem

(ou pelo menos se atenuam) não com o trabalho realizado, mas com a aposentadoria. E isso coloca em questão a difícil realidade material do grupo de economia solidária do qual participam, a Suricato. Até o presente momento, essa experiência de trabalho tem assegurado melhores resultados em termos de **reconhecimento** que de redistribuição. E, embora a Economia Solidária possa ser percebida como um "movimento social híbrido" (MARTINS, 2011, p.65), aliando a um só tempo o combate a problemas materiais (a partir da busca por alternativas econômicas que proporcionem melhor qualidade de vida) e também de reconhecimento (fomento de relações horizontalizadas, ampliação do auto respeito e da auto estima, etc), em alguns casos – como no trabalho solidário de Graça, Paulo Reis, Eustáquio, Clarismundo, e Beth – essa tarefa ainda está longe de finalizada.

Nesse sentido, à medida que o trabalho solidário ainda responde de modo precário às demandas por redistribuição apresentada por seus atores, a alternativa encontrada por essas pessoas muitas vezes é abandonar esse modo de produção (como no caso de Cleiton), ou fazê-lo conviver com outras formas de obtenção de renda (aposentadoria, outras atividades remuneradas). Atribui-se, assim, outros sentidos à Economia Solidária (por exemplo, a possibilidade de obtenção de reconhecimento ou meramente a complementação de renda).

***

Se o trabalho formal parece menos afeito às demandas éticas dos sujeitos por reconhecimento, alinhando-se a um sistema social moralizante baseado na igualdade e não na diferença, é interessante ver como se dá a experiência de César no mundo do trabalho. De fato, as suas questões não passam pela via do reconhecimento, tal qual está sendo abordado aqui, mas por outros sentidos e significados, cunhados de acordo com as experiências pessoais que ele coleciona no mundo do trabalho.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar César não deposita no trabalho a expectativa de autorrealização. Ou pelo menos não de maneira contundente: o trabalho lhe é mais uma obrigação, um modo pelo qual precisa retirar o seu sustento:

> Importância do trabalho... [pausa]. Crescimento! É... [pausa] de uma certa forma, [risos] é até feio falar isso, mas é uma **ocupação!** É uma forma de se ocupar, porque, na verdade, na verdade mesmo, se dependesse de mim, eu ficava com, só com as minhas obrigações de casa. Mas é, é, isso faz com que isso seja uma ocupação. (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcação minha)

Apesar disso, ele também reconhece outras questões associadas ao trabalho, como a possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Mas o que parece mais forte é exatamente

essa pouca expectativa de realização pela via produtiva. Nesse sentido, o lugar que o trabalho ocupa na vida de César é um tanto mais parcial, não é um eixo central pelo qual ele faz a sua experiência no mundo. Nunca o foi, aliás, pois mesmo quando trabalhava, era apenas para pagar as contas que o fazia. Nunca reclamou a falta de uma oportunidade que lhe pudesse fazer crescer ou ser visto com mais *status* na sociedade. Em alguns momentos de sua vida, como na adolescência ou depois de sair de um emprego na juventude, ele simplesmente ficava em casa ou buscava outra forma de renda sem muita culpa:

> É, eu fiquei uns oito meses desempregado, mais ou menos, aí eu vim pra aqui [o atual trabalho]. Mas eu fiz, eu tinha uma opção, é porque eu tenho uma casa de aluguel... aí eu tava fazendo bico né, e recebendo o aluguel, aí deu pra sobreviver (...) (Entrevista 7 – CÉSAR)

Mas essa é uma suposição apenas relativa: por mais que o trabalho não pareça ser uma atividade central na vida do César, ele não deixa de ser o principal fenômeno pelo qual organiza a vida – material e psíquica. O que precisa ser relativizado aqui é tão somente a importância manifesta que ele atribui à vida produtiva. De resto, sua experiência difere pouco daquela que faz outras pessoas de baixa renda, para quem o trabalho é a fonte incontestável de **sobrevivência** e, por isso, adquire grande relevância. No caso de César, o dispositivo apresenta forte componente organizador (das suas relações consigo mesmo e com o outro), mas baixo componente realizador (de si mesmo).

Além disso, a vida produtiva que leva César lhe permite **tornar-se um indivíduo** (DA MATTA, 1979; 1982), ou seja, ele se iguala aos outros pelo trabalho, e com isso se insere na sociedade, e faz isso não lutando por reconhecimento das suas diferenças, mas exatamente pelo contrário, pela construção da sua igualdade:

> Mas por outro lado também, isso é uma forma de crescimento. Entendeu? É uma forma de, de... interação.... né... de convívio, né... dali, de crescer... é... como pessoa, como profissional, **tá integrado na sociedade**. É... se auto valorizar, como é, como qualquer outro. Da sociedade... é... e tá em... integrar ali, criar vínculos, né, de amizade com as pessoas, entendeu? (...)
>
> Eu cheguei lá normal. Entendeu, como qualquer pessoa chega no serviço. Começa a, a se relacionar, com os amigos, o serviço né, o pessoal. Se integra, né, ao grupo lá, e desenvolve o seu trabalho como qualquer um e.... e assim, é uma coisa que pra mim, de uma certa forma, eu sei que, tem um lado é, de preconceito, porque eu sei que, a partir do momento em que souberem isso, vai começar a haver alguns tipos de limitação, ou de obstáculo, entendeu, e não é isso que eu quero. **O que eu quero, o que eu busco é, é tá inserido como qualquer outro, como uma gota d'água no oceano, tudo é igual ali, entendeu?** (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcações minhas)

Para ser igual, César entende que precisa desempenhar bem as suas funções e atribuições no trabalho, precisa atender às demandas que o mercado de trabalho formal impõe

a qualquer um, como habilidades e competências específicas para exercer determinada atividade. Ele entende isso, e é com base nesse critério – de qualidade do trabalho prestado, a partir da noção de "dever cumprido", de atenção às condutas que deve ter um bom profissional – que César julga a si mesmo:

> Lá ninguém sabe que eu já frequentei centro de saúde mental não, entendeu? Ninguém. Isso é porque não é uma forma de preconceito meu, da minha parte, mas é uma coisa assim, que **o que interessa pra mim lá, e o que interessa pra eles lá, pra mim, é o profissional**. Entendeu? Nem minha vida social, que seja, interessa pra eles, assim como a vida social de qualquer um lá não interessa pra mim, ali o que interessa é o profissionalismo, entendeu? (...)
>
> (...) teve outra situação também, de uma menina, uma criança né, que tinha roubado uma barra de meio quilo de chocolate, eu fui lá, abordei ela, numa boa, conversei com ela, como se conversa com uma criança, né, perguntei sobre os pais dela, onde que estavam, chamei ela pra me acompanhar, numa boa, e... aí assim, a fiscal da loja lá, que fica na frente de linha, na linha frente, né, ela falou comigo que aquela criança era vizinha dela, e os pais daquela criança, um deles era juiz de direito (...)
>
> Embora assim, eu errei, ontem, que eu, é... um outro gerente lá, me pegou dormindo, no horário de trabalho. Só que eu tenho uma carta também dele, que o seguinte, eu abro porta lá pros funcionários e pros clientes quando a loja abre. Teve um dia lá, que ele virou pra mim e falou assim: (...) "Ah, você fica" – porque tinha uma mulher lá reclamando na porta né, que tava demorando pra abrir – "e a mulher xingando lá", aquela coisa toda, eu conversei com a mulher assim, ouvindo ela: "Lá lá lá lá lá...", né, reclamar, aí ele virou pra mim e falou assim: "Ah, eu se fosse você não ficava ouvindo essa mulher, deixa ela ficar falando sozinha aí e sai daí...". Três, três não, uns quatro dias depois, é... eu recebo uma convocação pra que ele e o outro gerente ia dar curso de *housekeeping* pros funcionários... (...) Proceder, como proceder em serviço, tratar, como tratar cliente, essa coisa toda, postura... né, e ele colocou isso pra mim! Lá, no curso, ele, por incrível que pareça, ele é que deu a parte do curso de *housekeeping* pra mim. Foi pra mim e pra outras pessoas, mas eu tava lá também, né... E aí, no entanto, eu ia abrir a boca assim pra falar alguma coisa, e tava a psicóloga lá, aí ele gesticulou pra mim e falou assim: "Oh, não vai falar aquilo não, hein!" Que foi, minto, foi um dia antes, entendeu, que ele tinha falado pra mim, pra mim ignorar a cliente do lado de fora da porta, e... e sair. E ele tava pregando isso, em dar atenção pro cliente. E tava contraditório. Então (...) (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcações minhas)

Essas duas situações ilustram bem o que é o profissionalismo que o César busca: é esse "vestir a camisa", cumprir bem as suas atribuições, honrar os interesses da organização... Desse modo, tratar bem o cliente se torna o ponto mais importante.

O mais extraordinário aqui, nessa experiência de si que o César realiza no mundo do trabalho, é que ela **funciona de modo viável**. Ele conseguiu elaborar um modo de organizar a sua vida produtiva considerando as suas singularidades: no seu caso específico, se igualar realmente parece funcionar muito bem (o que não acontece na vida de Cleiton, por exemplo). César não apresenta uma grande demanda por reconhecimento das suas diferenças, porque **ele dá conta de conviver de modo suficientemente estável como as exigências que o mundo do trabalho formal lhe faz**. E isso está ligado aos modos como ele dá o seu ser a conhecer no

mundo, como leva a efeito modos de conhecer a si mesmo e de cuidar de si mesmo, com os quais sua experiência de trabalho é bastante facilitada:

> A profissão [de delator, de fiscal de mercadorias], a função da profissão é... é criar vínculos de inimizade. Querendo ou não é. Só que você tem que ter jogo de cintura com isso. Então assim, se eu dissesse que não, eu tô mentindo. Rola muito conflito. Todo dia rola um conflito. (...)
>
> É... tem muita coisa que eu sei que eu no começo lá, com os funcionários, eu tava sendo rígido, mas é, com isso, nós conseguimos, de uma certa forma, é, uma... uma imposição, entendeu, impor algumas coisas. Mas, por outro lado, você cria um vínculo de inimizade. Entendeu? Aí eu vi que tinha muitas coisas lá que eu podia fazer vista grossa, mas criar um vínculo maior afetivo entre eles, até hoje tem gente lá que não gosta de mim, assim... mas a grande parte do pessoal lá, é... muitos lá eu sei que de fato não gosta de mim, outros talvez me suportam, entendeu, **mas assim, o interessante é que, pela função que eu exerço lá, isso me dá um campo de força, entendeu, me dá um campo de força de... de... até mesmo em relação ao gerente, eu não temer.** Entendeu? **E assim, mesmo assim,** tem muitas coisas assim, talvez até mesmo voltando pra esse lado da saúde mental, **tem muita coisa ali que me afeta, entendeu? Mas aí, pelo fato de eu sentir esse poder, eu é... eu abro meu campo de força ali e piso firme,** entendeu, porque eu sei que é, se uma pessoa, é uma coisa que eu analiso comigo, **se uma pessoa, digamos, considerada normal, ela mata um leão por dia, uma pessoa de saúde mental pra tá inserida na sociedade, ela tem que matar uma savana** [risos]. Tem que matar uma savana por dia, e cê tem que ter pulso firme mesmo! **Ter um autocontrole, buscar o auto controle, conhecimento, porque eu li livros, entendeu?**
>
> Não, eu vejo sim, que é, por se tratar de lidar com ser humano, é difícil. Entendeu? Eu vejo que eu fico nas minhas limitações. Mas nossa, assim, **o interessante é que eu sempre, é... procuro é... evitar certos conflitos, mas tem uns que eu bato de frente e eu sou obrigado a bater de frente mesmo e defender minha causa, entendeu?** Eu, igual o gerente lá outro dia, eu tive um conflito com o gerente direto ali, porque na segunda, numa segunda-feira desse mês que passou aí e numa sexta-feira constou na folha de ponto lá que eu não tinha batido o cartão. E ele falou assim: "O quê que houve nesses dois dias, na segunda dia dois, se não me engano, e na sexta-feira que você não bateu o cartão? Você não veio trabalhar?" Eu falei assim, "ô Si..." O gerente lá chama Sicraninho, eu falei assim: "O Sicraninho, se eu não tiver... eu folguei no domingo, se na segunda, no sábado, se eu não me engano, ou no domingo, se eu não tivesse vindo na segunda trabalhar, certamente o meu encarregado ele viria me perguntar na terça porque eu não vim trabalhar e no sábado, porque eu não vim trabalhar na sexta. Se, eu. É... se não tá marcado aí, tem alguma coisa de errada, e se não está constando no cartão de ponto, o sistema deve tá errado ou então o cartão de ponto deve tá errado". "Por quê?". "Porque se eu tivesse esquecido de bater ou na entrada, ou na saída do almoço, ou na entrada do almoço, ou na ida de ir embora pra casa, ia constar pelo menos uma entrada ou uma saída. E não tá constando nenhuma entrada e nenhuma saída. Então o erro tá é aí. Num tá é comigo...". Aí ele foi, argumentou e tal, mas depois ele viu que não tinha argumentação, que o interessante é isso, uma coisa que eu aprendi, ter 100% de certeza, e... na hora que ele viu que não tinha argumentação, aí que ele foi, abriu mão, e mandou eu colocar a minha, o meu horário lá pra ser abonado, entendeu, como se eu estivesse trabalhado. Mas eu, de certa forma, me senti prejudicado, porque eu não lembro se eu fiz hora extra. Trinta minutos é uma hora extra. Entendeu? Então eu me senti prejudicado, **mas em prol da paz, aí eu fui e abri mão de contestar mais**, entendeu, porque minha vontade era de contestar mais, e se eu fiz mais de uma hora de, de hora extra, aí? (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcações minhas)

São formas pelas quais César se relaciona com o mundo: ele elabora um conhecimento e um cuidado de si, transformados em estratégias de enfrentamento nas situações delicadas do cotidiano: um problema com o chefe no trabalho, um desconforto gerado pela natureza da sua atividade... Tudo isso ele conduz de modo viável, contornando os impasses que surgem no cotidiano.

> (...) eu sei que com esse gerente lá, tem um conflito, eu sei que eu e ele, a gente desde o inicio a gente bateu de frente, mas é interessante que eu sou uma pessoa também muito articulada, **eu sei defender minha causa**. E o que a pessoa usa comigo, é, pra argumentar comigo, eu uso contra ela. O que ela diz pra mim eu uso contra ela. Entendeu? É... Você lembra que eu te falei que é.. em alguns períodos da minha vida eu busquei conhecimento? Em livros, e tal? Eu também tive um período em que eu tava aqui no hotel, trabalhando aqui né, é... eu fiz uma amizade muito grande com o meu supervisor, e ele me ensinou técnicas de chefia. Entendeu? É... Técnicas, assim, similar as da polícia, que é chamada de sofisma, que a policia usa pra fazer bandido é, confessar crime, é... e assim, só que é uma técnica que não é 100 %, entendeu? Mas acaba que muitas pessoas caem nela. E então, no entanto, é... eu consigo articular com uma pessoa esse tipo de coisa, entendeu? No entanto o meu encarregado, aqui onde eu trabalho, eu usei sofisma com ele. Entendeu? Eu usei dessa técnica com ele. É, tipo assim, eu perguntei pra ele, conversei com ele sobre isso, né? Aí foi tipo assim, um exemplo que eu dei pra ele, né? Perguntei pra ele, aí eu usando com ele, aí eu virei pra ele e falei assim: "Você é profissional?". Ele disse pra mim assim: "Sim, eu sou". Eu virei pra ele e falei pra ele assim: "Você erra?". "Eu erro". Aí eu virei pra ele: "Se você erra, então porque, como que você se considera um bom profissional? Um bom profissional não erra! Concorda com isso?". Aí eu desarmei ele, entendeu? [risos]. Então eu aprendi umas técnicas, umas técnicas assim, técnicas de amortecimento, quando a pessoa vem te fazer esse tipo de pressão, você é... usa um amortecimento, a pressão que a pessoa te faz, você reveste pra que ela responda. Então assim, a síntese de tudo é assim: tudo que eu adquiri, todo esse conhecimento, essa volta por cima, se deu ao fato de eu buscar. Buscar conhecimento, buscar integração, é... tá.... procurar inserir e me sentir é... semelhante, entendeu, a uma pessoa que se diz normal. Embora eu não me ache, que eu, tem alguns momentos que eu acho que eu sou meio doidão, assim, mas tem outros que eu supero a inteligência de muitos, entendeu? Então, eu vejo que há uma variação nisso aí (...) (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcações minhas)

Outra questão interessante é a correlação que ele faz entre a vivência de trabalho e a saúde mental: no seu caso específico, ele conseguiu criar seus possíveis, combinar conhecimento e cuidado de si no domínio da saúde mental e no domínio do trabalho. Ele faz isso, principalmente, elaborando estratégias para se firmar no mundo, e pelo reconhecimento das suas limitações. E isso faz toda a diferença.

Além disso, ele observa bem como a natureza dessa sua experiência é relativa, ou seja, que não há um modo universalizante de elaborar as vivências no campo da saúde mental e no campo do trabalho. É nesse sentido que afirma:

> Eu acho que isso depende de pessoa pra pessoa. Entendeu? Porque, saúde mental não é como se fosse uma produção de carros da FIAT. Entendeu? Não existe um padrão. **Então eu acho que existe pessoas que têm limitações**. Entendeu? (...) Eu acredito assim, que... em alguns casos, de pessoas que tenha um nível de sofrimento

> mental compatível, digamos, ao meu, que isso beneficia. **Mas eu sei que pra outras pessoas, pode trazer problemas. Entendeu? Pessoas que não tão preparadas pra lidar com outras pessoas, de repente ali pode desencadear uma coisa pior**, que pode levar a um suicídio, ou a um homicídio. Entendeu? Então depende, não pode, o trabalho em si, pro, pra uma pessoa que tá integrada ao sistema de saúde mental, é... essa questão de saúde mental né, seja bom pra todo mundo. Pode ser que sim, pode ser que não. Entendeu? (Entrevista 7 – CÉSAR. Marcações minhas)

Entendi. E talvez seja exatamente isso que falta para a Beth.

***

> Aí eu arrumei um emprego. Aí eu não gostei do emprego. Aí eu entrei nessa camisaria, fiquei oito anos lá. Mas eu omiti de todo mundo toda a minha vida particular. Tudo. Escondia tudo e morria de medo da minha mãe contar, de alguém saber. E as minhas colegas todas falavam pra mim assim: "Você tem um jeito muito esquisito de ser. Mas você é tão franca, tão transparente, parece um cristal, você vai quebrar? Os pedacinhos não vão juntar mais. Você, ao mesmo tempo em que você é doce, você é franca, você fala o que você acha". Mas eu falava de uma forma, pra não machucar. Como eu tô fazendo agora. (Entrevista 3 – BETH)

Sim, ela continua a ponto de quebrar. No trabalho também. Quebra e conserta, con**c**erta e quebra: as suas polifonias são monofônicas, na verdade. Sempre emitem o mesmo discurso.

Confesso (novamente) a minha incompetência para alguns usos mais fluidos desta dissertação. Esses encontros com os sujeitos e suas histórias, que eu tanto busquei, muitas vezes esbarraram na minha falta de habilidade para promover alguns deslocamentos, ditar outros ritmos, estancar alguns antigos caminhos. As tentativas em vários momentos foram frustradas, e isso me é particularmente visível nos encontros com a Beth.

Queria poder dizer que alguma coisa de mais consistente, de revelador, apareceu após os encontros e conversas que tive com ela, mas a verdade é que não posso: os seus labirintos são muito mais profundos. Pior, já essa "profundidade" evidencia por si só algumas derivas: que pretensão é essa de achar (ou representar) alguma coisa? Por que não uma postura mais **processual**, em vez de deixar-me assombrar pela necessidade de uma descoberta e análise de algo com o rigor e a ortodoxia que se espera de uma pesquisa formal? Sem governar os procedimentos de escafandro, e sem a alegria e leveza diante dos devires, deu nisso aqui: sucumbências.

Esse caminho do meio, então, vejamos: primeiramente, o trabalho – formal – aparece como essa possibilidade de inserção moral, tal qual ocorre com Cleiton e César: uma forma de igualar-se nas relações sociais, se perder na multidão:

> A dignidade do ser humano é a carteira assinada, é o 13º... você fazer as coisas e falar bonitinho... Você tem que ter carteira assinada (...) (Entrevista 3 – BETH)

Por outro lado, esse é precisamente o tipo de trabalho que ela não dá conta, um caminho interditado. Suas experiências concretas no mundo do trabalho formal deflagram grandes dificuldades: as mesmas questões que lhe atravessam as relações familiares e as (poucas) amizades. Beth embaralha os códigos, se perde na sua própria narrativa, não dá conta de relacionar-se consigo mesma e tampouco com o mundo à sua volta de forma estável. Ela o faz sempre de modo violento, agressivo, que por isso não se sustenta.

> [Tentando parar de chorar]: Eu trabalhei lá [numa confecção], aí eu fui demitida porque a firma fechou. Ia fechar. Aí ficou com as mais velhas e ia nos mandar embora, aí eu lembro que fiquei com os olhos cheios d'água. Porque ele dava broncas e broncas e broncas e eu nunca respondi. A minha encarregada, a Sem Nome, trabalhou comigo oito anos [soluço]. Ela falava assim: "Você é difícil, muito difícil, mas eu gosto de você, sabia? Porque você é você mesma. Você não finge". Quando eu ficava magoada com ela, ela vinha, me dava um serviço, eu fazia o serviço: "Sem Nome, acabou o serviço". Quando eu tava bem, eu brincava com ela. Aí ela falava assim pra mim: "Nossa, como você é diferente. Você não é fingida, você não é falsa. Se as pessoas fossem assim que nem você, ia ser tão bom...". Quando eu tinha uma colega que eu não gostava, eu não machucava, eu não maltratava, eu fingia que ela não estava trabalhando mais comigo. Mas eu passava perto dela e falava: "Dá licença?". Eu passava... Ela tava perto de mim, conversando com uma colega minha, permanecia ali, ela não maltratava, mas ela não existia mais pra mim. Ela me magoou, ela me machucou. Aí ela saía e eu ia e falava: "Cadê a fulana, hein?". "Ela saiu, ela pediu as contas, foi mandada embora... Você não conversava com ela?". "Não... Engraçado, eu não percebi..." Eu não falava dela, não falava mal, não colocava as pessoas contra ela. Eu tinha esse caráter. Né? (Entrevista 3 – BETH)

Depois que Beth passou pelas primeiras experiências de transtorno mental grave, nunca mais voltou ao mercado de trabalho formal. Mas a vida produtiva não ensejava, naquele momento específico e naqueles encontros, grandes preocupações para ela. Sua história é outra, não é uma história de trabalho, mas uma história de (falta de) amor. É disso que ela sempre fala: de um sentimento de abandono; uma demanda de amor exacerbada; de uma dificuldade em se colocar ativamente nas relações; da agressividade enquanto linguagem, que quer **pedir** alguma coisa... O trabalho poucas vezes aparece como algo concreto, seja como preocupação ou algo que assujeita, seja como possibilidade de alento ou expressão.

Beth mistura tudo indefinidamente, vivências de trabalho, vivências familiares, vivências de sofrimento mental, amarra todas essas experiências usando como pano de fundo a relação com a mãe e uma forma de sujeição quase completa ao mundo. Suas experiências, assim postas, parecem perder significação porque repetidas sob esse mesmo pano de fundo, essa narrativa em que falta a si mesma como protagonista.

Mas vejamos algumas dificuldades da Beth com relação ao trabalho:

> A psicóloga falou comigo assim: "Você poderia trabalhar fora, mas tem que ser um lugar, que aceitasse você como você é, mais calmo, mais acessível, você não vai mais suportar aquela coisa de firma grande, de patrão, de gente mandando." **Eu falei assim: "Mas como é que eu vou fazer?"**. Ela falou assim: "Sua família tem responsabilidade. Você sabe que você pode até processar seus irmãos?". Nossa, todo mundo, todo mundo se invocou. Aí minha irmã: "Você pensa que eles vão ficar com dó de você quando ver você aqui toda arrumadinha? Tem cama, tem quarto, tem comida, tem tudo... Você vai ser indeferida, eles vão ser ao nosso favor. Pode processar, você só não tem dinheiro todo mês. Pra ir praquele lugarzinho horroroso, aquele lugarzinho ordinário, que você não ganha nada, fica se matando pra ir pra lá... Pode processar... Pode processar, essa psicóloga sua idiota, ela é uma idiota, detesto ela". (...)
>
> Eu falei [com as colegas no trabalho atual]: "É, mas aqui parece capitalismo, uma mandando na outra, ninguém vai mandar em mim não. Já chega minha mãe. Quem me amava era meu pai e minha mãe, ninguém me ama mais". (...)
>
> Aí de uns tempos pra cá eu comecei a ficar muito agressiva [no ambiente de trabalho atual]... agressiva, falando franca, com uma agressividade horrorosa. Aí eu peguei, cheguei, vi que as meninas estavam aqui fora. Eu não queria ninguém mais. Aí, brigando com a Chiquinha, com a Penélope... aí peguei fui na psicóloga e falei com ela: "Pelo amor de deus... Tô agredindo todo mundo... **Tô toda agressiva com meus amigos, não suporto minha família em casa, por favor...** Eu num tenho como fazer, num tenho dinheiro, eu tenho onde dormir, tenho a casa, tenho tudo, pessoal fala que eu sou mal agradecida, que minha irmã me dá tudo, mas eu não tenho um dinheiro, um dia certo pra receber aquele dinheiro. Isso tá me machucando... **Eu quero ser minha mantenedora** (...)" (Entrevista 3 – BETH. Marcações minhas)

Alguns elementos chamam a atenção imediatamente nessas falas. Em primeiro lugar, o modo como a Beth mantém a estrutura da antiga relação com a mãe para a relação atual com os irmãos. Enquanto relatava esse episódio, era impressionante como o tom de voz com que tentava representar a mãe se repetiu ao falar da irmã. A imitação era exatamente a mesma: a entonação, a violência da fala... Eram sempre tons de deboche, desprezo e afronta, que não parecem mera casualidade: ao analisar a estrutura de argumentação de toda a conversa com a Beth, fica bastante visível como o modo de representar os irmãos se transforma radicalmente quando a mãe falece. É mesmo quase como se ela tivesse deslocado os irmãos para esse lugar deixado vazio pela ausência da mãe.

Preciso admitir que essa constatação me foi terrivelmente incômoda. Quase um desastre epistemológico, essa a questão: que fazer, agora, diante de um significante tão forte? Como rejeitar com a mesma convicção de outrora o argumento estruturalista? Não o sei bem. Mas posso (e devo!) tentar esboçar alguma reação.

De fato, é possível perceber na maioria das situações vividas um domínio do significante. Ele certamente se faz presente, subjugando e reduzindo a multiplicidade dos acontecimentos. Como o fez aqui: no modo como a Beth descreve e significa as suas

experiências e no modo como eu as interpreto (reiterando o significante). Pois que ele existe e se manifesta com força material não me restam dúvidas. A grande questão me parece ser exatamente como superar a sua ditadura: como fazer vazar alguma coisa dessa lógica que possibilite a invenção de outros modos de vida, mais leves e alegres? Este, o ponto fundamental.

E eu concebia como estratégia de guerra contra esses significantes a negligência: acreditava que bastaria procurar o seu inverso, buscar o aberto e o fluido, as pluralidades, para que – quase que naturalmente – ele desabasse, calcinado pela desatenção. Não deu certo. Meu engano não poderia ter sido maior: primeiro, pela minha própria dificuldade em esquecê-lo ali, escondido atrás dos fatos e discursos; segundo, porque apenas não iluminá-lo me soa agora como uma imensa ingenuidade, recurso completamente insuficiente nessa tarefa de superá-lo. A sua força é efetivamente muito maior que isso. Do contrário, não teria construído um domínio tão poderoso ao longo dos últimos sessenta anos. Começo a perceber que uma nova máquina de guerra será necessária, novos modos de tentar operar essa subversão precisam ser formulados. **Força guerrilheira esquizo**: na calada da noite da relação binária e terciária entre signo, significante e significado, algum bacilo precisa ser introduzido, sutilmente. Pequenos atos capazes de provocar deslizamentos, que façam estimular a potência da criação (de vida!). Esses atos podem ir dos mais simples aos mais elaborados, porém nunca são gratuitos. São assim como um comentário inusitado, que interrogue essa relação estruturante; um passeio por um novo lugar, com novos cenários, o vento e a chuva fazendo as vezes de desconstrução; um presente; um encontro inesperado com alguém, velho conhecido ou que se acabou de ver pela primeira vez: encontros que são difíceis de controlar ou prejulgar. Coisas assim.

Mas adotar essa postura guerrilheira em uma pesquisa não é tarefa fácil, e eu reconheço as dificuldades que tive. Por exemplo, nas conversas com a Beth, acabei por me inserir e reforçar um determinado lugar que ela já tinha estruturado: uma relação de certa forma paciente-terapeuta (por falta de expressão melhor). Desde os primeiros encontros, a dinâmica das nossas conversas se estabeleceu em torno da sua fala queixosa e vitimizada, de um lado, e da minha postura sistemática e interventora, de outro. Por mais que não fosse essa a minha intenção, e eu tenha me esforçado para deixar isso claro, existia sempre uma expectativa por parte da Beth de que eu lhe organizasse o discurso, e encontrasse respostas para o seus problemas. Exatamente o que ela faz com a sua terapeuta, e o que esperava que a família fizesse. E a verdade é que eu não consegui desconstruir essa relação já instituída de antemão: estava preocupado demais em “entender aquela história”, “descobrir aquela

realidade", e não consegui perceber a tempo esse movimento que se instituía e se repetia... Ao final das nossas conversas eu acabava por intervir com algum conselho, dado o conteúdo sempre difícil – faltoso mesmo – que ela apresentava. Parecia-me que não aconselhar, nessas situações, seria como adotar uma postura fria e imparcial de pesquisador. Fui incapaz de perceber outras possibilidades, além de reiterar esse processo ou recusar o acolhimento, faltou-me, precisamente, essa postura mais fluida, **cartográfica**, uma certa leveza e sensibilidade que me ajudasse a subverter essa relação já sacramentada, que a fizesse deslizar para outros campos, acionar outros códigos e linguagens...

> (...) a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos (...) Diferentemente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, **o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado**, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (...) **O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro**. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 53 e p. 57. Marcações minhas)

Mas voltemos às experiências da Beth. É interessante observar que a sua noção de trabalho está fortemente associada ao trabalho formal, com carteira assinada. Aquele que confere "dignidade". O trabalho solidário, tal qual o que ela experimenta, e também o namorado, não é entendido como algo que "dignifica", porque ainda precário na sua dimensão material.

> Ah, eu num... eu... eu peguei um cartaz, cheio de casinha assim, e eu tenho uma fotografia que a Chiquinha tirou minha e eu desenhei uma casinha com a árvore. Foi tudo assim: minha casa, minha casa, minha casa, minha casa... (...) tudo que eu vejo em revista que eu costumo ter com o Fulano [o namorado], eu ponho lá. Casa, meu quarto, tudo eu corto, eu recorto e ponho lá dentro. Aí eu ponho atrás assim: **esse vai ser meu quarto, essa vai ser minha casa, esse vai ser o carro que o Fulano vai ter, esse vai ser meu emprego, meu dinheiro que eu vou receber,** e rezo todo dia, peço, falo, eu quero sair daqui, eu não quero ficar aqui, eu agradeço a ele [o irmão, porque mora em sua casa], mas eu não quero morar aqui [chora].
>
> (...) **eu tô conseguindo emprego pro Fulano** [que trabalha numa experiência de economia solidária], eu vou ter a minha casa, aí eu vou levar as pessoas que eu quero. (Entrevista 3 – BETH. Marcações minhas)

Novamente estamos diante do dilema redistribuição-reconhecimento. Ou pelo menos nos aproximando dele: de um lado, a precariedade econômica efetivamente torna as suas vivências mais difíceis, e a sua reversão irrompe como demanda concreta; de outro, há essa questão do reconhecimento das diferenças, mas que sequer consegue ser colocada pela Beth, porque **ela não consegue elaborar as suas singularidades**. Beth não se dá a pensar e não se

implica no mundo, ela permanece labirintada no próprio pensamento, entre se vitimizar e reproduzir uma subjetividade capitalística.

8.4 Imagens do trabalho

Alguns passados dobráveis no infinito do tempo. Reencontros. Suposições. Probabilidades, conexões. Surpreendências.

– Vestígios?

> Uma foto é um vestígio. Mas um vestígio de quê?
> Daquilo que se quis fotografar, ou do que foi fotografado sem premeditação, sem vontade, sem desejo? Do objeto em si ou de um simples fenômeno? Do fotografável ou do infotografável?
> Mas por que não também um vestígio do sujeito que fotografa ou do ato fotográfico, da ação fotográfica ou do metafotográfico? Um vestígio do ponto de vista ou do enquadramento? Um vestígio da obtenção do negativo ou de seu aproveitamento?
> E por que não um vestígio do material fotográfico específico ou das condições técnicas e epistêmicas em geral que tornaram possível tal foto em particular?
> Ou por que não um vestígio do passado? Mas de que passado? O do objeto a ser fotografado ou o da foto? O do sujeito que fotografa, o do sujeito fotografado ou o do sujeito que olha a foto? Passado do tempo ou passado do espaço? Passado da vida ou passado da morte?
> Um vestígio de tudo isso ao mesmo tempo? Talvez. Mas como? (SOULAGES, 2010, p. 13)

Gostaria de apresentar aqui alguns vestígios do trabalho dos sujeitos da dissertação. Imagens a se perder na experiência do tempo atravessado pela multiplicidade. De começo, eu pretendia proceder-lhes a uma análise, fazer a sua **decoupagem**[79], mas desisti. Confesso que essa tarefa me pareceu maior que a minha capacidade. Mas não foi exatamente isso que me desanimou (porque a minha capacidade é sempre menor que as tarefas que eu me proponho). A questão, mais que carência de fundamentos de técnica e estética, girava em torno de certa liberdade que eu gostaria de dar às imagens, liberdade que inevitavelmente faz prescindir uma leitura especializada. Para fazer as fotografias aparecerem com todas as suas possibilidades, era preciso não dizer nada[80].

O fato é que as fotografias já dizem muito mais do que deveriam dizer, incomodam até de tanto gritar, nos mostram uma quantidade de devires multiplicáveis ao infinito: na finitude

[79] Reza o senso comum que **decoupar** é a arte de cortar, recortar e revestir, é técnica artesanal que permite recriar objetos, a partir dos seus próprios fragmentos e de outros, dá a ver algo inteiramente diferente, a partir do que se viu primeiro...

[80] Outras interessantes possibilidades bem que haviam: questão mesmo de escolhas e renúncias. Apenas para ilustrar, uma proposta diferente de pesquisa com imagens é oferecida por Gondim, Feitosa e Chaves (2007). Neste estudo, imagens de variadas situações de trabalho foram previamente escolhidas e apresentadas em grupos focais, para em seguida distinguir-se categorias de acordo com as percepções dos participantes.

do espaço que retratam; na infinitude do tempo que liberam e que elas fazem encontrar, passado, presente e futuro, já não se sabe mais quem é quem; nas inúmeras composições, espaço-tempo-cores-almas-pessoas, incrédulos sentimentos se desfazendo ao mesmo tempo que tudo se decompõe quando viramos a página.

> (...) é que a fotografia faz sonhar, trabalha nosso devaneio e nosso inconsciente, habita nossa imaginação e nosso imaginário e é, no ***continuum*** do visível, um buraco negro brilhante que nos faz passar para um outro espaço e um outro tempo, e que ora nos confronta com a alteridade – mas que alteridade? –, ora nos traz de volta a nosso eu – mas que eu? Toda foto é essa imagem rebelde e ofuscante que permite interrogar **ao mesmo tempo** o alhures e o aqui, o passado e o presente, o ser e o devir, o imobilismo e o fluxo, o contínuo e o descontínuo, o objeto e o sujeito, a forma e o material, o signo e... a imagem. (SOULAGES, 2010, p. 13-14. Marcações do autor)

Como disse uma vez Maurício Lissovsky: **toda fotografia está grávida de sonhos**[81].

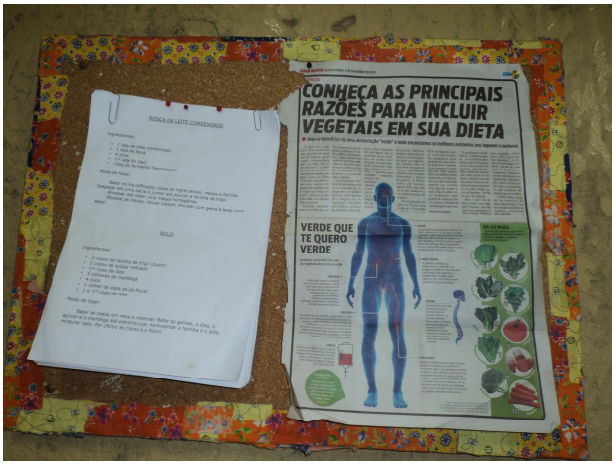
***

[81] Cito aqui irresponsavelmente de orelha. Mas com convicção. E aí vai história: estava eu em vias de surtar ou terminar esta dissertação, com a escrita que não acabava mais (nesses períodos em que ou a gente acaba com ela ou ela acaba com a gente). Pensava que teria terminado já muito antes, quando me inscrevi nesse seminário, "Estética, Cinema e Política" (Organização: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e Grupo de Pesquisa Poéticas da Experiência, ambos da UFMG, realizado em abril de 2011). Não deu, fui obrigado a me manter enclausurado escrevendo. Alguns dias depois, por ocasião da defesa de dissertação de um amigo da área de Administração Financeira, fui parar no mesmo auditório onde havia acontecido uma das palestras desse seminário que acabei perdendo. Ao final da defesa fui cumprimentar meu amigo e – surpresa – lá estava, em cima da mesa principal, completamente nômade, o roteiro de apresentação elaborado e utilizado por Maurício Lissovsky (intitulado "O Despestar dos Arquivos"). Foi o roteiro que me achou, se insinuou para mim. E nele, essa frase genial, que acredito deve ter sido proferida no seminário.

FIGURAS 12 e 13 – O trabalho de Beth (por ela mesma)[82]
Fonte: Fotos de Beth

[82] No detalhe: bordando a frase “O amor é o calor que aquece a alma”.

FIGURAS 14 e 15 – O trabalho de Graça (por ela mesma)
Fonte: Fotos de Graça



FIGURAS 16, 17 e 18 – O trabalho de Eustáquio (por ele mesmo)
Fonte: Fotos de Eustáquio

FIGURAS 19, 20, 21 e 22 – O trabalho de Clarismundo (por ele mesmo)
Fonte: Fotos de Clarismundo

FIGURAS 23, 24 e 25 – O trabalho de Paulo Reis (por ele mesmo)
Fonte: Fotos de Paulo Reis

FIGURAS 26, 27 e 28 – O trabalho de César (por ele mesmo).
Fonte: Fotos de César

9. PENSAMENTO CIRCULAR

Concluir um pensamento não significa nada, porque o pensamento é sempre devir. Concluir um pensamento é a morte. O que fazemos é sempre interrompê-lo, por imposição da norma, falta de papel ou por preguiça de continuar dizendo. Forças do hábito.

A interrupção do pensamento-devir introduz o risco das falsas verdades: quando lemos um autor, queremos acreditar que ele **pensa** exatamente aquilo, quando na verdade aquele pensamento é passagem, o autor já o abandonou. Às vezes poucos instantes depois de assentá-lo no papel. Nada de desanimador nessa constatação, apenas uma precaução que deve ter o leitor.

Entendimentos provisórios, isso o que fazemos: enclausuramos o argumento no tempo e no espaço. Quando o leitor me lê, precisamente volta ao passado: a soma das coisas que eu já não penso mais.

– Meu trabalho natimorto, então.

Quero sugerir não um fechamento, mas um recomeço. Uma espécie de eterno retorno acadêmico, pensamento circular que volta infinitamente aos lugares por onde passou. Com a diferença de que em cada retomada algo novo possa se produzir: eterno retorno do novo.

Mas antes de retornar, por favor, 3 + 1 comentários.

COMENTÁRIO NÚMERO UM:

Dois pontos. Atravessa um travessão aí.
Digo: eu nunca quis me preocupar em compreender, em explicar. Eu só queria fazer disso tudo uma experiência. E fiz. Quase sinestésica. Ponto.

A esta altura, talvez eu devesse me concentrar em fazer algum tipo de balanço da dissertação, a fim de responder à simples questão: qual é, afinal, a utilidade desta pesquisa?

Pergunta incômoda. Atrevida. Depois de tudo isso, com que direito me vem apontar o dedo e as minhas falhas assim, sem a mínima educação? Onde já se viu, pergunta assim, sem qualquer modo ou polimento? Pois que eu me recuso a respondê-la. Questiono a sua legitimidade. Devolvo-lhe outra pergunta, nietzscheanamente redentora: **para que e por que a utilidade?**

Ora, sobre isso eu já comentei bem antes, não há porque me delongar demais agora. Basta relembrar que esta é, ou pelo menos tentou ser, uma **dissertação trágica**. Contra essa interpretação de mundo cavada pela filosofia socrático-platônica, elenquemos em júbilo o pensamento trágico pré-socrático, modo artista de existência, que não se preocupava com o conhecimento, mas com o mundo a conhecer. (NIETZSCHE, 1996; LUCARINY, 1998)

Buscar a utilidade de um trabalho acadêmico é tão somente colocá-lo na ciranda da vontade de saber, na trilha do conhecimento e de uma suposta verdade, a quem caberiam mediar a nossa relação com o mundo. Pois isso eu me recuso. Quero antes os versos do poeta e o lirismo dos loucos, dos bêbados, dos *clowns* de Shakespeare... (BANDEIRA, 1955, p. 180)

Prefiro então acreditar numa "desutilidade poética" desta dissertação (BARROS, 1998, p. 11). Porque essa desutilidade aparece quando eu não me preocupo demasiado em explicar, quando eu prefiro conhecer experimentando, e não conhecer explicando. Entre um e outro, um abismo de diferença: quando eu tento primeiro explicar, me asseguro da viabilidade e dos riscos de conhecer, a planilha do gestor a organizar os números e a proteger o investimento que se está prestes a fazer. Por outro lado, quando eu experimento para conhecer, assumo os riscos e as belezas e os fascínios de um mundo que não pode ser esgotado em teorias, fórmulas e prescrições. Eu me abro e me emociono com aquilo que o mundo me oferece, até a tristeza guardando algum tipo de calor.

> Nada mostra o que queremos expressar
> A grandeza infinita é o cosmos
> E o infinitamente pequeno
> é a partícula do átomo
>
> Eu posso definir o infinito sem entendê-lo
> Quando eu não entendo o que defino
> Eu me aproximo do que chamam... poesia
>
> E então, a poesia se revela muito mais próxima da vida do que parece (...)
> (ANTÔNIO ABUJAMRA, na canção "Palmeira do Deserto", de André Abujamra. São Paulo: Spin Music, 2004. Faixa 10 de 1 compact-disc, 5min 04 s.)

Daí a minha negligência em explicar sistematicamente os pontos abordados neste trabalho (que, acredito eu, nem foi tão negligente assim: emancipar o pensamento não é nada fácil...). O que nos leva ao segundo comentário.

COMENTÁRIO NÚMERO DOIS:

Minhas explicações – as que eu não consegui sepultar, por absoluta incompetência e covardia: a verdade, a triste e amarga verdade, é que estou chegando ao final dessa trajetória acadêmica tentando reconhecer, atribuir um sentido, ao percurso feito. Em vários momentos me senti completamente perdido, sem qualquer tipo de certeza ou segurança que me fizesse guiar por um caminho qualquer.

Chego ao final deste trabalho um tanto constrangido, porque sem certeza do que pretendia fazer, afinal: questão de devires. Muita coisa mudou ao longo desses quase trinta meses, especialmente perto do fim. Daí recuperar o que eu pretendia, confrontar resultados com objetivos iniciais parecer inapropriado. Pois então, o que me mobilizava e sensibilizava para empreender tão longa e específica caminhada? Não era, de forma alguma – e disso estou certo – um compromisso com a ciência ou qualquer coisa do tipo. Fazendo valer em mim uma vontade de inspiração nietzschiana, preciso rejeitar veementemente qualquer ilusão que me possa oferecer um conceito. Nunca se tratou de "construir conhecimento", encontrar alguma conclusão ou verdade, essas noções arbitrárias e carregadas de efeitos de poder e dominação.

Não foi, tampouco, um puro e altruístico desejo de fazer minha uma bandeira da qual eu tenho simpatia, e tentar com isso ajudar a continuar uma revolução que não é, por definição e direito adquirido, minha. A relação que eu mantenho com a loucura até hoje nunca passou de um certo fascínio desconhecido, misto de medo e curiosidade dos mistérios que ela carrega. Não posso, enfim, alegar uma relação mais forte com o campo, já que – pelo menos por enquanto – não faço parte de nenhum dos seus públicos diretos (e penso aqui especialmente nos trabalhadores de saúde mental e os próprios cidadãos em sofrimento mental).

Num dos momentos do percurso, me deparei com alguns trabalhos sobre o tema, especificamente dissertações de mestrado ou teses de doutorado que me chamaram a atenção por um fato: em todas elas a ligação do pesquisador com o campo parecia bastante forte, na maioria das vezes eram profissionais que estavam na lida diária com a loucura e procuravam respostas a problemas concretos (da clínica ou da organização do trabalho, de políticas públicas, etc.). Não posso dizer que fiz o mesmo.

Daí eu continuei no meu descaminho: o que, afinal, me motivava a desenvolver esse projeto? Qual a minha ligação com o campo da saúde mental? Onde eu pretendia chegar, que respostas queria buscar? Todas essas, perguntas aparentemente simples que deveriam estar presentes desde o primeiro momento, de concepção do projeto, mas que eu reconheço nunca

estiveram definitivas para mim. Sempre titubeante, eu deslizava entre uma e outra resposta, tentando me agarrar em alguma borda que não me deixasse afogar na enxurrada de interrogações que eu mesmo me colocava.

"Eterna vítima de sua própria invenção" (MATTOS, 2006, p. 20)

Pois bem: passadas as tempestades mais assustadoras, é com prazer e orgulho que eu lapidei um novo entendimento provisório. É que, apesar de todo o desamparo que não clarear esses pontos fundamentais me trouxe, acredito que tenha sido também justamente o que me possibilitou reinventar esta dissertação a cada nova situação vivida. Esses deslizamentos, são, em verdade, não um problema a ser evitado, mas exatamente aquilo que deve ser reforçado. Assim, provisoriamente, esclareço que:

- Continuo sem saber exatamente o que faço aqui. Graças a Deus (ou melhor, graças a Nietzsche. Vamos manter esse tal bom senhor devidamente sepultado, e com o cuidado de não refazê-lo em prescrições acadêmicas);
- Estou cada vez mais satisfeito em pensar que retornaria eternamente por este mesmo descaminho;
- Essa coisa toda de loucura me parece que pode ajudar a pensar uma questão em especial: que lições podemos extrair da experiência da loucura e misturá-las à nossa arte de vida? Nesse sentido, perceber os modos como os sujeitos desta dissertação se dão a conhecer e a relacionar com o mundo me parece bastante interessante. As práticas de si, especialmente quando unem conhecimento e cuidado, são reveladoras. Porque esse conhecimento (de si) é de algum modo **conhecimento trágico**, ele busca não a verdade por detrás das coisas, não uma forma de explicar o mundo para dominá-lo, mas, pelo contrário, ele é uma forma de se relacionar com o mundo; é um conhecimento pilhado não para conhecer, mas para mediar. Por isso não importa se ele é delirante ou razoável: importa é que ele se entrega ao mundo, se consome naquilo que se produz, se reinventa sob novas bases, sem se preocupar em ser coerente ou atual;
- Desconfio, provisoriamente, que uma das razões de ser deste estudo é um **vir-a-ser experiências**, sejam elas de qualquer natureza (boas ou ruins, certas ou erradas, interessantes ou tediantes...). Aliás, é de fundamental importância que não se tenha controle sobre elas. Quando se planeja demais ou se mantém demasiado controle sobre as coisas é porque algo de fundamental se perdeu, já não tem por onde sair. O

incontrolável é quando a vida se mostra de tal maneira surpreendente e inexplicável, e é isso que vale a pena perquirir com certa devoção obstinada, o que nos leva ao terceiro comentário.

COMENTÁRIO NÚMERO TRÊS:

Uma frase, uma frase provocou mudanças nesse entendimento que eu andava fazendo de todo este trabalho. Já estava caminhando para o final, últimos dois meses desse desespero leniente que me interrogava em busca de alguma definição surda, algo que pudesse acalmar. E que não vinha. Daí encontrei essa frase.

Mal a relembro com exatidão, pra ser bem sincero. Mas não importa. O importante é o efeito que ela produziu, me movimentando aos solavancos para outro entendimento provisório de tudo isso aqui. O que não deveria ser nada demais: passamos de um entendimento a outro à medida que vivemos, descobrimos o mundo, nos emocionamos nele e com ele. Transitoriedades e fascínios. Devires. Daí que essas trocas de sentido, em todos os sentidos, serem coisa natural.

Mas é que essa frase escancarou pra mim os meus podres poderes. Limites rasos, infundados de convicção. Inapreensões e fracassos, muitos fracassos. Brilhantes, incontestáveis e poéticos fracassos.

A frase:

“O momento onde uma coisa se transforma em outra é o momento mais bonito. Aquele momento é um momento mágico mesmo”.

O autor é o artista plástico Vik Muniz, que a pronuncia no documentário *Lixo extraordinário*[83]. Refere-se ao potencial transformador da arte: de uma radicalidade e fugacidade impressionantes. É que o momento primeiro em que o ser humano se depara com uma obra de arte – seja ela uma música, um quadro, uma fotografia, uma escultura, não importa – guarda o potencial de produzir algo novo no sujeito, um desconcerto, uma epifania, um desagrado, qualquer coisa. Mas produz. Ousaria dizer que é exatamente isso o que Vik Muniz persegue com os seus trabalhos: esse sublime, e fugaz, momento redentor da arte. O resto não importa.

[83] 2010, direção de Karen Harley, João Jardim e Lucy Walker. Brasil/Reino Unido: Downtown Filmes, 90 minutos.

São como cinco ou seis segundos, nada mais que isso, nos quais alguma coisa de impermanente e desgovernável se produz nesse sujeito defrontado pela obra, embasbacado. Alguma coisa muda naquele ser humano, não se sabe exatamente o quê, ou quais as consequências disso, mas é certo que a partir daquele momento ele não mais percebe o mundo como antes. Mesmo que esse efeito passe rapidamente, e tudo se desfaça com a mesma velocidade com que se instalou, o fato é que a vida daquele sujeito foi tocada por algo que é talvez o momento mais fenomenal da vida: o momento – frágil e provisório momento – em que ele se reconcilia com o mundo (mesmo que rejeitando ele). Nada mais importa. E, por certo, aquela pessoa vai ter de refazer-se a partir daquele contato íntimo e estreito com a arte.

Quando eu escutei esta frase desentendi tudo o que estava fazendo, pois é justamente esse refazer-se que me interessava no âmbito desta dissertação. O propósito último e primeiro deste trabalho, sempre foi tentar facilitar algum processo de reconstrução dos sujeitos. Não por considerá-los prejudicados, ruins ou incompletos, mas porque essa reconstrução é consequência de um momento mágico e lindo que a pessoa experimentou, uma experiência que todos deveriam passar, porque ela dá novos sentidos à nossa existência. Porque ela nos lembra que o mais belo é o instante mínimo, é essa transformação constante, devires múltiplos e inquietos a nos confrontar cotidianamente.

Pois essa reconstrução subjetiva, fundada no absurdo e incompreensão da vida e, por conseguinte, sem direção prévia a seguir, passível de assumir qualquer tipo de investidura, seguir qualquer caminho, tomar qualquer forma: é o que não se conseguiu fazer aqui. Este, **o meu maior fracasso**.

Acontece que a minha dificuldade em me jogar no mundo e me relacionar com esses sujeitos, abandonando a rigidez acadêmica[84] e fazendo desta uma experiência mais espontânea, prejudicou alcançar esse momento sublime. Não dei conta, essa é a verdade. É certo que algum efeito se produziu nesses sujeitos, para isso estou convicto que este estudo serviu. Mas é que esse efeito indefinido ficará longe dessa potência deflagradora da arte... Talvez (seguramente) a minha linguagem não foi adequada, um quadro ou uma fotografia ou uma canção guardando muito mais vontade de potência que essa densa, hermética (porque utiliza palavras como “hermética”), pesada, desajeitada, tediosa, atravancada dissertação. Um dos sujeitos desta pesquisa chegou mesmo a reclamar da quantidade de páginas que eu lhe

84 E aqui eu me lembro tanto dos conselhos da profa. Ana Paula Paes de Paula que indicou precisamente onde eu me amarrava, e me sugeriu mais fluidez metodológica. E eu sinto enormemente por não ter percebido isso e ter conseguido seguir o seu conselho...

pedia para ler, onde eu remontava a sua história (e eram seis, naquele esboço parcial, o que ele vai me dizer da dissertação completa então?).

Por isso só me resta constatar: fracassei! Mas foi um fracasso delicioso esse (A humildade talvez seja a forma mais sofisticada de vaidade, disse uma vez Antônio Abujamra). Fracassei porque tentei fazer o mais difícil e, por isso, é um fracasso que vale mais que mil sucessos... Mas não deixa de ser fracasso: em vários momentos fiquei pela metade, à deriva: sem me filiar seguramente à tradição acadêmica bem constituída, mas também sem conseguir alcançar esse sol nietzschiano-esquizoanalítico que eu perseguia...

Talvez esse "tentar fazer o mais difícil" é na verdade a única qualidade que tenho em mim. Difícil mesmo seria proceder a um estudo cuidadoso, sistemático: este sim, de uma complexidade exorbitante! Como disse o poeta certa vez: **Complicado é ser simples, é simples ser complicado**[85]...

MAIS UM COMENTÁRIO:

De quando eu ainda planejava fazer uma conclusão (a mais inconclusiva do mundo):

> Eu estou aqui
> e não tenho nada a dizer.
> E o estou dizendo. (John Cage, lembrado por CAMPOS, 1986, p. 213)

Certamente não foi seguindo epistemologias, métodos e técnicas que chegamos neste recomeço: a produção de sentidos se fez à medida que eu percorria e me deixava consumir; se fez, desfez e refez ao penetrar e se misturar em mim, em primeiro lugar, quando eu me dava a conhecer (n)aquelas histórias, e ao se misturar e se penetrar nos sujeitos da pesquisa, quando reconstruíam suas histórias. Entre um e outro, um pequeno abismo de distância, precariamente suturado por palavras de uma imprecisão assustadora: o que podemos esperar de um trabalho acadêmico?

A decepção, nesses tempos atuais de elogio da produtividade acadêmica, está em ser citado de orelha, em não ser interpretado, não ser jogado contra a parede e contra outros autores, em ser simplesmente um amontoado de palavras que não dizem nada e servem pra qualquer coisa: uma citação precipitada, um peso de papel... A decepção está precisamente naquilo que a dissertação escancara e não deixa esconder: que, nesses tempos de fabricação

[85] André Abujamra, na canção "Palmeira do Deserto". São Paulo: Spin Music, 2004. Faixa 10 de 1 compact-disc, 5min 04 s.

em série e consumo imediato de artigos e colóquios acadêmicos, nada parece resistir; tudo se dá como se fosse sem saída ou salvação, uma estranha sensação de que tudo se resume a um teatro dos saberes, cada um com suas falas e atos predeterminados, insiste em se produzir.

Para além das decepções, insisto e reitero o argumento nietzschiano: o que importa é mais o mundo a conhecer que o conhecimento. Diante disso, afirmo com orgulho que não houve nenhuma iluminura no fim, que não há nenhuma conclusão brilhante ou quebra-cabeça finalizado. O caminho percorrido não foi linear, os pontos não se ligaram até formar algum monólito de conhecimento: a cena não se desenrolou num passo-a-passo, do tipo: "eu queria saber o porquê disto, então fiz aquilo e aquilo outro, e descobri que...". Não. Essa travessia foi um tanto mais tortuosa, e mais medrosa: eu queria me deparar com as sinuosidades, buracos, rupturas, descaminhos e atalhos. Com as imprecisões e com as faltas. Mas em vários momentos isso me assustou, e eu corri a me proteger atrás das pedras no meu caminho... Roteiro e gravador a tiracolo, postura de pesquisador, isso em vários momentos matou a espontaneidade, e eu não consegui fazer diferente. Confesso meu pecado.

Mas agora chega: nada me resta a dizer. Preciso apenas encontrar a palavra de inflexão, para que iniciemos o retorno: é de grande valia que retornemos, mesmo-lugar-de-partida, dessa vez com outras ideias pululando inquietas. É a única coisa que importa: esse sentimento e pensamento incômodo que permanece por algum tempo, pois que carrega o potencial de provocar algum tipo de abalo ou ressignificação. Novas tintas, condimentos e sinalizações para um velho descaminho: isso, a grande conclusão brilhante, a única peça do quebra-cabeça que me propus a colocar (no lugar, de cabeça pra baixo). Escutem bem: "no que concerne aos entulhos acadêmicos de toda espécie, eu descobri que não há nada a descobrir, que tudo já tinha sido dito e feito antes, que eu nada acrescentei a não ser a mim mesmo, que tudo permanece, enfim, inabalável..."; prossigo: "contudo, percorrer novamente esse velho caminho batido e sacramentado como **o-lugar-da-verdade** me fez olhar pra dentro e constatar uma velha verdade: que 'não se banha duas vezes no mesmo rio'". Continuo: "por tudo isso, hei de dizer sem remorso que 'efetivamente morri de amar mais do que pude', ou: 'as águas do meu rio particular são as mais límpidas e coloridas ao mesmo tempo!'". E fecho: "e, assim sendo, nada mais por dizer, digo apenas: fim!".

Agora sim: é preciso deixar as ideias decantarem por um tempo, caro leitor. Vá viver um pouco, se emocione com o mundo e depois – caso seja tomado por algum conjunto de impossibilidades – retorne ao texto. E repita comigo:

POR QUE SER CONSIDERADO VAGABUNDO OU LOUCO NÃO NECESSARIAMENTE É UMA COISA RUIM? OU MELHOR, QUE IMPORTÂNCIAS PODE TER EMBUTIR O INSÓLITO DENTRO DE UMA IDEIA JÁ BEM AMARRADA DE REALIDADE?

10. NÃO ACREDITA EM MIM? E NELES?

ABREU, Caio Fernando. Cartas para além do muro. In: ABREU, Caio Fernando. *Caio 3D*: o essencial da década de 1970. Rio de Janeiro: Agir, 2005, 359p.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento:* fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1985. 254p.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. 92p.

ALVES, Rubem. *O retorno e terno.* 24 ed. Campinas: Papirus, 2003. 175p.

AMARANTE, Paulo. *Loucos pela vida:* a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1995. 143p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética.* Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978. 264p.

ANTUNES, Ricardo L. C. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez: UNICAMP, 2006. 200 p.

ANTUNES, Ricardo L. C. *O caracol e sua concha:* ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 135 p.

ANTUNES, Ricardo L. C. *Os sentidos do trabalho:* ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

AREJANO, Ceres Braga. *Reforma psiquiátrica:* uma analítica das relações de poder nos serviços de atenção à saúde mental. 228f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-graduação em Enfermagem, UFSC, Florianópolis, 2002.

ARENDT, Hannah. *A condição humana.* Trad. Roberto Raposo 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007 [1958]. 352p.

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud.* 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986. 167p.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1955. 401p

BAREMBLITT, Gregorio. *Introdução à esquizoanálise*. Belo Horizonte: Biblioteca da Fundação Gregório Baremblitt/Instituto Félix Guattari, 2010 [1998]. 147p.

BARFKNECHT, Kátia Salete; MERLO, Álvaro Roberto Crespo; NARDI, Henrique Caetano. Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, ago. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000200008&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: <03/12/2009>

BARROS, Manoel de. *Ensaios fotográficos.* Rio de Janeiro: Record, 2000a, 66 p.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignorãças.* Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000b. 103p.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada.* Rio de Janeiro: Record, 1998. 85p.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto.* São Paulo: Perspectiva, 1977. 86p.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2004. 516 p.

BENOIT, Lenita. Arquitetura e luta de classes: entrevista com Sérgio Ferro. *Crítica Marxista*, n. 15. Campinas, 2002.

BORGES, Fabiane Moraes. *Domínios do demasiado.* 121f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental e economia solidária:* inclusão social pelo trabalho. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005, 134p.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista:* a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: 1987. 379 p.

BURRELL, Gibson; MORGAN, Gareth. *Sociological paradigms and organizational analysis.* London: Heinemann Educational Books, 1979.

CAMPOS, Augusto de. *O anticrítico.* São Paulo: Cia. das Letras, 1986. 230 p.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico.* Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978. 270p.

CANDIOTO, Cesar. Notas sobre a arqueologia de Foucault em As Palavras e as Coisas. *Revista Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 13-28, jan-jul. 2009.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicologia: Reflexão e Crítica,* v. 18, n. 3, p. 343-349, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos:* mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1993. 996p.

CODO, Wanderley. (Org) *O trabalho enlouquece?* Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004. 238p.

CODO, Wanderley; JACQUES, Maria da Graça Corrêa. (Org) *Saúde Mental e trabalho* - leituras. Petrópolis: Vozes, 2002. 420p.

DA MATTA, Roberto. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: PAOLI, Maria Célia; BENEVIDES, Maria Victoria; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DA MATTA, Roberto. *Violência brasileira.* São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 10-44.

_____. *Carnavais, malandros e heróis:* para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 272p.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho:* estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: 1987. 163p.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, v. 14, n. 3. São Paulo, p. 27-34, set-dez. 2004.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian *et al*. *Psicodinâmica do trabalho:* contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994. 145p.

DELEUZE, Gilles. *Conversações:* 1972 – 1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, 232 p.

_____. *Foucault.* São Paulo: Brasiliense, 2005. 142p.

_____. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana.* Lisboa: Vega, 1996. (5p.) Disponível em: <www.prppg.ufes.br/.../**Deleuze**%20-%20O%20que%20é%20um%20**dispositivo**.pdf> Acesso em: <12/04/2009>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs:* capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. 94p.

_____. *O Anti-Édipo:* capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010 [1972]. 560p.

DURKHEIM, Emile. *O suicídio:* estudo de sociologia. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1973 [1897]. 470p.

ESCOSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em estudo.* Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai/ago. 2005.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; TENÓRIO, Fernando. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. V, n. 1, p. 29-43, mar. 2002.

FIRMINO, Hiram. *Nos porões da loucura.* Rio de Janeiro: Codecri, 1982. 109p.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2006e. 680p.

_____. A loucura só existe em uma sociedade. Le monde, n. 5135, p.9, 22 jul. 1961. In: FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito:* psicologia, psiquiatria e psicanálise. Coleção Ditos e Escritos, vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002a. 354p.

_____. *A ordem do discurso:* aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999 [1970]. 79 p.

_____. *As palavras e as coisas.* São Paulo: Martins Fontes, 1995 [1966]. 407p.

_____. *Estética:* literatura e pintura, música e cinema. Coleção Ditos e Escritos, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. 432 p

_____. *História da loucura na idade clássica.* 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1961]. 551p.

_____. *Historia da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1984]. 232p.

_____. *Microfísica do poder*. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992 [1979]. 295p.

_____. *Nietzsche, Freud e Marx:* theatrum philosoficum**.** 4. ed. São Paulo: 1987. 81p.

_____. *O nascimento da clinica***.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980 [1963]. 241p.

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Coleção Ditos e Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 192-217.

_____. *Os anormais:* curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001. 477p.

_____. Política e ética: uma entrevista [1984]. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Coleção Ditos e Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. p. 218-224.

_____. *Problematização do sujeito:* psicologia, psiquiatria e psicanálise. Coleção Ditos e Escritos, vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2002b. 354 p.

_____. Sexualidade e solidão [1981]. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Coleção Ditos e Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006f. p. 92-103.

_____. Uma estética da existência [1984]. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Coleção Ditos e Escritos, vol. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d. p. 288-293.

_____. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008 [1975], 288p.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? *Revista Lua Nova*, n. 70. São Paulo, 2007, p. 101-138.

GAULEJAC, Vincent de; MARQUEZ, Susana Rodriguez; RUIZ, Elvia Taracena. *História de vida*: psicoanálisis y sociología clínica. México: Universidad Autônoma de Quéretaro, 2006. Disponível em: < http://www.mediafire.com/?9nbbmnxwmje>. Acesso em: <12/01/2011>.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche.* São Paulo: Publifolha, 2000. 93p.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 516p.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos.* São Paulo: Perspectiva, 1974. 312p.

GONDIM, Sônia Maria Guedes; FEITOSA, Girleide Novaes; CHAVES, Marina. A imagem do trabalho: um estudo qualitativo usando fotografia em grupos focais. *RAC,* v. 11, n.4, out.-dez. 2007. p. 153-174.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa e subjetividade:* os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 205 p.

_____. *Sujeito e subjetividade*: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 290p.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado:* para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 203p.

_____. *Metamorfoses do trabalho:* crítica da razão econômica. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 248p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. 327p.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003, 291p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 2922 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos.* Rio de Janeiro: Objetiva; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2003. 954 p.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções cientificas.* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. 257p.

KYRILLOS NETO, Fuad. *Reforma psiquiátrica e conceito de esclarecimento:* reflexões críticas. Mental (Barbacena), Barbacena, v. I, n. I, p. 71-82, 2003.

LAING, Ronald David. *O eu dividido:* estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1991. 231 p.

LE GUILLANT, Louis. *Quelle psychiatrie pour notre temps?* Toulouse : Érès, 1984.

LE GUILLANT, Louis; CLOT, Yves; CODO, Wanderley; LIMA, Maria Elizabeth Antunes; TEIXEIRA, Guilherme. *Escritos de Louis Le Guillant:* da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 359p.

LEURET, F. *Du traitement moral de la folie.* Paris: Ballière, 1840.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A relação entre distúrbio mental e trabalho: evidências epidemiológicas recentes. In: CODO, W. (Org) *O trabalho enlouquece?* Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Transtornos mentais e trabalho: o problema do nexo causal. *Revista de Administração da FEAD – Minas*, v. 2, n. 1, p. 73-80, jun. 2005.

LIMA, Rafaela (Org). *Mídias comunitárias:* juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 319 p.

LIRA-LIROVSKY, José Paes de. *Mercadorias e futuro.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. 96p.

LOBOSQUE, Ana Marta. *Clínica em movimento:* por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 197 p.

_____. *Experiências da loucura.* Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 173 p.

_____. *Princípios para uma clínica antimanicomial e outros escritos*. São Paulo: Hucitec, 1997. 96p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:* um manual prático. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 516 p

LOPES, Eduardo Simonini. *Ajuda com dissertação* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <leo.mascarenhas@gmail.com>. Data de recebimento:22/05/2011.

LOPES, Marcia Cavalcanti Raposo. Subjetividade e trabalho na sociedade contemporânea. In: *Trabalho, Educação e Saúde.* Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 91-113, mar-jun 2009.

LOURENÇO, Mariane Lemos. *Cooperativismo e subjetividade:* um estudo das dimensões da autogestão, do tempo e da cultura solidária. Curitiba: Juruá, 2008. 95p.

LUCARINY, José Guilherme Dantas. *A morte de Deus e a morte do Homem no pensamento de Nietzsche e de Michel Foucault*. 135f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia, UERJ, Rio de Janeiro, 1998.

LUKÁCS, György. *The ontology of social being.* London: Merlin, 1978. v.3. Labour. 142 p.

MACHADO, Vanessa; MANÇO, Amábile Rodrigues Xavier; SANTOS, Manoel Antônio dos. A recusa à desospitalização psiquiátrica: um estudo qualitativo. *Cadernos de Saúde Pública,* n. 5, v. 21. Rio de Janeiro, p. 1472-1479, set-out. 2005.

MAGALHÃES, Thereza Calvet de. A atividade humana do trabalho [labor] em Hannah Arendt. *Ensaio,* n. 14. São Paulo, p. 131-168, 1985.

MARTINS, Paula Gontijo. *Teoria do reconhecimento e economia solidária:* uma proposta de composição entre redistribuição, sustentabilidade e emancipação. 96f. Dissertação (Mestrado em Direito). Programa de Pós-graduação em Direito, PUC-Minas, Belo Horizonte, 2011.

MARTINS, Rita de Cássia Andrade Martins. Saúde mental e economia solidária: construção democrática e participativa de políticas públicas de inclusão social e econômica. In: CORTEGOSO, Ana Lúcia (Org.); LUCAS, Miguel Gambelli (Org.). *Psicologia e economia solidária* - Interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. 268 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista.* 4. ed. São Paulo: Global, 1984 [1848]. 45 p.

MATA, Sérgio da. O espaço do poder. *Revista do Arquivo Público Mineiro,* ano 42, v. 2, p. 48-65**.** Belo Horizonte: jul.-dez. 2006.

MATTOS, Virgílio de. *Crime e psiquiatria:* uma saída: preliminares para a desconstrução das medidas de segurança. Rio de Janeiro: Revan, 2006. 233p.

MÉDA, Dominique. *Le travail:* une valeur em voie de disparition. Paris, Aubier, 1995.

MELO, Alexia *et al.* Metodologia: o jogo e a reinvenção. In: LIMA, Rafaela (Org). *Mídias comunitárias:* juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 319 p.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais. *Atenção em saúde mental* [linha-guia]. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Saúde, 2006. 238p. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/publicacoes/linha-guia/linhas-guia/linhas-guia>. Acesso em: <30/03/2010>.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes; PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Introdução à organização burocrática.* São Paulo: Brasiliense, 1980. 310 p.

MUCHAIL, Salma Tannus. Leitura dos antigos, reflexões do presente. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Para uma vida não-fascista.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 431 p.

NEVES, Mary Yale; SELIGMANN-SILVA, Edith; ATHAYDE, Milton. Saúde mental e trabalho: um campo de estudo em construção. In: ARAÚJO, Anísio *et. al*. (orgs). *Cenários do trabalho:* subjetividade, movimento e enigma. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 310 p.

NICOLAZZI, F. As histórias de Michel Foucault. *Klepsidra Revista Virtual de História*, v. 2, n. 12, p. 1, 2002. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra12/foucault.html> Acesso em: <01/04/2011>

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência.* Lisboa: Guimarães & Cia Editores, 1977 [1882]. 316p

____. *A genealogia da moral.* 3ª ed. São Paulo: Escala, 2009 [1887]. 172p.

____. *Assim falou Zaratustra:* um livro para todos e para ninguém. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 [1883-1885]. 381p.

____. *O nascimento da tragédia, ou, Helenismo e pessimismo.* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1886]. 177 p.

NILO, Kelly *et. al* (Orgs). *Política de saúde mental de Belo Horizonte:* o cotidiano de uma utopia. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2008. 255 p.

OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? In: OFFE, Claus. *Trabalho & Sociedade.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. v.1.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. *O debate sobre a centralidade do trabalho.* São Paulo: Expressão Popular, 2006. 183p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *CID-10, classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10:* descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, 351 p.

PACHECO, Jorge de Lima. Inclusão social através do trabalho. In: CORTEGOSO, Ana Lúcia (Org.); LUCAS, Miguel Gambelli (Orgs.). *Psicologia e economia solidária* - Interfaces e perspectivas. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. 268 p.

PAES DE PAULA, Ana Paula; PALASSI, Márcia Prezotti. Subjetividade e simbolismo nos estudos organizacionais: um enfoque histórico-cultural. In: CARRIERI, Alexandre de Pádua; SARAIVA, Luiz Alex Silva (Orgs.). *Simbolismo organizacional no Brasil.* São Paulo: Atlas, 2007. P. 199-228

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia:* pesquisa Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PAULON, Simone Mainieri; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. *Revista Estudos e pesquisa em psicologia.* Rio de Janeiro: UERJ, ano 10, n. 1, p. 85-102, 2010.

PELBART Peter Pál. Manicômio mental: a outra face da clausura. In: LANCETTI, A. (Org.) *Saúde e loucura.* v. 2. São Paulo: Editora Hucitec; 1990. p. 132-40.

PEREIRA, Maria Cecília; BRITO, Mozar José de. A análise do discurso como prática de processo de produção de sentidos: proposta teórico-metodológica. In: CARRIERI, Alexandre de Pádua (org). *Análise do discurso em estudos organizacionais.* Curitiba: Juruá, 2009. 315p.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos:* obra poética IV. Porto Alegre: L&PM, 2009. 336p.

QUINTANA, Mário. *Quintana de bolso.* Porto Alegre: L&PM, 2008. 168p.

RAMALHO, Rosane Monteiro. A escuta do delírio na clínica da psicose. Correio da Appoa, Porto Alegre, v. 111, 2003. p. 42-55.

RAMMINGER, Tatiana. *Trabalhadores de saúde mental:* Reforma Psiquiátrica, saúde do trabalhador e modos de subjetivação nos serviços de saúde mental. 117f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

RAMMINGER, Tatiana; NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault. *Interface:* Comunicação, Saúde, Educação, v.12, n.25, p.339-346, abr./jun. 2008.

RAZETO, Luis. Economia de solidariedade e organização popular. In: GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ, Francisco. (Org). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo: Cortez, 1999. p.34-58.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Saúde mental no Brasil*. São Paulo: Arte & Ciencia, 1999. 192 p.

RICCI, Ana Paula. *Escolha e seletividade em Nietzsche:* o tornar-se nos últimos escritos. 135f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2007.

ROCHA, Marisa Lopes da.; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão.* n. 23, v. 4, p. 64-73, 2003.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: *Cadernos de subjetividade*. São Paulo, v. 1, n. 2, set. fev. 1993, p. 241-251. Disponível em: <www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> Acesso em: <15/04/2011>

ROTELLI, Franco. A instituição inventada. In: ROTELLI, Franco; NICACIO, Fernanda. *Desinstitucionalização***.** São Paulo: Hucitec, 1990. 112p.

RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Produzir para viver:* os caminhos da producao nao capitalista. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2005. 514p.

SEIXAS, Raul. Ouro de tolo. In: SEIXAS, Raul. *Krig-ha, Bandolo!*. Rio de Janeiro: Universal, 1973. Faixa 11 de 1 compact-disc, 2min 51s.

SILVA, Magali Milene. A saúde mental e a fabricação da normalidade: uma crítica aos excessos do ideal normalizador a partir das obras de Foucault e Canguilhem. Curitiba: *Interação em Psicologia*, v. 12, n.1, p 141-150, 2008a.

SILVA, Mary Cristina Barros e. *Repensando os porões da loucura:* um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008b. 87 p.

SILVA, Rosemeire Aparecida. (Relato em mesa-redonda: experiências de geração de renda e trabalho em saúde mental). In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Saúde mental e economia solidária:* inclusão social pelo trabalho. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 134p.

SILVEIRA, Eustáquio Martins da. *Desabafo.* Belo Horizonte: Oficina de Letras e Comunicação do Centro de Convivência Carlos Prates, 11 jan. 2008. (mimeo). s/p.

SILVEIRA, Eustáquio Martins da. *O transtorno mental e a espiritualidade.* Belo Horizonte: Oficina de Letras e Comunicação do Centro de Convivência Carlos Prates, 15 nov. 2010. (mimeo). s/p.

SOULAGES, François. *Estética da fotografia:* perda e permanência. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2010. 383p.

STOCKINGER, Rui Carlos. *Reforma psiquiátrica brasileira*: perspectivas humanistas e existenciais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 127p.

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de administração cientifica.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 1957. 130p.

TUKE, D.H. *Chapters on the history of the insane.* Londres, 1882.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Olivveira (Org.). *A aventura sociológica:* objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

VERGARA, Sylvia Constant; CALDAS, Miguel P. *Paradigma interpretacionista:* a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. RAE, v.45, n.4, out-dez 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 287p.

VERSOLATO, Bruno. Nação Rivotril. *Super Interessante*. São Paulo, Abril Cultural, n.147, julho de 2010. Disponível em: <http://super.abril.com.br/saude/nacao-rivotril-587755.shtml>. Acesso em: <11/11/10>.

VIANA, Marcio Túlio. A proteção social do trabalhador no mundo globalizado - o direito do trabalho no limiar do século XXI. *Revista LTr*, v. 63, n. 7. p. 885-896, 1999.

VIEGAS, Sônia. *Trabalho e vida*. Conferência pronunciada para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INPS. Belo Horizonte, 1989.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espirito do capitalismo.* São Paulo: Pioneira, 1967. 233p.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. *Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 3, p. 16-22, set./dez. 2006.

"E tem o seguinte, meus senhores: não vamos enlouquecer, nem nos matar, nem desistir. Pelo contrário: vamos ficar ótimos e incomodar bastante ainda"

(Caio Fernando Abreu)

11. APÊNDICE DESNECESSÁRIO I:

AFLORAMENTOS (a multiplicidade de eus que eu carrego em mim)

Concluo já a minha experiência de amanhã
empobreço-a de entendimentos

Faço isso alegando uma tristeza trágica:
minha pequena coleção de fracassos,
essa pulsão de morte me esquentando os olhos
minhas conclusões precipitadas e minhas precipitações
nada se salva: tudo se torna terrivelmente belo
(desabando pra dentro assim eu me jogo nas estrelas!)

O que não dei conta de fazer
aplaudo

O que soube fazer de mim e dos outros
, isto sim,
precisa de arrefecimentos

Amanhã eu volto com outros poemas e conclusões, pode deixar

12. APÊNDICE DESNECESSÁRIO II: O QUE É UM AGRADECIMENTO?

Para alguns isso vai soar como mera implicância minha, mais uma, dessa vez ainda mais desnecessária que as outras. Mas eu insisto: é que o entendimento surdo que se faz desse ritual, inescapável nesse tipo de situação, se aproxima de algo como uma retribuição generosa àqueles que tanto contribuíram e mesmo viabilizaram a realização disso ou daquilo, de parte ou do todo. Em uma sociedade que preza tanto por uma consciência jubilosa, expurgada de qualquer tipo de conflito e referendada por atos de reciprocidade, mesmo que – e talvez na maioria das vezes – superficiais e até mesmo hipócritas, não poderia ser diferente: a nossa herança cristã vai muito além do que se imagina.

Mas – e aqui eu levanto a dúvida muito mais como recurso retórico do que por efetivamente não ter uma posição concreta – não se trataria em verdade de tentar conferir uma relevância maior do que merece esse tipo de trabalho? Objeto de minha realização narcísica, o que eu gostaria verdadeiramente de dizer é: “Vejam! Vejam todos, à minha volta ou fora dela, vejam o quão especial é isto que eu criei!”.

Colocando-te no seleto e privilegiado rol de pessoas agradecidas, eu te torno tão especial quanto a obra que acabei de criar. Certamente uma postura mais reconfortante que proferir: “E, agora que acabou, eu preciso aceitar o fato – a dura e irredutível realidade dos fatos – que o mundo continua como antes, que todos acordam e dormem tal qual faziam ontem, e que todo o meu esforço só encontra significação em mim mesmo. E que o meu trabalho dos últimos tantos anos, transformado aqui em palavras, sequer será lido e sentido por essa mesma minoria a que eu teimo em agradecer”.

Talvez por isso a importância ritual de uma banca de defesa: é a ela que cabe restituir e ratificar o sentido do trabalho acadêmico; ela tem o dever de reconhecer e dar notoriedade a este tipo de produção. Não fosse isto, estaríamos todos condenados ao mais ingrato ostracismo...

Mas talvez eu esteja colocando o que há de mim nos outros (agradecimentos). O que acontece é que eu não saberia como ser justo nesta tarefa: agradecer me parece também precisar uma fronteira, entre quem ajudou e contribuiu com o trabalho, e quem não o fez (quantas vezes nós, dados a esses corredores acadêmicos, não abrimos uma tese ou dissertação em busca do nosso nome cravado na lista de agradecimentos, e talvez até nos indignamos se não o encontramos lá?). E, pra que eu fosse exatamente justo, teria de render-me não apenas às pessoas que me ajudaram de alguma forma, mas também à tudo aquilo que de certa maneira me tocou e entrou em contato comigo durante essa ambivalente caminhada,

dura e deliciosa a um só tempo. Eu teria de homenagear os tantos poemas e poetas que li, e que tanto me (des)ampararam; o sol, a grama e o orvalho, que vez ou outra me abestalharam mais que qualquer poesia; as noites insones movidas a café e outros estimulantes, para aguentar estudar e escrever; as noites alegremente esquecidas nos bares, intermezzos, nas "bibliotecas de garrafas" (QUINTANA, 2008, p. 106); os encontros fortuitos com toda sorte de loucos, poetas, moradores de rua, anarquistas, bêbados e outros personagens quase invisíveis de uma paisagem metálica ela mesma surpreendente; os disparates com os amigos, quando segredávamos projetos revolucionários impossíveis, para depois esquecê-los na ressaca das obrigações do dia seguinte; o padeiro que continuou a fazer o pão, e o lixeiro, que continuou a retirá-lo, quando eu não comia... Enfim, eu teria que agradecer tão somente e acima de tudo À VIDA!

É claro que há pessoas singulares que fizeram disso tudo não apenas uma possibilidade, mas uma caminhada alegre e sem dúvida inesquecível. A estas guardei pequenas palavras sinceras ao longo do texto, e também espero que se reconheçam em alguns trechos dispostos pelo percurso, pontos de referência e sinalizações de uma estrada cheia de insinuações, que apenas eu conheço, apenas eu percorri.

Ou que se reconheçam no meu olhar, eternamente grato pelo que tenham feito, cada um ao seu modo – bem ou mau, positivo ou negativo –, o que importa é que produziram os seus efeitos.

– Este o meu mais sincero agradecimento.

L.B.M.,
outono de 2011

Elis cantando à meia altura no fundo
o prato de comida esfriando de um lado
a cerveja esquentando de outro:
recordações e constatações (de última hora):

Não queria agradecer, mas me restou inevitável
pequeno punhado de pessoas
três ou quatro, no máximo
– só aqueles que conseguiram perceber que os meus descaminhos desabavam pra dentro
(minha desventura quase psicótica: eu legislava em causa própria)

Mamãe querida, Lu, Paula, Felipe, Pivete, Cori e Fabio:

à vocês que me respeitaram,
souberam escutar com os olhos (porque os olhos dizem mais que mil palavras)
e souberam se manter próximos (mesmo nas minhas recusas)
segue agradecido:
todos esses milhares que couberam nesse pequeno fardo de tempo.

L.B.M
Outono de 2011